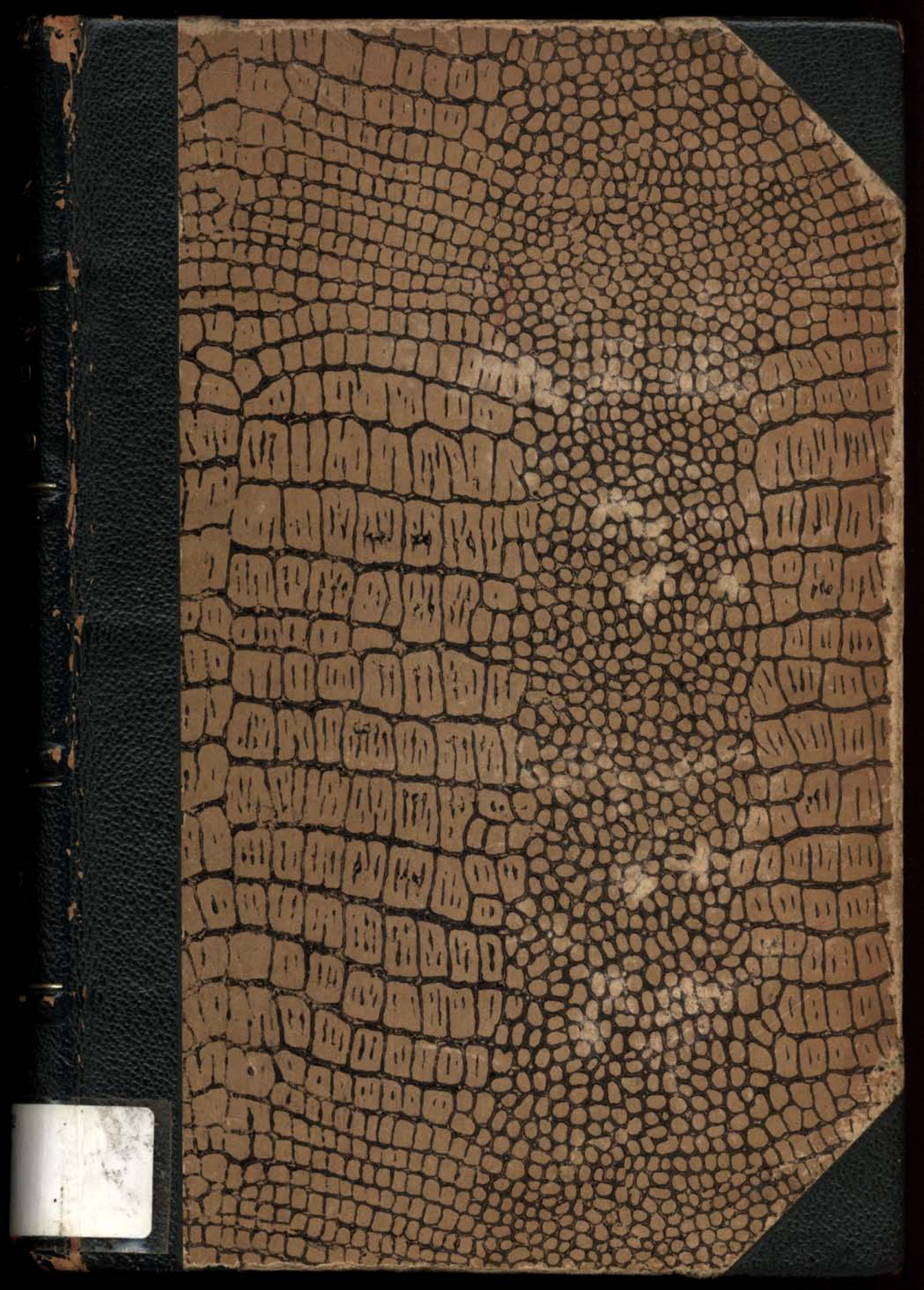


CENTENARIO DE PETROPOLIS

# VOL. III

MUSEU IMPERIAL - Biblioteca -

# TRABALHOS

DA

# COMMISSÃO DO CENTENARIO

P. M. P.
1940

981.532
P497c
v.3
ex.3



PREFEITURA MUNICIPAL DE PETROPOLIS

COMMISSÃO DO CENTENARIO

*Com esta publicação, a Commissão do Centenario de Petropolis realiza o Volume III dos seus trabalhos.*

*Pelo infausto passamento do Principe Dom Pedro de Orleans e Bragança, Presidente da Commissão, foi unanimemente eleito, para substituil-o, o sr. Carlos Magalhães Bastos, illustre ex-prefeito de Petropolis.*

*Em suas reuniões ordinarias do corrente anno, a Commissão, em constante collaboração com o sr. Prefeito Municipal, adiantou muitos de seus planos relativos ás proximas commemorações centenarias de Petropolis a serem praticadas a 16 de Março de 1943. De accordo com a Deliberação n. 197, de 15 de Março de 1939, o Executivo Municipal, na pessôa do sr. dr. Mario Aloysio Cardoso de Mi-*

*randa, abriu o credito de 111:000$000, no corrente exercicio, como primeira contribuição para o Fundo do Centenario.*

*Petropolis, 2 de Dezembro de 1940.*

ALCINDO SODRE'

Secretario Geral

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

# PETROPOLIS EM 1883

*Estas impressões de Petropolis no fim do Imperio foram escriptas por Carl von Koseritz, allemão letrado e combativo, que chegou como soldado ao Brasil pelo meio do passado seculo. Tendo se radicado no Rio Grande nunca mais saiu de lá, até o anno de 1883, em que veiu ao centro do paiz, em viagem de observação e estudo.*

*Seus escriptos teem, pois, o consideravel interesse de provirem de um estrangeiro que olhava o ambiente com olhos de viajante, mas que conhecia consideravelmente as coisas do paiz. Alliam, assim, a narrativa a um senso critico quasi sempre justo.*

*As paginas que se vão ler, fazem parte do volume «Imagens do Brasil», («Bildern aus Brasilien»), que estou traduzindo por encommenda de Rubens Borba de Moraes, para a «Bibliotheca Historica Brasileira», que tão grandes serviços vem prestando aos que se interessam pelas nossas coisas.*

*Rio, 7 de Setembro de 1940.*

*Affonso Arinos de Mello Franco*

# PETROPOLIS EM 1883

A 8 deste mez, pelas 3 horas da tarde, achava-me, com o amigo Jansen,(1) a bordo do vapor que conduz os passageiros através da bahia até Mauá. Eu tinha uma audiencia com o Imperador em Petropolis e, com isto, poderia conhecer a famosa residencia de verão da côrte, Tusculum (2) da aristocracia local e retiro do nosso mundo diplomatico. Os navios são do systema Ferry, muito amplos e providos de boas commodidades ; a unica differença é que elles possuem refeitorio e uma excellente cozinha. Parte-se da Prainha, e toma-se a passagem até Petropolis. O senhor Lucas, authentico nativo da Mosella, que reside em Petropolis desde 1846, onde é famoso como cozinheiro e guia de estrangeiros, assumiu da forma mais amavel o cuidado das nossas bagagens e eu pude me entregar completamente ao gozo do soberbo panorama offerecido pelo porto do Rio. A' nossa direita estavam, no alto do morro, o convento dos benedictinos, a ilha das Cobras com as suas docas e estaleiros, o grande Arsenal de Marinha, com suas numerosas officinas ; á esquerda os navios mercantes, no chamado «poço», e, deante de nós, os gigantescos vapores das linhas transatlanticas. Ali se achava, por exemplo o «Gironde», prompto para partir e não era sem uma certa tristeza que eu via este palacio fluctuante que, em menos de um mez, poderia conduzir-me á «clara polidez da Europa» e aos braços de alguns entes caros de que já me encontro afastado ha 33 annos, espaço de uma vida humana. Mas isto não adeanta e eu já apprendi a declinar a palavra

(1) Carlos Jansen, natural de Colonia, ua Allemanha, veiu para o Brasil em 1851, como soldado. Casou-se no Rio Grande do Sul, naturalizando-se Brasileiro. Vindo para o Rio, onde morreria em 1889, foi professor de allemão no Collegio Pedro II. (Nota da Commissão).

(2) Tusculum, logar de villegiatura, para os ricos da antiga Roma.

«Paciencia» em todos os seus casos. Passemos, porém deante do «Gironde» e abandonemos as idéas tristes; o homem pertence ao momento e este nos conduz a Petropolis, e á residencia do Imperador.

A viagem pela bahia é linda; as ilhas do Governador, Paquetá e todas as demais offerecem aos olhos bellissimos scenarios, em continuo movimento. Os ultimos momentos da travessia foram perdidos, para mim, no que diz respeito á vista, pois o amigo Jansen, com appetite devorador reclamou peixes e outras miudezas, que nos foram servidas realmente na melhor forma. Ainda não tinhamos engulido o ultimo bocado e já estavamos chegando ao pequeno porto de Mauá, de onde a primeira estrada de ferro construida no Brasil, (que tem o nome de seu fundador, Visconde de Mauá), nos devia conduzir até á Raiz da Serra, exactamente em baixo da escarpada parede rochosa da Serra dos Orgãos, em cujo platô se encontra Petropolis. A estrada é excellente; os trilhos se acham sobre dormentes de ferro (1) e viaja-se como numa cadeira de balanço. Os vagões são grandes e largos, muito commodos; tudo é confortavel, e a velocidade da viagem surpreende, quando se está habituado á ridicularia da nossa estrada Leopoldense. Em grande velocidade atravessamos a parte baixa, pantanosa e insalubre, onde grassa sempre a febre palustre e logo entramos na estação de Irajá, (2) de onde, em cerca de 15 minutos se vae á sympathica aldeia de Raiz da Serra.

Devo accentuar que não foi sem uma sensação de medo que divisei a negra parede montanhosa, alta de 800 metros, que se elevava abruptamente, e cujos cumes estavam coroa-

(1) Esses dormentes de ferro fundido, dos quaes existe uma amostra no Museu Imperial, foram usados noquella época porque os technicos julgavam que os dormentes de madeira, em paizes de clima tropical, apodreceriom rapidamente. (Nota da Commissão).

(2) Deve haver equivoco do escriptor, No trecho ferreo entre Mauá e Raiz da Serra nunca houve estação com esse nome. Provavelmente quiz referir-se á estação de Inhomerim. (Nota da Commissão).

dos de nuvens. E nós deviamos subir, por estrada de ferro, até lá em cima, no meio das nuvens. Eu tinha uma certa duvida sobre se chegariamos com os ossos completos lá no alto dos morros, naquella Cidade de Nuvens... Lá estava, comtudo o trem, e centenas de passageiros se ajuntaram nos grandes e elegantes vagões, com duas ordens de assentos duplos, segundo o systema americano. O que os outros podem, tambem nós podemos, e, assim, logo nos encontramos muito commodamente installados em um vagão de primeira classe. Pouco depois o monstro da locomotiva começou a soprar e fazer barulho, lançou um estridente apito e foi, morro acima, sempre em ladeiras de 15 por cento. No entanto esta colossal subida era dominada por uma machina, (que era das mais fortes), não com facilidade, mas, em todo caso, era dominada. As machinas ficam atraz dos trens e os empurram serra acima, com força gigantesca, sustentadas por cremalheiras e rodas denteadas. E agora subimos sem cessar: rochedos selvagens, florestas escuras, grandes precipicios nos cercam; mas o nosso trem progride sempre e vence todos os obstaculos. Subito abre-se para nós uma bella vista, sobre o valle onde fica a Raiz da Serra. Ao nosso lado, frequentemente cortada pela estrada de ferro, corre em curvas caprichosas a estrada «União e Industria», (1) pela qual se fazia, antigamente, o trafico por diligencias, unico existente para Petropolis. Tambem esta estrada, que vae até Entre Rios, é uma verdeira obra de arte e custou milhões; antigamente ella foi uma especie de maravilha do mundo para o Brasil, mas hoje desapparece ao lado do poderoso trabalho do caminho de ferro, que o sr. Taaf construiu como empreiteiro, depois de vencer enormes difficuldades. No meio da subida se encontra a antiga fabrica de papel do Barão de Capa-

(1) Engano do Autor. Trata-se da Estrada Normal da Estrella, que esteve, por certo tempo, sob a administração da Companhia União e Industria. (Nota da Commissão).

nema, outra empreza abandonada. Está lindamente situada e, atraz della se levantam os rochedos dos Orgãos em plena nudez, o que não é inconveniente para um rochedo. E a machina geme cada vez mais alto e cada vez mais longe se esgueira o trem pelas montanhas acima, por entre os gigantescos rochedos. Cada vez mais se approximavam os cumes dos montes, que antes me pareciam inattingiveis e cada vez mais perto chegavamos nós do manto de nuvens. Os precipicios dos dois lados estavam mais negros, selvagens torrentes de montanha saltavam em baixo sobre as pedras: é um scenario magestoso. Finalmente chegamos á Cidade das Nunvens, isto é, ao alto da serra e no meio de uma névoa que não nos deixava ver um palmo adeante do nariz. O caminho vae agora em nivel, o trem corre mais depressa e a machina geme menos alto. De repente um apito: estamos na Villa Thereza, isto é, chegamos ao Palatinado. Ahi desatrelamos, ou melhor, a machina que nos empurrou tinha cumprido o seu dever e podia se afastar; foi ligada uma outra na frente que nos fez seguir viagem a toda velocidade. Deante de nós se estendia o bonito valle do Palatinado, com as suas casas de colonos. Louras crianças brincavam deante dellas, carros allemães conduziam fructas, mulheres allemãs voltavam do trabalho. Senti-me em casa. São os meus bravos camponezes do Rio Grande, pensei de mim para commigo e gritei-lhes do trem um «boa tarde». Mas já está tocando o sino: chegamos á estação da cidade imperial e saltamos. Esta é uma verdadeira cidade imperial, uma cidade de palacios... Uma população elegante se acotovela na estação; ligeiros «cabs», puxados por cavallos de raça, são guiados por senhoras; esbeltos cavalleiros caracolam sobre lindos meio-sangues, seguidos por servidores agaloados. Mais adeante está o carro imperial de seis cavallos. Nelle se encontram o Imperador e sua familia.

Mas já escurece, e não nos resta tempo para ver tudo.

Tomamos um carro e partimos rapidamente para o Hotel Bragança, onde reservamos quarto e, em seguida, nos apressamos em ir jantar com o Commendador Frederico Roxo, em cuja casa morava o genro de Jansen e onde estavamos sendo esperados. Um finissimo jantar, um serviço brilhante, uma conversa cheia de espirito, — coração, que mais queres?

Assim passaram rapidamente as horas, e já eram as 11 quando subimos no carro e voltamos para o hotel, onde procuramos a nossa cama, afim de nos repousarmos para as dores e alegrias do dia seguinte.

Rio, 10 de Maio de 1883.

Hotel Bragança em Petropolis...

Sim, este hotel é uma coisa extraordinaria. E' arranjado no mais faustoso estylo, possue acima de cem quartos bem mobiliados, numerosos empregados, esplendidos banheiros, grandes jardins, uma enorme sala de refeições, na qual esperam creados com gravatas e luvas brancas, tudo altamente fino e aristocratico. mas . a comida é infelizmente horrorosa.

Não passamos nenhuma noite especialmente boa; um empregado muito intelligente, que durante o dia já tinha revelado varios traços geniaes, pensou que me prestaria um particular serviço se me chamasse ás 3 horas da madrugada, para tomar banho. E levou avante esta luminosa idéa para grande terror do amigo Jansen, que em seguida cobriu-o de injurias. Mas que fazer? Já estavamos acordados, e ficamos tagarelando até ás 5 horas. A manhã estava muito fresca, quasi fria, a agua gelada, mas fazia bem, depois de 25 dias de calor, no forno do Rio de Janeiro...

A's 7 horas, depois de termos tomado, ás 6 e meia, com muito appetite, uma chicara de café com pão fresco e boa

manteiga, feita pelos colonos, pegamos um carro e fizemos uma volta pela cidade e os seus proximos arredores.

Sim, Petropolis é uma cidade imperial, aqui se respira de novo um ar europeu. Espaçosas casas apalacetadas, magnificas villas, jardins, ruas largas e bem calçadas, percorridas por canaes atravessados por numerosas pontes, um admiravel jardim publico, a grande Quinta Imperial, o palacio da Princesa, — tudo faz uma impressão agradavel e duradoura. Tambem se vê carros muito elegantes, cavallos de raça, bonitas librés, cocheiros estylisados, etc.; creados de primeira ordem, aos quaes não estamos habituados no Brasil.

Percorremos toda a cidade. Na proximidade do seu palacio encontramos, ás 8 horas da manhã a senhora Princeza, no seu elegante «cab» acompanhada somente por uma dama da côrte; a nobre senhora conduzia ella propria, e um lacaio agaloado seguia o carro a cavallo. No Nassau, onde admiramos o grande hospital, deparamos o principe consorte Conde d'Eu; elle estava em toilette matinal e montava um bello meio sangue. Um creado agaloado tambem o seguia. O Conde d'Eu tem bonita posição no cavallo e é um cavalleiro de boa apparencia. Sua elegante silhueta deixa boa impressão, e elle respondeu á nossa saudação com a maior amabilidade. A cidade conta numerosos estabelecimentos de qualidade, principalmente hoteis, como, entre outros o Beresford, o Mac Donalt, o Orléans, sendo este o mais aristocratico. Lá vive a velha Condessa de Barral, a quem o Imperador visita quasi diariamente e cujo filho, (o qual, coisa que parece bizarra, é secretario da embaixada franceza), mereceu a alta honra de ter Sua Magestade como testemunha de casamento. Elle desposou uma filha do Visconde de Paranaguá. (Não sei se haveria precedente para este facto, que causou aqui, na imprensa, grande sensação). Petropolis é, assim, uma deliciosa cidadezinha, um pedaço da grande vida européa transplantado para o Brasil, uma visão quasi fabulosa nas actuaes cir-

cumstancias. Aquelles pobres colonos, que para aqui foram enviados em 1828, (1) afim de derrubarem as florestas e arrancarem do chão pedregoso parcos ganhos, mercê de esforçados trabalhos, nunca poderiam sonhar que, neste local, havia de florescer, um dia, uma cidade senhorial... Tambem o elemento allemão afastou-se da povoação e se concentrou nos arredores, no Palatinado, na Westphalia, no Nassau, e em outras zouas que trazem nomes equivalentes.

Pelas 9 horas voltamos ao hotel e nos fizemos servir um almoço intragavel, com vinho ruim e caro, por distinctos criados, enluvados de branco, numa bella mesa. Se não tivessemos tido na vespera um excellente jantar em casa de Frederico Roxo, estariamos famintos, porque a comida era de facto intragavel. Mesmo os ovos quentes, para que apelamos, continham pintos, em adeantado estado de evolução... Na sala reinava um sepulchral silencio ; apparentemente nos encontravamos em um instituto de surdos-mudos, mas a verdade é que os pobres, que ali habitavam ha mais tempo, tinham perdido o uso da lingua, graças á fome... Consolamo-nos com a esperança da refeição seguinte, e eu me preparei em grande gala para a audiencia do Imperador, a qual, em Petropolis é muito mais cerimoniosa do que no Rio. Ninguem sae sem casaca e sem condecorações e as visitas são sempre recebidas em grande cerimonia. Entra-se sem difficuldade na Quinta Imperial e para-se directamente deante da escada do palacio. Um unico criado agaloado se encontra no vestibulo, o qual previne o camareiro de serviço, que introduz, em seguida, o visitante.

A' uma hora deixei o palacio, e, depois de ter mudado de roupa, fizemos um grande passeio de carro por todos os arredores, até á Cascatinha, local lindamente situado, onde existe uma fabrica de tecidos que emprega centenas de ope-

(1) Erro do Autor. Os colonos chegaram em Petropolis a 29 de Junho de 1845.

rarios. Passamos deante de numerosas residencias de colonos, onde se trabalhava activamente. Todos como nós, a maior parte da Mosella ; quasi todos plantam legumes, fabricam queijos, (inexcediveis e muito apreciados no Rio,) manteiga, etc. Tambem vendem verduras e cultivam fructas, porque o solo não se presta a outras culturas. Vimos a Cascatinha do alto da estrada União e Industria, que é uma via verdadeiramente no gosto europeu, e sobre a qual a nossa elegante sege corria como sobre macadam. A vista do profundo valle é soberba ; de cima de enormes massas de rochedos se atira o riacho espumante, que impulsiona em baixo as machinas das fabricas. Esta cobre uma grande extensão e é magnificamente apparelhada. Os sinos tocavam justamente quando chegamos, e numerosas crianças irromperam das officinas, dirigindo-se ao refeitorio. Depois de termos admirado a linda vista da Cascatinha, regressamos e paramos deante da grande fabrica de cerveja do sr. Lindscheid o qual prepara uma excellente cerveja preta que fica pouco atraz da Culmbacher. Uma sala de dansas, como nas nossas colonias, tendo nas paredes retratos do kaiser Guilherme, do principe Frederico Carlos, de Moltke e de Bismarck, assim como retratos da familia imperial brasileira, copos de chopp com a firma da casa, — emfim, um ambiente allemão, como nos livros, o qual nos agradou extraordinariamente, tanto assim que tomamos a nossa cerveja com verdadeiro prazer. Voltamos ao hotel, repousamos um pouco e fizemos toilette para a refeição do meio dia, esperada ansiosamente, na crença de que ella fosse melhor do que o almoço. Desejava que vissem a comida... a mesma cor esverdeada, e a unica coisa comivel foi uma abobora d'agua... Uma outra singularidade deste hotel é que o queijo é considerado extraordinario e pago a parte. Não nos insurgimos e fizemos vir um petropolitano, sobre o qual nos atiramos, afim de termos algo com que acalmar a fome. Os companheiros de mesa pareciam sem-

pre sombras silenciosas, resultado do progressivo enfraquecimento, devido á cura de fome a que estavam submettidos... Os criados elegantes vigiavam infatigavelmente e, no fundo da sala a porta da copa era sacudida ininterruptamente para deixar passar os pratos intragaveis, o que mais irritava os nervos da gente, se tal ainda era possivel. Com o estomago insatisfeito levantamo-nos, e decidi fazer uma visita ao senhor Henrique Laemmert, mas o encontrei na mesa, e, não querendo incommodal-o, deixei lhe o meu cartão.

Pela manhã eu tinha ido ver o ministro allemão, senhor Le Maistre, e tambem só lhe pude deixar um cartão. O senhor Le Maistre vive no quarteirão diplomatico, ao lado da legação austriaca e diagonalmente em frente á ingleza, em uma modesta casinha de janellas verdes.

Rio, 11 de Maio de 1883.

MUSEU IMPERIAL - Biblioteca

Do Hotel Beresford, onde vive o senhor Laemmert caminhamos lentamente até á estação, e quando passavamos em frente á Quinta Imperial, sahia justamente o carro a seis cavallos do Imperador. Perfilamo-nos e saudamos o casal imperial. No fundo está assentada a Imperatriz com a Princeza Imperial, no assento deanteiro o Imperador, de casaca e com a grande condecoração do Cruzeiro. O Imperador observa, nas suas sahidas em Petropolis, mais etiqueta do que no Rio, o que está em relação com a presença de diplomatas estrangeiros. De resto esse passeio até á estrada de ferro tem logar todas as tardes; com a familia, quando faz bom tempo; sem ella, quando chove. A' 1 hora da tarde vae habitualmente o Imperador ver a velha Condessa de Barral, que mora no Hotel Orléans, e faz ainda uma pequena volta pela cidade, isto depois de ter recebido visitas até ás 11 e meia. A's 4 horas janta e, ás 5 e meia, vae, de carro, até á estação. Naturalmente acompanham-no os cavalheiros do seu serviço

pessoal, em um segundo carro, com uma dama da Imperatriz, mas este carro é atrelado somente a quatro. Na estação ficam paradas as duas carruagens, até que chegue o trem. Em seguida fazem um passeio pelas redondezas, durante o qual o Imperador frequentemente salta e anda a pé, e, ao escurecer, volta elle para a Quinta, para visitar, ainda, habitualmente, o passeio publico, onde toca uma boa banda todas as noites. A' noite fica na intimidade e assim corre um dia após o outro. Agora está um pouco mais animado o palacio imperial, porque o Conde d'Eu e a Princeza Imperial estão ali morando, emquanto o seu palacio soffre uma reforma. Por falar em Conde d'Eu : emquanto a côrte esperava o trem na estação chegou elle com os dois principezinhos. Estes vinham em um carrinho pequenino, puxado por um cavallo branco de crinas bem aparadas e o pae os acompanhava a pé, isto é, vinha ao lado do carrinho. Tudo estaria muito bonito, de uma simplicidade verdadeiramente burgueza, se não houvesse um «mas» a se accrescentar. Porém havia, pois o Principe estava, como o Imperador, de casaca e com a grande ordem do Cruzeiro, mas... trazias as calças pretas arregaçadas até os tornozelos, o que fazia, sem duvida, uma comica impressão. E' uma particularidade do Principe, (ainda que, por certo, não esteja certo), andar com as calças arregaçadas, ou porque elle as use demasiado compridas, ou porque não as queira sujar, pois é um cavalheiro muito exacto, que sabe calcular, como o seu avô Luiz Felippe. E, no fundo, elle tem razão, porque ninguem sabe o que o futuro pode trazer comsigo. Realmente as calças arregaçadas eram demais, pois contrastavam, de forma risivel, com a casaca e a condecoração. Afora isso tinha-se uma favoravel impressão da maneira muito natural com que o Principe se occupava com os seus dois bonitos meninos. Algum dia o Principe do Grão Pará se chamará Pedro III e reinará sobre o Brasil ? Eis uma pergunta que deixamos aberta para

o futuro. Em todo caso o principezinho é hoje uma creança bonita e feliz e é creado com certa modestia, o que impressiona favoravelmente. De resto o Imperador e a sua familia são tratados em Petropolis com uma attenção e um respeito, que não se nota no Rio. Petropolis é uma cidade verdadeiramente aristocratica, e nella não existe o «Zé-Povinho», (1) isto é, a populaça que de tudo ri e que quer arrastar na lama o que se acha situado mais alto que ella. Evidentemente o Conde d'Eu preferiria viver em Paris, mas é forçado ao contrario; trata-se do seu futuro, e elle olha energicamente o mundo brasileiro, como se quizesse dizer: «algum dia me pertencerás...»

De resto devo salientar ainda um traço da Princeza Imperial. Ella estabeleceu, no quarteirão de Nassau, um pequeno Palacio de Crystal para nelle levar a effeito, annualmente, exposições de flores. A meio caminho, entre a entrada e o saguão das exposições, que é pequeno, mas bonito, encontra-se uma grande cruz negra, e, quando eu a vi. occorreu-me involuntariamente a observação de que a Princeza, mesmo nas exposições de flores, não queria deixar de lado o charlatanismo ecclesiastico. Era porém, injusto para com ella, pois o caso da cruz é outro. Foi exactamente neste logar que os primeiros colonos levantaram, um dia, a sua casa de orações. (2) Esta desappareceu ha muito, mas conserva-se a cruz, para marcar o ponto onde esteve a primeira igreja de Petropolis, na qual os fundadores da Colonia faziam as suas preces. Quando a Princeza fez construir o Palacio de Crystal, pensou-se em retirar a cruz; velhos habitantes da Colonia dirigiram-se á respeitavel senhora e lhe pediram que deixasse estar a cruz ao menos nas proximidades. Ella,

---

(1) Em portuguez, no original.

(2) Outro engano do Autor. Nunca houve ali casa de orações. Trata-se da Cruz levantada no lugar para a primeira missa, campal, rezada pelo Nuncio Bodini, a 29 de Junho de 1846. (Nota da Commissão).

porém, declarou que ficaria onde está e foi, assim, por piedade para com os fundadores da Colonia que não se tocou na cruz. E, desta maneira, permanece ella no meio dos jardins do Palacio de Crystal, como uma evocação de esforços e trabalhos de um tempo ha muito desapparecido. Não ha duvida que isto é um traço bello e interessante da Princeza Imperial.

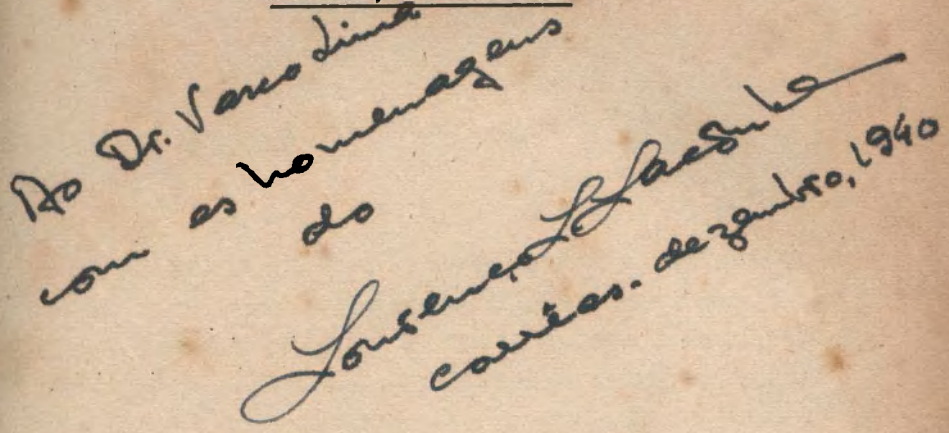
Da estação fizemos, Jansen e eu, um grande passeio, no correr do qual o meu amigo gemeu convenientemente, pois ha cinco annos que elle não andava tanto. Encontramos a carruagem imperial de novo perto da Quinta e, em seguida, nos dirigimos para a casa de Frederico Roxo, onde empregamos a noite em animada palestra.

Na manhã seguinte tomei ainda (a 10° R), um banho de chuveiro, magnificamente refrescante, em seguida tomamos café e tocamos para a estação. No carro encontrei Quintino Bocayuva, meu velho collega, o principe dos jornalistas brasileiros, com o qual me tenho tido que haver varias vezes, em boas e más circumstancias. Alegramo-nos ambos de, afinal, nos podermos conhecer pessoalmente, tomamos juntos um coupé, e logo nos perdemos numa conversa sobre as condições locaes da imprensa, que são, aliás, bastante tristes. Vamos novamente serra abaixo. Em Villa Thereza encontramos, outra vez, o monstro offegante, a locomotiva de montanha, que, na viagem de descida, em vez de empurrar, apoia, e impede, tanto quanto necessario, a marcha do trem. Na verdade não é nenhuma viagem tranquillizante, mas desde Janeiro que ella é feita diariamente por duas vezes, sem qualquer accidente. Dahi a pouco estavamos de novo em Raiz da Serra, deixando atraz de nós a escarpada parede de montanhas. Ainda uma curta viagem pela estrada de ferro Mauá, e o vapor nos recolheu novamente, para nos conduzir ao Rio, cujos contornos já se mostravam, deante nós, por entre a nevoa. Estava de novo quente, transpirava-se, ape-

sar da brisa marinha, depois de termos estado em Petropolis a 10° R. Como eu devia ir ao Ministerio depois da nossa chegada, almoçamos a bordo, aliás, muito satisfactoriamente. Depois do almoço entretive-me, ainda, um pouco, com os srs. Ed. Kingelhofer, Quintino Bocayuva e o mordomo do Imperador, Conselheiro Archer, e, dentro em pouco, desembarcamos na Prainha. O Rio nos recebia com seu mau cheiro, particularmente sensivel naquella parte suja da cidade. Estavam acabados os bellos aias de Aranjuez-Petropolis...

Rio, 12 de Maio de 1883.

LOURENÇO L. LACOMBE



# RUAS DE CORRÊAS
## E
# OUTRAS CHRONICAS

# RUAS DE CORRÊAS

A' entrada do povoado de Corrêas, uma vez atravessada a ponte de ferro sobre o Piabanha, acha-se uma praça, ou melhor, um largo, sem forma definida, limitado á esquerda pelo predio onde estão installados a estação telephonica e o Bar Para Todos e mais adeante pelas margens do rio Morto ; á direita, pela velha casa do Armazem Corrêas e uma construcção de data recente, com dois pisos e cuja parte terrea é occupada por varias casas de negocio. O limite fronteiro ao Piabanha é feito pelos trilhos da Leopoldina Railway. Até bem pouco tempo, junto ao predio do Armazem, erguia-se, ou melhor, mal sustentava-se de pé um horrendo pardieiro, baixo e sujo, cuja melhor sorte foi o arrasamento definitivo. Desapparecido o ignobil barracão, ganhou Corrêas em belleza e ganhou a praça em extensão, embora continuasse disforme e mal tratada. Entre o predio do Armazem e o Piabanha ha uma rua cuja continuação, transposta a linha da estrada de ferro, vae ter á igreja do lugar. A ambos esses logradouros (praça e rua) deu-se o nome de um grande amigo de Corrêas : *Ferreira de Oliveira.*

Em trabalhos anteriores tivemos já o ensejo de propugnar para o largo o nome de *Praça Padre Corrêa,* de vez que não apresenta o villarejo, na sua escassissima nomenclatura, nenhuma homenagem ao lendario sacerdote. *Praça Padre Corrêa*, melhor que qualquer outro nome deveria ser o do primeiro logradouro que se pisa ao entrar na sua antiga fazenda.

Ha certo tempo, passando Corrêas por uma transformação radical nos nomes de suas ruas, foram alterados os

nomes, ou melhor o unico nome que baptizava os dois logradouros: praça e rua. A esta foi dado o nome de *Vigario Corrêa*, áquella o de *Bernardo Proença.*

Ora, o Conego Luiz Gonçalves Dias Corrêa, primeiro vigario da freguezia de S. Pedro de Alcantara, ahi figura como Pilatos no Credo! Que se dê a uma rua do primeiro districto o nome do seu primeiro parocho, está certo. Em Corrêas, porém, alem de não ter significação nenhuma, causa confusão com o nome de seu tio, o Padre Antonio Thomaz de Aquino Corrêa. Este sim, não só merece como deve figurar numa placa. E nenhum lugar, ao nosso ver, melhor do que na praça principal de Corrêas. Esta idéa, quando exposta a um amigo, soffreu a critica de que o nome de Corrêas já lembra o velho padre, não sendo necessario ainda uma placa com o seu nome. Nós nos disporiamos a concordar si em Petropolis (que quer dizer CIDADE DE PEDRO) não houvesse uma praça D. Pedro. Quanto ao nome de Bernardo Proença, ficaria reservado para um logradouro do Itamaraty, onde teve sua sesmaria e onde fixou residencia.

Já em 1923, por acto do Prefeito Municipal, passava esse largo a denominar-se *Praça Euzebio de Queiroz,* do qual, entretanto, nunca o povo tomou conhecimento.

Para a rua hoje *Vigario Corrêa,* mister se faz a volta do nome de *Ferreira de Oliveira*, por uma questão de justiça historica. E ao pleitearmos a restauração do antigo nome, cumpre-nos explicar quem foi esse personagem.

No sitio da Grota Funda, mais tarde Bella Vista (exactamente no local onde hoje está o Sanatorio deste nome) morava D. Deolinda Amalia, filha do casal João Cardoso de Lemos-D. Anna Luiza da Assumpção, successores do Conego Corrêa na posse da Fazenda da Samambaia, conforme disposição testamentaria expressa daquelle sacerdote, na qual estava incorporada a Grota Funda. Era D. Deolinda, por esse tempo, esposa de José Monteiro de Siqueira Carvalho, tendo

o casal uma unica filha, D. Amelia — que veiu a se casar com *Jeronymo Ferreira de Oliveira*, estabelecido com uma venda installada á entrada do actual povoado de Corrêas, precisamente no ponto onde hoje se levanta o Café d'Orange. Ahi, onde residia com a familia, manteve durante longos annos o negocio, que, entretanto, já tivera outros proprietarios. Fôra seu fundador Victorino Affonso Pereira Ramos, antigo moço de cocheira da Companhia União e Industria, e, mais tarde, lavrador e abastado proprietario em Hermogenio Silva. Pertencera depois o estabelecimento a José Maria Corte Real, um patriarcha de veneraveis barbas, mais conhecido por Zé da Ponte, que o vendeu a João Ferreira de Oliveira, tendo este passado a seu irmão Jeronymo. A este não corria mal o negocio, pois, ao iniciar-se o retalhamento da grande propriedade que fôra do Padre Corrêa, adquiriu elle vasta extensão de terras situadas na varzea, proximo á foz do rio Morto, estendendo-se á estiva do Pae Amaro, vindo a ser dos grandes proprietarios da nascente povoação. A travessia do Piabanha era feita no mesmo local de hoje, servindo-se porém os transeuntes de uma balsa fragil e precaria. Em 1897, sobrevindo catastrophica enchente, foi, pela furia das aguas não só carregada a pequena embarcação, como inundado totalmente o predio onde morava o vendeiro. Sahiu a familia precipitadamente de casa e o desastre obrigou Jeronymo a procurar terreno em sitio mais seguro, adquirindo um lote, fronteiro áquelle em que morava e de propriedade do então padrasto de sua mulher Coronel José Candido Monteiro de Barros. Ahi construiu solida casa, ainda hoje de pé e na qual funcciona o Armazem Popular. De sua antiga moradia, hoje desapparecida, restam ainda vestigios de grossas paredes e pilastras no terreno junto ao Bar d'Orange.

A pequena, mas bem sortida venda de bebidas e mantimentos, que ainda hoje poderia ser considerada como casa de primeira ordem, installada á entrada do povoado que nascia,

merece ser recordada, pois no seu balcão, escreve Antonio Machado, «*dois caixeirinhos, individualidades depois respeitaveis em nosso meio, fizeram, em épocas differentes, o aprendizado de sua fructuosa carreira no commercio : os Srs. Joaquim Zeferino de Souza e Jeronymo Ferreira Alves, sobrinho do dono do estabelecimento.*» O primeiro destes nomes, principalmente, merece não ser esquecido pois é o de um vulto tradicional de Corrêas.

Senhor de muitas terras no territorio da antiga fazenda, começou *Jeronymo Ferreira de Oliveira* a lotear a sua propriedade, abrindo ruas e formando praças. Amigo e correligionario de Hermogenio Silva, obteve desse grande administrador varias bemfeitorias para Corrêas, como a ponte de ferro sobre o Piabanha, installada no local da antiga travessia, reformada em 1920, data que lá figura. Em frente á ponte projectou espaçosa praça ; á direita de quem ahi entra construiu o predio em que hoje funcciona o Armazem Corrêas, abrindo ao lado, margeando o Piabanha, uma rua a que deu o seu nome.

Foi *Ferreira de Oliveira* um grande amigo de Corrêas, muito contribuindo para que a Leopoldina ahi estacionasse os trens da carreira, facto de notoria importancia para o progresso local. Seu nome está assim intimamente ligado á historia correiense, nome digno de ser lembrado nessa terra que elle amou e procurou servir, sua patria espiritual, berço de sua mulher e de seus filhos, onde elle se estabeleceu e prosperou. Seu nome na via publica que vae ter ao templo do lugar representará um preito da mais justa homenagem, pois não se trata apenas do HOMEM QUE ABRIU A RUA, mas de um verdadeiro amigo de Corrêas.

* * *

Da pequena ponte de ferro sobre o rio Morto, segue uma rua, inicialmente parallela á linha da Leopoldina Railway, e



*Jeronymo Ferreira de Oliveira e sua Familia*

Foto em poder do Dr. Gabriel Bastos

que o povo conhecia com o nome de *Maria Carolina*. Termina ella, naturalmente, no ponto em que se encontra a celebre figueira onde a lenda diz haver descançado o Proto-Martir da Independencia. Dahi em deante, continuando-lhe o traçado, começa nova rua, baptizada, até bem pouco tempo com o nome heroico do conspirador mineiro. Mais ou menos parallela a esta, do leito da via ferrea em deante, segue uma outra rua a que o povo conhecia tambem como *Maria Carolina*. A anormalidade de considerar-se duas ruas perfeitamente distinctas, como uma unica, tem origem no facto de ser este ultimo trecho muito mais antigo que a rua antes denominada *Tiradentes*. Habituou-se assim o povo a consideral-a como uma continuação da primeira. São ambas restos da antiga estrada mineira, cujo traçado, nesse trecho, coincidia com o actual leito da Leopoldina. Aberta, porém, a nova arteria (a que deram o nome do Alferes da Inconfidencia) tornou-se uma anomalia a permanencia de um mesmo nome em duas ruas topographicamcnte diversas.

Foi lançado, certa vez, por Antonio Machado, o alvitre de dar-se a este segundo trecho que, da figueira lendaria, parte para Nogueira, o nome de *rua Irineu Marinho*. A idéa não foi avante, mas merece ser levada em consideração. Nessa rua, edificou aquelle jornalista a sua casa, das mais bellas do lugar, tornando-se grande propagandista de Corrêas, fazendo-lhe o reclame gratuito pelas columnas de «A Noite», vespertino então de sua propriedade. Foi Irineu Marinho grande amigo desse aprazivel recanto, para ahi attrahindo a attenção de varios capitalistas que se tornaram outros tantos enamorados do lugar. A original construcção da «Vivenda Heloisa» com seus tres corpos independentes, ainda hoje chama a attenção dos forasteiros. Poder-se-á ponderar a existencia do nome do grande jornalista na Parada da Estrada de Ferro. Mas convenhamos que aquelle barracão sujo e improprio mesmo para os fins a que se destina, não merece

trazer o nome de quem quer que seja, muito menos o de quem Corrêas deve, por tantos titulos, a sua maior gratidão. Voltemos, porém, ao nome primitivo da rua. Quando falleceu o ultimo descendente dos Corrêas historicos, proprietario e herdeiro da velha fazenda, já esta se achava muito reduzida. A este respeito ouçamos Antonio Machado: «*Annos de amargo abandono experimentou a casa patriarchal dos Corrêas*» e continua: «*O novo dono* (Luiz Marques de Sá, era o seu nome) *deixou que se fraccionasse a grande propriedade agricola*». Por sua morte foi a velha mansão alugada e arrendada a varios inquilinos. Diversos lotes de terras foram sendo vendidos e, por ultimo, a velha casa da fazenda, e os terrenos adjacentes, ainda de consideravel extensão, soffreram uma execução judicial. Vendidos em leilão foram arrematados por Domingos de Souza Nogueira, associado a Joaquim Zeferino de Souza. «*Durante muito tempo,* diz Antonio Machado, *a lendaria moradia dos Corrêas pertenceu ao Sr. Joaquim Zeferino, assignalado, sem favor, o pioneiro do progresso do local.*» Morto ha bem pouco tempo, foi Zeferino um empreendedor a quem Corrêas muito deve.

Para valorizar seus terrenos abriu elle extensa rua que, partindo da ponte sobre o rio Morto, acompanhava o leito da via ferrea até encontrar a figueira historica. Nesse ponto transpunha os trilhos e continuava do outro lado da linha, extendendo-se em direcção ao povoado de Nogueira. De certo ponto em deante, ainda hoje, não é esse caminho mais que uma picada. A essa extensa vereda deu o nome de sua mulher: *Maria Carolina.* Ahi construiu confortavel moradia, em centro de espaçoso terreno, encontrando logo innumeros imitadores. Em breve a nova arteria tornava-se das mais povoadas de Corrêas.

Ha entretanto uma postura municipal que prohibe tal homenagem a pessoas vivas, pelo que os poderes competentes, já em 1928 baptizavam essa via com o nome de *rua Edwiges*

*de Queiroz*, nome que, de facto, muito representa para Corrêas, mas que não permaneceu.

O Dr. Manoel Edwiges de Queiroz Vieira foi durante longos annos morador na casa da Engenhoca, onde seu nome ficou gravado, transbordando para a memoria popular, pelas recepções maravilhosas que ahi deu, pela vida que fez irradiar da sua residencia. O illustre ministro da Agricultura do Marechal Hermes, radicou-se, assim, fóra do povoado de Corrêas, á beira da Estrada União e Industria, onde se levantava a casa historica da Engenhoca, tão criminosamente posta abaixo... Ha muitos logradouros e caminhos nesse trecho e que podem e devem receber o nome do Dr. Edwiges.

A Prefeitura, por acto recente, denominou a velha rua Maria Carolina de *rua Castro Alves*, nome sem nenhuma significação para Corrêas, que precisa, antes, homenagear os *seus* vultos.

Joaquim Zeferino de Souza, o pioneiro do progresso local, o autor da abertura da rua, quiçá a mais antiga de Corrêas, não mereceu a simples homenagem de uma placa... Manda a justiça porém, que, retirado o nome do glorioso poeta, seja fixado definitivamente o de *rua Joaquim Zeferino*.

* * *

Perpendicularmente á rua congecida como *Maria Carolina* corre uma longa estrada que tem seu inicio junto á guarita da Leopoldina, terminando em terras da fazenda do Bomfim. Era conhecida pelo povo como *rua D. Pedro*, simplesmente ; a Prefeitura, entretanto, sempre esclareceu ser *rua Pedro I*, muito embora a Companhia Telephonica teimasse em chamal-a de *Pedro II*... O homenageado era, evidentemente, o primeiro imperador, grande apaixonado de Corrêas. Sua estadia na velha fazenda do padre Corrêa, já não soffre a menor contestação. Documentos dignos de todo o credito, estabelecem como data inicial da passagem de S. Magestade

pela fazenda, o anno da independencia, quando ainda Principe Regente, levava o «*balsamo de sua real presença*» para a capitania de Minas. Pelos apontamentos deixados pelo futuro Marquez de Valença, seu ministro itinerante, podemos acompanhar passo a passo essa viagem historica, que terminaria gloriosamente com o brado heroico lançado ao mundo das margens do arroio paulista. Na primeira etapa devorou o Principe as distancias que separavam a Côrte da fazenda dos Corrêas. Assim, na noite de 25 de Março de 1822 dormiu na fazenda do padre Corrêa, local então mal conhecido em suas bellezas e em seu clima. Mas tal fama em breve se espalharia pela Côrte, e, em 1824, quando a princeza D. Paula precisasse de bons ares ser-lhe-ia recommendada aquella fazenda. E o Imperador se habituou a procurar aquelle refugio amoravel, ali passando varias temporadas, as ultimas já em companhia da Imperatriz D. Amelia. E' bem conhecido o episodio verificado quando para ahi quiz transportar a Marqueza de Santos. A serenissima Senhora Duqueza de Goyaz, mais feliz, nesse ponto, que sua mãe, poude desfructar á vontade dos bons ares que a serra proporcionava.

Raffard informa que em 1829 dirigia-se o Imperador para Corrêas e «*ao chegar ao alto da serra, mui cançado e após penosa subida por pessimo caminho e tendo com a maior satisfação apreciado o magnifico panorama que dahi se descortinava, manifestou D. Pedro desejo de construir um palacio nesse lugar e para isso comprou um terreno a Antonio Corrêa Maia por 2:400$000*». Talvez fosse por essa época que se desse o facto citado por A. da Cunha Barbosa e transcripto ainda por Raffard: «*Encantado pelos bons ares e por nella gozarem boa saude as pessas de sua familia, o Sr. D. Pedro I propoz á Sra. D. Archangela* (irmã e herdeira do padre-fazendeiro) *a compra dessa fazenda. Respondeu essa veneranda senhora que nutrindo bons desejos de anuir á sua vontade, comtudo, si bem que a fazenda não estivesse vin-*

*culada havia um compromisso de familia de não a passar a mãos estranhas. Pediu então o Imperador que lhe indicasse alguma outra localidade e soube que talvez o dono do Corrego Secco pudesse satisfazer os seus intentos.*»

A Prefeitura de Petropolis, desconhecendo os motivos que levaram a baptizar de *Pedro I* a velha estrada, chrismou-a, em 1923, de *rua Alvares de Azevedo*, a que o povo continuou absolutamente indifferente.

E' esta rua, sem duvida, a mais importante de Corrêas, muito procurada pelos visitantes do lugar, pois conduz aos dois pontos de interesse turistico : o *Poço do Imperador* e o *dos Ferreiras*. No primeiro, reza a tradição, banhou-se muitas vezes o proclamador de nossa independencia. Ha porém uma lenda (desconhecendo nós a extensão da veracidade) que assevera não ser o dito poço o preferido pelo monarcha, mas sim um outro, localizado mais abaixo, em terrenos hoje pertencentes á familia Cesar Lopes. Seja como fôr, o facto é que o Poço do Imperador — falso ou real — continua a lembrar a todos que o procuram as visitas imperiaes de que foi alvo. O ponto sempre foi muito procurado por banhistas, (não sabemos si pela fama deixada pelo monarcha ..) havendo mesmo certa occasião em que aquella bacia natural tornou-se bastante afamada pelos banhos por demais curiosos e originaes que ali tinham lugar, desprezando os banhistas quaesquer indumentarias, relembrando os tempos de Adão e Eva... Esse depoimento de Antonio Machado, foi-nos confirmado pelo proprietario do carro que conduzia os taes banhistas a Corrêas...

Um pouco mais rio acima existe um segundo poço denominado erroneamente pelos forasteiros de *Poço dos Ferreiros*, porisso que não ha nem nunca houve forja alguma nas vizinhanças. A ferraria mantida pelo padre Corrêa era installada em ponto muito mais distante dahi e não se compreende que viesse a baptizar aquelle recanto do rio. O nome

é devido á familia *Ferreira*, tão conhecida em Corrêas e que durante longos annos manteve residencia nos arredores daquella piscina natural. *Poço dos Ferreiras*, chamou-o o povo do lugar. Felizmente foi restabelecido este verdadeiro nome, graças a uma placa lá colocada pela familia Monteiro, sua proprietaria, que o franqueia, todavia, ao publico.

Celebriza-se tambem a velha estrada do Bomfim pela maravilhosa propriedade dessa ultima familia, constando de grande extensão de terras. Na parte baixa dos terrenos, junto ao leito do rio Morto,foi construido o magnifico parque em estylo inglez, o mais bello de Corrêas. Até bem pouco tempo, caracterizava-se esta vereda por ser a rua aristocratica do povoado, onde não havia casas de aluguel. Seus palacetes eram todos occupados pelos proprietarios que ahi passavam a estação estival. Hoje, si bem que já não mantenha esse caracteristico, conserva, todavia, o titulo de rua principal, procurada por quantos se dirigem a Corrêas e percorrida continuamente pelo Presidente da Republica em suas estadias na fazenda do Bomfim.

Projectou-se, ha algum tempo já, fazer passar pelo seu leito a estrada de rodagem de Therezopolis, sendo mesmo iniciados os trabalhos. A idéa foi, porém, posta de lado e, mais tarde abandonada completamente.

No intuito muito louvavel de seguir uma unica orientação na nomenclatura das ruas de todo o municipio, a Prefeitura, por acto datado de janeiro de 1939, procurou desfazer a dualidade de nomes das suas vias publicas. De accordo com esse criterio não poderiam continuar a figurar em Corrêas os nomes de Pedro I e Tiradentes, já homenageados com uma placa na zona urbana de Petropolis. Assim, para substituir o nome do autor de nossa emancipação politica, foi escolhido o nome do *Dr. Agostinho Goulão.*

Era o *Dr. Agostinho Corrêa da Silva Goulão* irmão do celebre padre Corrêa, filhos ambos de Manoel Corrêa da Silva

e Brites Maria da Assumpção Goulão, Por volta de 1802, quando foi feita a partilha dos bens deixados pelos velhos Corrêas, coube ao Dr. Agostinho a propriedade compreendida ao norte da antiga sesmaria, e que denominou Fazenda de Santo Antonio. Em sitio aprazivel e bem escolhido construiu a casa que lhe serviu de moradia. Doutorou-se em leis pela Universidade de Coimbra. No Brasil dedicou-se ao professorado, exercendo os cargos de lente de philosophia e rethorica. Realizando-se as eleições para a Assembléa Constituinte e Legislativa do novo Imperio, foi elle escolhido pelo povo fluminense para occupar uma cadeira naquelle conclave. Desistindo porém do mandato que lhe fôra conferido teve como substituto o supplente Martim Francisco, irmão do então ministro José Bonifacio. Procurava por todos os meios collaborar no engrandecimento da patria, velando pela cultura e adiantamento intelectual do Brasil, contribuindo por varios modos para o apparecimento de muitas obras ainda hoje consultadas. No monumental trabalho de Monsenhor Pizarro, figura o seu nome encimando a «Lista Geral das Pessôas que têm honrado, com a sua subscripção, as Memorias Historicas do Rio de Janeiro.» Assevera Machado que «*o irmão do Padre Corrêa se constituira lavrador de largo descortinio; e sua propriedade veiu a ter organização das mais completas do seu tempo. Os cereaes, o café, a canna de assucar, tiveram ali cultivo desenvolvido; a exportação foi consideravel e proporcionou recompensa valiosa. Fez-se muito rico o fazendeiro-doutor.*»

* * *

O nome de *avenida* é, em toda a parte, usado para baptizar largas vias publicas, possuidoras de pujante arborização. Em Petropolis esse termo foi adoptado para as ruas que se desdobram dos dois lados dos varios rios que cortam a cidade. Emfim, a palavra *avenida,* sempre nos traz á mente

uma extensa e larga alameda. Ao contrario, a expressão *viella* (aprendemos, aliás, desde pequenos) significa um *beco sem sahida.* Viella e Avenida, são assim, quasi que antonymos, não sendo possivel a quem quer que seja a confusão desses dois termos. Assim, pelo menos, deveria ser... Pois em Corrêas dava-se o inverso: ahi, não só parece que se desconhecia a distincção dessas duas palavras, como (pasmem todos) exactamente aos dois unicos *becos sem sahida* do lugar (e só a elles!) reservaram o pomposo nome de *avenida!* Eram ellas: *Avenida Nogueira* e *Avenida Tiradentes.*

Tem a primeira começo junto á parada da estrada de ferro, seguindo perpendicularmente á linha ferrea e esbarrando nos terrenos de propriedade da familia Monteiro. Aberta por Domingos de Souza Nogueira para valorizar terras de sua propriedade recebeu o nome de seu antigo dono. Corrêas é devedora de sua gratidão á familia Nogueira, pois além de dotar-lhe com uma rua, foi em terrenos seus, expressamente doados, que se levantou a igreja do lugar. Ha, porém, muitos modos de se fazer homenagem; não é preciso para tanto, chamar de avenida a um beco sem sahida... Accresce ainda a circumstancia do nome Nogueira, simplesmente, causar confusão, como já tem causado, a pessoas menos conhecedoras do lugar, com o *povoado de Nogueira,* pouco distante de Corrêas. Não estamos em absoluto (e fazemos questão que este ponto fique bem claro) não estamos nos oppondo á permanencia desse nome em rua de Corrêas; queremos apenas frizar o facto de que os beneficios feitos por Nogueira e sua familia, não o foram apenas ao lugar, mas ao municipio em geral. Bem houve porisso o poder publico em perpetuar seu nome em uma estação, baptizando assim uma povoação inteira. Foi uma homenagem justa e digna de todo o applauso. E assim achou a Prefeitura que devia retirar da rua correiense o nome tradicional, evitando desse



*José Candido Monteiro de Barros*

modo confusões maiores que só causam transtornos. Esse acto foi baseado, aliás, na postura municipal que impede a pessoas vivas figurarem em placas de ruas. Assim, substituindo o nome tradicional de *Avenida Nogueira,* passou aquella vereda a ostentar o nome de *Rua José Candido.*

A escolha não podia ter sido mais feliz ; apenas um pequeno reparo : assim como os nomes das outras ruas especificam o titulo e a categoria do homenageado (*Vigario* Corrêa, *Dr.* Agostinho Goulão) mister se faz accrescentar áquelle nome o seu posto militar: *Rua Coronel José Candido.*

Foi José Candido Monteiro de Barros, rebento illustre de illustre familia, á qual muito deve toda a região de serra-acima. De ascendencia nobre e fidalga, estão seus antepassados fixados em optimos oleos que ornam o gabinete de seu neto, o Dr. Gabriel Monteiro de Barros Bastos.

Entre esses figura o de um seu remoto avô, ao qual, os descendentes appellidaram de *Soprador.* De facto, empertigado em seu vistoso uniforme dos Dragões, o rosto cheio e corado, as bochechas salientes de quem está habituado a manejar com instrumentos de sopro. Os labios polpudos encimados por negro bigode, a calva reluzente e larga, o cabello que lhe falta em cima a lhe sobrar dos lados. Chamava-se elle *José Candido Fragoso.* No verso do quadro acham-se escriptas, em bello cursivo, umas notas com a indicação das principaes etapas de sua vida. Ao lado deste, vê-se outro oleo, o de sua mulher, *D. Brigida Maria Gonçalves Dias Corrêa,* irmã mais moça do primeiro vigario de Petropolis e de Thomaz Gonçalves Dias Goulão, o primeiro dono da Engenhoca. Nasceu José Candido Fragoso, segundo as notas referidas, no Rio de Janeiro, a 18 de Janeiro de 1787, sendo seus paes José Rodrigues Fragoso, natural da villa de Alcobaça em Portugal e D. Isabel Candida Fragoso, brasileira,

nascida no Rio, filha de Bento da Cunha Velho e sua mulher D. Paula Gomes da Conceição.

Foi José Candido aos 31 annos, nomeado, por El-Rei D. João VI, capitão da 6ª Companhia do Regimento de Cavallaria de Milicias da Capitania do Rio de Janeiro. Proclamada a independencia foi nomeado pelo Imperador Official de sua guarda de honra, dahi passando a major. Pedro I, conhecendo sua energia e bravura, designou-o para as funcções de Juiz de Paz da freguezia de S. José do Rio Preto, onde era proprietario. Nesse posto permaneceu por quatro annos no exercicio do qual prendeu e extinguiu a celebre quadrilha de malfeitores que infestava a região, perdendo a vida no ultimo encontro armado. Moça ainda, a viuva dedicou-se então á filha unica que lhe ficara, *Adelaide Guilhermina*, que se casaria com o Dr. *José Maria Monteiro de Barros*, filho do Visconde de Congonhas. Desse consorcio nasceria *José Candido Monteiro de Barros*. Orphão muito cedo, seguiu humanidades na Côrte, sob as vistas do avô, Visconde de Congonhas, que depois encaminhou-o para o Caraça, de onde voltou para a companhia da avó materna, de quem foi o unico herdeiro dos immensos latifundios. Com tal ascendia, tantas vezes illustre, elle mesmo firmou-se na estima e respeito de seus concidadãos, pelo seu trato lhano e sua conducta publica impolluta. Senhor de largos traços de terra, assegurou o seu prestigio, não só no plano municipal, mas tambem no nacional, como foi, por exemplo, a cessão de terrenos seus para a passagem da Estrada União e Industria. Por todos esses titulos mereceu de Pedro II a venera da Ordem da Rosa e o pergaminho de Moço Fidalgo. Conquistou tambem o posto de Coronel da Guarda Nacional em que prestou grandes serviços á Patria, destacando-se por occasião da revolta da Armada, quando teve seu posto confirmado por acto do proprio Marechal Vice-Presidente. No seu municipio foi levado pelos seus concidadãos á vereança, onde attingiu a presidencia da

Camara, cargo que desempenhou com brilho e proficiencia.

A denominação de uma rua com o nome do *Coronel José Candido Monteiro de Barros*, vem saldar uma divida de gratidão de Corrêas para com tão illustre figura.

* * *

Outra *avenida* de Corrêas, ou melhor outra *viella*, chrismada de avenida, tem seu inicio junto á celebre figueira que encerra a lenda do heroe da Inconfidencia. A *Avenida Tiradentes*, como foi baptizada inicialmente, é das mais recentes ruas de Corrêas, aberta ha bem pouco tempo. Corre parallelamente ao leito da estrada de ferro, em continuação á antiga rua Maria Carolina e termina poucos metros adeante. Tem essa *avenida* a aggravante de ser construida apenas de um lado, sendo o outro cortado pelos trilhos da Leopoldina, e para ahi fazendo fundos as casas do segundo trecho da velha rua Maria Carolina. A municipalidade, no louvavel intuito de estabelecer uma unica orientação nos nomes das ruas de todo o municipio, resolveu retirar todos aquelles que já se achassem perpetuados em placa na cidade de Petropolis. Por isso, o nome de Tiradentes, por já figurar na denominação de uma avenida (mas desta vez, *avenida*, mesmo !) na parte urbana da Cidade Imperial, teve que desapparecer da rua correiense.

Substituiu o appellido glorioso do Proto-Martyr, o nome angelico de uma princeza. E a *rua Princeza D. Paula* ficou a lembrar aos que ahi vivem ou lhe lêem o nome, a figura graciosa dessa filha de Pedro I. Já foi demasiado escripto e provado que o principal motivo das idas do Imperador a Corrêas foi a estadia ali dessa princezinha.

Do consorcio de D. Pedro com a Archiduqueza d'Austria, D. Leopoldina, nasceram 7 filhos : 1) D. Maria da Gloria, que foi rainha de Portugal ; 2) D. Miguel, fallecido com dias apenas ; 3) D. João Carlos, tambem fallecido menor ; 4) D. Ja-

nuaria Maria, que se casou com o Conde d'Aquila ; 5) D. Paula Mariana, homenageada na rua de Corrêas ; 6) D. Francisca Carolina, que se casou com o Principe de Joinville ; 7) D. Pedro de Alcantara. De suas filhas, duas delias, a segunda e a terceira, nascidas quando mais ardente era o enthusiasmo pela independencia, foram baptizadas com nomes allusivos ás provincias : Januaria em homenagem ao Rio de Janeiro e Paula Mariana em homenagem a S. Paulo e a Minas, cuja comarca mais importante era Mariana.

Nasceu D. Paula no Paço de S. Christovão e foi baptizada na Capella Imperial, oito dias depois, ás cinco horas da tarde, tendo as cerimonias durado até ás dez da noite. Teve por madrinha D. Maria da Gloria e como protector S. José. Sobre o nome completo da princeza ha uma duvida a esclarecer : Vieira Fazenda diz ser o mesmo : Paula Mariana Joanna Carlota Faustina Mathias Francisca Xavier de Paula Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga. Smith de Vasconcellos porém, no Archivo Nobiliarchico diz apenas : D. Paula Mariana Joanna Carlota que é tambem como escreve o Dr. Sebastião Pagano na Genealogia da Familia Imperial que publicou na Revista de Estudos Genealogicos de S. Paulo. Esse trabalho foi devidamente annotado, commentado e criticado pelo saudoso Principe D. Pedro de Alcantara, não se encontrando, nos reparos feitos por S. Alteza, qualquer nota referente ao nome dessa Princeza. As datas de seu nascimento e morte são tambem objectos de controversias : dá Vieira Fazenda como occorridos respectivamente em 1821 e 1833, sempre a 16 de Janeiro ; Smith de Vasconcellos, acompanhado nesse ponto por Pagano consigna as datas de 17 de Fevereiro de 1823 e 15 de Janeiro de 1833. Na Publicação do Archivo Nacional, dedicada á Imperatriz Leopoldina ha uma carta da propria soberana ao Marquez de Marialva, datada de Março de 1823, na qual diz textualmente : «*escrevo com muito prazer, dando-vos a feliz noticia da nossa perfeita saude e a*

*do nascimento de minha filha Paula Mariana occorrido em menos de seis horas, a 17 do mez passado*»... Não ha melhor fonte de informação sobre o assumpto e com esse documento pode-se, (aliás mui justamente) considerar encerrada a questão.

Desde pequena soffreu ella de uma inflammação chronica de figado, tendo os medicos aconselhado mudança de ares Lembrou-se então D. Pedro da fazenda do Padre Corrêa, onde tão carinhosamente havia sido agasalhado annos antes. E para lá se transportou toda a familia imperial. Varias temporadas ahi passou D. Paula. A Princeza, ao que se depreende, de informações varias e fidedignas, ahi esteve algum tempo somente em companhia da camareira-mór, D. Mariana Carlota, vindo o pae visital-a algumas vezes. O Rev. Walsh que por ahi passou em 1829, declara que o Imperador era esperado a qualquer momento para visitar sua filha que ahi estava recuperando a saude, abalada por uma infecção chronica de figado. De facto, em 1829, já casado com D. Amelia, ahi esteve o Imperador. A molestia da filha fazia-o subir frequentemente a serra da Estrella. D. Paula era o pretexto : o seu estado de saude obrigavam-no áquellas viagens ; era a desculpa. Mas o facto é que o Imperador já estava se affeiçoando áquellas paragens, áquelles campos, áquelles montes, áquella vista, áquelle sol, áquelle clima... Varias vezes interrompeu bruscamente os affazeres de Chefe de Estado por uma pequena peiora no estado de saude da filha. Em breve D. Pedro pensou em adquirir á irmã e herdeira do Padre Corrêa a sua immensa propriedade. A sua recusa fel-o incorporar ao seu patrimonio a fazenda do Corrego Secco.

Certamente D. Paula em nada interferiu em todos esses negocios, mas quem sabe, si não fosse ella, talvez o Imperador nunca pensasse em ser proprietario no alto da serra. D. Paula foi, pois, sem saber, a causa da compra de Petropolis. Seu nome numa rua da antiga fazenda onde outróra ella procurou

recuperar a saude, representa a quitação de uma divida ha muito contrahida para com a figura gentil dessa princeza.

* * *

Corrêas é um povoado em pleno vigor de seu progresso. Não obstante já apresenta um passado. E nesse passado encontra nomes dignos da veneração dos seus moradores e que merecem figurar em uma placa. Varios logradouros e caminhos da localidade estão ainda á espera de baptismo. Antonio Machado (é impossivel falar em Corrêas e esquecer o nome do saudoso chronista) apresentou certa vez á Commissão revisora dos nomes das ruas do Municipio, umas suggestões que merecem ser recordadas. Quanto a Corrêas assignalou uma serie de nomes que deveriam ser perpetuados em placas. Assim lembrou elle os de José Candido e D. Paula (agora figurando em duas ruas) e mais os de *Irineu Marinho, Edwiges de Queiroz, Coelho Duarte,* etc. A esses permittiriamo-nos accrescentar os de *Padre Corrêa, Ferreira de Oliveira* e *Joaquim Zeferino.* Quando se tratar das ruas, ou melhor, da nomenclatura das ruas fóra do chamado *povoado*, isto é, em locaes conhecidos como *Castello, Engenhoca, Prado, Cannavial*, etc. outros nomes haveriam de surgir para serem homenageados.

Antes de perpetuar os nomes de *Castro Alves* ou *Alvares de Azevedo*, que qualquer cidade do Brasil póde ostentar; antes de homenagear *Bernardo Proença* ou o *Vigario Corrêa*, que qualquer rua do Municipio póde celebrizar, deve Corrêas prestar reverencia aos que só em Corrêas são conhecidos. E assim estará fazendo justiça aos que trabalharam por esse recanto no passado, animados por um verdadeiro amor a essas terras.

# O SEGUNDO DISTRICTO DE PETROPOLIS POR VOLTA DE 1843

Seria interessante saber-se o que era essa immensa região, hoje denominada Segundo Districto, no anno em que em Sua Magestade houve por bem assignar o Decreto Imperial de 16 de Março de 1843.

Percorramos com a imaginação a velha estrada mineira, naquella quadra a unica existente, e fixemos o olhar para os diversos sitios, fazendo um ligeiro retrospecto ao anno da fundação da actual cidade das hortencias.

---

Não é longo esse trajecto, dos limites da Imperial Fazenda do Corrego Secco á Varzea do Urubú.

Onde agora viceja o bairro do Retiro, tão beneficiado pela passagem da União e Industria, nem picadas havia. A selva ahi imperava, povoada de passaros e macacos. Adiante a velha fazenda do Itamaraty, já decadente, mas ostentando ainda em ponto agradavel e elevado a residencia senhorial, exactamente onde hoje se ergue a Fabrica de Papel Petropolis. Ahi na velha casa de sobrado, com varanda á frente, vivia Antonio José da Rocha Fragoso que arrendara a propriedade e installara um engenho de canna. Em torno da envelhecida mansão vicejavam os cannaviaes; ao lado, um telheiro de grandes dimensões onde se abrigavam as tropas.

O limite desta fazenda com a da Samambaia era conhecido como *Rumo*, e póde ser localizado hoje em plena Cascatinha, no ponto onde se levanta a Igreja Matriz. No *Rumo* habitavam um sapateiro e um alfaiate.

Transposto o *Rumo*, ficava a fazenda da Samambaia,

cuja casa senhorial ainda póde ser vista da União e Industria. Era a residencia do futuro vigario de São Pedro de Alcantara, o Conego Luiz Gonçalves Dias Corrêa, a essa tempo coadjutor da Freguezia de São José do Rio Preto, e que morava em companhia de seu compadre João Cardoso de Lemos, casado com D. Anna Luiza da Assumpção e paes de muitos filhos. A fazenda possuia grande escravaria dirigida pelo preto Getulio, especie de administrador e mordomo. Ainda em terras da fazenda, no sitio denominado *Pomar*, morava o brigadeiro Joaquim Mariano.

Pouco adiante, junto ao lugar conhecido então como *Ponta dos Pinheiros Velhos*, havia uma picada que transpunha o Piabanha e ia ter á Fazenda da Engenhoca, em cuja casa (criminosamente posta abaixo) e levantada ao lado de pequena Capella, ainda de pé, residia o irmão do Conego Corrêa, Thomaz Gonçalves Dias Goulão, senhor de todo o territorio conhecido como Retiro, e do qual a Engenhoca fazia parte.

Vizinha a esta fazenda, nas terras hoje denominadas Fazenda de S. Manoel, ficava a *Olaria*, propriedade da familia Moreira Guimarães. No ponto onde hoje se ergue o Castello, levantava-se a mansão da velha fazenda, residencia de Antonio José Moreira Guimarães e D. Anna Leocadia da Cunha Barbosa, prima de Thomaz Goulão e do Conego Corrêa. Da velha casa, derrubada por mão sacrilega, onde se amontoavam tradições do lugar, restam ainda algumas reliquias, entre ellas o venerando altar de madeira da capella da fazenda, hoje collocado no santuario da antiga casa do Padre Corrêa.

Fronteiro á Engenhoca, em terreno pertencente á Samambaia, no sitio denominado *Grota Funda*, hoje *Bella Vista*, á margem da estrada mineira, habitava o rancheiro José Antonio Fintado, o qual construira sua casa em pitoresca elevação, em frente á varzea do Piabanha, rodeando-a de

arvores fructiferas e grandes roças de milho e canna de assucar. Exactamente nesse ponto está hoje o Sanatorio Bella Vista.

Na Fazenda dos Corrêas, em plena decadencia, que confrontava com o sitio da Grota Funda e a fazenda da Olaria, vivia Luiz Marques de Sá, o ultimo descendente dos Corrêas historicos proprietarios daquellas terras. Mais abaixo, no local onde está edificada a estação de Nogueira, o rancheiro Marianno Dias Alves, um patriarcha com cerca de 80 annos, vivia dos rendimentos dos seus milharaes. Antonio Machado, de quem tiramos estas notas, assegura ter sido elle (que morreu na bella edade de 116 annos) o primeiro foreiro de Corrêas.

# MONSENHOR PIZARRO

No momento em que o Instituto do Livro projecta a reedição da monumental obra do grande chronista que foi Monsenhor Pizarro, vem a pello relembrar um pouco sua vida, resaltando o notavel trabalho que empreendeu.

Exactamente neste anno de 1940, transcorreu a 14 de Maio mais um anniversario de seu passamento; e nós, interessados pela historia deste municipio, não podemos deixar passar a ephemeride sem um commentario, ligeiro que seja.

Nasceu Pizarro no Rio de Janeiro em 1753. Cedo embarcou para Coimbra, em cuja Universidade se formou. De retorno á Patria, já ordenado, logo alcançou a murça de conego e nesta qualidade voltou á Metropole, de onde regressou na comitiva do Principe Regente, depois Rei D. João VI, em 1808.

De conego, em breve passou a monsenhor, recebendo do Soberano o cargo de Arcipreste da Real Capella, obtendo tambem o titulo de Conselho.

Proclamada a nossa emancipação envolveu-se na politica, foi eleito deputado, figurando na primeira legislatura do Imperio nascente. Nessa qualidade logrou presidir aquella casa do Legislativo, posto que desempenhou com brilho e proficiencia.

A 14 de Maio de 1830 falleceu no Jardim Botanico, com larga folha de serviços á Igreja, ao Soberano, á Patria e á Historia.

Sua principal obra: «*Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D. João*

*VI por José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo»*, (como se lê na folha de rosto) é um repositorio precioso da historia das regiões por elle descriptas.

Neste trabalho gastou o Conselheiro-Monsenhor cerca de vinte annos, colligindo material, tendo empreendido uma viagem como visitador das parochias do interior fluminense, colhendo *in-loco* dados preciosissimos.

Muito embora incompleta e, podemos mesmo dizer, defeituosa, as «Memorias Historicas» representam uma fonte de dados importantes que não devem nem podem ser desprezados. Prova-o agora a projectada reedição desses 9 memoraveis volumes, que constituem hoje raridade bibliographica.

Outros trabalhos de bem menor vulto deixou o erudito monsenhor, como estudos e memorias que publicou na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Resalta entre esses, pela contribuição que traz á historia da região hoje petropolitana, a «*Relação das sesmarias da Capitania do Rio de Janeiro, de 1565 a 1796*». Essa Relação extrahiu elle dos livros de sesmarias e Registros do Cartorio do tabellião Antonio Teixeira de Carvalho. E' outra preciosa contribuição á nossa historia regional, onde se encontram referencias de inestimavel valor.

Bem merecia o illustrado escriptor, neste anno que recorda o 110º anniversario de sua morte, que melhor fosse assignalada sua passagem por este valle de lagrimas. A intensidade da vida presente, porém, não permittiu que se fizesse mais que este simples registro, onde se faz questão de deixar patente a humilde gratidão de um mero interessado na historia petropolitana, ao grande sacerdote-chronista.

# CUNHA MATTOS EM CORRÊAS

Na esplendida obra deixada pelo brigadeiro Cunha Mattos (Raymundo José Cunha Mattos) intitulada «*Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas provincias de Minas Geraes e Goyaz*», impresso na Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cia., Rio, 1836, destaca-se a parte da viagem feita pelo territorio hoje municipio de Petropolis. Ia o futuro marechal tomar posse do cargo de commandante das armas em Goyaz. Acompanhemos a sua viagem, pelo seu livro.

A 8 de Abril de 1823 deixava o Rio, com destino a Minas, pela praia do Vallongo, ás 11 horas da noite. Dois dias depois encontra-se no Porto da Estrella, o qual chama de *arraial*, annotando constar «*de uma rua larga, plana e alagadiça ao ao longo da estrada da Serra. As casas são pouco mais ou menos de cem, pela maior parte baixas e construidas de pau a pique, varas atravessadas e cobertas de barro ; algumas são de tijolos, poucas de alvenaria cobertas de telha*». No arraial vê o militar varias lojas e um regular commercio e «*muitos ranchos onde os viandantes recolhem as suas mercadorias*». O bulicio do lugarejo causa-lhe espanto e elle commenta : «*A larga quantidade de mineiros que o commercio chama a este arraial, o immenso numero de bestas de sella e carga, a azafama que aqui ha, causa espanto áquelles que pela primeira vez chegam aos portos de embarque e desembarque dos generos que vêm de Minas Geraes e vão para lá*». Ahi ficou elle á espera na conducção promettida pelo padre Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, proprietario no alto da Serra. «*Estou*, escreve elle, *esperando que cheguem da casa do padre Corrêa as bestas que hão de conduzir minha bagagem para a sua fazenda.*» Os animaes

promettidos chegam á noite e poude assim C. Mattos retomar sua viagem, indo parar agora na fazenda da Mandioca, propriedade do Consul Geral da Russia, Sr. Langsdorff. Ahi foi installada mais tarde a fabrica de polvora que funccionava nas immediações da Lagoa Rodrigo de Freitas. A 12 de abril deixou Cunha Mattos a casa de Langsdorff, pelas 3 horas da madrugada (não esquecendo de assignalar a baixa temperatura) e começou a subir a *calçada da serra da Estrella*, levando nada menos de duas horas para alcançar o cimo. «*A calçada*, diz elle, *é de pedras irregulares, assentadas a secco, em ramaes ou zig-zags de diversas extensões, conforme aos seios das montanhas e inclinações de suas abas. Os primeiros lanços são demasiado abaulados, e de subito ásperos; a descida é enfadonha, pois que as bestas escorregam a cada passo; mas apezar de alguns defeitos, talvez irremediaveis, ou filhos da economia, promette muita duração e póde servir para carros de bois com juntas dobradas*». Era a estrada aberta pelo coronel Aureliano de Souza e Oliveira, pae do Visconde de Sepetiba, como nota o proprio C. Mattos, e que tão falada e elogiada era por quantos a percorriam. Marcava o relogio mais de cinco horas quando o autor chegou ao «*sitio (pequena fazenda e rancho) do Rio Secco*». Annota, porém, que antes de lá chegar encontrou varios ranchos e casas espalhados pela estrada. Refere-se então ao proprietario das terras, dizendo: «*No Rio Secco, que não leva agua no tempo presente, existe a habitação do major José Vieira Affonso.*» O rio, ainda existente, com o nome de Palatino, faz-nos meditar sobre a «veracidade» das palavras: «que não leva agua no tempo presente...»

Eram já 7 horas da manhã, quando, continuando seu percurso em direcção ao norte, cruzou o rio «*Tamaraty*» ou «*Itamaraty*», notando a existencia de uma ponte de madeira e «*em um lugar agradavel e elevado á sua margem direita existem grandes casarias. Adeante dsste fica um sitio.*»

Quereria se referir á propria fazenda do Itamaraty? Quarenta minutos depois avistava a fazenda de Belmonte ou Samambaia «*que está assentada sobre um pequeno corrego que, precipitando-se, forma bellas cataratas.*» Vizinha a esta ficava a propriedade do padre Corrêa, para onde se dirigia. Assim, ás 8 horas entrou no terreiro da fazenda «*agora conhecida por este nome* (Corrêa) *e antigamente pelo de Posse.*

Accresce porém que, nos roteiros, constava o nome de «Manoel Corrêa».

Allude á temperatura do trajecto e deixa suas impressões sobre a viagem até ahi: «*Durante a jornada desde o alto da serra até a casa do padre Corrêa, houve uma densa névoa, vento norte rijo e frio intenso. O thermometro, em casa do Conselheiro Langsdorff, estava em 65°* (Reaumur, evidentemente): *no Rio Secco achei-o em 54° e no lugar mais apertado da estrada, onde o vento soprava com mais violencia e a névoa era mais intensa, desceu a 48°.*» Na fazenda do Padre Corrêa porem, notou que a columna de mercurio marcava 64°, certamente porque o dia já avançava. Extranha o facto de não ter ouvido vozes de animaes selvagens durante o trajecto, «*talvez por motivo da frequentissima passagem de tropas de mineiros.*» De facto, elle mesmo nota, mais além, ser muito frequente a passagem dessas tropas, e «*entre ellas desceu para o Porto da Estrella a do tropeiro que me ha de conduzir para Goyaz.*» Emquanto esperava pela volta dessa tropa, esteve como hospede do Padre Corrêa durante cinco dias. Nesse interim, recebeu a visita dos futuros conegos Alberto da Cunha Barbosa e Luiz Gonçalves Dias Corrêa, ambos sobrinhos do amphitryão, ambos futuros fazendeiros nas vizinhanças. O segundo viria a ter certa notoriedade na historia de Petropolis, pois seu nome ahi figura como o seu primeiro vigario. Tambem ahi esteve o Dr. Agostinho Corrêa da Silva Goulão, irmão do Padre Corrêa, então eleito

deputado á Assembléa Constituinte e Legislativa do Imperio, e cuja cadeira renunciou antes de tomar posse, sendo substituido pelo supplente Martim Francisco Ribeiro de Andrada, irmão do todo-poderoso ministro José Bonifacio.

Mais adiante descreve as montanhas que circumdavam a fazenda «*cobertas de mattos virgens, capoeiras e capoeirões*» e bem poucos lugares cultivados, observou, nesses morros extensos. A planicie, entretanto, era tratada com o maximo desvelo e cuidado. Assignala em pleno terreiro a existencia da hoje celebre figueira, — que reclama os cuidados dos poderes publicos, pois dentro em breve estará desapparecida. Arvore bem velha, como se vê, e actualmente bastante diminuida em seu tamanho e viço, teve porém os seus dias de esplendor, ostentando magnifica ramagem. Era «*mui copada*», assevera Cunha Mattos, e accrescenta que ao meio dia, cobria com sua cerrada sombra um batalhão!! Notemos que uma gamelleira sob cuja folhagem se abrigavam quatrocentas pessoas, é alguma coisa de respeitavel... Em passeios feitos pelas estradas adjacentes admira o viço dos «*mattos grossos e os Ipês, Baraunas ou Guraunas e araribás com suas lindas corollas amarellas, roxas e vermelhas alegram os olhos das pessoas novatas no reino de Flora do Imperio do Brasil.*» Assignala tambem o encontro com duas cobras coraes... mortas.

Descreve então a situação da propriedade, «*assentada no angulo ou confluencia nos rios Morto e Piabanha, sobre os quaes encontrou boas pontes de madeira.*» Ahi viu elle um «*alto morro de granito*» em cuja encosta vicejava um exercito de *cafezeiros* (sic). Encantou-o o pomar do sacerdote, no qual encontrou marmelleiros e pecegueiros de optima qualidade. Fala então da casa da fazenda, «*a qual é um edificio assobradado, cujo pavimento superior tem uma*

*varanda de quatro arcos e dez janellas. As salas e quartos de visitas estão mobiliados com toda a decencia.»*

A esse respeito, Antonio Machado, em chronica publicada na imprensa petropolitana, cita varios moveis que ainda até bem pouco tempo guarneciam o velho casarão. E garante mesmo a existencia no solar do padre, de «*objectos de arte, finissimos crystaes, prataria, candelabros de bronze, espelhos, pesados moveis patriarchaes de madeira desenhada*» e termina lamentando o desapparecimento de «*preciosidades historicas e varias reliquias existentes na capella, bem como a bibliotheca da fazenda, rica de obras raras e manuscriptos de valor.*»

O que mais impressionou a C. Mattos, porém, foi a «*capella de Nossa Senhora do Amor Divino*», construida ao lado da casa, onde viu «*perfeitas imagens de varios santos e um lindo presepe.*» Grande parte do seu diario é occupada pela descripção da ferraria ou officina de ferreiros ou ferradores, situada na parte posterior da casa. Era o grande e mais importante negocio do padre: a mudança de ferraduras nos animaes dos tropeiros em transito. A fama das ferraduras fabricadas nas officinas do sacerdote fazendeiro transpoz os tempos e as leguas. Ainda em principios do seculo XX, no interior de Minas, os tropeiros, ao gabarem as ferraduras de seus animaes, exclamavam: «*Esta é das boas! E' Corrêa legitima!*» Evidentemente já não eram mais fabricadas na velha fazenda, pois a industria desappareceu com a morte do padre, mas isso prova a excellencia do fabrico, que conseguiu obter tal reputação.

Que ao se tratar das velhas e desapparecidas industrias do municipio, não fique esquecida a talvez mais antiga ferraria de Petropolis.

E, continua o diario de C. Mattos: «*Na frente da casa fica a hospedaria dos viandantes. O rancho dos passageiros e tropeiros é muito grande, sobre esteios de madeira, e*

*está aberto por dois lados.*» Nesse rancho, conforme o depoimento insuspeito de Antonio Machado, dansou Pedro I o cateretê, ao som da viola dos negros.

Cinco dias depois de sua chegada voltou do Porto da Estrella, para onde havia partido, o tropeiro Bernardo Antonio que havia de conduzil-o a Goyaz. Assim, na sexta feira, 18 de abril, pelas 8 horas da manhã, partiu o nosso brigadeiro da casa do «*digno sacerdote*», de quem recebera «*os mais attenciosos obsequios.*» E este ainda o acompanhou, juntamente com o Sr. Alberto da Cunha Barbosa, «*de quem,* diz elle, *me despedi e por algum tempo obriguei a retrocederem antes de chegarem á ponte do Pae Amaro, que é o primeiro corrego que se encontra na jornada.*»

E assim termina o testemunho de Raymundo José da Cunha Mattos, sobre a celebre propriedade do não menos celebre Padre Corrêa.

JOÃO DUARTE SILVEIRA

# REVIVENDO O PASSADO

# REVIVENDO O PASSADO

Uma nomeação para um cargo em Petropolis feita na Provincia da Bahia :

> «Carta pela qual Sua Magestade o Imperador Houve por bem Fazer Mercê a Joaquim Julio da Silva da Serventia Vitalicia do Officio de Segundo Tabellião do Publico, Judicial e Notas do Termo de Petropolis e Provincia do Rio de Janeiro.

Dom Pedro por graça de Deos, e Unanime Acclamamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.

Faço saber aos que esta Carta virem que pelo Meu Imperial Decreto de vinte e sete de Setembro ultimo, Houve por bem Fazer Mercê a Joaquim Julio da Silva da Serventia vitalicia do Officio de Segundo Tabellião do Publico Judicial e Notas do Termo de Petropolis Provincia do Rio de Janeiro. E Mando que d'ora em diante elle seja reconhecido como tal e se lhe dê posse, da qual se fará assento nas costas desta, prestando primeiro o juramento do estylo perante a Autoridade competente na forma da Lei ; e com o dito Officio haverá o ordenado (se tiver) proes e precalsos que directamente lhe pertencerem. E aos Ministros, Justiças e mais pessoas a quem tocar o conhecimento da presente Carta que a cumprão e fação inteiramente Cumprir como nella se contém. Pagou duzentos e quarenta mil réis dos direitos de quarenta por cento da lotação de seiscentos mil réis como se vio do respectivo conhecimento em forma. E á margem do registro do Decreto pelo qual se passou esta se lançará a nota necessaria. Dada no Palacio da Bahia em vinte e oito de Outubro de 1859, trigessimo da

Independencia e do Imperio. Imperador Pedro Segundo — João Lustosa da Cunha Paranaguá.»

O cartorio foi installado na rua D. Francisca n. 12, no predio que hoje tem o n. 43 da rua General Osorio.

# ANNUNCIOS PITTORESCOS

O Sr. Sanelli recemchegado da Côrte tem a honra de convidar o respeitavel publico para assistir as habilidades de alguns de seus ratos, hoje das 10 horas da manhã ás 10 horas da noite na casa nova da rua de D. Affonso.

Entrada 1.000

Crianças 200.

## HOTEL ORIENTAL

Neste estabelecimento se acha á venda de hoje em diante (6-5-59) superior gelea de marmelada; fabricada por Said Ali, notavel pela applicação ás pessoas que soffrem do peito.

## HOTEL FRAGOSO

Neste hotel ha sempre petiscos promptos para os viandantes e bom vinho (sem composição) tudo por preços rasoaveis; para informações, todos os negociantes de Petropolis que sejão amantes da boa mamata e pinga. No mesmo hotel recebem-se animaes a trato, affiançando-se o bom tratamento de capim e milho.

## ATTENÇÃO

Na rua Joinville n. 16 haverá no sabbado proximo o divertimento de cavallinhos artificiaes.

---

A pessoa a quem faltão dois perús pode os mandar buscar no bilhar da rua Bourbon, onde lhes serão entregues, dando os signaes.

## HOTEL PEDRO DO RIO

O proprietario participa a seus numerosos freguezes que tem montado seu estabelecimento em ordem a poder receber familias e viajantes em bons quartos mobiliados convenientemente e offerecer-lhes um serviço digno das pessoas que o honrarem.

Recebe tambem animaes a trato para o que tem commodos especiaes.

## TAINHAS SALGADAS

Vende-se a 200 réis no armazem do Machado na rua do Imperador n. 40.

## ATTENÇÃO

Precisa-se de um criado que seja moço e morigerado. Prefere-se branco e Allemão ; se alguem nestas circumstancias se quizer contractar dirija-se a esta typographia.

N. B. E' para acompanhar um moço solteiro.

---

José Maria Garcia proprietario do Hotel Suisso participa ao respeitavel publico que nas noites de espectaculo se encontra em seu estabelecimento uma grande diversidade de comidas, vinhos, licores, e doces de todas as qualidades, encarregando-se de mandar levar aos camarotes chá e refrescos ; assim como de guardar as bengalas dando um cartão numerado, sendo todo serviço feito com promptidão e limpeza.

## ATTENÇÃO

Roga-se á pessoa que por engano levou do theatro desta cidade na noite de 9 do corrente um sobretudo, de trazel-o nesta typographia, do contrario será publicado seu nome.

O abaixo assignado roga a certo eclisiastico de não entrar mais na colonia delle sem a competente licença, principalmente quando der na cabeça de descompor a quem não se importa com elle como praticou hontem. Petropolis 28-12-1859. Pedro Mayworm.

## ATTENÇÃO

O abaixo assignado referindo-se a um artigo publicado neste jornal, censurando o procedimento de um — certo Eclisiastico — julga conveniente prevenir ao publico que o dito artigo não se entende com elle. O padre Nicolao Germaine.

## RESTAURANT FLOR DE PETROPOLIS

(RUA DO IMPERADOR 68)

O proprietario deste estabelecimento participa ao respeitavel publico que desde já recebe pensionistas a 25$000 para cima.

Almoço com vinho 500 réis.

Jantar com vinho 500 réis.

Na mesma casa ha para vender um resto de brinquedos e outros muitos objectos, ha tambem para vender 3 bilhares e um vão de porta tudo por metade de seu valor, para acabar.

José Barbosa Veiga.

# AS FESTAS DE ANNO BOM

Em outros tempos a folia principiava sempre na vespera.

Homens do povo, vestidos de roupa de brim endurecida á custa de muita gomma, vinham para a rua, munidos de lanternas, pela falta de illuminação, esperar o fim do anno velho e o principio do anno novo.

Pessoas de destaque social, trajando sobrecasacas solennes, calças de brim branco e sapatos de polimento, fabricados pelos sapateiros *Miguel Kind, Nicolau Hees* e *Casqueiro*, tambem appareciam e ficavam a conversar nos bancos do Hotel Bragança, onde o *Campos*, o mais liberal dos hoteleiros festejava tambem o acontecimento offerecendo refrescos e guloseimas ás visitas.

Em quasi todas as casas terreas, velhas gritadeiras conversavam á janella, contando cada qual a quantidade de doces de laranja da terra que tinham feito e quantos leitões e perús tinham sacrificado.

— Um trabalhão, vizinha ; ha quinze dias que não sei o que seja dormir socegada.

— E eu então, D. Candinha. Tive de fazer roupa nova para as crianças e umas roupas para seu Manoel, que não se ajeita com os alfaiates, principalmente com seu Loureiro, que leva seis mezes para acabar o feitio.

E esse tagarellar só acabava quando a negrinha vinha avisar que o doce estava pegando no fundo do tacho.

As casas mais abastadas ficavam abarrotadas de parentes e conhecidos chegados da roça para passar o Anno Bom com os parentes e amigos da cidade, e ao mesmo tempo pagar a fineza da ida ás fazendas em vesperas de São João.

A' noite realizava-se succulenta ceia, na qual o leitão

assado era a peça principal, apresentado em frigideira de barro, com os dentes arreganhados e um ovo a sahir do outro lado da cabeça, e rodelinhas de limão enfeitando todo o corpo.

Depois da ceia, principiavam as danças, emquanto a dona da casa resingava com as mucamas para recompor de novo a mesa, com os saborosos doces fabricados em casa.

Durante as danças o namoro fervia; um namoro discreto, que fazia as sinhazinhas ficar escarlates, quando algum moço mais ousado proferia as palavras — amor — e — meu bem.

Quando o sino da matriz, collocado ainda ao lado da igreja, pela falta da torre, que o capitão Castro não havia ainda construido, batia a ultima badalada da meia noite impulsionado pelo sachristão Fernandes, rebentava a alegria por toda a casa e até D. Gertrudes apparecia na sala, ainda de avental para dar as — Boas Sahidas — e as — Melhores Entradas — e abraçar pela primeira vez naquelle anno «seu» Felisberto, extremoso companheiro de infortunior e alegrias de meio seculo.

O baile chegava ao auge quando os gallos principiavam a cantar.

«Seu» Bessa, o mestre sala, dava o signal para a ultima quadrilha marcada que quasi sempre acabava no — Caminho da Roça — que ia até á esquina da rua e já com dia claro.

Pela manhã as bandas de musica dos *Gustavos* e do escrivão Schaeffer sahiam a tocar pelas ruas e paravam em frente das casas de Ignacio Papae, Augusto Rocha, Commendador Paulino Affonso, Major Emilio da Veiga, Bartholomeu Sudré, professor Taborda de Bulhões, Coronel Baptista da Silva, Major Pinheiro de Siqueira, Duarte Pinto, Henrique Kopke, Paixão, Queiroga, Cornelio dos Santos, Thomaz da Porciuncula, Kallemback, Land, Carpenter, Calogeras, Rocha

Codigo e muitos outros que seria difficil ennumerar. O Eleuterio, um official de justiça pernostico, que nas horas vagas era cozinheiro afamado publicava no «Mercantil» :

«Hoje dia de Anno Bom, ás 8 horas da manhã haverá um inimitavel e confortavel angú em casa do patusco Eleuterio José Garcia. A rapaziada de Petropolis não será surda a tão amavel convite.»

As autoridades recebiam presentes, principalmente «seu» Vigario, o delegado de policia e o fiscal da Camara, «seu» Janiques, velho politico que tinha vindo de *Mangé*, dizia elle. Pessoas respeitaveis e sobretudo respeitadas.

Os negociantes presenteavam fidalgamente os freguezes salientando-se os de «Seccos e Molhados» e os das Padarias, contando com a gratidão delles, e poderem assim rehaver durante o anno o dobro do que dispendiam em um dia.

Sobresahiam nessa porfia de amabilidades, o João Maduro, o Mesquita, o Azevedo e o Victorino dos Chorões dos seccos e molhaeos, e os padeiros Pedro Caheins, da rua do Imperador e o Venancio, da rua D. Januaria, padaria que ainda existe no mesmo local.

O Vasconcellos da fabrica de charutos e cigarros *Aguia*, logo pela manhã offerecia a seu vizinho o tabellião João Cordeiro de Carvalho os melhores charutos fabricados para esse fim.

Todos usavam nesse dia roupa e chapeos novos, comprados no «Anjo da Meia noite» de João José Dias, e no armarinho do Ernesto Olive.

E quem não arranjava roupa nova, não sahia de casa. Era vergonhoso. Os mais orgulhosos fingiam doença, para não apparecer em publico com roupa de todo anno.

Era tambem commum nesses tempos presentear os amigos e a cada passo encontrar moleques carregando, ora um perú ce roda com lacinhos nas asas, ora um leitão com laço no pescoço. Eram presentes. E quem não tinha nada para dar, dava Boas Sahidas e Boas Entradas.

ALCINDO SODRE'

A Vasco Lima,
com o apreço e a admiração
do Autor — Alcindo Sodré

# CHRONICAS PETROPOLITANAS

# CHEGADA DO IMPERADOR EM 1849

A chegada do Imperador em 1849 proporcionou assumpto para uma pequena noticia assignada por simples inicial, que appareceu no Jornal do Commercio, de terça-feira, 6 de Fevereiro, do referido anno. Nessa noticia, não se notará apenas o caloroso acolhimento dispensado pela população de Petropolis ao seu protector, e que haveria de constituir um acontecimento de todos os annos até ao exilio do soberano, mas interessantes referencias a cousas locaes naquelles primeiros tempos de vida da que teria de ser a Cidade Imperial:

«SS. MM. II. chegarão a Petropolis no dia 2 do corrente pelas 9 horas da manhã. O concurso que foi ao encontro do monarca não era muito numeroso: SS. MM. erão esperados na vespera, e apezar da chuva que cahia então, estava reunida toda a colonia em peso com seus trajes domingueiros para saudar o Imperador e sua augusta familia.

Não chegarão porém SS. MM. II., e como não havia certeza da hora em que virião, no dia seguinte compareceu pouca gente: todavia, se o concurso não foi muito numeroso, o enthusiasmo foi grande. Houve *Te-Deum* na capella ultimamente inaugurada, luminarias, girandolas, fogo de artificio, etc. A alegria reinava em todas as physionomias.

Petropolis cresceu muito do anno passado para cá: as casas parecem surgir da terra como por encanto. S. M. admirou sobretudo a bella rua do Imperador com o hotel suisso que se achava muito augmentado, e as elegantes casas de sobrado em cuja frente correm as limpidas aguas do canal. O hotel particular, situado

n'um lugar mais retirado, e os predios que se lhe avizinhão, merecerão tambem a attenção de S. M. De facto, tudo quanto é obra dos particulares causa espanto em Petropolis, pela rapidez com que se edifica: seja mais uma prova desta asserção o magnifico predio construido em Nassau pelo Sr. Kopke, destinado para um collegio, e que ficará prompto por todo o mez de Junho. E' uma obra magestosa que promette dar lucros ao seu ousado emprehendedor.

E' na verdade para sentir que os melhoramentos coloniaes não acompanhem os dos particulares. As estradas, as pontes, os caminhos coloniaes, parecem em completo abandono. Dizem praguentos que é isto devido ao frio de Petropolis, cuja intensidade é tão grande que alguns empregados não podem sahir da concha antes das 9 horas da manhã; que os pequenos seguem o exemplo dos graúdos, e que por isso pouco ou nada se faz.

Tudo porem vai mudar com a presença do Imperador. Já estão trabalhadores concluindo o canal da rua de D. Maria e de D. Affonso, obras importantes e muito necessarias, pois que promoverão a edificação de novos predios, visto que muitos concessionarios, estão á espera da abertura dessas ruas para construirem nos prazos que lhes forão ali concedidos. Os caminhos coloniaes estão-se concertando. Em summa: tudo renasce sob a influencia vivificadora da presença de S. M., protector da colonia e o seu mais valioso arrimo.

E era tempo. O atrazo do que é trabalho colonial depois da morte do major Julio Frederico Koeler... Mas para que demonstrar o que todos sabem? Quem ha ahi que ignore os serviços do major Koeler?

E qual foi a primeira visita do Imperador em Petropolis? No dia 3, pelas 6 horas da manhã S. M., acom-

panhado somente do Sr. Siqueira, dirigio-se a pé para o tumulo do major Koeler... Tocante homenagem do monarcha aos restos mortaes de um dos seus fieis e leaes servidores.

S.

# COLLEGIO DE PETROPOLIS

No volume II dos Trabalhos da Commissão, tivemos occasião de escrever algumas linhas sobre o Collegio Kopke.

Tendo sido encontradas novas referencias a esse famoso educandario, apressamo-nos em reproduzil-as, reunidas. Assim é que o Collegio Kopke, inaugurado a 1 de Janeiro de 1850, e do qual André Rebouças se orgulhava ter sido alumno numero 5, e ali arguido em mathematica pelo Sr. Dom Pedro II, (1), tambem foi chamado Collegio Petropolis, conforme se verificará em publicações da época.

A noticia da inauguração, e os seus propositos pedagogicos, foram expostos na edição de 12 de Setembro de 1849, do Jornal do Commercio :

«COLLEGIO DE PETROPOLIS

Havendo-se concluido o edificio expressamente construido para este estabelecimento de educação da mocidade masculina, o seu emprezario, abaixo assignado, tem o prazer de annunciar ao publico que a solemne inauguração do collegio terá lugar no dia 1° de Janeiro do anno proximo futuro. Em programmas desta natureza é de praxe, com a enumeração de garantias, expôr o plano do estabelecimento. O publico julgará do que neste sentido contem a seguinte exposição : Na construcção do edificio tratou-se de reunir e conciliar todas as commodidades com as exigencias collegiaes (o que não é facil conseguir-se em casas allugadas) para cem alumnos e cinco preceptores residentes. A elevada

(1) André Rebouças, Diario e notas autobiographicas, Rio, 1938, pg. 328.

posição de Petropolis constitue, em sua bella temperatura e pureza atmospherica uma essencialidade para o maior desenvolvimento physico da mocidade estudiosa, e satisfaz uma exigencia indispensavel ao progresso scientifico, circumstancia que não se dá em todas as localidades, e difficilmente conseguida no Rio de Janeiro, com especialidade durante o estio. O collegio dista vinte minutos de vagaroso passeio do centro da povoação de Petropolis, e prompto alcance de recursos medicinaes. Dentro da chacara nascem duas fontes de bellissima agua. O local é dos mais descobertos da colonia, e no centro de seus mais pittorescos passeios. As exigencias sanitarias forão devidamente attendidas; os dormitorios que são cinco para separação de idades por classes, são salões altos e ventilados por tal modo que só vistos podem ser condignamente apreciados. As camas estão separadas umas das outras por 4 palmos em volta inteira de cada uma. Contiguo a cada dormitorio, e com postigo ou vigia na parede, acha-se um quarto pertencente ao preceptor residente, encarregado da disciplina de cada classe; O *toilette* contem 70 bacias, com torneira cada uma para agua illimitada; e no mesmo lugar cada alumno terá a sua roupa branca, escovas, pente, etc., em gaveta exclusivamente sua. As aulas são espaçosas e em numero correspondente á classificação dos estudos. Sem contar a sala commum ao director e mais preceptores para seu descanso e reunião, ha um gabinete de leitura onde estará um delles durante as horas de recreio. Para recreação durante o tempo de chuva fez-se um grande salão ou columnata em que os exercicios gymnasticos terão lugar. Destinou-se uma sala expressamente para banhos mornos, e lavapés; outra para mudança diaria e limpeza do calçado.

Um ribeirão passa em frente da chacara, proprio

para banhos no verão, cuja agua só dá pela cintura. A viagem entre a Côrte e Petropolis, que hoje se faz em menos de 7 horas, é mais um passeio aprazivel do que uma tarefa fatigante e dispendiosa para os paes, cuja solicitude possa induzil-os a visitar frequentemente seus filhos, afim de assegurarem-se do progresso de sua educação.

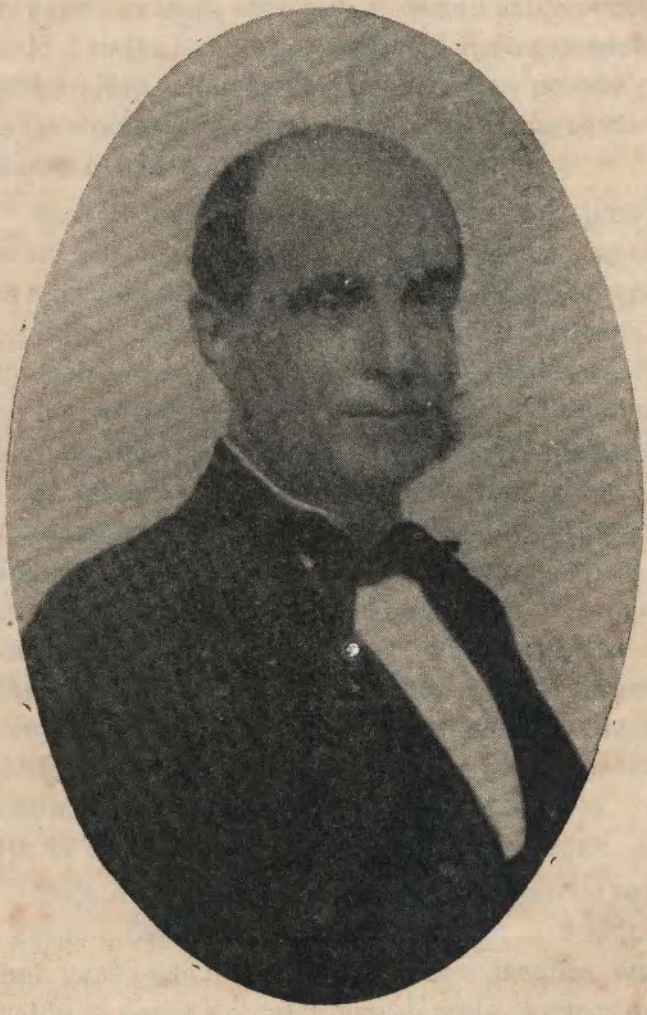
1° *A mais discreta vigilancia a respeito das tendencias moraes dos educandos.*

2° *Ensino solido e methodico.*

Pelo que respeita á primeira parte, o emprezario tem como condição indispensavel a mais rigorosa observancia dos preceitos religiosos da nossa crença catholica romana, e, como medida preventiva, subtrahir os educandos tanto quanto for possivel do contacto com domesticos ou com extranhos cuja moralidade e costumes não forem bem experimentados: neste sentido foram tomadas as necessarias precauções na construcção do edificio, e o emprezario está resolvido a não admittir a frequencia de alumnos *externos* receioso que ella possa perturbar o plano do collegio e as suas vistas a respeito da educação moral dos alumnos. Entra no risco do collegio a addição de uma capella, assim como se projecta a acquisição de um sacerdote para residir e encarregar-se da instrucção e exercicios religiosos do estabelecimento. Quanto á segunda parte, o emprezario, compenetrado da sua importancia, está decidido a não poupar sacrificio algum para adquirir e conservar preceptores que, tanto por suas habilitações scientificas, como pelas moraes, sejão a dupla garantia do progresso da empreza, e do exito de suas intenções de utilidade publica em que o seu amor proprio está empenhado. O emprezario não se impõe o preceito de seguir este ou aquellc systema de ensino, reservando-se preferir o que a experiencia indi-

car como o mais adequado e eficaz. Excusado é ennumerar as materias de ensino que o collegio abrange; bastará dizer que são todas as que constituem uma *educação* verdadeiramente scientifica e fundada na accepção mais ampla deste termo na época em que vivemos, e, alem disto, os preparatorios para as academias do Imperio. Haverá particular esmero no ensino da lingua vernacula, e pelo que toca a linguas estranhas, a obrigação do respectivo professor de praticar tanto em classe como fóra delia, na lingua de cujo ensino estiver encarregado, facilitará aos educandos o conhecimento e pronuncia das que apprenderem. Os discipulos que se destinarem ao commercio terão de frequentar o curso scientifico e de adquirir o conhecimento pratico das operações e das formulas mais correctas que estão em uso no commercio, escripturação, correspondencia, etc.

Em todos os trimestres os paes ou correspondentes receberão informação imparcial e circumstanciada do progresso, capacidade intellectual, indole e comportamento de seus filhos ou recommendados. Os unicos meios de correcção serão o estimulo e o appello á razão do alumno, que lhe desperte a convição de sua culpabilidade, e o faça compenetrar da necessidade de emenda. O correio entre Petropolis e a Côrte é diario, sendo as cartas entregues no dia immediato da partida. Para evitar ciume e rivalidade entre os alumnos, se adoptará uniformidade de vestuario, que será designado em nota especial, bem como a roupa e mais objectos com que cada um deve entrar no collegio. Na entrada, e por uma vez somente, pagará o alumno (qualquer que seja o tempo de permanencia no collegio) Rs. 20$000 para a cama e outros arranjos miudos; e a pensão de cada alumno será de 40$000 mensaes, pagos adiantados no começo de cada trimestre. Esta contribuição inclue todo o ensino



*Henrique Kopke*, director-fundador do Collegio de Petropolis

acima referido, lavagem e concerto de roupa, calçado novo e concerto, fornecimento de toda a roupa branca domestica, botica de casa, livros de estudos de todas as classes, e da instrucção recreativa, mappas, globos, papel, pennas, etc., etc. Sendo unicamente exceptuado a roupa do corpo, medico e o que despender de botica de fóra. Não se fará desconto na pensão por ausencias voluntarias, exceptuando-se os casos de enfermidades tratados fóra do estabelecimento.

Quando os precedentes do abaixo-assignado não possam ser uma garantia de seu sincero empenho no bom successo da empreza, o avultado capital empregado em edificio, que por suas disposições internas, assim como pela sua localidade, não póde ter outra applicação, será sem duvida bastante para conhecer o publico illustrado que não se trata de uma empreza ephemera ou de uma ignobil especulação. São grandes por certo as difficuldades com que o emprezario tem de lutar para attingir a realização de seu proposito, mas sua perseverança e dedicação alguma coisa hão de conseguir: ao menos elle assim o espera. As pessoas de fóra da cidade do Rio de Janeiro que não tiverem informações da reputação do abaixo-assignado, poderão alcançal-as por via dos seus correspondentes na Côrte, do Illmo. Sr. Joaquim Pereira de Faria, rua dos Pescadores. Petropolis, 27 de Agosto de 1849. Guilherme Kopke.

Nota do vestuario com que o alumno deve entrar, no corpo e em caixa de folha, a saber: — 2 jaquetas de panno verde-escuro, 2 colletes de casemira amarello-esvaido, 2 pares de calça azul-ferrete, 3 pares de sapatos fortes, 2 chapeus do Chili, 2 lenços de seda preta para pescoço, 4 lenços de seda para algibeira, 4 pares de

calça de brim escuro, 12 camisas peito liso, 12 pares de meias, 1 escova para cabeça, 2 pentes e 1 escova para os dentes.

N. B. — O emprezario do collegio irá ao Rio de Janeiro de 15 em 15 dias até a época da sua abertura; as pessoas que desejarem falar com elle farão favor de deixarem aviso, *em carta fechada,* no hotel particular do Sr. Johnston, caminho novo do Botafogo n. 12, ou na pharmacia do Sr. Sanford, rua do Ouvidor n. 50, para serem procuradas á chegada do annunciante á côrte.»

E' sabido que o signatario dessa exposição e constructor do edificio, cuja gravura, tambem de sua autoria vae reproduzida neste volume, o engenheiro Guilherme Kopke, entregou a direcção do estabelecimento a seu irmão Henrique Kopke, que falaria do Collegio na edição de 30 de Dezembro de 1852, do Jornal do Commercio:

«*PUBLICAÇÕES A PEDIDO*

COLLEGIO KOPKE, DE PETROPOLIS

Copia do officio e relatorio que em cumprimento da lei ao Illmo. Sr. Dr. José Caetano de Andrade Pinto, inspector da comarca, dirigio o director deste estabelecimento.

Illmo. Sr. — Em conformidade com o que dispõe o artigo 9 do regulamento de 14 de Dezembro de 1849 para a instrucção secundaria desta provincia, levo ao conhecimento de V. S. que este estabelecimento continua na sua não interrompida marcha de progresso e adiantamento. Já informei a V. S. no principio deste anno que no de 1851 tinha este estabelecimento 55 alumnos, e que ao tempo em que dei a V. S. essa informação contava

eu existentes nelle e frequentando seus estudos 68, todos internos e pensionistas. Agora, no fim do anno, tenho com matricula effectiva 70, dos quaes 66 existem no estabelecimento e 4 estão ausentes com participação de que vêm continuar seus estudos no principio do anno proximo. Nada ha que mais me tenha animado nos incessantes esforços e continuados sacrificios de avultadissimas despezas com que tenho procurado tornar este estabelecimento digno de confiança do publico, como a maneira com que o mesmo publico tem desprezado todas quantas machinações e malevolos esforços se tem colligado para me desalentar na sincera empreza a que me tenho dedicado, e me tem continuado com a sua confiança para a educação da mocidade. O juizo imparcial do publico e a realidade dos factores que apresento, e que V. S. e todos podem pessoalmente inspeccionar, são a unica egide que tomei e me tem posto a coberto dos ataques da inveja e maledicencia de meus adversarios.

Entre as machinações e planos insidiosos postos em pratica contra este estabelecimento por alguns dos empregados que delle sahirão, e que por despeito seu ou serviço alheio tem procurado, mas debalde, empecer-me no andamento desta empreza, tem sido a principal o fazer lavrar entre a classe das pessoas que se propõem ao magisterio o preconceito de que nenhuma estabilidade e permanencia lhes podião garantir os contractos feitos commigo; só a fim de que assim prevenidos se recusassem a vir preencher as vagas occasionadas pela sua sahida; mas, máo grado seu, um contrario effeito, e de muita vantagem para o estabelecimento, produzirão aquellas machinações e planos insidiosos; porque em lugar de continuarem a concorrer para taes vagas pessoas mal qualificadas para o desempenho de suas

respectivas obrigações na ardua tarefa para a qual procuro a coadjuvação das habilidades, tem-se aquellas arredado do concurso, desconfiadas de sua propria inhabilidade, poupando-me a repetição de errados e não merecidos conceitos e mallogradas esperanças; e tem feito concorrer sómente as habilidades, de merito e dedicação, e que com a consciencia de suas proprias qualificações e com a necessaria conformidade de sua opinião com a minha, a respeito da direcção deste estabelecimento, da inspecção dos alumnos, e dos meios disciplinares que emprego para sua moralidade e applicação, tem repellido com a dignidade propria de homens illustrados insinuações tão perfidas.

E' por isso que no decurso de todo este anno sahirão sómente tres pessoas encarregadas do ensino de algumas materias secundarias na ordem de sua importancia, e se achão actualmente no ensino das differentes materias que se apprendem neste estabelecimento como professores os Illmos. Srs.:

B. J. Falleti, de latim, philosophia e rhetorica;
Dr. Touzet, de francez, historia e geographia;
Francisco Eduardo de Paula Aroeira, de mathematicas elementares;
J. A. de Mattos, de inglez, francez e geographia;
J. Boggis, de inglez, allemão e desenho;
I. Marciano de Carvalho, de instrucção primaria;
B. de Breitenbauch, de musica, piano e esgrima;
P. F. Dugour, de francez, geographia e calligraphia;
A. D. Vergnes, de francez, historia e geograhia.

Continuo com o systema de ensino que até agora tenho seguido, dividindo os alumnos de cada classe de estudos em pequenos grupos ou turmas de igual gráo de intelligencia e adiantamento. O professor dá licção individualmente a cada um dos alumnos destes pequenos



Collegio de Petropolis

(Objets de Pérouse)

grupos. E' sem duvida necessario por este systema o emprego de mais tempo de ensino da parte de todos os professores, e mais aturada paciencia e sincera dedicação para o magisterio; mas tenho encontrado nelles a mais louvavel e voluntaria cooperação, tanto para aquelle systema como para o que emprego na inspecção e disciplina dos alumnos. Do quanto puderão os esforços por mim empregados, e o systema de ensino, de inspecção e disciplina seguido neste estabelecimento ter conseguido para se realizar a expectação das pessoas que me tem encarregado da educação de seus filhos ou recommendados, não sou o juiz competente para o decidir por ser causa propria; tenho a consciencia de ter empregado os meus maiores e melhores esforços para que ella se realize; tenho a certeza de que os professores e empregados deste estabelecimento me segundam tambem com o melhor dos seus para o mesmo fim; é tamanho o sacrificio que todos fazemos de nossos commodos, que conto com certo e seguro resultado; e se devo ao publico favor e protecção na continuação de sua confiança para a educação da mocidade, tambem tenho o nobre desvanecimento de me julgar credor delle.

Deos guarde V. S. muitos annos.

Petropolis, 18 de Dezembro de 1852 — Illmo. Sr. Dr. José Caetano de Andrade Pinto, dignissimo inspector da instrucção secundaria da comarca. — Henrique Kopke, director do Collegio de Petropolis.»

E o Collegio Kopke, mereceria as seguintes linhas de José de Alencar: «Assim, o que se nota logo neste estabelecimento é o asseio, a limpeza, a claridade dos aposentos, a facilidade com que o ar se renova nos dormitorios, e finalmente as côres sadias, o vigor, a bôa disposição que mostram os

collegiaes. A par disto a regularidade dos trabalhos, a acertada divisão das classes e a vigilancia activa do director, tornam este Collegio muito util para a educação, não só dos meninos filhos da côrte, como daquelles que vêem das provincias e que por conseguinte ainda mais necessitam do clima saudavel de Petropolis.

No estudo das primeiras letras, o Sr. Kopke adoptou o methodo do ensino repentino com algumas modificações, e tem tirado delle grandes vantagens. Nos outros ramos, os seus alumnos apresentam igualmente muitos progressos; e quando observamos que apezar do adiantamento geral dos alumnos, eram justamente os meninos de menor idade os que respondiam com mais acerto e maior segurança, confirmamo-nos na idéa de que isto era devido ao systema de estudo seguido pelo director.» (1)

(1) Ao correr da penna pelo Conselheiro José de Alencar, publicado com permissão do Autor por José Maria Vaz Pinto Coelho, Rio, 1874, pg. 101.

# UMA VISITA NO ANNO DE 1852

A mulher, naquelles tempos do Imperio em que o bello sexo dedicava-se primordialmente aos mistéres domesticos, já tinha na Côrte o seu orgão de imprensa, e deixou-nos pequenina quanto apreciavel noticia de Petropolis. O *Jornal das Senhoras,* de domingo, 25 de Abril de 1852, em *Chronica da Semana*, publicava estas linhas :

«Principio participando-vos, benevolas leitoras, que fui á Petropolis, pela primeira vez, e fiquei encantada ! Nunca vi lugar do Rio de Janeiro que mais me agradasse, mais lindo, mais cheio de novidades tão encantadoras ! Estive apenas 48 horas, fui no sabbado e voltei na segunda-feira passada. Mas, oh meu Deus, como passei eu essas 48 horas ! Não sei ! Pernoitei entre as familias hospedadas no *hotel Suisso*, uma noite fria e agradavel, amanheci sob um clima europeo embalsamado pelos odores de uma vegetação frondosa e bella, rodeada de verdes montanhas guarnecidas de centenas de casinhas alvas como um jasmin, aspirei os alentos de uma vida toda nova, gradualmente me senti alegre e robusta, e a minha primeira idéa foi escrever estas linhas antes do almoço, depois que voltei de um delicioso passeio pelo *Palatinato.*

Voavão as horas. Acabado o almoço, fiz novo *toilette* e fui á solemne festa de S. Pedro de Alcantara, á qual assistirão SS. MM. II. e immensa gente do logar, depois ver desfilar todo aquelle povo — côrte, roceiros e colonos — os cumprimentos de uns, as mesuras de outros, as perguntas, as respostas ; dahi a pouco o abundante e appetitoso jantar do

*hotel Suisso*, as saudes, os brindes, a conversação espirituosa, os ditos agudos á sobremesa; a alegre e festiva tarde passada entre mil distracções; á noite um explendido baile onde afluiu tudo o que de melhor havia em Petropolis, e acabou ás 3 horas; no dia seguinte a viagem de caleça pela magnifica estrada da Serra (ai! segredo... que o não saibão as estradas do Engenho Velho, Larangeiras, Cajú e mais familia.) E a parada que se faz na casa do Sr. Coronel Albino! oh, que chiste que elle tem tão particular! Emfim, tudo isto, benevolas leitoras, succedendo-se sempre com novidade até pôr o pé na barca que nos devia coduzir para a côrte, faz a gente perguntar a si mesmo — Como passei eu 48 horas em Petropolis!»



Retrato a oleo de *Pedro II*, trabalho de Fragozo, inaugurado na Camara Municipal a 17 de Junho de 1859

# OS IRMÃOS ROCHA FRAGOZO

A familia Rocha Fragozo, cuja residencia era situada á rua do Mordomo n. 12 (hoje rua Paulo Barbosa, velho predio ainda existente onde foi em nossos dias Agencia do Correio) adquiriu fóros de familia tradicional em nossa cidade. Della destacaram-se os irmãos Augusto e Joaquim Rocha Fragoso, o primeiro, homem publico, e o segundo, pintor.

Augusto fez logo parte da primeira Camara Municipal de Petropolis. Quando a povoação de Petropolis conquistou a sua autonomia pelo privilegio de cidade, a Camara Municipal installava-se a 17 de Junho de 1859 na casa que fôra até então residencia da familia Rocha Fragozo, e Augusto figurava entre os primeiros vereadores de Petropolis. E durante trinta e um annos, até sua mórte occorrida em Paquetá a 18 de Novembro de 1890, haveria de ser um constante e operoso amigo de sua cidade, participando de numerosas e uteis iniciativas de interesse publico. Sua inteireza de caracter seria logo definida nesse mesmo anno de 1859, quando iniciava a vida publica, e na 4a. sessão da Camara, a 24 de Agosto. Um seu collega, incumbido que fôra de indagar as condições com que as typographias locaes fariam a publicidade dos trabalhos da Camara, informou que tendo-se dirigido inicialmente ao *Mercantil*, deixara de ouvir os demais uma vez ter este offerecido serviço gratuito e ainda o compromisso de não criticar a Camara e mesmo os Vereadores, individualmente. Contra essa proposta, protestou logo Augusto da Rocha Fragozo, por julgar a gratuidade contraria aos interesses geraes, e não concordar com a cobertura de critica aos actos dos vereadores, tudo isso, concluiu elle, «*a bem da propria dignidade da Camara*».

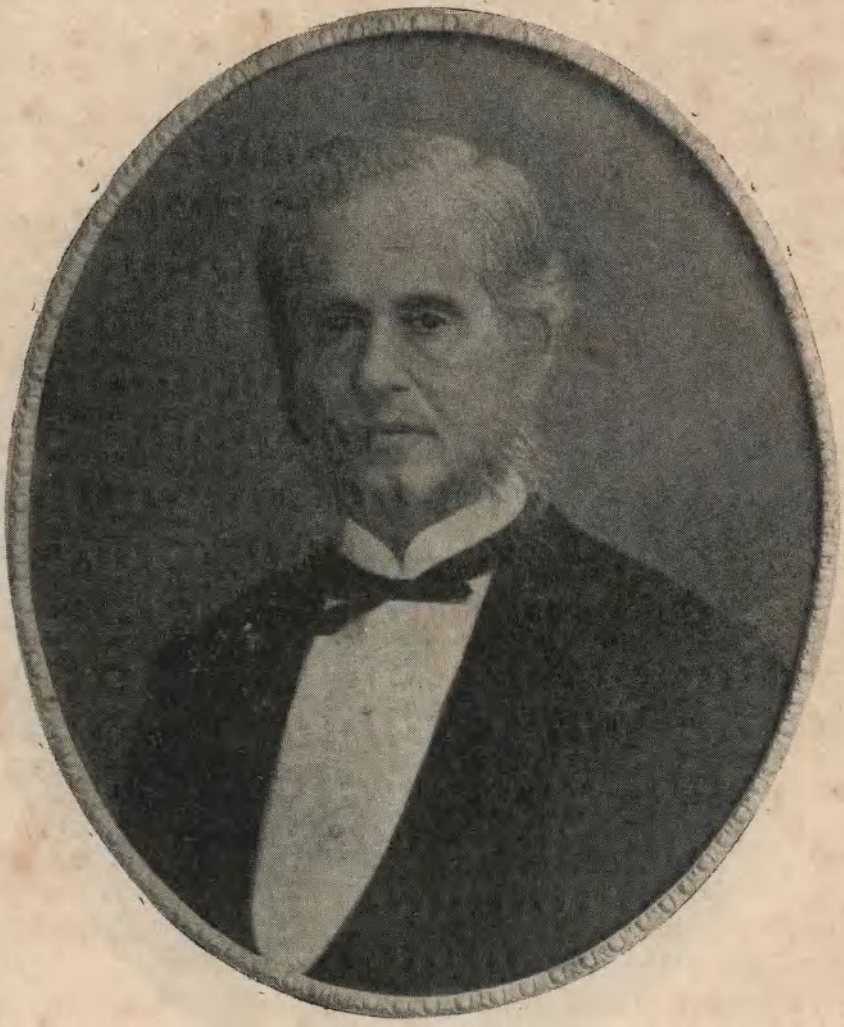
Augusto foi vereador até 1888, anno em que propoz na

Camara fossem levantados em praça publica os bustos dos fundadores de Petropolis. Sua participação em todas as iniciativas de proveito para a cidade, foi como dissemos, abundante e efficaz. Fez parte da Commissão organisadora da 1a. Exposição Horticola de Petropolis sendo elle proprio um dos premiados nessa porfia, por um jury composto do barão de Cattete, Ladisláo Netto e o famoso botanico Glaziou. Nesse mesmo anno, Augusto compunha a commissão creadora e era eleito 1° secretario do *Jockey Club de Petropolis*, primeira das varias entidades do genero que a cidade possuiu. Em 1881, Augusto offerecia-se para arborizar á sua custa a Praça D. Pedro e no anno seguinte figurava entre os primeiros offertantes de livros para a bibliotheca creada no Hospital Santa Thereza.

Em 1884, encontrava-se ainda Augusto entre a commissão destinada a promover fundos para a «Associação Protectora da Infancia Desamparada», e nessa mesma época, Augusto, como concessionario dos serviços de conserva da Estrada União e Industria, protesta, em memorial, contra o pedido da Companhia Principe do Grão Pará para collocar trilhos no leito da União e Industria, facto que desgraçadamente se realizou, e constituiu impecilho tão grande ao transito dessa grande rodovia que o Departamento Federal de Estradas de Rodagem se viu na contingencia de mandar fazer uma enorme variante pela margem direita do Piabanha, de Areal a Alberto Torres.

Foram esses, em linhas geraes, os serviços de Augusto da Rocha Fragozo á sua cidade, o bastante para o caracterisarem como um prestante cidadão de Petropolis.

Seu irmão, Joaquim, foi um grande pintor, sobretudo retratista. O quadro a oleo, representando o Imperador Dom Pedro II em trajes civis, e existente no salão nobre da Prefeitura, é obra sua, e tem uma significação especial. Foi collocado sobre a cadeira do Presidente da Camara Municipal,



*O Veador José Ferreira Porto*, pintado por Fragozo





*D. Eugenia Marcondes de Jobim Porto,* esposa do Veador e filha do Conselheiro Jobim, pintada por Fragozo

inaugurando-se ali no mesmo dia em que pela primeira vez se reunia o orgão administrativo da autonomia local, a 17 de Junho de 1859, como expressiva homenagem ao patrono e protector de Petropolis. E por signal que pode-se saber o preço desse trabalho pelo requerimento que era lido na sessão da Camara de 1 de Maio de 1860, pedindo o pagamento de 250$000, nelle incluindo o preço da moldura...

E' tambem de sua autoria, o bello retrato a oleo do major Julio Frederico Koeler, existente no salão da Prefeitura, assim como o Duque de Caxias e o General Osorio foram por elle reproduzidos em téla.

Muita gente do Segundo Reinado teve seus retratos pintados por Joaquim da Rocha Fragozo. Noticiou a imprensa local que a 12 de Março de 1883, Sua Magestade o Imperador honrára com a sua presença o atelier do commendador Rocha Fragozo á rua Paulo Barbosa, onde se achava o retrato a oleo do Veador José Ferreira Porto, ultimamente acabado por esse distincto artista, retrato depois exposto no Hotel de Bragança.

A 1 de Julho de 1893 fallecia em Roma o pintor petropolitano que dez vezes visitára a Italia, deixando um nome conceituado entre os artistas nacionaes, sendo ainda mencionado pela critica, entre os seus melhores trabalhos, uma cabeça de mulher.

# HOTEL DE BRAGANÇA

O Hotel de Bragança, inaugurado á rua do Imperador em 1848, e que teria uma gloriosa existencia de setenta e sete annos, póde-se dizer que resume as mais bellas paginas da vida de Petropolis durante todo esse tempo. Effectivamente, a esse hotel comparecia a Familia Imperial, o corpo diplomatico e toda a sociedade de verão para assistirem a concertos, companhias de theatro e grandes bailes. Os hospedes ali encontravam as melhores acommodações da época. Basta assignalar-se a menção feita ainda em 1884: «Os hoteis de Petropolis são todos elles excellentes e em condições de asseio superiores aos da capital do Imperio» (1). Não é entretanto nosso proposito, traçar desta feita a seductora historia do Hotel de Bragança, mas tão sómente reproduzir uma chronica-reclame sobre elle apparecida na edição de 4 de Dezembro de 1853, no Correio Mercantil do Rio de Janeiro, sob o titulo «PETROPOLIS». Eil-a:

> «Meio adoentado, e cheio de saudades da bella Petropolis, donde regressamos, começamos este artigo enfardando o que fôr trazendo o bico da penna, não podendo deixar de tratar do hotel que habitamos, não só pela amabilidade de Mme. Charbonière, proprietaria do Hotel de Bragança, como pela vastidão e commodidade do edificio, que offerece ao viajante um viver confortavel por preço tão commodo, quanto é possivel em relação á carestia de todos os generos. O Hotel, situado no mais bello quarteirão da cidade, contem quartos espaçosos

(1) Guia do Viajante no Rio de Janeiro, A. do Valle Cabral, Rio, 1884.

com janellas para a frente da rua, muito asseiados e ricamente mobiliados, mesa abundante, variada e servida por cozinheiros francezes mestres de sua arte, que sabem combinar a simplicidade da cozinha de sua nação ao picante da brasileira, de maneira a agradar ao paladar da maior parte de seus visitantes, em geral Brasileiros, Portuguezes, Francezes e Inglezes. A docilidade dos criados, todos brancos, a presteza, fidelidade e boa vontade com que fazem todo o serviço da casa e particular, chamão a attenção do viajante, que por momentos parece transportado a um desses hoteis da Europa, onde o locatario só se importa comsigo, deixando ao patrão os cuidados de sua mala e trem, que lhe veem ter ao quarto sem o menor incommodo ou lesão. E' assim que entregue o trem do visitante, na rua do Ouvidor, casa da Espingarda Gigantesca, Mme. Sigaud se incumbe do trabalho de o fazer transportar á Estrella e dahi ao hotel, antes mesmo que o passageiro lá chegue, se elle é um pouco madraço. Chegado ao estabelecimento, o que tem lugar ás 5 horas da tarde attenta a hora da partida da Estrella, encontra elle um bom banho, se quer; refrescos, espiritos, se prefere; e um jantar confortavel em poucos minutos, se deseja, adubado com boa companhia, que quasi sempre ali se encontra o que ha de melhor na nossa sociedade; e ultimamente magnifica cama se quer dormir, ou bons cavallos e carro se quer passeiar; para os que ali estão de bôa vida, tem mais os jornaes da côrte no mesmo dia, para se porem ao corrente das noticias tão facilmente quanto lhes pode dar o *Correio Mercantil* nos seus — Factos diversos — ou o Carijó na Pacotilha, ali muito lida e apreciada. Os amadores de bilhar e bagatella podem tambem matar o seu tempo divertidamente, e aquelles que preferem puxar a orelha á sotta, encontram cartas, tentos, e par-



*Hotel de Bragança*, desenho a lapis de Otto Reimarus, em 1854



ceiros para o voltarete o outros jogos, que innocentes como estes, divertem sem entisicar as algibeiras; e para completar o catallogo dos meios de distração que offerece o estabelecimento resta apenas dizer que se encontra ali em um vasto salão, mobiliado com gosto, um magnifico piano para as senhoras se distrairem, sendo bem illuminado ás noites, assim como é toda a casa.

Aos domingos ha ali sempre baile dado aos Allemães, em uma grande sala e espaçosa illumiuada por arandelas, 5 lustres e bôa orchestra, ao qual assistem os locatarios, sendo este um divertimento que attrahe muita gente e que acaba sempre em boa ordem, ao qual todavia o Carijó não assistiu, pelo seu dever e devoção de dar sempre á agulha. Se, pois, é um facto já averiguado e decidido pelos mestres da arte, que a habitação no alto das serras, cura tuberculosos, lazaros, erysipelatosos, surdos, mudos, cegos, aleijados, estropiados, opilados, inchados, magros, gordos e especialmente sesões aos defunctos, lembraremos a conveniencia de se passar a festa neste ponto da provincia, tão proximo da capital, e onde se encontrão todos os gozos da vida, mais do que em parte alguma, e este caso não pode o Carijó deixar de inculcar aos freguezes o hotel de Bragança de Mme. Charbonière, e sobre tudo o aposento em que morou, n. 159, com frente para a rua e para o jardim. Basta de hotel; agora com a devida venia e reverencia devida ao sexo amavel, o Carijó observa que nada ali falta para o completo toilete do madamismo e pelos mesmos preços do Rio de Janeiro, se encontra em Petropolis tudo quanto se poderia desejar da rua do Ouvidor, em objectos de fantasia, de luxo e modas, recommendando com especialidade a casa de Mme. Puzels situada ao rez do hotel de Bragança, em cuja loja se encontra o mais variado sortimento de Paris, e do melhor e mais moderno

gosto possivel, sobretudo capas de lindos padrões, musselina, lingerie, coifure, flores, fitas, camisões, col e bandes — broderie anglaise, vesite, mantellete, perfumarie, etc., etc., emfim nada falta, absolutamente nada; encontrando-se tudo quanto possa desejar uma perfeita coquet não esquecendo mencionar as insignes costureiras, as quaes rivalisão com Mme. Barát em gosto e talho dos vestidos; e tudo e tanta cousa por pouco mais de 30 rs! Ora, se a tudo isto ainda se ajuntar que se encontra agora em Petropolis a mais luzida companhia de tudo quanto temos de melhor em sciencia, dinheiro e artes, se verá, que com razão o velho Carijó deixou o seu aposento do hotel de Bragança n. 159, cheio de saudades e só arrastado pelo invencivel desejo de cumprir seus deveres, de dar á agulha sem cessar, promettendo comtudo voltar logo que a Pacotilha esteja feita, ainda que vá habitar em quarto de numero inferior.»




**Projecto da *Matriz de Fetropolis* feito pelo engenheiro italiano Federico Roncetti, em 1877**

# A MATRIZ

A matriz de que vamos tratar, não é a primitiva, levantada em caracter modesto e provisorio, na então rua da Imperatriz, e hoje já demolida, mas da Matriz nova.

Longos annos levou esta obra, ainda não definitivamente concluida, pois falta-lhe a torre, para chegar ao ponto em que se acha. Os trabalhos, começados nos ultimos tempos da Monarchia e por iniciativa grandiosa da Familia Imperial, ficaram interrompidos nos alicerces e primeira porção das paredes em alvenaria de granito, com o advento da Republica, e só depois de muito tempo tiveram o proseguimento que viria collocar a obra na situação actual.

O lançamento da pedra fundamental, assumiu o caracter de um facto extraordinario. No local escolhido, terreno doado por Sua Magestade, depois conhecido por Morro da Igreja e na época denominado Belvedere São Pedro de Alcantara, realizou-se a ceremonia no dia 12 de Março de 1876. A's 8 horas da manhã, com assistencia do Imperador e Principes, teve lugar o acto. Depois de assignado o respectivo auto e depositado em uma caixa de madeira com os jornaes publicados na Côrte e Provincia, bem como os exemplares de todas as moedas de ouro, prata e cobre cunhadas no Imperio, Dom Pedro II fechou a referida caixa, que foi collocada dentro da pedra, e entregou as chaves ao presidente da Camara Municipal, para ser archivada. Foi feita a sagração do terreno, e celebrada a primeira missa em um pavilhão preparado. Os actos religiosos foram celebrados por monsenhor Luiz Bruschetti, coadjuvado pelos padres vigario Nicoláo Germain e Theodoro Esch. Assistiram tambem, á solennidade os Ministros de Estado da Fazenda, Justiça e Imperio, os Presidentes

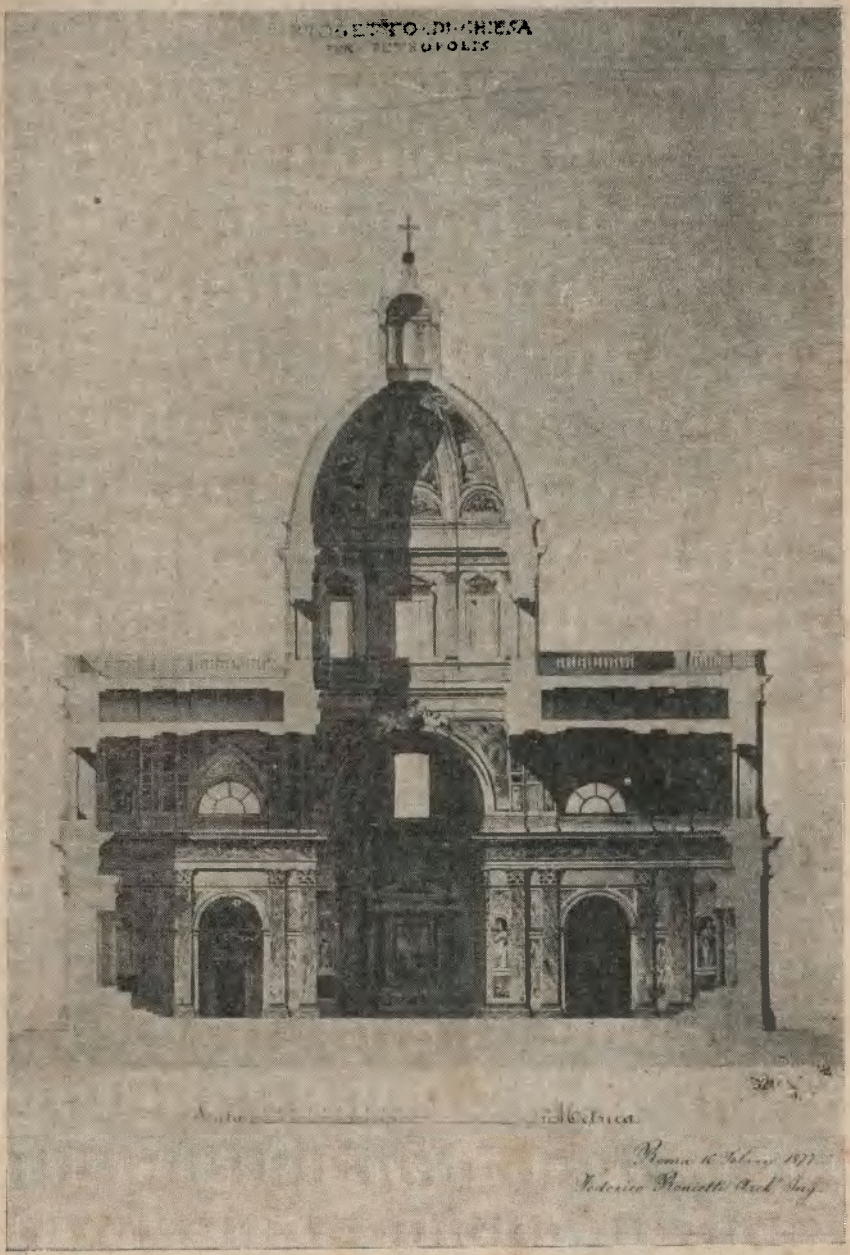
da Provincia e Camara Municipal, a Irmandade do S.S. Sacramento, autoridades civis e militares, alguns titulares nacionaes e estrangeiros, grande numero de familias e cavalheiros. Duas bandas de musica abrilhantavam a festa.

Por determinação do Presidente da Camara, Paulino Affonso, foi organizado um gazometro no Passeio Publico (Palacio de Crystal) e na noite desse dia, em regosijo pelo acontecimento foram illuminadas a gaz as margens do rio Quitandinha nas ruas da Imperatriz (7 de Setembro), D. Maria II (Tiradentes) e Dom Affonso (avenida Koeler), e foram collocados copinhos em todo o terreno onde se ia construir a nova Matriz. Houve ainda dansas no Passeio Publico, ao ar livre, sobre tapetes postos no sólo.

O primeiro projecto para essa construcção, foi pedido a um architecto italiano, e estaria prompto a menos de um anno da data em que foi collocada a pedra fundamental. Assim é que fomos encontrar na secção de gravuras da Bibliotheca Nacional o desenho de um lindo plano, em estylo romano, com os seguintes dizeres: *Progetto - di - Chiesa per Petropolis. Roma, 16 Febraio 1877. Federico Roncetti Arch.° Ing.*

Não sabemos a razão por que, esse bello projecto, provavelmente encommendado pelo proprio Dom Pedro II, não foi o preferido. Assim sendo, quasi seis annos depois, a 19 de Outubro de 1882, o Presidente da Provincia Gavião Peixoto, encarregava o engenheiro Francisco Caminhoá de apresentar um projecto para construcção da Matriz, *que deveria ser de estylo gothico.* Este projecto, foi entregue no dia 19 de Fevereiro de 1883, e approvado, com orçamento approximado de 1.000:000$000.

A 11 de Março de 1883 vinha a Petropolis, hospedando-se no Hotel Orleans, o Presidente da Provincia, para examinar as obras preparatorias da Matriz, bem como outras que corriam por conta dos cofres provinciaes. E a 16 de Julho do mesmo anno, o engenheiro Caminhoá presenciava a execução



Córte do projecto de Roncetti



O tumulo dos *Imperadores* e o quadro de Carlos Oswaldo representando a *A Partida para o Exilio*, existente na Matriz de Petropolis.

de seu projecto. A 2 de Janeiro de 1884 o Imperador visitava as obras, aconselhando o augmento de numero dos operarios.

A Familia Imperial, que tivera a iniciativa da construcção da Matriz, não esquecia de promover recursos para a persecução desta apreciavel obra de fé e arte. A 24 de Fevereiro de 1889, nos derradeiros mezes de estadia no Brasil, Sua Alteza a Princeza Imperial dava inicio, sob sua protecção, ás grandes festas que durariam nove dias, constando delias uma kermesse, que se realizou no Hotel de Bragança, onde tambem houve dansas e concertos, quadros vivos, monólogos e cançonetas, sendo os quadros enscenados pelo artista Bernardelli. No dia 3 de Março, effectuou-se esplendida batalha de flôres na rua do Imperador, e nos dias 4 e 5, respectivamente, grande baile com *cotillon*, e baile infantil. Só a kermesse, rendeu 25:242$085.

Os restos do ultimo casal de Imperadores do Brasil, repousam assim no templo que foi uma longa cogitação da Familia Imperial.



Palacio da Princeza

# PALACIO DA PRINCEZA

Os Condes d'Eu, a 21 de Abril de 1876, adquiriam do Commendador Rodrigo Delfim Pereira, o predio situado na esquina do avenida Koeler (então rua de Dom Affonso) com o Largo da Princeza. O primeiro foreiro desse prazo, n. 215, a 20 de Março de 1849, foi Antonio Nicoláo Tolentino, que seria Presidente da Provincia em 1856. O segundo proprietario foi José Pedro da Motta Saião, e o terceiro o Barão do Pilar, succedido a 7 de Março de 1873 por Delfim Pereira.

Os Condes d'Eu fizeram da propriedade o Palacio da Princeza. Estes, ampliaram o prédio, construindo o sobrado lateral. Nesse Palacio, foram famosas as reuniões de sociedade que se realizaram, promovendo os principes, em taes occasiões, excellentes concertos, no seu salão de musica, onde se fizeram ouvir grandes artistas, entre elles Arthur Napoleão. Todas as quintas-feiras, o Palacio recebia a visita intima do Imperador, que reservava essas tardes para participar do jantar da Princeza.

Nesse Palacio tiveram os Principes memoravel recepção, quando regressaram a Petropolis depois de quatro mezes de viagem pelo interior do paiz. A 14 de Fevereiro de 1885 eram elles aguardados na Estrada União e Industria, em Cascatinha, pelos Imperadores e commissão de festejos, de que faziam parte, entre outros, o barão da Penha, o visconde de Garcez, o barão de Ipanema, Pandiá Calogeras, Carlos Spangenberg, Guilherme Eppinghaus, Antonio Pereira Campos, José Teixeira de Azevedo, José Kallembach, Placido Viard, Domingos Manoel Dias, o presidente da Camara Henrique Kopke, Valle de Almeida e Bartholomeu Sudré. Na

rua de D. Izabel (hoje 13 de Maio) havia grande arco de triumpho. A' noite, duas mil pessoas realizaram *marche aux flambeaux* em desfile ás portas do Palacio, achando-se engalanadas as casas dos srs. barão do Cattete, Motta Maia, barão de Quartin, commendador Raythe, José M. Frias, conde da Estrella, conselheiro Saboia, e os Hoteis Orleans, Grão Pará e Bragança. Houve baile popular no Salão Floresta, honrado com a presença da Familia Imperial, tendo Suas Altezas tomado parte nas dansas.

As bandas de musica da fabrica de Cascatinha, da Casa Imperial e do Corpo Policial da Provincia participaram dos festejos, bem como o Presidente do Conselho de Ministros e o Presidente da Provincia.

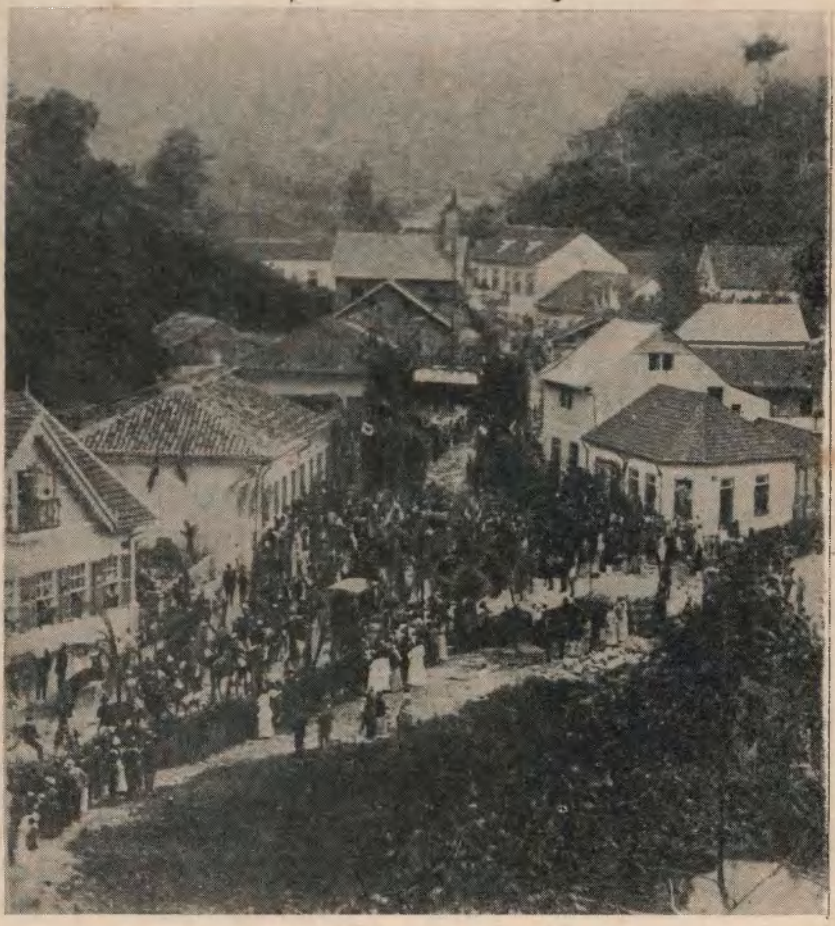
No dia seguinte, houve ainda Te-Deum e fógos de artificio na praça fronteira ao Palacio da Princeza, calculando o *Mercantil* em dez mil, o numero de pessoas que festejaram a chegada dos Principes.

Os fundos obtidos, attingiram á somma de 7:738$000, e o barão de Ipanema, discriminando a despeza, pela imprensa, registou, entre outras, 671$000 de bandeiras, a Leite Guimarães & Cia., 2:040$000 de fógos, a Manoel Teixeira Campos, 482$700 do arco de triumpho, a Carlos Spangenberg, e 2:820$ da illuminação sobre o rio, a Leon Rodde & Cia.

No anno de 1889, uma photographia historica foi tirada, na varanda do Palacio da Princeza, de um grupo da Familia Imperial (Pedro II, Dona Thereza Christina, os Condes d'Eu, Dom Pedro Augusto, Dom Pedro, Dom Luiz e Dom Antonio).

Em 1929, foi collocada na pilastra do portão mestre do Palacio, uma placa de metal com a seguinte inscripção :

*«Nesta casa residiu*
*a Magnanima Princeza Dona Izabel,*
*a Redemptora.*
*Homenagem do povo e da*
*Academia de Letras de Petropolis.»*



A chegada dos *Principes Condes d'Eu* á Petropolis em 1885
Vê-se o grande arco de triumpho, trabalho de Carlos
Spangenberg, levantado á rua D. Isabel, hoje
rua 13 de Maio

# O IMPERADOR NA ESCOLA DO AMPARO

Num modesto jornal, *O Apostolo,* de domingo 7 de Outubro de 1888, e editado no Rio, fomos encontrar a seguinte noticia:

O Exmo. Sr. Bispo de S. Paulo, D. Lino Deodado Rodrigues de Carvalho, acompanhado pelo Monsenhor João Alves, Conegos Rodrigues e Amador, Vigario Dr. Evaristo e padre secretario Porphiro, chegou a Petropolis no dia 3, ás 10 horas da manhã, e hospedou-se em casa do Revd. capellão da Escola Domestica de Nossa Senhora do Amparo, padre Antonio Maria Corrêa de Sá.

A's 11 horas S. Ex. dirigio-se á capella da referida Escola Domestica, onde celebrou a santa missa pelo restabelecimento de S. M. o Imperador, sendo acolytado pelo Monsenhor João Alves e Conego Amador; e assistido pelo Conego Rodrigues, padres Porphirio, Evaristo, Sá e Coutinho.

Assistiram o acto religioso, durante o qual cantaram as educandas religiosas hymnos, SS. MM. Imperiaes, S. A. a Princeza Imperial, S. A. a Princeza da Baviera, côrte, camara municipal, promotor publico, collegios de meninos e meninas, e diversas familias.

A capella estava ornada com gosto e davam muito esplendor á solemnidade as meninas do estabelecimento, trajadas de branco com fita azul a tira-collo, preenchidas do estandarte respectivo, bem como as mestras com o distinctivo da Congregação de Nossa Senhora do Amparo.

Concluida a missa, S. M. o Imperador manifestou desejo de visitar a Escola Domestica e mostral-a á Princeza da Baviera. accedendo a directoria á grande honra de tão illustres

visitantes, e emquanto S. M. a Imperatriz se entretinha em amaveis conversações com a directora, mestras e educandas, S. M. o Imperador percorreu todo o estabelecimento novo e antigo, juntamente com as Princezas Imperial e da Baviera, Bispo de S. Paulo, conde Motta Maia, conde de Aljesur, baroneza de Loreto, a dama da Princeza da Baviera, e viscondessa de Fonseca Costa, dama de S. M. a Imperatriz, e os sacerdotes que assistiram á missa.

Em homenagem aos illustres visitantes, a directora organizou repentinamente uma festinha, que muito agradou a todos os circumstantes.

Ao som do hymno nacional entraram Suas Magestades, Altezas, Bispo e côrte no vasto salão do edificio, e ouviram discursos, poesias, recitativos das meninas, que em tudo exibiram-se com elegancia, merecendo uma especial menção os discursos pronunciados em homenagem a S. M. o Imperador, S. A. a Princeza da Baviera e ao Sr. Bispo de S. Paulo, bem como a rodinha de meninas, que sahiram-se perfeitamente bem, o que deu logar a visivel satisfação da familia imperial e mais pessoas presentes.

A sessão, aberta pelo Sr. Conego Amador Bueno, foi encerrada pelo Exmo. Sr. Bispo de S. Paulo, que, em um eloquente discurso, lembrou os importantes serviços do padre Siqueira, Conego José Bento Gonçalves, sacerdotes da diocese de S. Paulo, o que muito consolava a S. Ex. Revma.

Recommendou ás meninas de um modo especial a pessoa do Imperador, toda a familia imperial e o zeloso Prelado diocesano o Sr. Bispo, conde de Santa Fé, e terminou abençoando todos os circumstantes.

Terminada a festa, Suas Magestades, Altezas, Bispo de S. Paulo, louvaram e animaram muito o conselho administrativo da Congregação de Nossa Senhora do Amparo, ainda nascente e já tão florescente, e dignaram-se receber alguns trabalhos das educandas, como lembrança da visita. Como

prova de tanta bondade honraram o livro de visitas com suas assignaturas, e dignaram-se a tomar um copo d'agua, preparado de momento, onde ainda foram bem encomiadas as meninas pela perfeição com que tinham preparado aquellas delicadas iguarias.

Retirando-se a familia imperial, o Sr. Bispo, acompanhado dos sacerdotes mencionados, visitou a cidade, percorrendo as ruas em carro descoberto, e dignou-se aceitar uma delicada ceia em casa do Sr. José Ferreira da Paixão, cuja filha, a Exma. Sra. D. Carlota A. da Paixão, para manifestar sua gratidão ao illustre Prelado, exhibio os seus preclaros talentos, dedilhando no piano lindas peças do seu grande repertorio.

No dia seguinte regressou de Petropolis S. Ex. Rvma., e seguio no dia 6 para Taubaté, com destino a S. Paulo.

Os sacerdotes que acompanharam a S. Ex. Rvma. entraram para a Congregação de Nossa Senhora do Amparo como membros honorarios, recebendo os respectivos diplomas.



Tecto do Salão Nobre da Camara Municipal

Biblioteca Nacional de Portugal – Arquivo Histórico Ultramarino

# PAÇO MUNICIPAL

O Paço Municipal de Petropolis teve duas sédes alugadas, antes da actual e propria. A primeira foi á rua do Mordomo n. 12, hoje rua Paulo Barbosa. Ali se installou o legislativo local como expressão da autonomia de Petropolis, no gozo de cidade, a 17 de Junho de 1859. Seu presidente, Albino José de Siqueira sentou-se na cadeira principal, que era encimada pelo quadro a oleo do pintor Joaquim da Rocha Fragozo, representando Dom Pedro II.

A segunda séde do Paço Municipal foi á rua do Imperador, trecho da Bacia, local fronteiro ao eixo da rua da Imperatriz, de propriedade de Rocha Cardoso.

Nesse predio, a 23 de Maio de 1886 deu a Municipalidade um grande baile, promovido por Henrique Kopke, para obter meios com que fossem satisfeitas as despezas da Primeira Exposição Industrial e Artistica de Petropolis, realizada no Palacio de Cristal de 9 a 16 do mesmo mez. A festa teve a presença da Familia Imperial e escolhida sociedade, prolongando-se até hora adiantada.

Não fôra essa a unica vez que Sua Magestade o Imperador honrou com sua presença o Paço Municipal, prestigiando uma iniciativa de que elle participára monetariamente, e da qual disséra o Mercantil: «Petropolis acaba de dar uma prova plena de que — como já o temos dito — não é simplesmente uma cidade de recréio, é tambem um nucleo de trabalhadores». A 25 de Fevereiro de 1881, o Imperador, acompanhado de seu camarista conselheiro Miranda Rego, visitou ás 11 horas o Paço Municipal, onde demorou-se cerca de uma hora, percorrendo o edificio, examinando a Bibliotheca, a

officina de aferição, e lembrou a adopção de medidas para melhoramentos locaes, com especialidade as tendentes á salubridade publica.

E por fazer-se menção á Bibliotheca, esta, creada pela lei 1650 de 20 de Dezembro de 1871, e inaugurada a 1 de Fevereiro de 1876 recebeu um donativo de 400$000 de Sua Magestade, para ser transformado em livros.

O Paço Municipal recebeu tambem a visita da Princeza Imperial. Foi a 21 de Maio de 1888, por occasião da grande festa promovida pela Camara em regosijo ante a lei da Abolição. O commercio fechou. A rua do Imperador estava decorada com arcos, folhagens e bandeiras. Em frente ao Paço da cidade, a banda da Casa Imperial tocava em coreto armado. A Camara, incorporada, chefiando imponente sequito de que participavam setecentos collegiaes, com bandas de musica, dirige-se para o Palacio onde o Presidente da Camara pronunciou vibrante discurso. Houve depois Te-Deum, achando-se no templo o corpo diplomatico. Terminada a ceremonia, dirigiu-se o cortejo, na companhia de Suas Altezas, para o Paço Municipal, onde a Princeza chegou á janella para receber a saudação popular.

Levados os Principes a Palacio, a multidão frequentou os bailes que se realizaram na sala da Camara Municipal e nos salões do Bragança e do Floresta.

A 6 de Novembro de 1876, discutiu-se na Assembléa Provincial o projecto de lei para construcção de um prédio para a Camara Municipal de Petropolis, idéa provocada por Paulino Affonso.

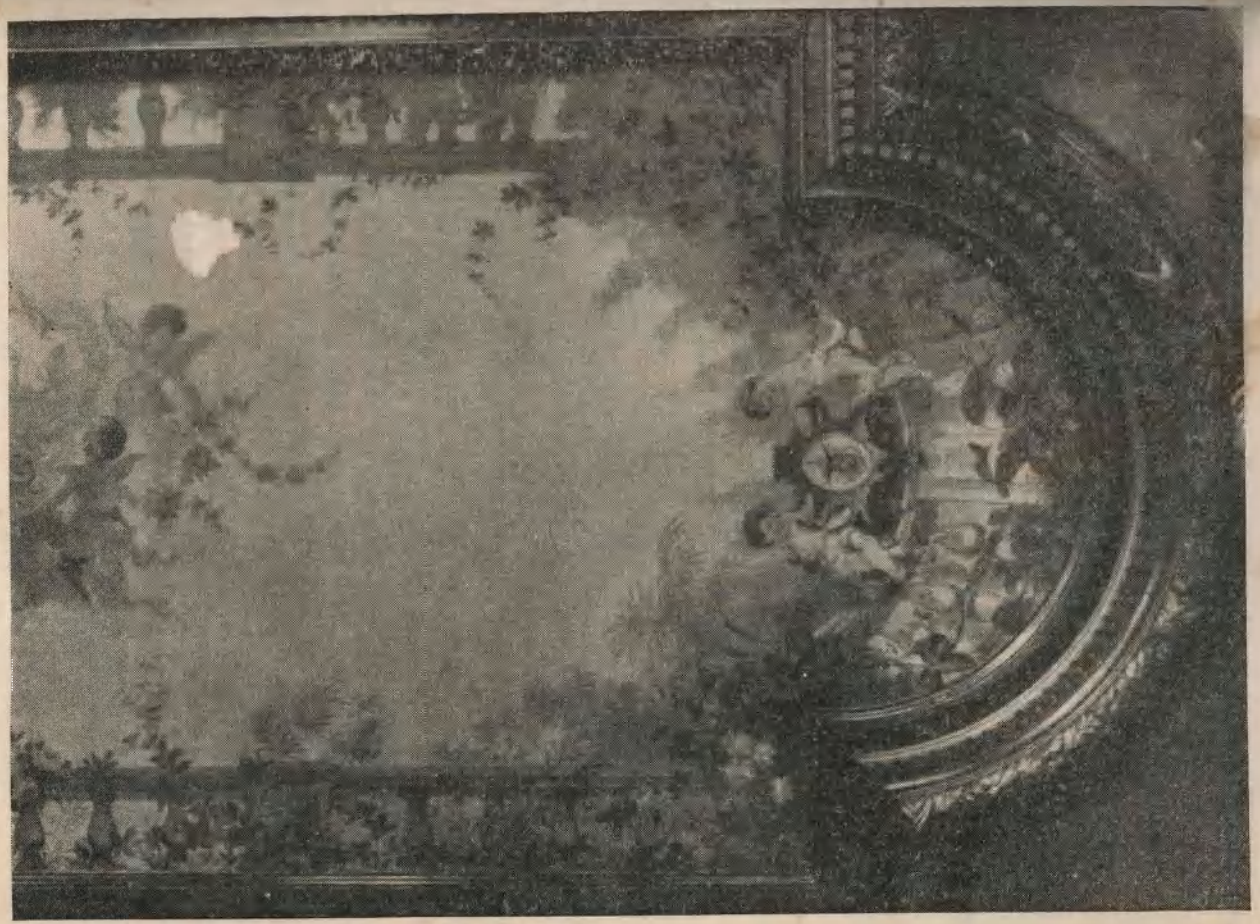
Entretanto, o Paço Municipal permaneceria na séde alugada da Bacia até 1894, quando, sendo Presidente da Camara o dr. Hermogenio Pereira da Silva, foi adquirido, a 9 de Julho, pela quantia de 60:000$000, o prédio da actual Praça Visconde de Mauá.

O terreno do hoje vulgarmente conhecido Palacio Ama-



Tecto do Salão Nobre da Camara Municipal

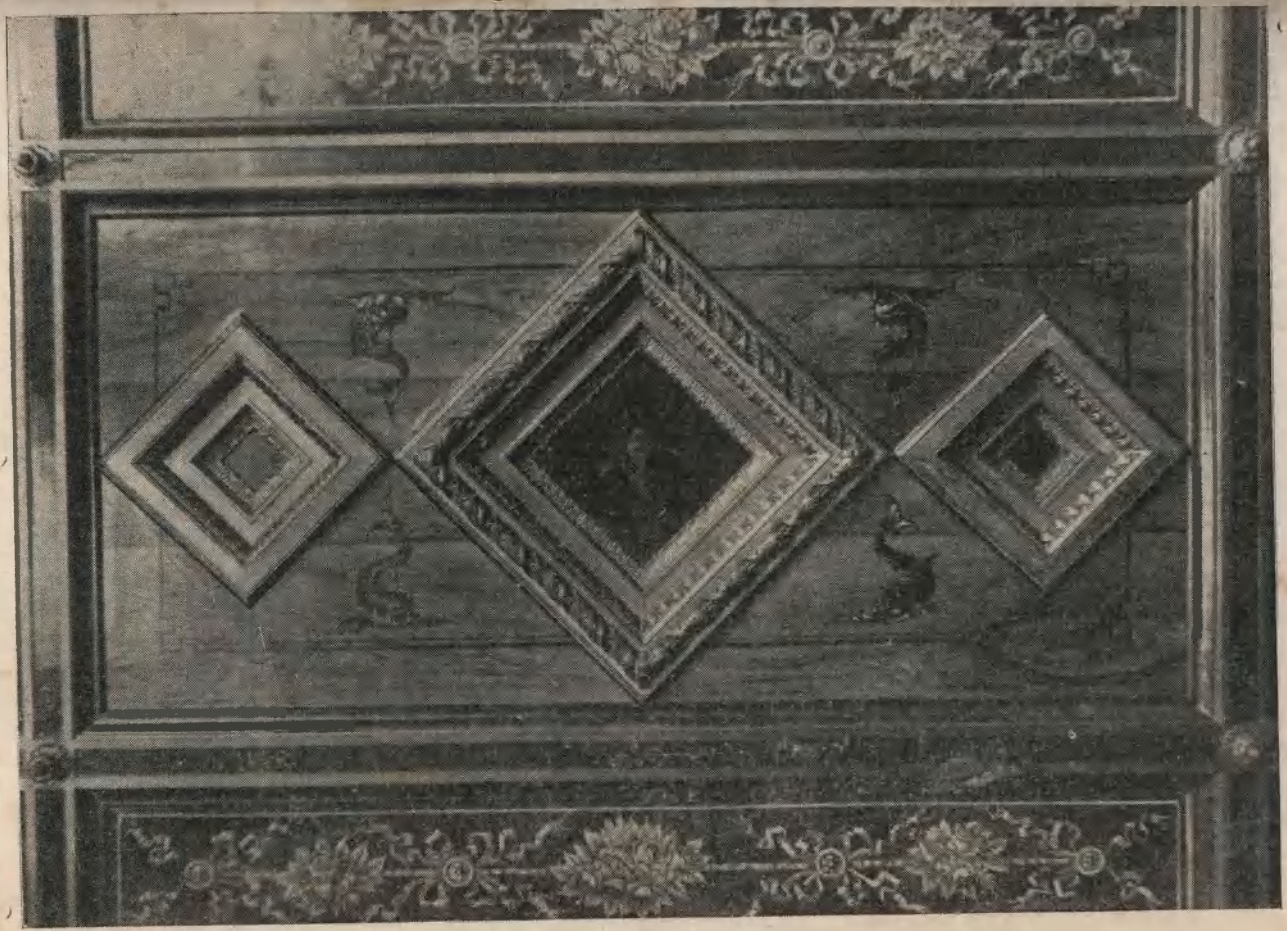




Tecto do Salão Nobre da Camara Municipal

rello, teve como primeiro foreiro o superintendente da Imperial Fazenda, José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne, constituido como fôro aos 11 de Julho de 1850, pelos prazos 127, 128 e 129, registo 557-A. Formavam esses prazos uma superficie de mil duzentas e setenta braças, e o fôro annual era de 25$500. Menos de dois mezes após, com autorização do Mordomo, foram elles transferidos, em 31 de Agosto, ao veador de Sua Magestade o Imperador, José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, que construiu a bella residencia hoje transformada em Prefeitura de Petropolis. A 14 de Fevereiro de 1891, adquiriu-a o barão de Guaraciaba, seu ultimo proprietario residente.

Comprado o palacete para séde da Municipalidade, foi retirado o gradil que chegava ao alinhamento da avenida 7 de Setembro, e feita a Praça existente. Das obras de adaptação introduzidas no edificio, destacam-se o salão destinado ás sessões da Camara Municipal e a escadaria principal e vestibulo superior. Todo o lindo trabalho de decoração que fez da sala nobre uma das mais bellas joias nacionaes do genero, é da autoria de José Huss. Este apreciavel artista, nasceu na Alsacia a 7 de Janeiro de 1852, e com a guerra franco-prussiana de 1870, não poude supportar o dominio allemão em sua terra natal e veiu para o Brasil, fixandc pouco depois residencia em Petropolis onde desposaria, a 30 de Julho de 1881, D. Maria Catharina De Schepper, cujo casal houve 7 filhos, e sua próle petropolitana, prolonga-se nos dias correntes. A 24 de Setembro de 1905, morria nesta cidade esse excellente artista, que em sua segunda patria realizou admiravel obra na decoração da Municipalidade, obra que parece haver transfigurado em força de belleza e doçura, todo o amargor e desencanto dos sentimentos que o fizeram abandonar a aldeia querida onde recebera a luz da existencia.



Tecto do Salão Nobre da Camara Municipal

Digitized by Google

# A BICYCLETA EM PETROPOLIS

A chronica petropolitana regista varios acontecimentos interessantes relativos á pratica da bicycleta, sobretudo no antigo Morro da Igreja e Palacio de Crystal. Muitos campeões dessa moda ainda estão vivos e exhibem mocidade...

Todavia, nenhuma dessas chronicas terá talvez o sabor da que appareceu no jornal do Rio, *A Noticia*, de 12 de Abril de 1898. Vamos aprecial-a :

«A bicycletta invade-nos. A principio appareceu timidamente, como que receiosa de revolucionar os nossos costumes pacatos. Alem disso, os tradicionaes buracos das nossas ruas, que são uma das poucas cousas que conservamos religiosamente, eram como um obstaculo ao desenvolvimento da bicycletta, rainha triumphante, que já tomara conta da Europa, depois de conquistados os subditos norte-americanos e que agora se propunha atravessar esta parte do oceano, viajando elegantemente encaixotada.

Mas, como todo o estrangeiro recentemente desembarcado, a quem a febre amarella apavora, a bicycletta subiu para Petropolis, e ahi, encontrando terreno mais favoravel, não tardou a tomar conta dos veranistas. Restava-lhe porém, a conquista do bello sexo, sempre mais rebelde a estas innovações, por causa das «boas linguas» das amigas. Essa conquista está agora feita : as senhoras da nossa sociedade elegante entregam-se agora ardentemente a este genero de sporte, com grande jubilo

das costureiras que assim têm mais um pretexto para ganhar dinheiro, pois a bicycletta exige um vestuario *sui-generis*.

A consequencia de funcção bicyclettista era que, mais dia menos dia, teriamos em Petropolis uma festa de que fosse a rainha a Sra. Bicycletta. Essa festa realisou-se hontem, e com um exito tal, que não será para admirar que dentro em pouco tenhamos a sua repetição.

Infelizmente o bello sexo absteve-se de tomar parte activa ; mas esperamos que da proxima vez elle não hesite em trazer o seu precioso concurso, dando assim mais interesse ainda ás corridas.

Feita esta ligeira digressão... historica, tem a palavra o modesto reporter que passa a dar, sem phrases, o resultado dos cinco pareos, na ordem em que foram corridos, transformando assim a ordem dos factores, e com a *gaucherie* de quem faz uma cousa que não está acostumado e de que o encarregaram por acaso.

O 3º pareo (3 voltas, 600 metros) foi ganho pelo joven Henrique Raul Chaves que recebeu muitas palmas, chegando em 2º logar o Sr. Frederico Teixeira Soares e em 3º o Sr. João Teixeira Soares. Cahio o Sr. Alfredo Marques de Sá. Resta-lhe a consolação de não ter sido o unico.

Correu-se depois o 2º pareo, cuja distancia era de 1.000 metros, e que foi ganho pelo Sr. José Francisco de Barros Pimentel, chegando em 2º logar o Sr. Octavio Guinle e em 3º o Sr. Waldemar da Cunha e Souza. Cahio o Sr. Edgard Bastos.

No pareo das meninas (300 metros) tomaram parte apenas as senhoritas (o termo está consagrado) Flavita Leão Veloso e Laurita Teixeira Soares, chegando esta em 1º logar, mas com pouca differença.

O pareo mais longo foi o primeiro, cuja distancia



Um dos paines do tecto do Hall da Prefeitura Municipal





*José Huss*, o decorador do Palacio da Prefeitura



era de 3.000 metros (15 voltas) e que foi disputado pelos Srs. Eurico Godoy e Raul Barbosa, chegando aquelle em 1º logar. Via-se porem que a força de ambos era igual.

No quarto pareo (1.000 metros) foi vencedor o Sr. Arnaldo Guinle, chegando em 2º logar o Sr. Pedro Luiz Osorio, que cahio, mas depois continuou a corrida. O mesmo aconteceu com o joven Edmundo Leuzinger, que esse não pôde continuar.

Terminadas as corridas, que se seguiram sem grande intervallo e foram acompanhadas com interesse pelos entendidos e pelos profanos, em cujo numero nos alistamos, uma gentil commissão de senhoritas fez a distribuição dos premios, que constituiram em medalhas de prata aos primeiros vencedores e de bronze aos segundos, e *bibelots* ás meninas, distribuição que correu entre palmas.

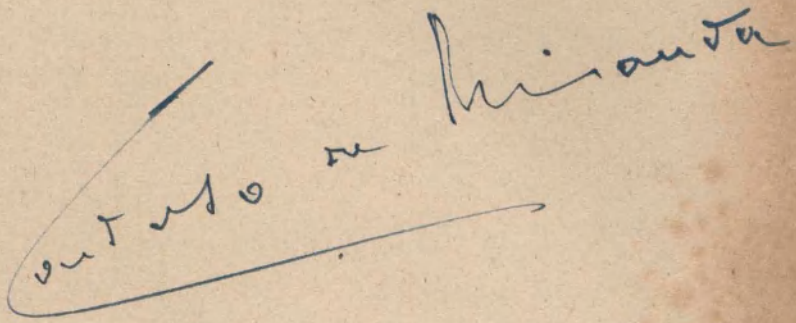
Depois, o Sr. Araujo Maia fez o elogio da bicycletta e levantou um viva ao presidente do Estado, que se achava presente e que acompanhou a festa com muito interesse.

Depois... depois dançou-se com muita animação, como se na vespera não se tivesse dançado, no Cassino, em um baile animadissimo e que terminára ás 2 horas da manhã por um *cotillon* magistralmente conduzido pela Exma. senhorita Regina Amoroso Lima e o Sr. João Vianna, cuja competencia no assumpto é muito conhecida.

Ambas as festas estiveram brilhantes e *réussies*. A de hontem foi favorecida por um bello tempo, embora quente: mas o calor não arrefeceu a animação dos graciosos pares.

Como se vê, Petropolis *s'amuse*, e faz muito bem, porque lá diz a sabedoria das nações: quem se diverte seus males espanta. Isto é, a sabedoria das nações diz: quem canta... mas, no fim, dá certo.

MARIO ALOYSIO CARDOSO DE MIRANDA



# A ELEVAÇÃO DE PETROPOLIS Á CATEGORIA DE CIDADE

*Palestra proferida pelo Dr. Mario Cardoso de Miranda, Prefeito Municipal, na sessão de 29 de Setembro de 1940, do Instituto Historico de Petropolis*

# A ELEVAÇÃO DE PETROPOLIS A' CATEGORIA DE CIDADE

Platão dava cada dia graças aos deuses por ter nascido grego e não barbaro, livre e não escravo, homem e não mulher.

Seria temerario e injusto que affirmassemos agora, após a sciencia desse facto, o proposito vingativo de dar graças ao nosso Deus christão por termos nascido no Brasil e não na Grecia, paiz sempre sympathico, seja no seculo de Pericles, seja nestes tempos arriscados do General Metaxas.

Mas creio que, além de agradecer aos céos o dom divino da liberdade e o proprio sexo, com o qual, por certo, estamos todos, indistinctamente, satisfeitos, podemos, os que tiveram a ventura de ver a luz do primeiro dia entre estes valles romanticos, imitar o philosopho pagão, bemdizendo, a cada uma dessas manhãs hibernaes que surgem, a felicidade, que se póde louvar sem regionalismos malsãos, de possuir terra tão bella, de nascer entre gente tão boa.

Esmaltam-se essas varzeas de uma tonalidade tão rica, veste-se esse céo de um azul tão puro, de tal fórma é intenso e diverso o colorido das flores, a amenidade do clima, o grave explendor das mattas..., ha tanta cordealidade no trato dos homens, tanta doçura na fronte das creanças, tanta graça nos olhos das mulheres, que se pode dizer, de Petropolis, que encanta, seduz e fascina por um conjunto indefinido de coisas, que não sabemos explicar, mas que se impõem ao coração, prendem a sensibilidade, confundem o affecto.

Porém, senhores, não é esta propriamente a hora do pa-

negyrico de Petropolis, mas de um detalhe historico da sua biographia.

A 29 de Setembro de 1857, na entrada da primavera, na então Provincia do Rio de Janeiro, era promulgada, depois de receber o véto do Presidente Antonio Nicolau Valentim, a seguinte lei, que recebeu o n. 961 :

> «O Commendador Francisco José Cardoso, (1) Presidente da Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro : Faço saber a todos os seus habitantes que a mesma Assembléa Legislativa Provincial decretou a seguinte lei : Art. 1° — Ficão elevadas á categoria de cidade as villas de Valença e Vassouras, e a povoação de Petropolis. Art. 2° — Annexa-se o segundo districto da freguezia de São José do Rio Preto ao mesmo municipio de Petropolis, do que o Presidente da Provincia designará os limites. Art. 3° — São revogadas as disposições em contrario. E porque o Presidente da Provincia recusou sanccional-a em conformidade do artigo dezenove da carta de lei constitucional de 12 de agosto de mil oitocentos e trinta e quatro : manda a Assembléa Legislativa Provincial a todas

(1) «Commendador da Ordem de Christo, commandante superior da 12ª região da guarda nacional, negociante matriculado, proprietario nesta côrte, e na villa de Itaguahy, dono do canal de S. Pedro de Alcantara, presidente da companhia seropedica fluminense, filho legitimo do brigadeiro Manoel José Cardoso, fidalgo cavalleiro da casa real de Portugal, commendador da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Maria Francisca de Portugal e Castro ; neto por parte paterna do coronel Manoel José Cardoso, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da Ordam de Christo, senhor do morgado da Vacaria, com assento no solar desde D. Affonso I, cujo solar é a quinta dos Cardosos em Lamego, e de sua mulher D. Anna Monteiro de Barros ; e por parte materna de Christovão de Portugal e Castro, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Francisca de Assis da Nobrega Botelho.» (Sanches de Baena «Indice Heraldico» p. CCIII — Lisbôa 1872.)

as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario da Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço da Assembléa Legislativa Provincial do Rio de Janeiro aos 29 de Setembro de 1857. (a.) Francisco José Cardoso, P. Sellado e publicado na Secretaria do Governo Provincial do Rio de Janeiro, em 29 de Setembro de 1857. (a.) José Francisco Cardoso, Secret. Prov.»

Nesse anno de 1857, ha oitenta e tres annos, portanto, a Freguezia de São Pedro de Alcantara de Petropolis, do Municipio da Estrella, tinha uma subdelegacia, cujo titular era o Dr. Modesto Cassiano Pinto Coelho da Cunha, com escrivão; sete inspectores de quarteirão; dois officiaes de justiça e um carcereiro; quatro juizes de Paz, que eram Amaro Emilio da Veiga, o Dr. Henrique Kopke, o Dr. Thomaz José da Porciuncula e Manoel Francisco Machado, dispondo dum escrivão; um Fiscal; o Vigario da Vara e da Freguezia Padre João Hygino de Camargo Lessa; um Agente do Correio, o Sr. Antonio José Corrêa Lima, com seu ajudante; dois professores publicos; uma professora; e possuia registrados, seis rancheiros e onze fazendeiros e lavradores, entre os quaes figurava o Barão de Mauá. Era superintendente da Fazenda Imperial o Capitão José Maria Jacintho Rebello e a Fazenda contava, alem delle, com um escrivão, um ajudante de escrivão e fiel de obras, o mesmo Carlos de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, ajudante do Agente do Correio, accumulador de cargos e appellidos; um mestre das obras do Palacio e um apontador.

A directoria da Colonia se repartia entre o Superintendente da Fazenda, um Vice-Director, o Escrivão, dois Engenheiros agrimensores, o fiel e o amanuense, o apontador, tres professores e dois curas, um catholico, o Padre Germain, e

outro protestante, que, curioso, o Laemert chama tambem de Padre, o Padre Jacob Hoffman.

Vicejava aqui uma Sociedade Allemã de Industria e Agricultura, com 61 socios e cuja directoria tinha como I Secretario e Bibliothecario um Barão germanico.

O Hospital era dirigido pelo Dr. Thomaz José da Porciuncula, auxiliado por um enfermeiro mór, uma enfermeira, dois ajudantes enfermeiros e um pharmaceutico.

Annunciavam-se em Petropolis nessa época quatro engenheiros civis, dois medicos, dois boticarios, vinte e um negociantes, dois alfaiates, sete carpinteiros, quatro pedreiros e canteiros, quatro pintores, oito marceneiros e ebanistas, um torneiro, um esculptor de bengalas (o conhecido Spangenberg), tres carpinteiros de carros, quatro ferreiros, tres ferradores, dois serralheiros, um serralheiro machinista, dois funileiros, um cobridor de ardosias, dois relojoeiros, um estatuario, um selleiro, um jardineiro florista, um tamanqueiro, um tanoeiro um cuteleiro, um colchoeiro e estofador, tres ourives, dois barbeiros, um chapeleiro e um José Marcos Cossi que era perfumista e licorista, unindo no afan da mesma profissão perfumes e licores, entendendo com certeza que cabiam em identico frasco unguentos externos e internos, e que fazia parte do mesmo mistér aromatisar a humanidade por dentro e por fóra.

As chronicas relacionam então em Petropolis dois collegios de meninas, dois de meninos, quatro hoteis, uma casa de pasto; tres fabricas de cerveja, industria que floresce em todas as colonias allemãs; tres companhias de carros de aluguel; duas olarias, dois açougues; cinco padarias; dois armazens de trastes; tres casas de commissões para a Côrte.

Através dessas actividades encontramos nomes conhecidos de familias de hoje, e, afóra o de Rittmeyer, Binot e poucos outros, já então ligados á mesma tradição profissional, é curioso notar a pouca tendencia para formar uma dynastia

de officio. A um Said Ali, nome agora ligado á grammatica philologica, pertencia o Hotel Oriental; de João Wendling, que tem um descendente funccionario da Bibliotheca Municipal, era uma das opulentas padarias locaes; os Duriez, que, nesta parte do seculo em que vivemos, estão ligados aos queijos da terra e ao creme de leite, possuiam chapelaria. E assim por deante.

Era de franca prosperidade a situação de Petropolis povoação, nesse anno de 1857 em que foi elevada á categoria de Cidade e no qual o orçamento do Imperio do Brasil previa uma receita de pouco mais de 35.000:000$000.

A elevação á categoria de cidade, menos do que uma medida administrativa, era, nas ordenações do reino, uma ajustação juridica do quadro social desses agrupamentos vivos que, em nosso caso, se espalham, como nodulos raros, dispersos na vasta superficie do territorio nacional, uma especie de marcos fincados ás carreiras pelo conquistador, no açodamento de, pela posse, integrar a propriedade.

Não significava extraordinario desenvolvimento material, á altura de nova posição no conceito das comunas, mas o coexistencia dos elementos necessarios á autonomia e sufficientes para exigir um serviço especial de policia e uma peculiar distribuição de justiça, a par da independencia economica.

A *Cidade*, se attribuirmos a este vocabulo todo seu valor ethymologico, é uma remota e altissima concepção da antiguidade classica e constitue uma expressão de unidade social e politica.

A *civitas* dos romanos, *polis* dos gregos, implica numa idéa de homogeneidade moral, é um conjunto de leis, costumes, tradições, insuflando alma á personalidade urbana.

Da *Cidade* de Veneza se disse que, intacta no seu physico, isto é nos seus palacios e nos seus monumentos, desap-

pareceu sob o jugo austriaco com a liberdade de suas instituições.

Civitas et urbs in hoc differunt, quòd urbs proprie mœnia et ædificia significat, civitas populum qui habitat intra mœnia, et suburbiis — define Cicero. Sed hæc nomina aliquando confunduntur, explica Calepinus.

*Cidade,* todavia, no direito dos nossos tempos, foi sempre um conceito administrativo e, de tal forma stricto, que a Carta Politica de 1824, no seu art. 167, dizia: «Em todas as cidades e villas ora existentes e nas mais que para o futuro se crearem haverá camaras ás quaes compete o Governo economico e Municipal das mesmas cidades e villas».

Porém, se esse inciso constitucional equipara praticamente as villas e cidades, não attribuindo maior differenciação hierarchica ás duas categorias, lembremo-nos que Petropolis nunca foi villa e que a data de boje de facto significa a autodeterminação de sua trajectoria, pois de povoação dirigida pela Camara da Villa de Estrella passou directamente a cidade, no uso e gozo de sua vereança.

De Petropolis, assim elevada á categoria de cidade a 29 de Setembro de 1857, se póde dizer o que do Brasil disse um diplomata, nas festas centenarias da Independencia: que attingira a virilidade sem passar pela infancia.

Realmente, fundada por decreto imperial de 16 de Março de 1843; curato annexo á freguezia de São José do Rio Preto, hoje seu 5º districto e então pertencente á villa de Parahyba do Sul; districto a 29 de Março de 1844; freguezia da Villa de Estrella a 20 de Maio de 1846 — Petropolis teve em Amaro Emilio da Veiga (o nosso Cel. Veiga, da entrada da cidade) um denodado defensor de sua prompta ascenção, sem maiores transições, á categoria de cidade, causa que abraçou na Assembléa Provincial em 1856 e que calorosamente, desteme-

rosamente encabeçou, e movimentou, e impulsionou, e levou avante com paixão, até que a viu victoriosa em 1857.

Duas vezes votado o projecto que consagrava essa victoria, vetado pelo Presidente da Provincia, que se negou tambem a sanccional-o quando rejeitado o véto, foi promulgada a lei pelo Presidente da Assembléa Provincial na data de hoje daquelle anno longinquo, investindo Petropolis nas suas funcções de municipio-cellula da nação, cuja autarchia territorial tem sua genese nessa outorga.

O véto do Governo Provincial á lei que elevava Petropolis á categoria de cidade e sua recusa em sanccional-a, foram, paradoxalmente, fructo da orientação do Imperador, no pleno exercicio daquelle poder subtilissimo que soffreu as mais injustas criticas dos politicos da monarchia e que era toda a razão de ser do equilibrio salutar do regimen : o poder moderador, que não se restringia, de facto, á sua funcção constitucional de arbitro dos partidos na assembléa geral, mas tanto fiscalizava a vida particular dos magistrados, como tambem dictava normas aos seus delegados nas provincias, no sentido de nortear a administração local.

No caso de Petropolis, Dom Pedro II não só previa os males que se originariam da suppressão consequente do auxilio financeiro que a Mordomia da Casa Imperial dava á popovoação e que, avultadissimo para a época, vinha sendo criteriosamente applicado em obras de saneamento e de utilidade publica, como os maleficios das lutas estereis da politica de aldeia, girando em torno de uma autonomia erroneamente interpretada, mal compreendida e peior praticada.

Do seu primeiro, augusto e incomparavel bemfeitor, Petropolis continuou a receber os beneficios materiaes, com que elle achou formula ee acudir ao precario primeiro orçamento municipal de oito contos de réis ; mas o Imperador não poude livral-a das atribulações da politica, que, tantas e tantas vezes, annos consecutivos afóra, lhe entravou o pro-

gresso, maculou o nome, desperdiçou o erario, malbaratou energias, annullou esforços, neutralizou boas intenções, creou rivalidades, fomentou lutas estereis, incentivon dissenções

Petropolis que condensa na sua propria historia uma larga parcella da vida politica do Brasil, porque, abrigando na maior parte do anno, a Casa reinante, cujo verão era de sete mezes, governou de facto o paiz ; Petropolis, de tão alto porte no calendario diplomatico, refugio da côrte e Méca dos turistas ; Petropolis séde das cogitações internacionaes ; Petropolis de Rio Branco e Mauá, de Ouro Preto e Taunay, de tantos homens illustres pelo saber, pelo nome, pelo devotamento á causa pública, que amavam aspirar por esses valles o perfume raro que se evola das vertentes e descansar das v lias pousando os olhos nessas encostas verdes de montanha, verdes como as esmeraldas de Fernão Dias Paes Leme ; essa Petropolis, senhores, soffreu todas as desfigurações dos processos politicos e foi, por isso mesmo, um attestado eloquente da inapplicabilidade das instituições que acorrentaram aos seus erros, impedindo-lhes a acção moralisadora, os homens probos e eminentes que passaram pelo governo da cidade.

Curioso e vário, senhores, o destino das cidades, a missão desses acampamentos que, na sua aspera jornada, rumo do infinito, os homens vão levantando á beira de rios predestinados...

Ha cidades que nasceram para presepe e parece terem sido recortadas dum cartão postal. Seu encargo é estarem ali, tranquillas, estereotypadas no silencio duma falda de serra, espelhando-se nas aguas suggestivas dos lagos e dos regatos, para acenarem de longe ao caminheiro, com o seu casario revolto e com a sua igreja branca, inspirando idéas de paz, despertando pensamentos bons...

Outras ha, cidades que uma estrella mysteriosa e solitaria marcou na noite do seu nascimento, e vivem apenas

para cumprir uma missão, e desapparecem um dia, no pó e na ruina, e seu nome fica na lenda como uma advertencia de Deus.

Quem não recorda, a essas invocações, as aldeias lyricas da Suissa ou do Tyrol, eternas noivas do sonho e da legenda, limpidas como uma madrugada clara? Quem não lembra Sodoma, a quem não suggerem Gomorrha, submergidas no castigo, mergulhando no crepusculo dos tempos a historia da sua maldição?

E ha cidades ungidas, que surgiram sob o signo de versiculos biblicos, e, grandiosas e santas, avultam em todas as eras, trazendo nos seus muros o sello da eternidade, como essa Roma imperial dos Pontifices, cabeça do mundo christão.

E ha cidades martyres, por cujo berço perpassou um vento de tragedia, que nascem e morrem e resuscitam e são trucidadas de novo e novamente se levantam das cinzas, e são um exemplo persistente do triumpho da vida sobre a morte, como essa Varsovia medieval e gloriosa, que tantas vezes sorveu a taça mystica das dores que o crystal já fendeu ao contacto de seus labios machucados.

Quem nos dirá a nós, filhos do primeiro seculo de Petropolis, geração coeva dos seus primordios, qual o destino, qual a predestinação da nossa cidade?

A civilização tem partido da planicie para a montanha e tem primeiro recebido nas salinas a mesma substancia que nos actos lithurgicos symboliza a força e a sabedoria, a força para enfrentar as intemperies e a sabedoria para dirimir os conflictos moraes.

E' na zona do sal, de que não podem prescindir, que os colonizadores se têm primeiro localizado, para depois desbravar o interior da faixa litoranea.

Foi, assim, que acordaram tarde estes alcantis da velha provincia, donde espiam o mar Friburgo, Therezopolis, Petropolis...

Não conhecemos o fausto e as decepções dos cyclos economicos, como a baixada, e evoluimos do commercio que vivia do favor alienigena para a industria fixa.

Somos uns fluminenses que não participaram do medievo de seus conterraneos, pois Petropolis, como nucleo citadino, não veio á luz em funcção da vida rural e não foi como Campos, Valença, Iguassú, Vassouras, Pirahy, Itaocara, São Fidelis, o derivativo urbano da nobreza agraria, que apreciava passeiar pelas ruas do seu feudo politico as carruagens adquiridas no velho mundo com o ouro do assucar e do café. Nossa aristocracia, aliás de um grande apuro social, era uma aristocracia de villegiatura, que a Côrte nos emprestava por alguns mezes, elite sujeita ao fluxo e refluxo das estações e que nos tinha na conta duma Versailles americana.

Assim nos formamos e assim nos fizemos gente, com um grande cunho europeu, crescendo em redor do Paço Imperial como aquellas villas de Portugal ou de França que se levantaram em redor dos castellos. Era nitida e, aliás, tão natural a influencia da residencia do monarcha em cujas terras Petropolis nasceu, que ainda hoje, pelos quarteirões e pelos arredores, ouve-se a informação tradicional: «Aquella matta é do Palacio; ali ha marco do Palacio etc». O Palacio é a Casa Grande, é a antiga Fazenda, é o emphyteuta, é a Familia Imperial, é o Imperador.

Hoje, nos meados do seculo vinte, é que Petropolis envereda pela estrada da maioridade real e attinge aquelle surto de desenvolvimento que torna imprevisivel o futuro.

Agora é que deixou de facto a sua missão exclusiva de cidade de veraneio, e, a par de capital diplomatica do Brasil, centro turistico e de recreio, affirma-se concomitantemente como grande emporio industrial, fonte plethorica de economia, com uma vida municipal intensa, jungida a uma população de alta expressão estatistica, á qual teimam em se vir

agregar, numa progressão geometrica, correntes adventicias de grande significação immigratoria.

Cumpre-nos disciplinar essa evolução; pesa-nos sobre os hombros a responsabilipade de guiar esses passos incertos duma metropole incipiente; rectificar os rios desse progresso em ebulição e preparar o largo estuario onde elles devem desaguar.

Preservar a civilização tranquilla de Petropolis é arredar o tumulto economico, a confusão architectonica, a dispersão do caracter peculiar de sua formação.

Grave responsabilidade para uma geração é ter nas mãos materia assim plastica, talhada para modelos eternos, pois incorre no perigo de ser sacrilega e em vez de aproveital-a, para crystalizar um instante de Arte na trepidação do seculo que passa, erigir um monstro no altar duma estatua helenica.

Deus nos livre do horror dessa incompreensão e saibamos enfrentar os interesses pessoaes, as paixões cégas, o utilitarismo material, para, neste apice glorioso de cordilheira, sob a benção do sentido historico que aflora deste solo, ajudar a desenvolver-se uma cidade integrada na proporção das grandes realizações humanas, predestinada a ficar na Historia, como ficou Athenas pelo explendor da cultura, como ficou Sparta pela plenitude da força, ou como vivem e se prolongam outras urbes, suas irmãs pela correspondencia da belleza e pela identidade do destino, que podem desapparecer no Espaço, mas que se perpetuarão no Tempo.

Os seculos, senhores, rolarão sobre as nossas vidas ephemeras e deste chão, por onde escorreu o suor dos nossos labores, surgirá, para a gloria eterna da Patria, uma metropole que, entre as vicissitudes e alternativas da Historia, entre as transformações imperativas do progresso e as mutações fataes da civilização, guardará intactas essas differenciações etnologicas e moraes, physicas e espirituaes, que a

caracterizam, personalizam e identificam. Aqui explenderá sempre, no pendor cultural dos homens, herdado do Imperador Philosopho, a vocação das grandes causas da intelligencia e a mocidade terá o senso do Bello, que Elle nos legou quando andava por ahi, rebuscando na natureza de Petropolis os traços de suprema harmonia deixados pelo Creador.

Aqui haverá sempre um grande culto pela tradição, fonte de energias superiores para a juventude e para a raça, pois Petropolis nunca esquecerá esse passado nacional com o qual a sua infancia se confundiu.

Aqui a educação do povo, e o seu espirito de disciplina e de ordem, de hierarchia e de trabalho, de producção systematica e de equilibrio moral hão de constituir um todo homogeneo e uma idéa exemplar de collectividade sã.

Que estas palavras de predicção e de voto, que estou a arrancar do vosso pensamento, senhores, perdurem e repercutam, no éco longinquo de horizontes remotos, como a esperança que depositamos no futuro de Petropolis e a certeza que temos da grandeza do seu porvir.

# DUAS CHRONICAS DE FRANÇA JUNIOR [1]

(1) Vamos reproduzir duas interessantes chronicas de França Junior, publicadas respectivamente a 1 e 8 de Janeiro de 1882, n'«O Globo Illustrado» do Rio de Janeiro.

Joaquim José da França Junior, nasceu no Rio de Janeiro a 19 de Abril de 1838 e falleceu a 27 de Setembro de 1890 em Caldas, Minas. Bacharel do Pedro II, bacharel em sciencias juridicas e sociaes por S. Paulo, curador da 2a vara de orphãos do Rio, cavalleiro da Ordem da Rosa e da austriaca de Francisco José. Teve gosto pela pintura e cultivou as letras tendo sido um dos nossos melhores e mais apreciados folhetinistas e comediographos. Entre as suas numerosas producções, contam-se: Meia hora de cynismo, Inglezes na costa, Como se fazia um deputado, De Petropolis a Paris. Em 1884, foi organizada uma commissão de festejos para os bailes de carnaval no Hotel de Bragança, sendo presidente França Junior e seus companheiros Cansanção de Sinimbú, Fernando Vidal Leite Ribeiro e Jarbas Octaviano. (Nota da Commissão).

# EM PETROPOLIS

Na extensa cordilheira, que em caprichosas curvas recorta o horizonte da Pittoresca bahia do Rio de Janeiro, sorriem tres poeticas povoações, onde a aristocracia fluminense costuma pendurar seus ninhos, durante os tres mezes consagrados á limonada, ao leque e ao chapéo de palha.

Não é preciso ser muito perspicaz para saber que estes tres Edens são — Petropolis, Friburgo e Theresopolis.

Theresopolis é um verdadeiro céo.

E em sua qualidade de céo, para conseguil-o é preciso passar pelo Inferno e pelo Purgatorio.

O Inferno é a barca que conduz os peccadores até a Piedade, e que, com a pachorra de um tabellião encanecido no officio, gasta n'aquelle trajecto duas horas, e quando Deus quer, e as marés tambem, vae mais uma hora de quebra!

O Purgatorio é o carro do Antonio Joaquim, que espera-nos na dita Piedade e leva-nos aos trambulhões até a Barreira!

E a proposito de carros convem que os leitores saibam o seguinte:

Os carros, entre nós, passam por diversas phases:

A primeira, que chamarei o periodo brilhante da sua mocidade, tem por theatro as ruas do Rio de Janeiro. Sadios e lustrosos elles rolam satisfeitos pelos parallelepipedos d'esta cidade, até que um bello dia começam a sentir dores pelas juntas. São as primeiras rugas da velhice.

Então medicados e tratados convenientemente deixam a côrte e vão figurar nas ruas de Nictheroy. Ahi trabalham

ainda alguns annos, só Deus sabe como, e... cahem finalmente extenuados.

Nestas condições, quando já não podem quasi respirar, lá vão elles para Magé, para a Piedade, para Iguassú, para a Estrella e, coitados, ainda servem ! !

O afamado folego dos gatos é sombra e nada ao lado de tão prodigiosa vitalidade !

Da Barreira a Theresopolis, sobe o peccador montado em um burro, ou sentado em uma liteira.

Tenho fé, porém, que brevemente o burro, a liteira e o carro do Antonio Joaquim desapparecerão diante do sylvo da locomotiva, graças aos esforços do Dr. Bahiana, que teve o arrojo de montar ali uma colonia franceza, e que jurou aos seus Penates transformar a risonha povoação em um arrabalde do Rio de Janeiro.

Que Deus o ajude ; taes devem ser os votos de todos.

O outro Eden, Friburgo, vae se tornando uma especie de feudo do Dr. Eboli.

Os que lá vão pagam áquelle distincto Esculapio, o tributo da ducha.

Logo á entrada, perguntam-lhe :

— O senhor soffre do figado ?

— Um pouco.

— Pois tome duchas.

— Mas o meu mal não é propriamente do figado...

— E' do baço ?

— Creio que sim.

— Tome duchas.

— A's vezes quer me parecer que é rheumatismo ; porque sinto umas dores pelo peito...

— Tome duchas.

— Quem sabe si não tenho alguma cousa no pulmão ?

— Duchas.

— Ou no coração ?

— Duchas.

— Não durmo bem do lado esquerdo...

— Duchas.

— Tenho insomnias ás vezes.

— Duchas.

E as duchas são receitadas para todas as molestias.

Quando o verão se approxima, o Dr. Eboli annuncia que é durante esta estação que as duchas produzem os mais beneficos resultados.

Cessam as cigarras de cantar, entra o inverno com o seu cortejo de defluxos, rheumatismos e constipações e ahi vem o Dr. Eboli dizer-nos :

«E' nesta época que as duchas devem ser tomadas.»

As duchas, pois, são como o *paraty*.

No calor refrescam.

No inverno aquecem.

Ou como certos politicos nossos conhecidos.

Sobe o partido liberal; eil-os na situação e perfeitamente accomodados, como se fossem intimos da familia.

Cahem os liberaes e sobem os conservadores, e lá vão elles com armas e bagagens para o lado opposto.

E no fim de contas o Dr. Eboli tem razão.

A ducha é um grande medicamento.

E querem os leitores saber porquê ?
Porque é — agua fria.

O estabelecimento do Dr. Eboli é digno de ver-se.

Os seus hospedes são perfeitamente tratados e faz gosto ir a Friburgo só para dar um passeio n'aquella extensa varanda de sua casa, depois de haver levado umas vergalhadas de agua fria, tão fria que dir-se-ia gelada, e comer em seguida um succulento filet com batatas, como sóe preparar o seu excellente cozinheiro.

O clima de Friburgo, embora inferior ao de Theresopolis, é bastante ameno.

Chega-se ali amarello e magro ; e oito dias depois, com duchas ou sem ellas, principia a gente a tomar côres e a *engordecer*, como dizia uma senhora do meu conhecimento.

O mesmo se póde dizer de Petropolis.

Petropolis é a terra das flores e das crianças.

Estas são coradas e nedias ; aquellas virentes e asseti-nadas.

Não ha em todo o Brasil nada que se possa equiparar a este vasto jardim, para onde o imperador tem o bom gosto de transportar a sua côrte durante o verão.

Os alvos chalets a espiarem feiticeiros por entre corti-nas de verdura ; os chorões que se debruçam melancolica-mente á beira do rio ; o rio que se espreguiça reflectindo nas aguas crystalinas os contornos das pontes que commuui-cam as suas margens, onde á noite os pyrilampos accendem as lanternas furtacores ; o alvo macadam da estrada que se deslisa ora em linha recta, ora em curvas graciosas ; as flo-restas que limitam o horizonte douradas pelos raios ardentes do sol, tudo aquillo tem um encanto, um *quid* que fala á alma, e que não será, por certo, a minha penna a mais apta para descrever.

Tal é o panorama.

Mas o que constitue o encanto de Petropolis não é só-mente a paisagem ; mas sim a vida que ahi se passa.

Os elegantes sahem para a rua ao romper da aurora, de collarinho teso, empertigados, como si fossem para um baile.

O bello sexo ostenta nos passeios o que a ultima moda apresenta de mais notavel.

São estes pouco mais ou menos os cumprimentos que se trocam nas ruas da imperial cidade :

— Como está, senhora viscondessa.

— Bom dia, senhor barão.

— Adeus, senhor conde.

— Bon jour, Madame la Baronne.

— Senhor commendador, como tem passado ?

— Adeus, meu caro conselheiro.

Os landaus, os coupé, e os vis-a-vis encontram-se á tarde na alameda do alto da serra, formando verdadeiro contraste com os carros empoeirados dos passageiros que chegam da côrte.

Petropolis em tres mezes, vive mais do que o Rio de Janeiro em um anno !

Vive, sim, leitores ; porque no fim de contas a vida não é almoçar, ir para o escriptorio, jantar, ceiar, ler os jornaes, e dormir.

Tirem do mundo isto que os homens serios chamam de futilidades, e elle não valerá certamente dous caracóes !

Os homens serios !

O que é que o vulgo entende por homens serios ?

Os homens serios são...

Não tenho tempo para dizer agora o que elles são.

Comprometto-me um dia a tratar d'elles.

E como Petropolis é o ponto de reunião do Rio de Janeiro elegante, na quadra que atravessamos, os leitores hão de permittir-me que escreva, sob este titulo, uma pequena serie de artigos, estudando a vida e os costumes da poetica cidade imperial.

Até domingo.

---

Acontece em Petropolis o mesmo que ahi no Rio de Janeiro.

Quando, depois de muitos dias de chuva, d'essa chuva miuda e impertinente, que o vulgo compara á resinga de mulher ciumenta, o sol se estampa em pleno azul, luzente e abrilhantado, como a placa de uma commenda em peito de viçoso burguez, o bello sexo com vestidos de cores variegadas cos-

tuma invadir os bonds e lá vae para a Rua do Ouvidor ornar com a sua presença os armarinhos, as lojas de modas e as confeitarias.

O outro sexo, o das barbas, das calças pied d'elephant, do croisé abotoado, das botinas bicudas e do pince-nez dourado, posta-se á porta das charutarias, ensaia posições, estuda sorrisos, e d'alli assesta a bateria contra o inimigo.

A's grandes chuvas succederam aqui tres dias lindos, como... como... Os poetas, os romancistas, os dramaturgos, os folhetistas, todos esses sujeitos que escrevem pieguices para o publico, estafaram por tal fórma as comparações que hoje não se póde apanhar uma, ao acaso, que os criticos não gritem logo : — Isto é chapa.

O primeiro poeta que equiparou a mulher a uma rosa tinha certamente fóros de cidade na republica das letras.

Hoje esta imagem é trivial, chata e ridicula, como um rodaque branco com botões de osso.

Quando o autor dos Tymbiras, fallando do ceu do Brasil, chamava-o em seus harmoniosos versos — ceu de anil, — os innumeros adoradores d'aquelle grande poeta batiam palmas e exclamavam : Que inspiração ! Que imagens apropriadas !

Hoje, si o — ceu de anil — ousa apparecer no meio de algum periodo é logo apupado com a gargalhada do ridiculo.

Não sei, pois, a que equiparar a belleza dos tres dias que illuminaram Petropolis, na semana passada.

O sol era ardente ; mas á sombra havia uma brisa suave, consoladora, que entrava pelos pulmões a dentro e parecia dizer-lhes : «Respirem-me ; isto é oxigenio de primeira qualidade ; não é o ar do Becco das Cancellas e das esquinas do Theatro de S. Pedro, e da Escola Polytechnica. Venho d'aquellas florestas que ali estão, não trago em meu seio as exhalações do ammoniaco, mas o grato perfume das folhas e das flores. Eu sou a saude... a vida !»

E póde-se dizer que Petropolis em peso havia sahido á rua para respiral-a.

Quando digo — Petropolis em peso — vae n'isto uma hyperbole.

A hyperbole é doença chronica, de que soffrem quasi todos os escriptores.

Petropolis em peso é simplesmente a colonia elegante, que vem aqui todos os annos erguer suas lendas, durante os quatro mezes em que o Rio de Janeiro póde ser equiparado ás fornalhas do Pedro Botelho, que, segundo dizem, é o diabo; individuo que não conheço, e com o qual não quero relações.

Petropolis em peso é o negociante rico, é o capitalista, o ocioso de bom gosto, o Conde de..., a Viscondessa de..., o Barão de..., o estudante em ferias que conhece os rigores da onça, a leitora romantica, e tutti quanti procuram transformar em valle de sorrisos esta vida que, na opinião dos padres, não passa de um valle de lagrimas.

E' este Petropolis que se encontra no meio da rua, repotreado em lindas carruagens, cavalgando soberbos gynetes, e trajando no ultimo apuro.

O outro Petropolis anda de saia curta e jaquetão de baeta, pisa com os pés núa e vermelhos o macadam da estrada, faz queijos, cozinha, lava e engomma, vae aos Domingos á missa, aos sabbados, no salão da Floresta, dança a dez tostões por cabeça umas walsas duras e pesadas e umas polkas, que participam da mesma natureza, desconhece o oleo de figado de bacalhau e os vinhos quinados, bebe cerveja marca barbante, e traz nas faces a cor das cerejas da velha Germania, d'onde provêm os seus antepassados.

Voltando aos tres dias bonitos, e fechando o parenthesis das divagações, direi que elles ficaram assignalados nos annaes meteorologicos d'esta terra.

Na vespera de Reis, á tarde, dir-se-hia que o *alto da*

*serra* tentava justificar a todo o transe o titulo de *bois*, com que se apavona.

Todos os carros particulares e de aluguel ali se achavam enfileirados, á espera dos carros que deviam trazer da côrte maior reforço para a colonia elegante.

A espectativa era immensa.

Dizia-se :

— Hoje chega o L...

— Chega tambem o J...

— Vem a familia do F...

— Espera-se a Viscondessa de...

— E temos tambem o Commendador F...

Divisava-se a alegria em todos os semblantes ; porque o maior prazer de Petropolis é esperar gente.

Os que não podem ter este prazer, isto é, os que não podem ir ao *alto da serra* saudar os que chegam, contentam-se em saber no dia seguinte — quantos vieram, em que hoteis estão, e si veem por pouco tempo ou para passar todo o verão.

Foi um gosto ver depois desfilar todo aquelle mundo de carros, dos quaes partiam saudações e sorrisos para a galeria, que ali se posta expressamente para tal effeito.

Não se póde dizer, porém, ainda que a physionomia deste anno de Petropolis já esteja accentuada.

Esta cidade é uma especie de Protheu da antiga mythologia.

Cada anno assume uma fórma.

O que fará ella este anno ?

Passeará tão somente ?

Dançará ?

Exhibir-se-ha em corcertos ?

Jogará ?

Namorará ?

Fará pick-nicks ?

Eis o que ainda não se póde dizer.

O passeio publico está ás moscas, embora se eleve ali o Palacio de Crystal, que oxalá não tenha o mesmo destino que a desditosa Flora de Meirelles.

E, no entretanto, era aquelle o ponto predilecto dos passeios matutinos do bello sexo, ha dous annos atraz!

Ali, n'aquelles toscos bancos de páo, que já não existem, ficavam as senhoras de um lado e os homens do outro... como na ultima parte da quadrilha dos Lanceiros.

Não se falavam.

Entre os dous havia uma especie de cordão sanitario.

As senhoras faziam crochet.

Os homens de cabeça baixa traçavam na arêa com a ponta da bengala figuras geometricas.

Ora, no meio d'aquella gente, que não se falava, que vivia de cabeça baixa a fazer crochet ou a desenhar na arêa, sahiram casamentos!

— Como? perguntará o leitor.

— Como? pergunto tambem eu.

Artes do diabo, que é sempre quem arranja esses impossiveis; porque o bom Deus só faz o que é possivel.

Pelo caminho que levam as cousas, parece-me que ha um ponto destinado a substituir este anno o antigo passeio publico.

E este ponto é o — jardim da rua do Imperador.

Começam a reunir-se ali as senhoras, pela manhã.

Já vão apparecendo tambem por ali alguns paletots.

Por ora, ainda não se faz crochet.

Ainda não se traçam figuras na arêa.

Mas...

Não antecipemos os acontecimentos.

Até domingo.

# QUATRO CHRONICAS DE LUIZ GUIMARÃES JUNIOR [1]

(1) Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior, nasceu no Rio de Janeiro a 17 de Fevereiro de 1847, e falleceu em Lisbôa a 20 de Maio de 1898.

Diplomata, exercia elle funcções em Portugal quando ali chegou exilado, Dom Pedro II, figurando então entre os Brasileiros que receberam no cáes o velho Imperador.

Bello poeta parnasiano, deixou Guimarães Junior varias obras de valôr. As chronicas aqui reproduzidas, foram publicadas pelo «Diario do Rio de Janeiro».

# EM PETROPOLIS

## I

Rio, 11 de Abril de 1872.

A's 2 horas em ponto largou a barca de Mauá. Iamos apertadissimos dentro desse vaporzinho llgeiro, engraçado, banal e galante como uma casca de noz !

Havia muita gente na barca mais do que nella cabia ! Quinão nas regras da rethorica e poetica dos meus saudosos dias de preparatorios.

— O conteúdo era maior que o continente !

No cáes ficou muito povo ainda ; no vapôr ia ainda mais povo. Acotovelavamo-nos, como naturalmente farão as almas immortaes e felizes do dia do juizo final.

O meu amigo Adolpho K..., meio allemão e meio brasileiro, rapaz de excellentes attributos intellectuaes, um perfeito *gentleman* de barba loura e coração magnanimo, arrancara-me ao folhetim, á vista fluminense, aos movimentos mais ou menos prosaicos, mais ou menos commerciaes desta opulentissima e monotona Côrte, appellando para a minha amizade com uma soffreguidão incomparavel.

— Has de ir commigo amanhã !

— Não é possivel !

— E' fatal. Aprompta a maleta, escreve o folhetim e prepara-te para admirares o que ha de mais estupendo na natureza americana.

— Olha !

— Nada de razões. A razão é a louça de casa, meu amigo. O divino Platão preveniu-te a tempo.

— Petropolis !

— Petropolis, sim ! Petropolis dos teus nove annos ! Petropolis que é o Baden-Baden do Brasil, a Cintra do Rio de Janeiro, o Paraiso da costa da America !

— Vou !

— Espero-te na barca de Mauá que parte ás 2 horas em ponto.

O que fazer ? Ha muito tempo que a minha fantasia, esta tresloucada que determinou arredar-me por uma vez dos torvelinhos pautados da existencia commum, attrahia-me as vistas e o coração para a terra dos lyrios e das crianças, o logar da poesia alva e do frio poetico, a mansão dos cabellos louros e da manteiga fresca, o cantinho da terra em que se encontra ainda a verdade nua á beira do seu poço, e as sagradas musas debruçadas nos Orgãos espalhando dos cabellos ideaes as lagrimas da madrugada e os nevoeiros da montanha !

Eu lembrava-me de Petropolis como de um sorriso de minha mãe ou do primeiro brinquedo que me houvessem dado aos tres annos de idade ! Corria no fundo de minha alma saudosa o panorama do passado suave e meigo, singelo e melancolico, á semelhança dessas gravuras allemães em que ha um lago em cujas ondas socegadas passeia o cysne pensativo, e ao fundo do qual uma choupana, metida entre anemonas e acacias, deixa fugir na asa abençoada dos ventos matutinos a espiral da pobre e ignorada cozinha do lenhador !

Naquella terra e naquelle frio, vivi eu dous annos, criança, tenra, chorosa ás vezes, mas sempre contente e cheia de esperanças ! Nesse tempo o collegio hoje dirigido pelo Sr. Paixão, no Palatinado superior, pertencia ao Sr. J. Baptista Calogeras, nome dez vezes respeitado para mim, como o de um grande mestre, e de um grande amigo.

Nesse collegio, collocado em um dos mais saudosos e poeticos, arrisquemos o termo ! poeticos logares de Petro-

polis, vi eu deslizarem-se-me os primeiros gozos e as primeiras impertinencias de minha vida. De uma só não me lembrava então, e era de que viria a ser... folhetinista !

Esta sorte satisfaz-me agora. Quem sabe se nessa época eu pensaria assim, não é verdade ? A gente vae pouco a pouco, dia a dia, minuto a minuto, habituando-se ao destino que o céo lhe reservou, como os passaros que se satisfazem com o mais debil galho de larangeira, com tanto que fique suspenso nelle o ninho em que pipilla harmoniosa a implume familia do seu amor !

A arvore das conveniencias sociaes é copadissima e immensa ; ha logar para todos ; a grande questão é cada um satisfazer-se com o galho que lhe concede a fatalidade ou a ventura. Eu cá por mim resignei-me venturoso ao raminho de folhetim, e nelle, pousando, faço o possivel para cantar de maneira que os caçadores não me presentêem com alguma carga de chumbo e o enxame côr de rosa das minhas chimeras, cresça, ouvindo-me e comprehendendo-me feliz !

Quando entrei na barca de Mauá estava a dar duas horas. Acodiam familias e rapazes ao vapor como se cada um fosse attrahido pelo iman de sua existencia. Malas a tiracollo ; saquinhos de viagem, *bonets*, chapéos de palha, embrulhos, pacotes, trouxas, tudo affluia á barca vertiginosamente. Era uma revolução ! um enthusiasmo ! um mundo ! um mundo !

Largou o vapor. Voltei-me aos passageiros, e entre outras singularidades vi um anão examinando attentamente um mappa geographico. Um anão de vinte polegadas de altura ! Imaginem como se consideraria pequeno em presença do globo, aquelle atomo de gente !

O vapor corria como uma gaivota, sobre a espuma sussurrante. Quando virei os olhos para a terra, já o milhão de casas da Côrte, desapparecia ao longe com uma rapidez electrica !

A bahia do Rio de Janeiro é um prodigio. Repetir-lhes isto é ensinar o padre nosso ao vigario.

Encostei-me á amurada da barca e estendi a vista ao largo... Sobre as pedras espalhadas no meio das aguas tranquillas e verdes, pousavam os passaros marinhos seguindo de vez em quando o fumo ondulante do vapor com a indifferença de um ministro e o silencio de um idiota.

As capellinhas, que bordam essas praias brancas interminaveis da nossa bahia, scintilavam ao longe como um sorriso de virgem ou como uma oração de marinheiro. O sol vivo e deslumbrante feria a agua derramando os prismas arrebatadores do seu olhar olympico, e lá, lá em baixo, na barra fluctuante a vela cheia de um brigue, batido pelo Sudoeste.

Adolpho K..., chamava-me a attenção sobre tudo isso, e meu espirito vagava como uma Alcyone invisivel molhando as asas forasteiras no melancolico regaço das ondas.

Pouco se faz a bordo das barcas de Mauá. A viagem dura menos de duas horas, e a não se ler, a não se perguntar pela saude de um amigo ausente, cada um põe-se a seguir as sinuosidades e os caprichos do panorama, formado pelo céo e pelo mar.

Sonhar! sonhar! dizia o coxo poeta inglez. Sonhar, sim! O que é a vida, oh Deus de misericordia e de doçura! o que é a vida senão o sonho constante, o sonho interminavel e febril, á cata da riqueza, da formosura, do talento, da gloria e da felicidade?! Só é real o frio travesseiro da morte em que se acorda do pesado somno e onde a verdade implacavel nos descobre os funebres mysterios do amor e da mocidade!

Nesse memoravel dia, 6 de Abril de 1872, a viagem foi, conforme a giria popular, uma viagem de rosas! Os passageiros iam á farta, encantados, de nariz ao vento, charuto no

canto da bocca, e mais de um, palavra ! com o distinctivo da condecoração official na casa do paletot !

Levei um livro para a excursão maritima... que não li. Ler ali em presença do velho mar, do esmeraldino e infinito oceano, era prova de incapacidade, já não digo intellectual, mas visual ! Que melhor livro do que aquelle que a natureza escancarava ante os nossos olhos deslumbrados ? O céo de um azul mais escuro, azul de pupilla ingleza, confundia-se com as ondas, igual, liberal, fraternalmente ! Passou pouco afastado de nós um escaler povoado de inglezes vermelhos e patuscos, excellentes bochechas internacionaes e um ar de satisfação digno de figurar na questão do «Alabama» !

A ilha do Governador estendia-se á prôa da barca, esplendida, copiosa, cheia de arvores e com a sua igrejinha ainda mutilada pelo incendio !

A ilha do Governador é uma maravilha na extensão da palavra. Depois que dei séria attenção a essa ilha comecei a considerar com desprezo os continentes e os archipelagos em geral !

— Que ilha é aquella, amigo ? perguntava eu a principio a um criado ou marinheiro que me passava ao pé.

— Do Governador, meu amo.

Andava o vapor, andava o vapor; andava o vapor ainda.

— Oh amigo, que ilha é aquella ? continuava eu dirigindo-me a um marinheiro ou criado que me passava ao pé.

— Meu amo, é a do Governador.

A bordo desses vapores de Mauá ha uma sala de botequim, farta e asseiada. Desde que moveu-se a barca deixando a Prainha, os passageiros, os que não haviam almoçado de certo ! acommetteram a sala do refeitorio.

O rumor dos garfos, facas e pratos, abafava o ruido solemne e imperioso do machinismo nas aguas. Como se ouvia

o barulho das rodas, tinhamos certeza de que jantavamos, porque... se comia!

A politica fez o que pôde durante o trajecto; a litteratura ligeira...

«Oh! casta discrição a quanto obrigas!»

Iam pessoas distinctissimas a bordo. Espera-se o Imperador em Petropolis, no domingo, e todo o mundo acreditará que seria naquella formosissima cidade um dia de festa, o da chegada da familia imperial.

O meu terror era o meu bilhete de passagem. Por causa da affluencia não pude adquirir logar dentro dos carros da serra, o que, valha a verdade! sorriu-me pouco.

Nas margens do horizonte multiplicam-se as nuvens brancas, pesadas, fantasticas como mortalhas de mumias.

O mar inchava aos affagos brutaes do Nordeste, e uma especie de gaze humida, um véo de sereia desprezado ao vento, turbava a atmosphera, quasi fria.

— Pouco falta, disse-me o K.... Alegra-te.

O anão dormia sobre o mappa. Louvado seja Deus! Nunca pensei ver a olho nú um grão de areia perdido no meio do mundo! E vi o anão!

Soube mais tarde que era um bello rapaz, com propensões a jogador de solo e esperto como... tres anões! Encontrei-o em Petropolis, — desgraçado ambicioso! — encontrei-o montado em um cavallo do Cabo! Era sempre a reticencia encravada nas grandes orações!

Os passageiros moviam-se, examinando as bagagens, examinavam as mantas de viagem, examinavam os bolsos, e dispunham-se a saltar em terra com um enthusiasmo mais que pedestre. Estavamos a chegar! Iamos abandonar o campo movediço das aguas pelo florescente campo da industria nacional. Ouvia-se um outro guincho da machina dos wagons de ferro.

Que saudade, oh que saudade!

Eu não posso fugir do mar sem sentir na alma um aperto doloroso, essa angustia indizivel que Romeu devorava ao despedir-se de Julieta, e as sereias mysteriosas tragavam vendo desapparecer a seus olhos tristes a gondola dos doges de Veneza.

Adoro o mar, eu! Adoro-o como os astros adoram as mulheres... O mar és tu minha vida; és tu, oh mimosissima perola do meu coração! Palpita em teu labio o segredo das ondas febris e em teu collo enrosca-se a cauda dos golphinhos do Mediterraneo!

E' por isso que eu te amo, acredita! A mulher banal é um jardim; é um canteiro; é um vestido; é um... dote! Mas a mulher como tu, anjo meu, é o mar, o mar «Thalatta», como o intepellava Henrique Heine, abysmo prodigioso, como o chamava Homero!

Tenho medo do mar, e estremeço-o; tambem te estremeço, joia minha, e tenho medo de ti. Que queres? Sobre tuas costas perfidas está navegando a esquadra das minhas illusões... illusões verdes, cambiantes, com frisos de ouro e uma estrellinha de neve no topo!... Se vier o naufragio!

O certo é que a barca chegou a salvamento. Saltámos em terra, «bras dessus, bras dessous», de chapéo no olho, frac á Internacional e uns impetos communs, a todo o transe.

Os wagons esperavam-nos anciosissimos. A caldeira fumegava; o machinista, que é casado e costuma jantar em familia, franzia o sobr'olho conjugal, ameaçando-nos pela demora involuntaria.

Tomamos logares. Eu tive a ventura de sentar-me junto a um distincto jornalista e mais tres a quatro amigos e companheiros.

Um quarto de hora, meia hora, uma hora!

— Oh! que demora é essa?

— A bagagem!

— Porque? Pois o Rio de Janeiro muda-se todo para

Petropolis ? O genero humano em peso acommoda a bagagem nestes carros ?

— Não ha remedio, meu caro ! Havemos de chegar !

Falamos ainda de flores, da *banaldial* de Barreto Bastos, da nova companhia de *zarzuela*, da politica de Bismark, etc., quando o solavanco do carro deu-nos a entender que caminhavamos.

*Away !* Se Mazzeppa tivesse na Ukrania um corcel daquella natureza, estaria a gosto necessariamente !

As arvores fugiam em redor de nós ; os montes desappareciam ; as pontes faziam soar lugubre e magestosamente o jogo das rodas dos trens ; as andorinhas, tentavam em vão distanciar-nos... Era o vapor ! era a industria ! era a estrada de ferro ! A poesia do campo e os caprichos da natureza, nada valem ante a força prodigiosa do homem !

— Que tempo dura a viagem ?

— Vinte minutos !

— Vinte minutos ? !

— Justissimos !

Passaram quinze, dezesete, dezoito, dezenove minutos... Um guincho !... O machinista respirava... Ia jantar em familia !... Vinte minutos ! Chegamos !

O monstro estremeceu, vacillou, resfolegou como um velho elephante, cansado. Estavamos na raiz da serra e o meu carro era o n. 14.

Petropolis olhava-nos carrancudo por traz da montanha.

---

## II

Rio, 12 de Abril de 1872.

O boleeiro dos carros de Petropolis fórma um typo especial, um typo gracioso, digno de attenção dos archeologos

e curiosos em geral ! E' uma raça que vae desapparecendo pouco a pouco da superficie do globo, á maneira dos mastodontes, da ave do paraiso, dos pregos com que foi composta a arca de Noé, e de outras antiqualhas ante dilluvianas.

Não é propriamente um boleeiro ; é um estudo, é um methodo, é uma empreza, é um carro ! Os seus gestos, as suas palavras, o seu olhar, o fino olhar da raposa ingenua ! o modo de estender o pescoço, de estender a mão para receber gorgetas, o modo de chicotear os burros, tudo isso é cousa que merece serio reparo, serio cuidado, analyse profunda e philosophica ás direitas !

Entre nós aqui na Côrte, são faceis de se reconhecer os diversos typos de cocheiros que bloqueiam diariamente a paciencia publica, entrando por ella a dentro como quem atravessa o Rocio Pequeno !

Exemplo : o boleeiro de tilbury será sempre aquelle patusco jovialmente incivil que fuma ás nossas bochechas, incensa-nos com as acres vaporadas do cigarro de papel, pergunta-nos que horas são, discute a bondade do nosso relogio, quer por força saber onde mora o nosso alfaiate, e dá sua opinião acerca da nossa barba, preferindo soberanamente o cavaignac, se usamos barbas inglezas, preferindo barbas inglezas se tomamos a liberdade de deixar crescer o cavaignac !

O boleeiro do carro de praça concorda em genero, numero e caso com o seu collega do tilbury ! Ha uma differença entre os dous : o do carro não abandona o chapéo alto, o immenso, o inaccessivel chapéo alto, de côr duvidosa e pello ausente !

Os boleeiros particulares, os que guiam a salvamento os sumptuosos trens de medicos capitalistas, de viscondes, de senadores, de advogados dinheirosos, e barões rechonchudos, esses são os elegantes do mundo vehicular, os grandes, os sabios, os nobres, os empertigados, os heróes ! Tomam posição na almofada como os monarchas sob o docel do

throno; empunham o chicote como se fosse um sceptro e olham para a humanidade com esse ar solemne com que Galileu fulminava o mundo, o ingrato incapaz de comprehendel-o!

O boleeiro de Petropolis, o boleeiro da serra, digamos assim, que é mais justo! possue uma feição caracteristica, distincta em toda a parte e notavel em todos os sentidos! Não tem nem trajo proprio, isto é, uniforme de programma, nem linguagem pessoal. Se é allemão, fala o allemão misturado com portuguez. Se é portuguez, fala portuguez misturado com allemão. O que elles são, porém, acima de tudo, são de um orgulho germanico de um alcance extraordinario!

Quando eu e o meu amigo Adolpho K... corremos á procura do carro n. 14, onde por felicidade o meu bilhete davame um logar apenas ao ar livre e á chuva, o boleeiro, que se chamava Miguel, examinou-nos com um olhar carregado de projectil Krupp, que nos enchcu de assombro.

— A «sua pilheda?» perguntou-me cathegoricamente. Mostrei-lhe o cartãozinho verde, a cuja vista o homem curvou a cabeça, como se estivesse em frente de um decreto assignado pelo chanceller Bismark.

O Adolpho intervio:

— Oh! Miguel, eu não tenho bilhete. Não havia mais bilhetes á venda Miguel!

— «Enton nun fai»!

— Ora! Deixa-me ir. Tenho grandissimos negocios em Petropolis. Tu sempre foste de uma bondade vasta como o teu abdomen!

Puzemo-nos a rir, e o Miguel poz-se a rir tambem lugubremente como o faria um tunel... se o deixassem rir de vez em quando!

Immediatamente, porém, revestiu-se de um ar glacial, que me recordou Sedan, e cravando os olhos fumegantes em ambos nós:

— «Só se vor bor vafor !»

— Pois será por favor, amigo, será por um favor enorme ! Além disso, olha...

O meu amigo passou fraternatmente para as mãos do subdito petropolitano uma nota ligeira do thesouro nacional. Desenrugou-se a fronte marcial do homem, e como o interior do carro já estivesse occupado pela familia do Sr. conselheiro S. F., saltamos para as almofadas com a maior promptidão e esperámos a hora definitiva da partida.

Uma fria neblina escurecia o ar e as arvores que bordam a estrada meneiavam as cheirosas cupulas, derramando folhas e flôres, uma chuva de perfume !

Os passageiros alegres e febris haviam-se apoderado dos outros vehiculos, que eram, se não me engano, quinze, numero diminuto para a profusão de viajantes que naquelles dias affluiam a Petropolis.

— Então ! Andamos ou não ?... perguntei ao sisudo cocheiro.

Elle fitou-me desdenhoso e mostrou-me com o cabo do chicote a bandeirola em que se lia o numero do trem.

Soube depois que os carros andam por ali em ordem arithmetica, e que se por fatalismo accidente o numero 11 ficar no caminho ficarão fazendo-lhe companhia os ns. 12, 13, 14, 15, 16, 17, etc., etc !

Mettemo-nos afinal em linha de marcha.

— Chegamos cedo a Petropolis ?

— «Hoche non» ! volveu o cocheiro dando para rir gutturalmente, «gêga darte» !

E continuou com a conversação allemã e portugueza com o Lucas, o commissario, personagem tão conhecida nesta Côrte e em Petropolis como a ilha de Paquetá.

A serra estendia em redor de nós as suas arvores extensas, docemente fluctuantes, como um seio de virgem que

derrama, a um affago da primavera, os seus melhores extasis e as suas illusões mais puras.

A montanha dos Orgãos é irmã gemea do Cubatão, aquelle circumspecto e sombrio panorama que nos conduz a S. Paulo atravez de nevoas, de canticos, de mysterios e de roncos de trovão !

Esse bocado de elevação e declive, que vae desembocar na cidade graciosa e triste, elegante e sentimental das bengalinhas e dos cabellos louros, é suave, mas melancolico !

Quereis formar uma idéa exacta da serra dos Orgãos ? Lembrae-vos do sorriso lacrimoso de vossa amante, quando vos despedistes della, na hora dos supremos adeuses !

Os passaros são raros ali, pelo menos o foram naquella tarde !

Cipós monstros enroscando-se nos troncos alterosos ; folhagem expessa e brava compondo leques prodigiosos, a cuja sombra póde caminhar um batalhão que atravesse a serra ; parasitas rubras como sangue de suicida, pallidas como labios de idiota, azues como veias de recem-nascido ; eis a meiguice, a força, o encanto, a natureza explendida daquella parte dos Orgãos, onde ainda hoje se encontra núa a musa da poesia, apesar do frio que lá faz !

O cocheiro conversava sempre em portuguez e allemão, estylo mixto ! com o commissario Lucas, mais conhecido aqui do que a ilha de Paquetá e a rua da Alfandega !

Adolpho K. ia calado, taciturno, mysterioso como a critica da «Razão Pura» de Kant ! Eu não ia serio, nem risonho ; nem calado, nem palrador... Ia de olhos presos na natureza vigorosa como os olhos de Carmelia, a mãe de cem Grachos, ouvindo o rumor pavoroso e querido das cachoeiras argentinas e os gritos incognitos de uma ave que despertava a solidão encantada das florestas !

E fiz uma idéa da Côrte, do mundo, da literatura e das aspirações sociaes... Erguia-se sobre o abysmo um ipê se-

cular de cujos ramos nervosos desdobrava-se o manto impotente e roto das parasitas, que ao menor aceno do vento deixava cahir o pollen que o engrandecia e sustentava, movendo em vão as suas petalas tristemente coloridas e colladas ao tronco gigantesco...

Lembrei-me de José de Alencar, do «Tronco do Ipê», do «Guarany», e... dos criticos, que ao menor aceno do vento deixam cahir o pollen que os sustenta, collados á arvore gigantesca a que se arrimam !...

A litteratura brasileira brotava ali com um furor, com um enthusiasmo, com uma sonoridade, estupenda !...

Vi o Dr. Macedo, vi o Joaquim Serra, vi o Carlos Ferreira, vi o Machado de Assis, vi... A «Moreninha» suspirava como uma pomba selvagem e alva no alto do coqueiro, ostentando os olhos e as asas para o mar longinquo !

Atravez das lianas caprichosas pulavam as rosas loucas ; a ribanceira elevadissima e abrupta convidava para o salto de Leucate, e as borboletas voavam em cardumes amorosos, partindo de um raio de sol no poente o tumido frouxel de suas abandonadas chrysalidas !

— Mas, oh meus amigos ! em volta de tudo isto cresciam, viscavam, estorciam-se, caretavam as parasitas parlapatonas, as hervas de passarinho, as reticencias imbecis da natureza que a todo o transe pretende dar uma palmatoada no Creador !

O cocheiro conversava sempre com o Lucas commissario, e a noute avisinhava-se como um máo agouro desenrolando sobre nós o seu véo de viuva descontente e irosa.

A natureza por aquelles sitios tem um modo de exprimir-se que espanta. O vagalume recorta a matta sombria como entre nós a lamina de um punhal ou de um charuto aceso ; os perfumes nocturnos impressionam ; as sombras, que a luz etherea geram pela estrada são talhadas á feição dos fantasmas de uma vigilia sanguinolenta ; os rios murmu-

ram no concavo das florestas como o ruido da oração de um faccinora, e as cascatas despenham-se justamente no tom com que os girondinos festejaram o seu ultimo banquete de alegria e de vida !

O boleeiro deu costas ao Lucas ; o crepusculo multiplicava no espaço as suas innumeras mortalhas e as suas lagrimas fluctuantes.

Descansámos cinco minutos para a mudança dos animaes, e seguimos com o mesmo recolhimento, a mesma sinceridade e o mesmo respeito de «touristas» catholicos. Os peregrinos antigos não iam a Meca mais circumspectos do que nós a Petropolis !

O café bebido no pouso transformou-me o espirito, fortificando-o, de fórma que eu recebi a descida da noute com o bem estar com que as corujas apreciam o primeiro relampago da lua !

A serra enchia-se de minuto a minuto de sussurros mysticos e indiziveis harmonias. Um aroma selvagem e penetrante enthusiasmava-me os sentidos. O nevoeiro envolvia-nos em suas asas azuladas e pallidas, acastellando-se ante os nossos olhos, á maneira de uma parede de carcere.

Cheguei a confundir o boleeiro com um amigo e estive para dizer-lhe um segredo.

Nem uma estrella no céo ; nem uma luz na terra.

O Miguel e os outros conductores dos carros faziam reboar nos ares os seus gritos symbolicos aos animaes, que mostravam não os comprehender.

— Dl ! Di ! Zi ! Si !

E' uma giria especial a desses amigos unicos ! Uma vez ou outra, o carro da frente estacava.

— E' o numero 13 ! dizia eu commigo mesmo impressionado. O numero 13 é fatal !

Miguel mimoseava os quadrupedes que nos conduziam com um furor estupendo. Amavel boleeiro !

O carro da frente não era o 13, não ! era o 12 ; o 13 fi-

cara em Petropolis desmantelado e em officinas de concerto. Perdi mais esta coincidencia para viagem. Uma coincidencia, Sr. Azurara!

Já me ia sabendo mal o passeio. Se o Adolpho estivesse á mão enforcava-o mas o pobre rapaz estava como eu de almofada na trazeira do carro!

Comecei a pensar então nas contrariedades da existencia e das estradas... Lutar é a vida, oh Miguel, estupendo cocheiro! lutar é o presente! é lutar o futuro!

O nosso cocheiro suava, mas em compensação suavam mais os burros. D'ahi conclui que é preferivel a posição de boleeiro, mesmo na serra dos Orgãos, á de burro, mesmo na rua do Ouvidor.

— Di! Di! Zi! Si!

Quatro ou cinco malas, cinco ou seis embrulhos, seis ou sete pacotes foram collocados desde a raiz da serra sob os meus botins. Incommodava-me horrivelmente aquillo, palavra de honra!...

Resignei-me, resignei-me sorrindo com uma doçura, que a noute escondeu á admiração dos meus contemporaneos.

Parou o carro na barreira. Alegria!

Imaginei que estavamos perto. Um passageiro que desce é o prologo da viagem terminada!

O Lucas encetou nova conversação com o cocheiro, em que admiravam-se mais palavras allemães do que portuguezas. Outro indicio de chegada!

Petropolis apontava através da neblina, e o frio augmentava vivamente. Embrulhei-me no sobretudo e dirigi uma intima oração ao Altissimo!

Umas luzezinhas tremulavam aqui e ali como lagrimas e sorrisos de gente pobre. O Miguel dirigiu apostrophes mais violentas aos burros e pouco depois estacavamos subitamente.

Estavamos no Palatinado inferior. — Collegio Paixão!

ou por outra: — «Gollechio Baijão»! bradou o cocheiro.

Brilhavam os vagalumes e os lyrios derramavam da sua doce urna aromas virginaes. Respirei!

---

III

Rio, 13 de Abril de 1872.

O Sr. Paixão esperava-nos á porta do collegio, e antes de penetrarmos em casa, foram saudados ferozmente por tres ou quatro cães, inimigos, de certo, dos habitantes da Côrte, e que haviam reconhecido por baixo do meu sobretudo, do meu «cache-nez» e das minhas vastissimas luvas, um representante da terra dos «bonds», do Cassino Fluminense e das apolices da divida publica.

Cheio de um louvavel terror apertei o passo e minutos depois, feitas as apresentações do estylo, declaramos, eu e o Adolpho K, ao Sr. Paixão, que eramos portadores de um appetite digno dos banquetes romanos.

Uma rapida e deliciosa collação foi-nos servida como por encanto, e depois dos primeiros affagos estomacaes começamos a receber e a dar noticias em carga cerrada. Vieram um quarto de hora mais tarde, uma gentil e inquieta menina e um pequeno, louro, de grandes olhos pardos, perguntar ao Adolpho por «aquillo». Aquilio era nada mais nada menos do que uma boneca vestida á côrte, accomodada cautelosamente na mala de viagem, e um relogio dourado, desses relogios, oh amigo leitor! que tanto te enthusiasmavam, quando tinhas cinco annos de idade! Relogio chronometro que anda «ad libitum», e cujos ponteiros se não tivesse a engenhosa idéa de os mover, ficariam a marcar eternamente a hora festiva do delicado mimo!

Entregues a boneca e o relogio, reatamos o fio da con-

versação. Eu ia um pouco moido, mas estava anciso por ver Petropolis. Uma ligeira chuva peneirava no ar escuro e o frio amiudava os seus estyletes invisiveis, forçando-me a enroscar dentro do sobretudo com as ondulações intermittentes de uma cobra! Mas, dentro de mim mesmo, como eu saudava estupefacto e feliz a presença do frio! O frio! O terrivel, o agradavel, o saboroso frio, que um homem da Côrte tem o direito de não saber o paladar que produz!

Naquella manhã, ainda, como me abanei ahi por essas ruas de boca entre-aberta, cabello lacrado ás fontes e camisa inundada de suor! Era um diluvio de fogo que o tal sabio allemão affirma estar-nos a bater á porta!

Desde, porém, que os ares de Petropolis começaram a se expandir em redor de mim, estremeçi todo e fiz uma idéa do inverno, imaginando a doçura elegante de um salão atapetado de lã de camelo com a sua chaminé de marmore no canto, o seu fogão acalentador, os divans, uma copia de Ingres, outra copia de Leopoldo Robert, e uma pallida e fulgurante creatura de cabello desenrolado, mãos entrançadas, collo offegante, quasi escondida entre os setins carinhosos da mais vasta poltrona da sala!

O frio é tudo nesta vida; o frio é a viagem, é a actividade, é o talento, é a força, é o heroismo, é o amor!

As melhores cousas de que tenho conhecido foram inventadas para o tempo frio; por exemplo: o jogo do florete, o commercio, o pugilato, a philosophia, o charuto, a cama...

A cama, eis-nos com ella! Era justamente della que eu queria falar! A cama! Pois haverá logar mais proprio para os estudos mysticos, para as grandes aspirações, para emprezas transcendentes, para se esperar pelo dia seguinte, que é o futuro, do que a cama?

A cama não foi feita para se dormir nella, acreditem! Deve-se dormir de qualquer outra maneira e em outro qualquer traste: dormir de pé, de perna para o ar, em cima de

um mocho, por baixo de uma cadeira ; dormir a cavallo, dormir de carro como Richelieu, dormir de balão como Nadar ; mas dormir... de cama, isso é um absurdo, é um boato ridiculo espalhados pelos poltrões, pelos vadios, pelos lorpas, pelos covardes !

Não se deve dizer indo á alcova, á noute, depois do chá : «Vou dormir». Inspirada phrase ! Phrase de camisa de flanella e barrete de algodão ! Deve-se dizer : «Vou me deitar». Equivale a declarar-se ao mundo :

O «poeta» : Vou evocar as santas musas da mocidade e do amor !

O «advogado» : Vou interpretar alguns artigos do codigo !

O «negociante» : Vou estudar os movimentos do cambio !

O «namorado» : Vou vel-a !

O «ministro» : Vou demittir seja lá quem fôr !

O «tabellião» : Vou tentar nova forma de assignatura !

O «bohemio» : Vou cantar !

O «orphão» : Vou soffrer !

O «desesperado» : Eu cá por mim vou morrer !

E ha ainda quem afiance que essa calumniada cama, que essa historica e illustrada cama, foi posta á disposição dos mortaes para se dormir nella ! Prodigiosa injuria !

Antes de me deitar, portanto, convidei o Adolpho K a ensaiarmos uma digressão pela cidade. Embrulhei-me mais affanosamente no sobretudo e expusemo-nos ao ar livre da noute. Estava o céo de uma escuridão classica, e a doce chuva, pingando das dhalias, dos bogarins e dos lyrios curvos, repartia imparcialmente ás asas de todas as brisas os reconditos aromas daquella encantadora natureza, que é um encantado jardim.

A legião dos vagalumes marchava atravez das larangeiras e das sylvas agrestes em columnas cerradas expellindo

das asas o clarão fantastico e suave! Latiam de longe em longe os cães melancolicos, e as cachoeiras engrossadas pela chuva estrugiam como as bravatas do oceano em horas de tempestade.

Voltei-me para o pomar, para o jardim, para o recreio do collegio e puz-me a pensar em uma meia escuridão onde fluctuava a luz escassa de uma lanterna que nos precedia.

— Que estás fazendo ahi? bradou-me o Adolpho.

— Deixa-me recordar, oh amigo! deixa-me recordar um bocadinho, que isto faz bem á saude!

E por traz das arvores ondulantes, do seio das margaridas e das magnolias, erguia-se a chorosa musa das minhas saudades de infancia, sacudindo em meu caminho, como fazem os arvoredos orvalhados, a chuva das bemditas lagrimas do passado!

Umas vozes desconhecidas mas ternas, vozes semelhantes a murmurios de harpas e a tremulo ruido de beijos pareciam articular-me ao ouvido sobresaltado:

— Lembra-te ainda, lembra-te muito, lembra-te oh! destino caprichoso e aventureiro! do teu casto romance dos nove annos! Por aqui passaste um anno inteiro, todas as noutes no meio dos teus companheiros de collegio, ás nove horas, depois do chá, e ias tonto de somno, recolher-te naquella casinha que d'aqui vez, repara! aquella casinha, perdida entre as moutas e as parreiras selvagens, como um sorriso melancolico e puro! Era ahi o dormitorio dos menores no tempo em que o Sr. Calogeras, o teu excellente mestre, o teu grande amigo, dirigia o collegio! Os pyrilampos esgueiravam-se, tal qual como agora, por entre os nossos franzinos galhos, e ás vezes a pensativa lua derramava do alto do céo a sua argentina e transparente tunica.

Eras feliz então, eras! Não conhecias ainda a amizade que atraiçôa, o amor que arruina, e as glorias sombrias que

dilaceram a cabeça procurando ornal-a com um diadema infernal !

Deve estar bem mudada, amigo, a tua alma ! Não cremos que tenhas a idade das Pyramides do Egypto, e no entanto ellas são mais fortes, mais crentes, mais moças do que tu ! Lembra-te ! Lembra-te ! Olha para ali... é o rio ! é o «fundão» ! é o logar do banho ! Os lyrios e as açucenas não desappareceram, (nota bem) crescem sempre alterosas e limpidas, estas flores innocentes ! A agua soluça e ri como dantes, a estrada como dantes corre silenciosa, o céo é o mesmo, são as mesmas as relvas, e os passarinhos que tu conhecias veem ainda hoje tecer os seus ninhos entre os nossos ramos esperançosos ! Só tu és outro ! só tu mudaste ! só tu envelheceste : ai de nós ! só tu morreste !...

— Então ? gritou-me o Adolpho impaciente.

A lanterna abriu-nos o caminho e pozemo-nos em marcha sem dizer uma palavra. Eu ia triste, e porque não dizel-o ? pungia-me na alma a dor do remorso de um crime que não commetti. A asa negra dos vampiros turbava por espaços o clarão sanguinolento da lanterna.

Não ha nada no mundo mais pacato, mais mudo, mais tumular do que os caminhos e estradas que bordam a elegante cidade, em pequena distancia do centro animado. Experimentei um choque immenso comparando-as aos mais desconhecidos beccos da Côrte.

— Oh ! Adolpho, por aqui não tem havido algum caso de morte ?

Elie olhou-me cheio de admiração.

— Que dizes, homem ?

— Algum suicidio, algum duello, alguma sova de páo ?

— Ora essa ! Estás zombando !

— Não estou, palavra de honra. Pois olha, amigo, é este um dos logares mais proprios para o desforço mutuo da humanidade ultrajada !

— Tudo aqui é de paz, descansa: não terás a registrar facto nenhum que arripie os cabellos do leitor!

Que solidão, Deus de misericordia, aquella! Ouve-se apenas a natureza virgem e expansiva como primitivo! Um sorriso de fonte, o coaxar impotente e monotono de umas rãs, que questionam não sei que theorias philosophicas, o grito da ave nocturna surprebendida pela chuva e o sussurro das asas das mariposas negras, que fustigam ciumentas o calice das flores!

Pela Côrte o caso muda de figura. E' rara a rua em que não se tenha revelado a importancia de um par de cacetadas, e em que se não ande de bolso exposto á honestidade dos transeuntes!

Em Petropolis, á noute, corre-se apenas o risco de se encontrar uma quadrilha de sylphos ou de um bando de rosas que vos peça a bolsa ou a vida!...

Adolpho K apresentou-me em casa do seu excellente cunhado, o Sr. José Luiz Ferreira, distincto administrador das obras publicas, e um moço de real talento e recursos intellectuaes a toda a prova.

A elegante habitação do Sr. Ferreira está na rua de Paulo Barbosa, uma das mais bonitas do logar. E' uma casa pequena, galante, fresca, cercada de flores com suas cortinas rendadas de uma alvura especial e em cujo interior se encontra o agasalho das eras antigas, em que o hospede trazido pelo filho, assumia as proporções de filho primogenito da familia.

A velha mãe de Adolpho recebeu-me com ares de quem veio ao mundo para ser de uma ineffavel generosidade, e o Sr. Ferreira tratou de penhorar-me enchendo-me de attenções. Em um quarto proximo á sala dormiam duas elegantes crianças louras, ameaçadas de uma chusma de mimos, que o Adolpho trouxera da Côrte!

Nas paredes da gentil salinha admirei eu duas gravuras

representando quadros de Delaroche e de Paulo Deltufe, creio eu. Cousa melhor, porém, estava reservada á minha curiosidade. Era o hospital de Santa Thereza, plano do Dr. Bonjean, e executado em papel pelo Sr. José Luiz Ferreira. Este hospital de Santa Thereza, cuja pedra fundamental foi lançada pelo Imperador no dia 2 de Fevereiro de 1871 só teve começo de execução um anno depois! Vá isso como parenthesis, e digamos de relance qual o plano do Dr. Bonjean.

Todo o edificio deve ter 55 janellas de cantaria, cinco portas exteriores, 59 interiores e cinco escadas de cantaria. Comprehende na frente tres salas, quatro quartos particulares, corredor, por onde se entra na pharmacia, dous quartos de empregados. Dos lados ha quatro enfermarias e quatro sentinas: quatro quartos para banhos, quarto para enfermeiros; em seguida corredor, refeitorio, rouparia e um quarto; duas enfermarias mais e quatro quartos particulares. Segue-se a galeria, e no segundo corpo do edificio a cozinha, a copa, a dispensa, sentina e tres quartos para empregados. Accrescentando a isso a casa para deposito de cadaveres e a sala de autopsia, temos mais ou menos idéa do excellente plano do Dr. Bonjean.

O Sr. Ferreira, com um habilidade rarissima, pôz em pratica o edificio, usando de papel encorpado, fingindo perfeitamente a cantaria, e não poupando nem sequer as telhas, que tambem são de papel. O edificio em ponto pequeno, como o executou o Sr. Ferreira, mede um metro de comprido sobre meio de largura.

E' uma curiosidade: tudo se vê ali; atravessa-se corredores; admira-se o vidro das janellas, as escadas, as vigas, os ventiladores, etc. Custou esse trabalho o espaço de sete mezes, e o intelligente administrador das obras publicas pretende offerecel-a ao Imperador.

O Sr. José Ferreira é desses moços para quem o governo devia olhar com muita attenção e muito desvelo.

A's 9 horas, pouco menos, pouco mais, eu e o Adolpho K. dirigimo-nos á cidade. Mal pude nessa occasião admirar os magnificos predios das principaes ruas, como as da Aureliana, D. Januaria, D. Francisca, do Imperador, de Paulo Borbosa, da Imperatriz, de Maria II, de Bragança, a que o novo canal dá um aspecto gracioso, de D. Leopoldina, de Monte-Caseros onde se vê as tristes ruinas do cemiterio velho ; de Nassau, onde está o collegio Kopke, etc., etc.

Voltámos ás 11 horas e eu encontrei, á minha espera, em casa do Sr. Ferreira um magnifico aposento e uma cama confortavel... para sonhar, nunca para dormir ! Não durmo em cama, já disse !

Sobre a mesa ao pé da cama havia collecções de comedias de Feuillet, que reli com o enthusiasmo que voto ao mais delicado e artistico escriptor da França contemporanea.

O cansaço opprimia-me ; resmungavam ao longe as rãs, e o frio chamava-me á ordem. Embrulhei-me em uma confortavel coberta, e... Pois devo dizer que dormi ?! Nunca !... e... passei a noute !

O Imperador era esperado das nove para as dez horas no alto da serra. Dirigimo-nos para lá a pé, uma legua, ida e volta ! eu, o Adolpho, e os Drs. J. e L. Guimarães, charás, amigos e collegas de academia !

As amazonas elegantes, amazonas da Côrte, note-se ! enchiam a estrada com as suas plumas roçogantes, em fogosos corceis, deixando voar nas lufadas do vento indiscreto as fimbrias do vestido revolucionario !

Carros repletos de familias, de senhoras, de sedas e de luxo, seguiam igual direcção. E a atmosphera limpida e casta, a atmosphera pobre daquellas paragens, parecia arrufar-se ao contacto dos setins que a afrontavam ! O luxo ali fazia triste figura, valha a verdade !

Começaram a passar os meninos do collegio em alas ; mulheres de cabellos louros e avental de sarja preta, guiavam

bandos de meninas vestidas de branco e com ramalhetes na mão. Aquilio sim ! Aquillo é que era doçura da mediocridade, da singeleza e da supportavel e bemdita miseria.

Uma banda allemã esperava tambem na serra a familia imperial.

Assim que apontaram os carros do paço subiram ao ar as festivas girandolas, e o Imperador, a princeza, a Imperatriz e o conde D'Eu foram saudados por um milhão de vozes infantis, como um hymno de innocencia, emquanto o hymno nacional reboava na limpida atmosphera da serra dos Orgãos.

Os principes, filhos do duque de Saxe e da sempre lembrada princeza, criancinhas louras, rosadas, risonhas como uns colibris, correspondiam contentes á ovação dos outros colibris que os admiravam.

Foi um espectaculo explendido !...

Atraz do carro imperial as carruagens lançavam a galope, e os demais carros descobertos formaram o sequito. As crianças pobres tiveram de seguir a pé, com os seus rasgados olhos azues, e o sorriso da ventura e da pobreza feliz nos labios purpurinos.

Voltámos para o collegio Paixão, de que falarei em breve, q ue eu para honrar Petropolis concedi-lhe um folhetim em quatro capitulos.

— O que faremos hoje, Adolpho ?

— Iremos á Cascatinha, corremos a cidade toda, e á noute...

A' noute ? termina, oh amigo !

— A' noute assistiremos ao baile dos allemães. E' preciso que fiques um perfeito petropolitano.

— Prrafe ! como dizem os teus patricios.

## IV

18 de Abril de 1872.

Antes de partirmos para a Cascatinha, que dista, creio eu, uma legua da cidade, e emquanto os animaes do carro que nos esperava escarvavam arrogantemente o chão, fui, guiado pelo director, visitar o interior do collegio.

O collegio Paixão é um dos primeiros que existem entre nós pela limpeza, pelo esmeradissimo asseio, pela profusão e escolha de alimento, pelo ensino, pela posição do edificio, e pela paternal amizade do director e mestres para com todos os alumnos.

Já tive occasião de tratar com um dos professores, o Sr. Moore, moço illustrado e de uma distincção especial. Leccio-na francez e inglez. Corri os dormitorios, que são quatro, amplos e arejadissimos, as camas dos meninos feitas com o maior apuro apresentavam cuidadosa limpeza, e os uniformes dos pequenos, chegados, meia hora antes, do passeio ao encontro do Imperador, estavam á cabeceira, dobradinhos e acondicionados com a delicadeza que nessas cousas revela a mão caridosa de uma mãe ou de uma irmã.

Nos quatro dormitorios cabem perfeitamente camas para cem alumnos, ficando todos á larga.

Ha, além das salas geraes, quartos particulares para doentes de molestia contagiosa, sem contar com a enfermaria confiada ás attenções de um empregado zeloso, querido pelos rapazes.

Passámos dos dormitorios para os salões em que funccionam as aulas. Em tudo o mesmo apparato de limpeza e o chão e os bancos luzidios como se tivessem sahido das mãos do marceneiro na vespera.

No collegio Paixão preparam-se estudantes para o curso superior, e, se attendermos á estatistica publicada, o collegio

deu proporcionalmente nos ultimos exames da instrucção publica mais alumnos approvados do que os outros.

A bibliotheca, que é pequena, é escolhida, não se poupando o director a despezas para a acquisição das obras mais bem recebidas pela critica e pelo professorado moderno.

Eu estava ancioso para ver o recreio, o alpendre, a cuja sombra, em épocas felizes, imparcialissimo leitor! saltei eu no jogo da amarella, como acontece hoje a muitos rectos juizes nossos por cima da costituição e do codigo!

Os meninos corados e alegres entregavam-se ás evoluções graciosas daquella idade de bemdita escravidão, de que com tanto enthusiasmo nos libertamos ao apontar a lanugem no primeiro buço, para chorarmos depois com lagrimas tão cruentas e tão amargas!

Uma circumstancia que fala a favor de qualquer estabelecimento de educação infantil, é a alegria dos que nelle se educam!

No collegio Paixão, por exemplo, os rapazinhos e os rapazes, não ha remedio senão dar esta ultima classificação a dous ou tres taludinhos que por lá ha! vivem jovialmente com um constante sorriso na boca, e nos olhos gestos francos de quem passa satisfeito, jaqueta sem tiras, o que é uma vantagem enorme para o director da rouparia, fortes, sadios, bem dispostos, e resistindo ás lufadas daquelles frios impertinentes com uma sencerimonia proverbial!

Jogavam uns a amarella, ontros a barra, que recordações! jogavam outros a malha, e havia a um lado o trapezio para as evoluções gymnasticas, que naquelle momento não tinha concurrentes.

Segui-os nos graciosos brinquedos, lembrando-me do tempo em que eu e dous a tres companheiros inseparaveis faziamos um figurão de perninha levantada ou correndo como veados em voltas, vira-voltas e zig-zags caprichosos!

Esses dous a tres companheiros são hoje, um juiz de di-

reito, outro addido de legação e o ultimo casado. Vejam que differença na vida de quem tanto pulou, corcoveou e esperneou aos doze annos de idade! Negue-se ainda a força do destino, oh! Verdi! se é possivel negar a força do destino!

Depois de percorrermos todo o recreio, o Sr. Paixão convidou-me a ver o theatro.

— O theatro? Como o theatro?... Será o mesmo das minhas éras?

— E' com pequenas modificações. Pintou-se o panno.

— Creio, creio; ha 18 annos!

O theatrinho do collegio é garrido e gentil, com a sua orchestra, o seu largo salão para espectadores e uma soffrivel collecção de trabalhos scenographicos.

Em honra á minha pessoa dous meninos trataram de armar uma vista de bosque, por cuja attenção senti-me commovido!

O panno de boca representa allegorias á arte e os escudos os nomes de varios escriptores dramaticos e compositores nacionaes, como Mesquita, Carlos Gomes, Bocayuva, Alencar, Macedo, etc.

No frontespicio do panno está gravada a seguinte maxima:

«Ridendo Mores Hominum castigantur».

Disseram-me que são muito concorridos os espectaculos, e, quanto a mim, nada como um divertimento dessa especie para apurar o gosto dos meninos e habitual-os a mostrar sem enleio o nariz á sociedade.

O theatrinho do collegio Paixão é digno do maior successo, embora não fosse senão em louvor ao meu nome. Livre de brincadeira! aos dez annos pisei aquelle tablado, figurando em uma peça apparatosa em tres actos, no primeiro de creado mudo, no segundo de convidado mudo, no terceiro de marinheiro mudo... sempre de uma mudez incansavel!

O jardim que costêa uma das faces do collegio é cres-

cidissimo e opulento : a flora petropolitana maravilhosa ao mais indifferente apreciador do genero. Em riquissimos festões entrelaçam-se as dhalias, as camelias, as rosas de um milhão de matyzes, os amores perfeitos, que são indescriptiveis, e toda a sorte de flores, nascendo por ali, rebentando da terra em cardumes, como as estrellas no céo e como as arêas no mar.

A horta é immensa e está tratada com um exemplar desvello. Essas modificações em geral, tanto no terreno que circumda e pertence ao collegio, como dentro do edificio, devem-se incansavel afan com que o Sr. Paixão dirige o seu notavel estabelecimento.

Lastimei sinceramente não poder assistir ás aulas, pois chegaramos no sabbado á noute e ás seis horas de segunda-feira teriamos de voltar á Côrte. O Adolpho com finissima delicadeza promptificou-se a acompanhar-me na viagem de regresso.

Não me esquecerei nunca dos agradaveis momentos que passei no collegio Paixão, do cavalheirismo do director e de seu socio, o meu amigo e companheiro de jornada, guardando em minha memoria as affabilidades de que fui alvo no limitadissimo espaço de tempo que estive em Petropolis.

O collegio Paixão conta já com soffrivel numero de alumnos, e é de crer que em breve duplique esse numero.

Os paes de familia que procurem para os meninos os bons ares, que é a verdadeira saude, e o bom ensino, a boa moral, que é a saudavel hygiene da alma, devem prestar a maior attenção áquelle collegio, onde os estudantes são considerados filhos e os mestres realisam a alta missão de que os reveste o seu laborioso e nobre encargo.

O boleeiro do carro que nos conduzia á Cascatinha dava signaes de viva impaciencia.

— Não ha remedio ! embarquemos !

— Embarquemos ! acodiu Adolpho e dirigiu um complacente sorriso ao cocheiro.

Soube depois que era barão esse boleeiro, e até o termo do passeio contemplei-o com um respeito profundo e plebeu !

De passagem recebemos na rua de Paulo Barbosa o Dr. L. Guimarães e um novo companheiro, um distincto negociante desta praça, com quem prezei-me exuberantemente de travar relações.

— Toca para a Cascatinha !

O caminho para lá é cheio de variedades de perspectiva e de crescentes encantos !

As arvores que abeiram a estrada estendem os seus ramos verdes, cobertos por uma fina rede cor de ouro, azul e da alvura da neve, onde murmura o vento fresco e donde cáem os louros cipós em fluctuantes arabescos.

Os mais bellos sitios dos arrrbaldes de Petropolis ficavam-nos em caminho. Lá estava o Retiro, um formoso logar meio melancolico e silencioso, mas cheio de attracções bucolicas ; além a cacheira de Alcobaça, cujas aguas espumantes despenham-se pelas espaduas do morro em um eterno lençol de prismas cambiantes, rubins, esmeraldas e saphiras, quando as fere os raios do sol no levante, perolas e opalas quando a pensativa lua na torrente impetuosa o seu longo manto, ungindo de ternura e de lagrimas !

Antes de admirarmos a queda da Cascatinha vimos o rio, sobre o qual ha uma excellente ponte, rio que mais tarde fórma a cachoeira e em juncção com dous outros, Mosella e Morin, toma o nome de Piabanha no começo da Westphalia.

O caminho do Carangola, a cuja frente passamos com a rapidez de um bom passeio, é para Petropolis o que são as arvores e os parques de Versailles para as lembranças do povo parisiense... Foi ali o antigo torneio dos *piquiniques*. Por ali voavam os corceis impacientes como o desejo, sus-

tendo no dorso abrasado as amazonas de jupas de setim e cabellos desatados !

As risadas argentinas écoavam no valle extenso, as acacias bambeavam com as baforadas de meio dia, o sol dardejava raios tentadores, e o perigo, a mocidade, as chimeras e o amor dansavam, através dos arvoredos e sobre a verde pellucia do campo, a festiva sarabanda dos vinte annos.

Mas tudo acaba, tudo passa, oh meigas abelhas, oh adoradas borboletas, oh infatigaveis cigarras, que não contaveis com a vida do inverno e da velhice...

Agora está sombrio aquelle logar, sombrio e mudo, como um campo de batalha, depois do ultimo ataque... Tu já não erguerás com a ponta da tua chibata, Margarida, os ramos curvos das larangeiras, a cuja sombra desapparecia o teu cavallo, igual em ligeireza e garbo á setta desfechada pelo arco indiano !

Não sorrirás no calmo espelho das aguas, Eleonora, namorando os teus encantos ! Oh ! pobre Julieta ! murcharam as tuas faces como as petalas dos jasmins, que trouxeste naquella tarde da poesia e das esperanças loucas !

Pareceu-me ver ainda aquelle grupo de amazonas cavalgarem alegres ao longe, no mais umbroso sitio, mas, quando ia mostral-as aos seus amigos, ellas desappareceram, neblina suave e encantada ! Assim desapparece a mocidade ! assim desapparece o amor, a gloria, a riqueza, ai de mim ! assim desapparecem as sombras amadas do passado ! Não será esta vida toda um *piquinique* insensato e fatal ?

Estacou o carro, e nós descemos por um atalho esboroado que ia ter a Cascatinha. O fragor das aguas inebriava-nos, e o vento, que molha na cachoeira as asas temerarias, reçoava-nos na face humedecendo-a com um vapor subtil e frio.

A Cascatinha do Bulhões, como a chamam geralmente, é um prodigio de belleza e uma das mais brilhantes provas de

capacidade da luxuriosa natureza petropolitana. As aguas fervem em espumas, ao pé das quaes a neve faria pessima figura, e cáem, rolam, estorcem-se por cima de uma infinidade de pedras e penhascos, desabando por ali abaixo, com um ruido, ora crystalino e vibrante, ora profundo, lugubre e magestoso, á semelhança de uma trovoada enorme !

Em redor della a matta enrama-se e abraça-se, e gebuina, a extensa matta virgem com as outras arvores cobertas de musgos e véos seculares, as suas orchideas e parasitas, cortando de quando em quando aquelle espaço solitario o grito de uma ave que ninguem conhece e que vôa, afastando com a longa asa de cipós entrelaçados e hirtos !

E' pena que a melhor parte das nossas bellezas naturaes não seja devidamente apreciada, procurada e admirada pelos viajantes nacionaes.

Raro visitante de Petropolis deixa o confortavel e monotono sabor do hotel Bragança pelo imprevisto e pelo romanesco de um passeio de *tourista !*

A sociedade em Petropolis, a alta sociedade, arrisquemos o qualificativo ! encerra-se em um certo recolhimento feudal, que cheira á aristocracia tres leguas em redor, fazendo consistir todas as suas distracções em conversas enluvadas, em partidas de *Whist* e *bezigue*, em passeios de carro ao alto da serra, que se denomina, não sei porque, *boulevard* ou *une promenade au bois !* em variações de Thalberg ao piano, e outras peripecias elegantes, que, a falarmos a verdade, estão pessimamente encartadas naquelle aprazivel logar de Petropolis, tão repleto de poesia campestre e de uma natureza tão pura !

O rio logo adiante da cascata, a feiticeira enseada, especie de lagoa, em que se aprecia o fluxo e refluxo das diversas aguas que se confundem nessa parte, é uma cousa para ver-se ; que limpidez ! que bonança ! que sombras odorosas ! Mil grupos de borboletas brancas, azues, encarnadas,

esmeraldinas, pairam sobre o quieto espelho da onda azulada, como os pensamentos palpaveis, os alados pensamentos dos genios druidicos, que dormem o somno do perfume eterno nas balsas orvalhadas da silenciosa floresta !

O aroma dos cardos, da baunilha, dos bogarins e das rosas bravas deslisa suavemente sobre a agua ao afago dos ventos, e, de tempos a tempos, a fulgida couraça de um peixe transparece á superficie do rio, com um estrepito fugaz e harmonioso !

Voltámos ao carro, que nos esperava, e eu, de passagem, li uns nomes abertos a canivete e grampo na casca das arvores em frente á cascata !

Felizes os que conseguiram alliar ao seu o nome de algum bemdito amor, e ao som das cachoeiras virgens ouvir uma palavra de coragem, de valor, de heroismo e de enthusiasmo nesta semsaborosa peregrinação da vida !

Chegámos tarde á casa, e depois de jantarmos no collegio Paixão fomos percorrer a cidade com a soffreguidão de viajantes que não teem tempo a perder.

Todos conhecem Petropolis. Aquelle rio atravessando as principaes ruas, as quasi infinitas bordaduras de lyrios e boninas, que cercam alguns caminhos mais agrestes, os edificios magnificos, porque os ha em Petropolis e principalmente os particulares, como a casa do Sr. commendador D. P., os chorões que se debruçam nas ribas do canal, as arvores que adornam as ruas, tudo isso é gracioso, é fóra do vulgar, é essencialmente petropolitano e dá á cidade um aspecto risonho de ballada ou de lenda dos tempos de Boabdil.

O theatro é pequeno, mas interessante. Com o que eu não posso concordar é com as duas estatuas, que lhe pozeram em cima : Camões e Pedro Alvares Cabral. Se é elle com certeza, o que vem fazer ali D. Pedro Alvares Cabral, não me dirão ?

Era dia de festa esse domingo ! Festejavam a volta da

familia imperial, embandeirando alguns quarteirões, enchendo de folhas as ruas e á noute accenderam-se lanternas venezianas em quasi toda a cidade. Imaginem Petropolis a *giorno!* Dir-se-hia um daquelles quadros em que a George Sand descreve uma scena principesca, ao clarão das luzes, á meia noute em Veneza!

Petropolis é a terra das crianças. Tive a pachorra de contar nada menos de 67 em duas pequenas ruas!

E todas ellas alegres, frescas, sadias, de cabello louro, olhos azues da côr do céo sem trovoada, sorriso gostoso e uns beicinhos rubros como a polpa de uma romã!

Estava ali a doçura evangelica dos primeiros tempos de Galathéa e dos menestreis da pastoril! Uma casinha alva, pobre, limpa; uma velha de touca esmeradamente lavada e engommada a fiar a um canto da saleta; um gato anafado e ruivo por baixo do banco; dous meninos meios núa á porta; trepadeiras a enroscarem-se pelas janellas; em uma gaiola o infallivel colleiro a enfiar cantigas, e em uma suave penumbra, quasi ao pé da alcova, a virgem de dezoito annos, branca e pensativa, a remendar umas calças do velho pae ou a jaquetinha desmantelada do irmão mais velho!

Pobre Margarida! Cose, cose e sê feliz, sempre! Não conheces a Côrte, nem o *cold-cream*, nem o *tonico oriental*, nem o theatro Lyrico Fluminense! Cose e agradece a Deus, pequena! *Era um dia um Rei de Thule...* Canta e cose, Margarida! Que não te venham perturbar os Faustos e Mephistopheles nacionaes!

A camara municipal de Petropolis é um edificio pequeno e mal proporcionado, sem elegancia, nem o mais simples attributo que imponha!

Uma cousa com que antipathisei foi com o modo de enfeitar umas ruas, arrancando as arvores que cresciam em outras... A camara municipal seguiu esse systema, envol-

vendo suas janellas em ramos e sanefas de acacias e outras arvores do logar!

Explendida natureza! millionaria explendida! Nem assim são capazes de te... abrir a fallencia!

Vi a casa do tabellião. Um tabellião é geralmente sujeito gordo, baixote, espertote, de oculos escuros, bochecha risonha e abdomem expansivo, não é verdade? Pois o de lá é alto, pallido, poetico, um tabellião poetico! e de longos cabellos encaracolados... Mora em um chalet delicadissimo, e, quando o vi á janella, pareceu-me admirar o mais ethereo tabellião dos romances de Houssaye e Julio Sandeau!

A' noute choveu em Petropolis nesse domingo que foi um regalo... para as plantas, de certo!

Duas sociedades allemãs, a União e a Cecilia, dirigiram-se ao paço, precedidas de bandas de musica, bandeiras e uma profusão copiosa de archotes.

Apesar da chuva torrencial, que parecia exigir a todo o momento a presença de uma arca, fomos á Rhenania assistir o baile allemão. Entrava quem queria! *Gratis! Gratis!* palavra amistosa e querida que sôa invariavelmente, sem traducção possivel, ao ouvido das cinco partes do mundo!

O baile esteve animadissimo. Nunca vi tanta dansa, tanto pulo e... tanta ordem! Mulheres amamentando criancinhas de poucos mezes, meninos de dous annos, velhos de cento e tantos annos! confundiam-se, olhavam-se, sorriam-se e dansavam! sem que houvesse o minimo apito... de urbano ou de inspector de quarteirão!

As quadrilhas eram formadas a toque de clarim. Cousa nova, novissima! Cuidei me em Payssaddú... batalha, afinal, a que não me foi dado assistir!

E dansou-se, pulou-se, falou-se allemão, fumou-se naquelle immenso salão que estrebuchava, sem ninguem pensar na chuva, na policia, na constipação e no futuro!

A's 10 horas, depois de ouvirmos o hymno cantado a

côro secco pelas duas sociedades, retirámo-nos, eu e o Adolpho K.

Dormimos ás pressas, essa noute.

Poderiamos perder a viagem !

A's 5 1/2 horas com um frio syberiano, ergui-me, vesti-me, bebi dous tragos de excellente café, abracei o Sr. Ferreira, apertei as mãos da boa velhinha, mãe do Adolpho, e, ao passar o carro da serra, que desta vez, fataes divindades ! não era governado pelo Miguel, dissemos adeus a Petropolis, e eu confiei-me ao destino com certa saudade e uma certa pena de trocar a rua do Ouvidor pelo salão da Rhenania.

A viagem foi monotona ; na Côrte chovia quando chegámos.

Desembarquei muito assustado, meio enleiado, como um roceiro que vem pela primeira vez á cidade e procurei romper o povo á conquista de um tilbury.

Tres negras minas carregadas de immensas malas e saccos atrapalharam-me ; os prégoeiros ensurdeciam-me ; os vendedores de balas... baleavam me, e, quando pude afinal lançar-me dentro de um tilbury e gritar-lhe : Diario do Rio ! reconheci dolorosamente commovido... que estava na patria !

JOÃO DUARTE SILVEIRA

João Duarte Silveira
1940

# OS PRIMEIROS FOREIROS DE PETROPOLIS

# OS PRIMEIROS FOREIROS DE PETROPOLIS

Antes de dar inicio á publicação dos nomes dos primitivos foreiros da Fazenda do Corrego Secco, transformada em povoação, julgamos interessante reproduzir o acto da Mordomia da Casa Imperial regulando o processo da medição e demarcação dos prazos pretendidos pelos que desejavam tornar-se foreiros da Fazenda Imperial.

Para esse fim a Mordomia expediu o seguinte :

«Regulamento para a Medição e Demarcação dos prazos de Petropolis : Os termos de medição e demarcação serão impressos pelo modelo adiunto e entregues pelo Escrivão da Superintendencia aos foreiros que pretendem medir, mediante a quantia de mil réis a favor da Caixa de Soccorros dos Colonos Allemães em Petropolis, sendo este recebimento quitado nos mesmos termos pelo dito Escrivão.

O foreiro apresentará ao Superintendente o agrimensor ou engenheiro, e, não havendo inconveniente, declarará o Superintendente no termo supra que o aprova.

A medição e demarcação será feita immediatamente depois desta approvação na presença do Superintendente da Imperial Fazenda, do seu Escrivão, do foreiro ou de quem suas vezes faça, e de duas testemunhas, que serão de preferencia vizinhos hereos do foreiro.

Nenhum agrimensor ou engenheiro poderá cobrar mais da quantia de quarenta réis por braça medida, de quinhentos réis por marco cravado, de dois mil réis pelo termo e pelo mappa que deverá acompanhar o termo de medição.

Cada prazo e cada divisão de prazo terão seu termo especial.

Nenhum termo será valido sem minha approvação final,

e, esta approvação só será dada trinta dias depois do acto da medição e demarcação, para que possa nestes trinta dias ser-me apresentada qualquer queixa contra a medição e demarcação.

Todos os termos serão lançados em duplicata ; um será entregue ao foreiro, outro ficará no archivo da Superintendencia.

Todos os termos serão registrados pelo Escrivão da Superintendencia em um livro especial antes de ser entregue.

Nenhuma medição e demarcação parcial será valida.

Paço, 25 de Junho de 1846. — José Maria Velho da Silva.»

---

Durante o tempo que o major Julio Frederico Koeler exerceu o cargo de Superintendente da Fazenda Imperial lavrou contractos de aforamentos perpetuos e expediu titulos por elle assignados, aos seguintes foreiros :

1º Foreiro — Honorio Hermeto Carneiro Leão, deputado geral, ministro, conselheiro de Estado, senador e finalmente marquez de Paraná.

Prazo de terras n. 2201 do quarteirão Palatinato Inferior. Esse terreno tinha limites com a Villa Imperial.

2º Foreiro — Francisco Antonio Picot, cidadão francez.

Prazo n. 601 do quarteirão Francez, tambem nas vizinhanças da Villa Imperial.

3º Foreiro — Arthur Moss cidadão inglez.

Prazo n. 412 do quarteirão Francez.

4º Foreiro — O engenheiro João Gustavo Frontin, pae do grande engenheiro e administrador André Gustavo de Frontin.

Prazo n. 424 do quarteirão Francez, situado na esquina da praça S. Pedro de Alcantara com a rua dos Protestantes, que passou a ser designada por D. Isabel, quando a princeza

adquiriu o predio do Barão de Pilar que hoje é occupado pelo Gymnasio Fluminense.

5º Foreiro — Arthur Moss. Prazos ns. 410 e 411 do quarteirão Francez, situados na rua Joinville actualmente Avenida Ypiranga.

6º Foreiro — O cidadão brasileiro José Antonio da Fonseca Lessa. Prazo n. 408 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

7º Foreiro — O cidadão inglez Arthur Moss. Prazo n. 2802 do quarteirão Inglez.

8º Foreiro — Maria Henriqueta Netto, que pelo seu nome supponho ser brasileira. Prazo n. 41 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

9º Foreiro — O francez Cezar Bouliech. Prazo n. 41 da Villa Imperial, situado na rua Bourbon, que passou a denominar-se Cruzeiro pela revolução de 1899 e João Pessôa pela revolução de 1930.

10º Foreiro — Galdino Justiniano da Silva Pimentel, engenheiro militar a serviço da Provincia do Rio de Janeiro nos trabalhos da estrada normal da Serra da Estrella. Prazo n. 4036 do quarteirão Westphalia.

11º Foreiro — Leopoldo da Silva Pimentel, cidadão brasileiro. Prazo de terras n. 4035 do quarteirão Westphalia.

12º Foreiro — Francisco Alves de Brito Maia, funccionario da Superintendencia da Fazenda Imperial. Prazo n. 71 da Villa Imperial situado na rua do Mordomo, actual Paulo Barbosa, no local onde está hoje edificado o predio n. 286 no alto, na aba do morro.

13º Foreiro — José Luiz Teixeira, de nacionalidade portugueza. Prazo n. 436 do quarteirão Francez.

14º Foreiro — Antonio José da Costa Dantas, cidadão portuguez, que habitava o Corrego Secco, antes do major Koeler ter arrendado a fazenda. Trabalhou como carpin-

teiro no palacio imperial. Prazo n. 2205 do quarteirão Palatinato Inferior, situado no antigo caminho de Minas, actualmente Silva Jardim.

15º Foreiro — Honorio Hermeto Carneiro Leão Filho. prazo 2211 do quarteiro Palatinato Inferior, situado no local em que está edificado o predio da rua Sá Earp, esquina da rua Buarque de Macedo, toda esta rua e o terreno até a margem do rio Palatinato onde foram edificados diversos predios na época em que foi a rua Buarque de Macedo entregue ao transito publico, supprimindo-se o trecho á beira do rio.

16º Foreiro — O cidadão hollandez Carlos Joaquim Wylep, consul da Hollanda no Rio de Janeiro. Prazo n. 3032 e 3033 do quarteirão Brasileiro.

17º Foreiro — O subdito inglez Henrique Prins. Prazo n. 423 do quarteirão Francez, situado nas proximidades da Villa Imperial

18º Foreiro — O portuguez Antonio José da Costa Dantas já ha muito habitando o Corrego Secco. Prazos ns. 3230, 3238 e 3239 do quarteirão Suisso.

19º Foreiro — O mestre de obras portuguez Justino de Faria Peixoto, que tomou parte na construcção do palacio imperial. Prazo n. 3240 do quarteirão Suisso.

20º Foreiro — João Hermann, allemão, porém, não colono. Prazo n. 664 do quarteirão Nassau.

21º Foreiro — O brasileiro José Antonio Furtado. Prazo n. 32 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

22º Foreiro — José Joaquim Pinto Duarte, cidadão portuguez. Prazo n. 4 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

23º Foreiro — João Hermann. Prazo n. 5 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

24º Foreiro — José Domingos Carneiro. Prazo n. 6 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

25º Foreiro — Ignacio José da Silva, cidadão brasileiro,

forte negociante no porto da Estrella. Creada a povoação de Petropolis para aqui se transferiu estabelecendo um grande armazem. Muito conhecido pelo appellido de «Papae» passou a assignar seu nome com esse accrescimo, e na primeira eleição que se realizou no municipio, quando foi elevado de Freguezia a Cidade foi eleito vereador. Prazo n. 70 da Villa Imperial situado no local onde está o predio pertencente ao Asylo do Amparo, actualmente sob o n. 385 da Avenida 15 de Novembro.

26º Foreiro — Justino de Faria Peixoto, portuguez, mestre de obras. Foi o constructor da primitiva Matriz. Prazo n. 72 da Villa Imperial situado na rua do Imperador nos locaes onde estão edificados os predios que servem ao Restaurante Universal, Café Central, Agencia Lopes e o Restaurante Roma na Avenida 15 de Novembro.

27º Foreiro — João Meyer, allemão não colono que veiu para o Corrego Secco em 1837. Prazo n. 78 da Villa Imperial onde estão sendo construidos os predios de Raymundo Pestana e do dr. Gastão Mendonça Bittencourt na Avenida 15 de Novembro.

28º Foreiro — Joaquim Chevalier, cidadão francez. Prazo n. 78 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

29º Foreiro — Joaquim Ferreira Lagos, brasileiro, um dos primeiros inspectores de quarteirão da Freguezia de S. Pedro de Alcantara de Petropolis. Prazo n. 111 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador, onde actualmente existe a Garage Brandão na Avenida 15 de Novembro.

30º Foreiro — João Luiz Andrié, francez. Prazo n. 115 da Villa Imperial, situado no Largo do Imperador, fazendo parte actualmente do edificio D'Angelo na parte fronteira á Praça D. Pedro II.

31º Foreiro — Christovão Schaefer, allemão, porém não colono. Veio para o Brasil em 1831, contractado para servir no batalhão de Granadeiros do Imperador Pedro I. Prazo n.

118 da Villa Imperial, onde actualmente se ergue o edificio D'Angelo.

32º Foreiro — Antonio José Pinella, cidadão brasileiro, hespanhol ou italiano. Prazo n. 130 da Villa Imperial, situado na Praça Mauá, local em que se vê o edificio da Prefeitura.

33º Foreiro — Antonio Pereira dos Santos, de nacionalidade portugueza. Prazo n. 131 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

34º Foreiro — Francisco Alves da Silva, cidadão portuguez. Prazo n. 71 da Villa Imperial.

35º Foreiro — José Alexandre Pereira Ribeiro Cirne, brasileiro, escrivão da Superintendencia da Fazenda Imperial. Prazo n. 4038 do quarteirão Westphalia situado na actual avenida Barão do Rio Branco.

36º Foreiro — João Ignacio Tavares, brasileiro. Prazo n. 172 da Villa Imperial situado na rua D. Affonso, actualmente avenida Koeler.

37º Foreiro — D. Carlota Luiza Araria Tavares, brasileira. Prazo n. 173 da Villa Imperial situado na rua D. Affonso.

38º Foreiro — Candido Francisco Freire de Aguiar, brasileiro. Prazo n. 171 da Villa Imperial, situado na rua D. Affonso.

39º Foreiro — Fortunato de Brito e Abreu Souza Menezes, brasileiro, chefe de policia da Provincia. Prazo n. 120 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

40º Foreiro — D. Maria Isabella Alves de Brito, brasileira. Prazo n. 122 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

41º Foreiro — Marcelino José Coelho, brasileiro. Prazo n. 119 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

42º Foreiro — João Gustavo Frontin, francez, engenhei-

ro contractado por Julio Frederico Koeler para demarcar os terrenos. Prazo n. 4037 do quarteirão Westphalia.

43º Foreiro — João Francisco Alves Branco Muniz Barreto, brasileiro. Prazo n. 121 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

44º Foreiro — João Alves de Brito, brasileiro. Prazo n. 173 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

45º Foreiro — João Gottlieb Kayser, allemão. Prazos ns. 1632 e 1633 do quarteirão Castellanea.

46º Foreiro — Julio Frederico Koeler, Superintendente da Fazenda Imperial, cujo titulo foi assignado pelo escrivão da mesma repartição José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne. Prazo n. 151 da Villa Imperial situado na rua D. Affonso. Este terreno foi vendido em hasta publica na Villa da Estrella após a morte do enhenheiro Koeler.

47º Foreiro — João Alves de Brito, brasileiro. Prazo n. 104 da Villa Imperial situado na rua do Imperador, onde está edificado o Theatro Capitolio.

48º Foreiro — Balthazar Joaquim de Souza Machado, brasileiro. Prazo n. 77 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador, esquina da rua Cruzeiro, actualmente João Pessôa.

49º Foreiro — Commendador Pedro José da Camara, brasileiro. Prazo n. 76 da Villa Imperial situado na rua do Imperador. Foi o primeiro foreiro a construir predio de pedra e cal, conforme se verifica ainda nas portadas de cantaria, tanto no pavimento terreio, como no sobrado. E' o monumento historico da rua do Imperador, tendo agora, na Avenida 15 de Novembro os numeros 661, 667, 671 e 679.

50º Foreiro — João Simão Vannet, francez. Prazo n. 128 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

51º Foreiro — Antonio Ribeiro Queiroga, portuguez. Prazo n. 557 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

52º Foreiro — João José de Almeida, brasileiro. Prazo

n. 159 da Villa Imperial situado na rua D. Affonso, actual avenida Koeler.

53° Foreiro — Ignacio Ratton, brasileiro. Prazo n. 127 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

54º Foreiro — Manoel Joaquim da Rocha, brasileiro. Prazo n. 162 da Villa Imperial situado na rua de D. Affonso.

55º Foreiro — José Alves da Graça Bastos Junior, portuguez. Prazo n. 165 da Villa Imperial, situado na rua de D. Affonso.

56º Foreiro — Raphael Pereira de Carvalho, brasileiro. Prazo n. 164 da Villa Imperial situado na rua de D. Affonso.

57º Foreiro — Antonio de Araujo Ramos, portuguez. Prazo n. 68 da Villa Imperial situado na rua Imperador.

58° Foreiro — Joaquim Antonio Pugetti, francez. Prazo n. 105 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador, no local aonde está a marcenaria Gelli.

59º Foreiro — José Luiz Teixeira, portuguez. Prazo n. 133 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

62º Foreiro — Christovão Bauvier, francez. Prazo n. 134 da Villa Imperial situado na rua D. Affonso actualmente avenida Koeler.

63° Foreiro — Jacques Largnier de Barcellos, brasileiro. Prazo n. 131 da Villa Imperial situado na rua D. Maria II, actualmente avenida Tiradentes.

64º Foreiro — João Ribeiro, brasileiro. Prazo n. 30 da Villa Imperial situado na rua do Imperador.

65º Foreiro — Francisco José da Costa, portuguez. Prazo n. 31 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador esquina da rua Paulo Barbosa.

66º Foreiro — José Domingos Carneiro, portuguez. Prazo n. 33 da Villa Imperial, situado na rua do Imperador.

67° Foreiro — José Antonio Furtado, brasileiro. Prazo n. 39 da Villa Imperial situado na rua do Mordomo, actualmente rua Paulo Barbosa.

68° Foreiro — Christovão Bauvier, francez. Prazo n. 196 da Villa Imperial, situado na rua Bragança, hoje avenida 1º de Março.

69º Foreiro — João Isaac Blancboire, francez. Prazo n. 175 da Villa Imperial, situado na rua D. Affonso.

Este foi o ultimo titulo passado por Julio Erederico Koe- por ter deixado a Superintendencia da Fazenda Imperial, que ler, foi occupada interinamente desde então pelo escrivão Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne.

Durante a sua administração aforou 74 prazos a 69 foreiros tendo alguns obtido mais de um prazo.

Os emigrantes allemães, o major Koeler tinha-os collocados nos valles que circumdavam a povoação, com posse precaria, pois os mesmos estavam desobrigados do pagamento de fôros e outras despezas da localização até o anno de 1854.

E' o proprio Raffard quem affirma :

> «A perspectiva de receber tantos emigrantes ao mesmo tempo tornou perplexo o governo Provincial, que previa serios embaraços na collocação d'elles, o que comprehendendo logo o sr. D. Pedro II, por intermedio do Conselheiro Paulo Barbosa offertou com toda magnitude de seu caracter terrenos da *povoação* ainda não demarcados para a localização dos recem-chegados.» (1)

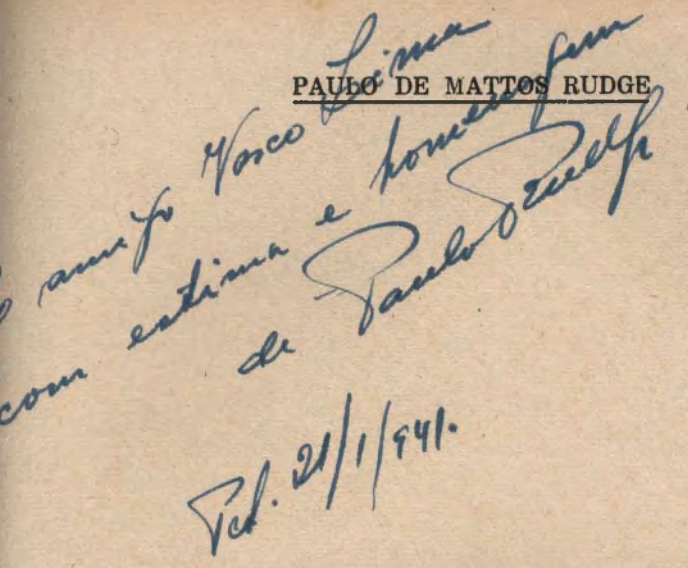
E para confirmar o que acima fica dito transcrevo o edital publicado em 1858:

«Só gozarão do beneficio da reducção do fôro aquelles colonos que até 31 de Dezembro do corrente anno tiverem demarcado os seus prazos e pago integralmente o fôro que deverem até 31 de Dezembro de 1858. O Escrivão. Ricardo Narciso da Fonseca.»

---

(1) «Jubileu» pag. 61.

PAULO DE MATTOS RUDGE



# O CASAMENTO DAS PRINCEZAS E SUA REPERCUSSÃO EM PETROPOLIS

# O CASAMENTO DAS PRINCEZAS E SUA REPERCUSSÃO EM PETROPOLIS

Petropolis, a Cidade Imperial, tendo em conta o paternal desvelo que Sua Magestade O Imperador D. Pedro II sempre lhe dedicou, não podia deixar de aproveitar as opportunidades mais caras ao Monarcha, taes como o foram os casamentos das suas estimadas filhas, para demonstrar-lhe a sua estima.

Era com muito carinho que recebia a Familia Imperial sempre que esta aqui chegava, sendo por demais conhecidas as homenagens que a cidade preparava por occasião de sua vinda annual para a estação de veraneio, que ficava nessa data officialmente iniciada.

Para esse grande acontecimento de sua vida, preparavam-se as autoridades provinciaes, as municipaes e o povo, logo que lhes constava a sua provavel realisação.

Entre as habituaes providencias, eram de notar as ordens expedidas para o cuidadoso preparo da Estrada da Serra da Estrella pela Directoria de Obras Publicas da Provincia do Rio de Janeiro, de modo a evitar aos nobres viajantes qualquer magoa, proveniente de algum balanço mais forte das viaturas empregadas no transporte, ou mesmo a possivel queda de cavallo dos illustres membros componentes da comitiva. De uma feita essa Directoria dirigiu-se ao Engenheiro do Districto aqui localisado, por ter sabido que as ultimas chuvas torrenciaes cahidas haviam produzido serios estragos na pavimentação da estrada, e, como não houvessem os encarregados tomado as immediatas providencias para o seu reparo, ficaria o Districto responsabilisado por qualquer

accidente que pudesse vir a acontecer, pois que SS. MM. e SS. AA deveriam subir para Petropolis num daquelles dias mais proximos.

Por sua vez, cuidava o Municipio do maior asseio das ruas da cidade, e de sua illuminação, olhando especialmente aquella que interessava o exterior do Palacio Imperial, para a qual fazia chegar com antecedencia o gaz liquido necessario, na quantidade sufficiente para esse fim.

O povo affluia em massa para dar as bôas vindas e manifestar o seu jubilo, em apoio á Camara Municipal, presente tambem no Alto da Serra, onde aguardavam a chegada da comitiva Imperial com girandolas de foguetes, salvas de palmas e chuvas de flores. Todos estes factos muito concorriam para que SS. MM. tanto prolongassem a sua estadia de verão.

Foi assim que, mais uma vez, no anno de 1864, sendo a Camara Municipal avisada pelo seu presidente interino — José Antonio da Rocha, em ssão de 22 de Setembro — «da chegada em breves dias, da Augusta Familia Imperial, e de seus Augustos Hospedes, SS. AA. Reaes os Principes Snrs. Duque de Saxe e Conde D'Eu, consortes como se diz serem de SS. AA. as Serenissimas Princezas Brasileiras, a esta cidade, e por este duplo motivo, elle Presidente consultava á Camara quaes as manifestações que ella tinha em vista fazer.

Depois de varios membros resolverem-se a tomar a palavra, e discutirem a iniciativa tomada pelo Snr. Presidente, ficou deliberado que se convidasse aos Municipes, por edital assignado pelos membros presentes, a illuminarem a frente de suas casas na noute da chegada dos Augustos visitantes; concertando-se depois, particularmente, entre os mesmos membros, sobre a celebração de um Te-Deum Laudamus, que se levará a effeito, não havendo inconveniente.»

E assim foi feito, avisada a população, esta tomou parte activa nas demonstrações de jubilo, e, tendo toda a Camara comparecido incorporada conforme resolvera, foram os Illus-

tres Hospedes recebidos ás 11 horas da manhã do dia 25 de Setembro de 1864, com todas as solemnidades e honras devidas ás suas altas estirpes.

Na sessão de 1 de Outubro do mesmo anno, presidida pelo Tenente Coronel João Baptista da Silva, «pedindo a palavra para negocio de urgencia, o Snr. José Antonio da Rocha leu, e a Camara deliberou fosse transcripta na acta do dia, e em primeiro logar, a seguinte petição:

«Requeremos que seja lançada na acta da presente sessão, a allocução que esta Camara dirigio a S. M. O Imperador, quando, com Sua Augusta Familia, chegou a esta cidade no dia 25 de Setembro proximo findo, pelas 11 1/2 horas da manhã, e á qual se dignou responder o Mesmo Augusto Senhor:

«QUE MUITO AGRADECIA OS VOTOS DA CAMARA MUNICIPAL DESTA CIDADE.»

«Senhor. — A Camara Municipal desta Cidade, como fiel representante dos sentimentos de seus Municipes, vem com o mais profundo respeito depositar nas Augustas Mãos de Vossa Magestade Imperial os votos que todos fazem ao Altissimo pela conservação dos preciosos dias de V. Magestade Imperial, de Sua Magestade A Imperatriz, das Augustas Princezas, e mais Familia Imperial, a quem tributam religioso respeito.

E, saudando os Augustos Hospedes que acompanhão A' Vossa Magestade Imperial, elles o fazem cheios de jubilo, e esperão que, unidos á Augusta Familia de Vossa Magestade Imperial, por laços indissoluveis, muito cooperarão para mais firmar, se possivel, a Augusta Dynastia de Vossa Magestade Imperial no Throno Brasileiro, as instituições e engrandecimento do Imperio.

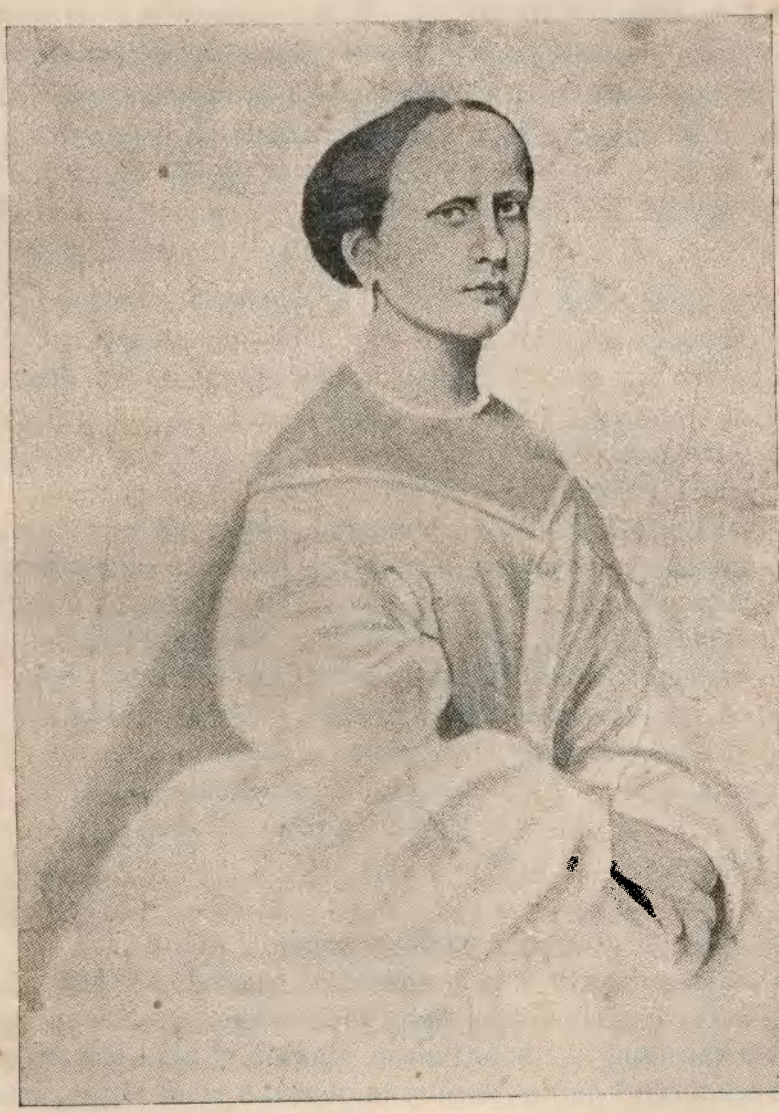
Petropolis, 25 de Setembro de 1864. — Os vereadores (assignados) José Antonio da Rocha, Antonio José Corrêa Lima, João Meyer, Dr. Francisco Ferreira de Assis Pinto, e Bartholomeu Pereira Sudré.»

A chegada da Familia Imperial foi causa de grande regosijo para a população petropolitana, em massa presente á sua rccepção, tendo despertado natural curiosidade o facto de acompanharem-na desta vez os Augustos noivos de SS. AA. as Princezas.

Satisfeita esta parte das homenagens prestadas á comitiva imperial, cogitou a Camara Municipal da representação da Cidade no consorcio da Princeza Imperial D. Isabel, a realizar-se a 15 do mesmo mez de Outubro de 1864, e, pelo Vereador Antonio José Corrêa Lima foi, antes de encerrar a sessão do dia 1º, apresentado o seguinte requerimento: — «Requeiro que a Camara Municipal nomeie uma Commissão para felicitar Á Sua Magestade O Imperador, por occasião do consorcio de Sua Alteza A Serenissima Princeza Imperial, Brasileira, D. Isabel, emprazado como está, para o proximo dia 15.»

Consultada a Camara, tendo sido propostos e acceitos por unanimidade votos, os cidadãos: — Conselheiro João Lustoso da Cunha Paranaguá, Juiz de Direito; João Baptista da Silva, Presidente interino da Camara; Vereador Ricardo Narciso da Fonseca; Dr. João Carlos Garcia de Almeida, Juiz Municipal; e Dr. Henrique Kopke, deliberou a Camara que fossem officiados, solicitando-se-lhes que aceitem a proposta de seus nomes.» E, para melhor solemnisar a data de 15 de Outubro, como não houvesse muito tempo de prazo, foi logo convocada uma reunião extraordinaria, realizada aos 11 dias do referido mez, ainda sob a presidencia interina do Snr. Tenente Coronel João Baptista da Silva. Esta sessão foi animadissima, tendo provocado vivos debates em que tomaram parte todos os vereadores presentes, e para que bem se possa avaliar do interesse despertado pelos mesmos, basta que se saiba ter a Camara iniciado os trabalhos ás 10 1/2 horas da manhã, e dado por terminados encerrando-a ás 2 horas da tarde.

A acta dos trabalhos, resumida pelo Secretario Carlos



*Princeza D. Isabel*, na epoca do seu casamento

de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, nos diz somente o que ficou resolvido em final, depois das discussões em que tomaram parte os vereadores que a assignaram, e cujos nomes aqui ficam registrados: João Baptista da Silva, Augusto da Rocha Fragoso, José Antonio da Rocha, Antonio José Corrêa Lima, Bartholomeu Pereira Sudré, Dr. Francisco Pereira de Assis Pinto, estando a mesma acta transcripta a seguir, na integra:

«Aberta a sessão ás 10 1/2 horas da manhã, communicou o Sr. Presidente que, tendo por fim a presente sessão a deliberação de qualquer festejo para solemnisar-se o proximo consorcio de Sua Alteza A Serenissima Princeza D. Isabel, ficou dispensada a leitura das actas, devendo portanto a Camara occnpar-se exclusivamente do referido fim. Tomaram a palavra os Snrs. José Antonio da Rocha e Rocha Fragoso, apresentando cada um differentes propostas, e, submettidas ambas á discussão deu em resultado a seguinte deliberação, que foi unanimemente approvada: 1° — que a Camara convide por edital aos habitantes desta Cidade, afim de que illuminem exteriormente a frente de suas casas na noute do proximo dia 15; 2º — que se celebre na tarde do referido dia um Te Deum Laudamus na Igreja Matriz; e, 3º, finalmente, que por occasião da chegada de SS. AA., a esta Cidade, sejam acompanhadas desde o Alto da Serra até sua residencia pela Camara.

O Snr. Rocha Fragoso, pedindo a palavra expoz á Camara, que tem deixado de comparecer a varias sessões, em consequencia de taes sessões terem recahido em dias em que elle se tem achado ausente desta Cidade. — Inteirada a Camara, e nada mais havendo a tratar-se, o Snr. Presidente declarou encerrados os trabalhos, e levantou a sessão ás 2 horas da tarde.»

E' de notar que em se tratando de uma sessão extraordi-

naria, com materia especial, tenha o Vereador Rocha Fragoso julgado opportuno explicar o motivo de suas faltas a varias sessões.

E' este facto ainda uma demonstração de sua solicitude em homenagear os Imperiaes Consortes, pois esta era a primeira, das sessões em que o assumpto foi debatido, á qual elle compareceu.

Ha mais uma prova da muita attenção da Camara para com SS. AA. no facto de no proprio dia 15 — o dia das bodas — ter sido realisada outra sessão, ordinaria esta, e presidida pelo Snr. João Meyer, na qual foi dispensada a leitura das actas das sessões anteriores, e somente foi lido e approvado o seguinte requerimento do Snr. José Antonio da Rocha:

«Requeiro que fique autorisado o Procurador da Camara, para, sem perda de tempo, mandar collocar mais dous lampeões da illuminação publica, á Rua dos Mineiros, no logar mais conveniente, e proximo á residencia de SS. AA.»

E, como um dos Snrs. Vereadores obteve licença para se retirar da sala, foi encerrada a sessão por falta de numero legal.

A casa a que se refere o requerimento feito á Camara, e serviu de residencia aos noivos, era o palacete do Barão de Ubá, situado á rua dos Mineiros, actual Silva Jardim, e ainda hoje existente como habitação das Irmãs do Collegio de Sion.

O casamento de SS. AA. foi realisado na Côrte, houve grandes solemnidades, tendo os Noivos Reaes subido para Petropolis, onde passaram a lua de mel. Dos factos que solemnisaram tão faustoso acontecimento ha minuciosas descripções na imprensa da epocha, e Petropolis tomou parte nos mesmos.

A Camara cumpriu gostosamente o seu dever, e na acta da 1a. sessão ordinaria, realisada em 3 de Novembro do mesmo anno, além da leitura de um officio de 11 do mez de Outubro p.p., em que o Dr. Henrique Kopke communicava: — «Fa-

zer parte da Commissão que tem por fim felicitar SS. MM. II. por occasião do consorcio de Sua Alteza a Serenissima Princeza D. ISABEL, com S. A. Real o Snr. Conde D'Eu. — «, foi, na Ordem do Dia da sessão referida, que funccionou sob a presidencia do Snr. Tenente Coronel João Baptista da Silva, lido por este mesmo Snr. Presidente «um officio do Snr. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, em que communica á Camara ter tido logar no dia 15 do mez findo o consorcio de Sua Alteza a Serenissima Princeza Imperial DONA ISABEL, e de haver a Commissão nomeada por parte da Camara, para representál-a, comparecido ao Paço Imperial, e ahi tido a honra de passar ás mãos de S. M. O Imperador, depois das congratulações verbaes, e por escripto, a seguinte :

«FELICITAÇÃO»

SENHOR. — O dia de hoje, já festivo para os Brasileiros, pelas recordações que desperta o NOME da virtuosa ESPOSA de V. M. Imperial, não podia assignalar-se por um acontecimento mais grato ao Imperio, do que o feliz consorcio da Sua Graciosa e Augusta filha a Serenissima Princeza Imperial Senhora DONA ISABEL, com Sua Alteza Real o Senhor Conde D'Eu.

As tradições gloriosas que este hymenêu reune no Augusto Par, os raros predicados que os tornão justamente queridos de V. M. I., e de todos os Brasileiros, associando-se por laços indissoluveis ás instituições livres que nos legárão o Immortal Fundador do Imperio, assegurão a perpetuidade de sua Dynastia e o engrandecimento da Patria.

A Camara Municipal da Imperial Cidade de Petropolis, em nome de seus Municipes, participando, no mais subido gráo, do contentamento geral, não podia, portanto, deixar de manifestar á S. M. I., e á S. M. A Im-

peratriz, as congratulações cordiaes por tão faustoso motivo.

E, pois, SENHOR, Dignae-vos de aceitai-as como a expressão da mais completa adhesão e profundo respeito, que, por parte daquella Municipalidade, fomos incumbidos de depôr nos degráos do Throno, fazendo votos fervorosos aos céos pela felicidade dos Augustos Noivos. (Assignados): João Lustosa da Cunha Paranaguá. — João Baptista da Sylva. — Henrique Kopke. — e Ricardo Narciso da Fonseca.»

A cuja felicitação, como tambem communicou o referido Snr. Conselheiro, em seu citado officio, S. M. O Imperador se dignou agradecer com sua costumada bondade.

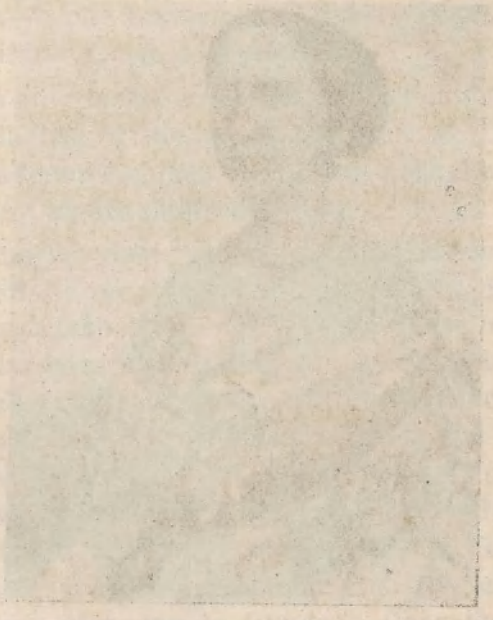
Ficou a Camara inteirada.»

Terminaram deste modo as commemorações officiaes levadas a effeito por occasião do consorcio de S. A. Imperial a Princeza Isabel, mas não teve a Camara longo lazer, por se annunciar para breves dias após a realisação das bodas de S. Alteza a Princeza D. Leopoldina, cabendo-lhe portanto cuidar logo de sua representação, e para que esta não tivesse menor brilho, propoz o Tenente Coronel João Baptista da Silva, presidente interino da sessão realisada em 5 de Dezembro, «tendo approvação unanime dos Vereadores presentes, a nomeação de uma Commissão formada pelos Cidadãos: Exmos. Marquez de Olinda, e Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá e Bernardo de Souza Franco, para representarem a Camara Municipal de Petropolis na ceremonia do proximo consorcio de S. A. A Serenissima Princeza D. Leopoldina com S. A. R. o Snr. Duque de Saxe, na Córte.»

Dias depois da realisação do casamento, realisou a Camara a sua sessão ordinaria de 26 de Dezembro, na qual foi lida uma portaria da Presidencia da Provincia datada de 13 do mesmo mez, em resposta ao officio da Camara de 9, communicando que «a presidencia desempenhará a missão de que a



*Princeza D. Leopoldina*



encarregou, representando-a no proximo acto do consorcio da Serenissima Princeza D. Leopoldina; cuja honra agradece-lhe.»

Na Ordem do Dia dessa mesma sessão, o Presidente da mesma Camara, Tenente Coronel João Baptista da Silva, communica que «a Commissão nomeada pela Camara, e composta dos Conselheiros: Marquez de Olinda, Bernardo de Souza Franco, e João Lustosa da Cunha Paranaguá, para represental-a por occasião do consorcio de S. A. D. Leopoldina com S. A. O Principe Duque de Saxe; de facto cumpriu essa honrosa missão no dia 15 do corrente, como assim o communicou officialmente o referido Exmo. Conselheiro Paranaguá, dirigindo a mesma Commissão, por essa occasião, a felicitação seguinte, constante da copia que é apresentada pelo referido Snr. Presidente, e que foi endereçada pelo communicante:

«SENHOR

A Camara Municipal da Cidade de Petropolis, participando do contentamento e das emoções de jubilo de todos os seus Municipes pelo enlace feliz da Graciosa e Muito Amada Filha de Vossa Magestade Imperial, Sua Alteza A Serenissima Princeza Senhora D. Leopoldina com Sua Alteza Real o Principe Senhor Duque de Saxe, incumbiu-nos de manifestar a V. M. Imperial e Á Sua Magestade A Imperatriz as suas congratulações mui respeitosas e cordiaes por tão fausto motivo.»

«A tradição de Virtude e de Gloria que esse Hymenêu reune, associando-se aos raros predicados, que distinguem os Augustos Conjuges, justificão as esperanças e a allegria do Povo, as quaes neste momento solemne, se confundem com as da Realeza.»

«E, pois, senhor, dignai-vos de aceitar, com estas congratulações, os protestos da mais completa adhesão

e profundo acatamento, que, por parte daquella Municipalidade, fomos incumbidos de depôr nos degráos do Throno, fazendo fervorosos votos aos Céos pela felicidade dos Augustos Noivos.»

Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1864. — Marquez de Olinda. — João Lustosa da Cunha Paranaguá. — Bernardo de Souza Franco.»

Petropolis cumpriu deste modo o seu dever para com as Princezas Brasileiras.

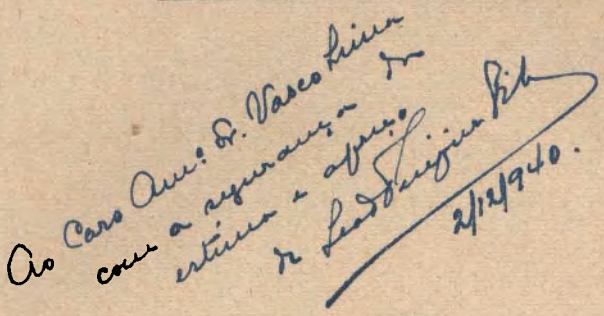
E não se diga não ser este um dever: manifestar o seu carinho para com as suas irmãs mais moças que se casam.

Não era Petropolis tambem Amada Filha do Augusto Imperador? Sim, era a sua filha primogenita, pois que nesse anno de 1864 completara, em Março, a sua maioridade; sendo de notar que, tal como o seu Genitor, adquirira já a maioridade politica aos 14 annos de idade.

H. C. LEÃO TEIXEIRA FILHO

E

MARIO ALOYSIO CARDOSO DE MIRANDA



# IN MEMORIAM

DO

# PRINCIPE DOM PEDRO DE ORLÉANS E BRAGANÇA

# DOM PEDRO DE ORLEANS E BRAGANÇA

## PRINCIPE DO GRÃO-PARA'

*Elogio funebre, pronunciado pelo Dr. H. C. Leão Teixeira Filho, presidente do Instituto Historico de Petropolis, na sessão solenne de 16 de Março de 1940.*

E' dever do Instituto Historico de Petropolis render nesta sessão sinceras e merecidas homenagens á memoria de uma singularissima personalidade, que sobremaneira honrava e abrilhantava o seu quadro social.

O inesperado passamento do Principe Dom Pedro de Orléans e Bragança, occorrido nesta cidade em 29 de Janeiro, golpeou profundamente as fileiras dos fundadores do Instituto, desfalcando-o de um dos seus *Presidentes de Honra* e mais assiduos frequentadores.

Nascido em Petropolis, em 15 de outubro de 1875, no tradicional *Palacio Isabel,* onde hoje funccciona o Lyceu Fluminense, coube ao *Principe Petropolitano,* na qualidade de primogenito da herdeira do throno, usar o titulo de *Principe do Grão-Pará,* anteriormente conferido á primeira filha do fundador do Imperio e vindoura Rainha de Portugal, Dona Maria II.

Em Petropolis viveu Dom Pedro os melhores tempos da infancia, iniciando estudos no famoso Collegio do Padre Mo-

reira, para depois proseguil-os, conjunctamente com seus irmãos, sob a orientação de illustre e erudito preceptor, Barão de Ramiz Galvão.

Vem desses tempos o entrelaçamento do seu nome aos fastos mais estreitamente ligados ao surto progressista de Petropolis.

Ao prolongar-se a obra ferroviaria de Mauá, a nova empreza, fadada a vencer a serra e trazer os trilhos até Petropolis, obtém a honra e a permissão de chamar-se ESTRADA DE FERRO PRINCIPE DO GRÃO-PARÁ, adoptando ainda o mesmo titulo constitucional na designação da estação petropolitana. Logo a seguir, prende-se o nome de Dom Pedro, ainda aos 12 annos, ao movimento abolicionista de Petropolis. Quem se der ao trabalho de compulsar o pequenino e curiosissimo jornal impresso pelos proprios Principes — o «*Correio Imperial*» —, e bem assim recorrer ás paginas do «*Mercantil*» dos primordios de 1888, não duvidará da participação do joven Principe no movimento e festejos que redundaram na commovente solennidad ecivica, realizada no Palacio de Crystal, através da qual tornou-se possivel a integral emancipação de Petropolis antes do 13 de Maio.

Não é a vida de um Principe, que se outros tivessem sido os destinos do paiz possivelmente haveria cingido a corôa imperial do Brasil, o que ora aqui se pretende enaltecer e homenagear. Mais do que os fóros e privilegios do nascimento, a elle assegurados pela altissima linhagem dos Habsburgos, dos Bourbons, dos Orléans e dos Braganças, merecem nossa admiração a nobreza e a fidalguia do seu caracter, que tivemos a fortuna de conhecer e apreciar, tanto no convivio hospitaleiro de seu solar como nas reuniões deste Instituto e commissões da Municipalidade de Petropolis, onde acceitára e exercia as presidencias da Commissão do Centenario e do Conselho Florestal.

Em Dom Pedro imperavam os sentimentos democraticos

dos Orléans, daquelle «*Roi-citoyen*» que soube ser o seu bisavô Luiz Felippe, Rei dos Francezes. Mas nelle ainda mais sobresahiam e avultavam os traços marcantes do Magnanimo Imperador Dom Pedro II, cujas maneiras simples e despretenciosas elle herdára, constituindo exactamente a face predominante da sua personalidade.

Delle se poderá dizer com justiça e acerto, como ainda hontem accentuava um grande orgão da imprensa brasileira, que «era uma alma simples e acolhedora, possuindo o que se chama symphathia envolvente, attrahindo e despertando o affecto de quantos delle se acercavam, porque era um homem virtuoso e bom, cultuando com sinceridade os elevados sentimentos de seus antepassados.»

Sobrevindo o advento da Republica, viu-se Dom Pedro repentinamente afastado da Patria, quando apenas beirava a adolescencia. Mas sua educação, sem embargo de processar-se nos meios aristocraticos da velha Europa, jamais se distanciaria da tradição brasileira, sentimentalmente cultivada e a elle transmittida pela Princeza Redemptora, no ambiente patriarchal do Castello D'Eu.

Revogado o banimento da Familia Imperial, apressou-se Dom Pedro em retornar ao Brasil, vindo em companhia de seu venerando Pae, S. A. o Conde D'Eu, a quem a Patria Brasileira deveu tantos serviços de guerra e bravura. Num preito de piedade filial acompanhavam ambos os despojos dos ultimos Imperadores, reliquias reclamadas pela Patria e transportadas pela Republica em um vaso de guerra brasileiro, para que assim mais eloquentemente pudesse processar-se «*a Justiça de Deus na vóz da Historia*».

Recebidos carinhosamente, desde logo procurou Dom Pedro reintegrar-se no convivio brasileiro, acompanhando o inclyto *Marechal da Victoria* aos recantos mais evocadores

dos aureos tempos e assistindo ás homenagens ao mesmo prestadas pelas autoridades e classes armadas do paiz.

Voltando á Europa, dentro em breve volvia ao Brasil, para as festas do Centenario da Independencia, quando a bordo ocorreu o repentino passamento do Conde D'Eu.

Pouco depois, attrahido pelos encantos da Patria, aqui montou residencia, restaurando a Casa dos Semanarios, em Petropolis, dando-lhe a feição das velhas casas solarengas d'antanho. E então, em successivas viagens e incursões pelos sertões longinquos, começou Dom Pedro a conhecer, palmo a palmo, o immenso territorio brasileiro, percorrendo-o em todos os sentidos e cada vez mais se affeiçoando á terra natal.

Partindo novamente para a Europa, cedeu sua residencia de Petropolis ao Embaixador Edwin Morgan, datando desses tempos a denominação conferida ao actual *Palacio Grão-Pará.*

Em 1935, mais brasileiro do que nunca, retornava o Principe ao Brasil, onde definitivamente passou a residir com sua Familia, proporcionando aos Filhos aprofundado conhecimento da Patria, nella conquistando a magnifica posição social a que faziam jús as tradições de sua alta nobiliarchia e lhe asseguravam suas virtudes e predicados.

Zelando pelas gloriosas tradições de seus maiores, cuidou Dom Pedro de proporcionar inestimavel serviço ás letras historicas do Brasil. Concluido o «*Inventario dos Documentos do Archivo da Casa Imperial do Brasil, existentes no Castello D'Eu*», consentiu Dom Pedro em cedel-o á Commissão do Centenario de Petropolis, dest'arte apresentando-lhe valiosissima contribuição, que mereceu ser publicada em dous opulentos volumes especiaes da Bibliotheca Nacional, e cuja impressão, consoante o testemunho e nota explicativa de seu erudito director, dr. Rodolfo Garcia, deveu-se á intervenção do dr. Alcindo Sodré, digno secretario

daquella Commissão e do Instituto Historico de Petropolis.

Documento devéras precioso, que mais ainda valorisa a obra em apreço, e que bem depõe a respeito do caracter e sentimentos do Principe Dom Pedro, é a seguinte *Nota prévia*, por elle esçripta á guiza de prefacio:

«*Parece-me util a publicação dos manuscriptos da bibliotheca do Castello D'Eu, cuja organisação se deve ao nosso illustre patricio dr. Alberto Rangel.*

«*Estou certo que levar ao conhecimento dos estudiosos a noticia da existencia de documentos tão ligados á vida do Paiz será uma contribuição digna de apreço com que a Commissão do Centenario de Petropolis, minha querida cidade natal, incentivará o interesse dos brasileiros pelo passado de nossa Patria.*

«*O Castello D'Eu foi sempre em França um prolongamento do Brasil, desde que para ali Minha Mãe recolheu a saudade de sua terra e de sua gente.*

«*Apraz-me dizer que essa tradição continua mantida e que os preciosos manuscriptos, cujo inventario pela primeira vez se publica e cuja consulta prazeirosamente facilito aos meus compatriotas, veem sendo conservados com carinho e zelo.*

«*Petropolis, Palacio Grão-Pará (antiga Casa dos Semanarios) — Setembro de 1938.*

*(a) DOM PEDRO DE ORLEANS BRAGANÇA.*»

Que mais se precisaria accrescentar para justificar as homenagens ora prestadas pelo Instituto Historico de Petropolis, do qual era elle *fundador* e *Presidente de Honra*, e ás quaes tambem se associa o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a que tenho a honra de pertencer e em cujo quadro social figurava Dom Pedro dentre os mais antigos associados?

Em 1925, ao chegarem a Petropolis os despojos dos Imperadores, participou Dom Pedro de todas as homenagens

então tributadas pela Nação Brasileira. Desde esse tempo, preoccupado em que se levasse a effeito a construcção do Pantheon, carinhosamente acompanhou todos os actos governamentaes e actividades das commissões incumbidas da construcção do Mausoléo, ancioso pela chegada do dia em que teriam condigno e eterno repouso os sagrados despojos de seus avós e derradeiros monarchas do Brasil. E Deus foi servido em prolongar-lhe a existencia, permittindo-lhe, assim, quasi ás vesperas da morte, que elle e seus descendentes condignamente participassem das imponentes cerimonias promovidas pelo governo da Republica em 5 de Dezembro de 1939, quando alfim baixaram á terra petropolitana, na Capella Imperial da Cathedral, aquelles augustos restos mortaes, em commovente e significativa solennidade, inda mais enaltecida pela notavel peça oratoria ali pronunciada, em nome da Nação Brasileira, pelo proprio Presidente Getulio Vargas.

Senhores: para que este preito de saudade e estas recordações mais de perto falem á alma brasileira, devem ser repetidas aqui as proprias palavras de Dom Pedro, constantes do testamento por elle firmado ha 18 annos, em 30 de setembro de 1922, e com o qual veio a fallecer:

> «*Sempre me considerei bom brasileiro, dedicando ao Brasil o mais entranhado affecto, e recommendo a meus filhos que nunca se esqueçam que, honrando o sangue de seus gloriosos e augustos avós, jamais pratiquem acto algum que possa, de qualquer forma, ser lesivo ao Brasil.*»

Era e sempre foi assim o varão, — e *bom brasileiro* —, a cuja memoria procuramos, dest'arte, render sincera homenagem, lembrando-a neste preito de justiça, saudade e veneração.

# O ELOGIO DO PRINCIPE

*Proferido pelo dr. Mario Aloysio Cardoso de Miranda, no Paço Municipal de Petropolis, a 16 de Março de 1940, em sessão solenne do Instituto Historico da imperial cidade.*

O Instituto Historico de Petropolis cumpre um grande dever, com as homenagens de hoje á memoria de Sua Alteza Imperial e Real o Principe Dom Pedro d'Alcantara de Orleans e Bragança, Presidente de Honra desta instituição.

E' o complemento, a solennidade a que assistimos, daquellas publicas manifestações de pezar que, interpretando o sentimento do povo, entendeu o Govêrno do Municipio de dar, por occasião da morte do petropolitano illustre cujo nascimento, sessenta annos atraz, a cidade celebrara, unanime e jubilosa.

A morte, Senhores, não é o começo da eternidade, porque a eternidade se inicia com a vida e, desde que abriu os olhos ao mundo, o ente humano participa da immortalidade, e a luz divina que nelle se accende é uma chamma que oscilla ao sopro do infinito.

Como ella explendeu, pura e magnifica, á nossa vista, na alma do Principe Dom Pedro, só a podemos agora avaliar na lembrança de Suas virtudes, porque á contemplação terrena estão veladas as perspectivas do espiritual e do eterno.

Elie foi o homem justo, na acepção biblica do termo. Entranhadamente bom, duma bondade que se espe-

lhava no Seu olhar claro e sereno, sensivel a todas as miserias, humido á mera espectativa dum panorama de dôr.

DElle se póde dizer, numa synthese biographica, que passou a existencia preoccupado em conhecer a Patria e, pelos caminhos que nesse afan trilhava, ia extendendo a mão amiga aos compatriotas que encontrava á beira da estrada, sentados com o seu cansaço e com a sua desillusão.

Madrugava no piedoso desempenho de occupações religiosas, ouvindo missa e commungando, e o Seu dia era uma sequencia de mistéres nobilissimos, na ancia de desvendar o Brasil em paisagens da natureza ou em minucias de ordem cultural, e de soccorrer a miseria e encobrir o oprobrio.

Educava o espirito na contemplação do Bello, com aquella comprehensão do Imperador philosopho, que vivia a rebuscar na realidade os traços de suprema harmonia deixados pelo Creador.

Attendia aos appellos do infortunio com a doce simplicidade da Avó, cujo nome a historia uniu á suave antonomasia de Mãe dos Brasileiros. Sua vastissima correspondencia era o vehiculo constante dessas invocações da angustia anonyma e o éco açodado da misericordia que acudia presurosa. De todos os cantos do paiz, casas de caridade, instituições hospitalares, associações pias, desprotegidos da sorte, viuvas, orphãos, viviam a soccorrer-se daquella inexgotavel fonte, donde sentiam promanar a agua viva de que foi sempre abundante a Familia Imperial do Brasil.

Não havia dia em que o Principe Dom Pedro não tivesse uma visita de caridade a fazer, aqui, no Rio ou em outros lugares, alguns distantes, para os quaes Se abalançava, soffrego em attender ás circumstancias difficeis dos que pediam o seu amparo.

Fui testemunha occasional de varios desses actos de caridade eminentemente christã, saturada de sobrenatural, que o Senhor Dom Pedro praticava com subtilezas de recato.

Estava eu um dia, pela manhã, no saguão do Palace Hotel, do Rio, quando Sua Alteza chegou. Perscrutado com o olhar o ambiente, foi até o salão, voltou e deixou-Se a palestrar commigo, iniciando a conversa com este esclarecimento: «Combinei com uma pessoa para estar aqui ás 9 horas; são 9/15 e não a vejo. Talvez não tenha recebido o meu telegramma... E mora tão longe...» Momentos após, entrava e se dirigia a Sua Alteza um velho advogado, meu conhecido de longa data, que os azares da profissão levára á extrema penuria. Foram conversar a um canto e, quando o Principe se retirou, tive a expontanea e commovida confidencia que me revelou ser o motivo da ida ali de Sua Alteza levar tres contos e quinhentos para uma operação.

No dia da Sua missa, assisti uma pobre senhora, neta de conhecido general da campanha do Paraguay, entre lagrimas lamentar a perda de quem, por dezoito annos consecutivos, lhe garantira a subsistencia com a mezada de seiscentos mil réis, enviados com pontualidade e numerosas vezes entregues pela propria mão do augusto bemfeitor, que sabia tambem envolver na cortezia duma visita aquella esmola disfarçada.

Era assim generosamente chão o Principe Dom Pedro.

Aliás, a descendencia da Redemptora ficará na Historia do Brasil como uma outra geração de altos infantes, de que fala o poeta. E, nessa trilogia, a nota mais humana é o signo da personalidade de Dom Pedro.

A' altaneria de Dom Antonio, o principe galantuomo, audaz e romantico, que desappareceu no fim da Grande Guerra, num desastre de avião; á coragem pessoal de Dom Luiz, que o rei Alberto cognominou de Principe Perfeito, victima de uma molestia contrahida nas trincheiras, correspondia o grande equilibrio moral de Dom Pedro, equidistante entre as qualidades excepcionaes dos irmãos, de tal forma que, se Dom Antonio fascinava, pela belleza viril de seu

porte e de seus gestos, e Dom Luiz impressionava pela inquietação intellectual e pelo brilho da cultura, Dom Pedro captivava pela amenidade de Seu trato, pela lhaneza affavel, sempre esmaltada de equilibrio e dignidade.

Dom Antonio e Dom Luiz impunham-se, Dom Pedro fazia-se amar... Em nenhum dos tres, como em Dom Pedro, fulgurava a descendencia directa da Rainha Santa.

Dom Antonio era a explosão atavica de reis cruzados; Dom Luiz o depositario da herança biologica de principes cavalheirescos da Renascença; Dom Pedro a projecção de uma longa sombra que se extendia do Mediœvo e vinha daquelles Senhores Reis que reinaram em Guimarães ou em Barcellos, por tardes e manhãs amenas de Portugal, paes da plebe, uma especie de figura humana da Patria, recebendo o povo nos seus conselhos, acolhendo a gente humilde no pateo lageado de seu paço tranquillo, patriarchalmente, despretenciosamente, como o fez Dom João VI em Bemposta ou Dom Pedro II em São Christovão.

Sua acuidade nos assumptos mais transcendentes do interesse administrativo (elle foi um excellente administrador da Sua propria Casa) não passava desapercebida aos que com Sua Alteza viessem a privar e, em conversas mais intimas, abordar questões de economia nacional, que só em ambientes de relações mais estreitas é que Elle se permittia expansões, pois o Principe Dom Pedro, tendo que enfrentar, na época de Sua formação e, posteriormente, após a revogação da lei do banimento, as situações mais delicadas, agia sempre com extremo tacto e rara capacidade de imiscuir-Se pelos fios dagua sem Se deixar molhar.

Não oppoz nenhuma resistencia aos desejos de actividade politica do Principe Dom Luiz, e renunciou sem relutancia aos Seus direitos, afim de que não Lhe fosse attribuida a responsabilidade de perder quaesquer possiveis opportunidades de restauração.

No entretanto, João Alfredo, interpretando o sentir dos estadistas remanescentes do Imperio, dizia nessa occasião, no começo do seculo, que se, para representar o principio monarchico no Brasil numa phase de ebulição partidaria, lhes era acceitavel o espirito combativo de Dom Luiz, não podia haver duvidas de que, para reinar, preferiam o bom senso de Dom Pedro, acomodaticio como o Avô, habil como a Mãe.

Emquanto Seu augusto irmão rondava o litoral do Brasil e escrevia manifestos, Dom Pedro viajava o mundo inteiro, atravessava o Japão, ia ao coração da Russia, subia o Himalaya, percorria o Congo e dedicava-se á penosa tarefa de fazer equilibrar a receita e a despeza nos Seus onerosos dominios D'Eu.

Jamais O preoccupou outra coisa com relação ao Brasil que não fosse o interesse patriotico pela sua pacifica prosperidade e, ao voltar do exilio, fixou definitivamente residencia na Sua terra natal, onde O viamos todos por ahi, á sombra das alamedas floridas, no centro e pelos quarteirões, a pé, no Seu passo bourbonico e nos Seus passeios burguezes, feliz e accessivel, daqui sahindo apenas para longas excursões pelo interior brasileiro, cujo sertão conhecia como talvez ninguem.

Mantinha relações de cortezia com o Governo do Paiz, e no mundo official, em quaesquer sectores, tinha bons amigos e agradaveis comensaes. Os que não O amavam por apego á Sua linhagem, os que não O estimavam por affecto a um reflexo de opulenta tradição nacional, queriam-nO como a um brasileiro que em todo o mundo era uma alta figura representativa de nossa Patria, que, graças a Elle, podia dar-se o luxo de ostentar nas côrtes e nas embaixadas, perante os estrangeiros e os turistas, um principe de sangue real, caso singular no continente, entroncado nas mais antigas dyuastias e parente dos mais poderosos soberanos. Era um compatriota

cujos antepassados se sentaram em todos os thronos da Europa, o unico brasileiro ligado pelos laços do sangue aos Reis da Inglaterra, da Italia, da Belgica, da Rumania, da Grecia, da Dinamarca.

Todavia, como encantava e como era seductora a simplicidade do Senhor Dom Pedro...

Quando Prefeito, recebi aqui, num dia de chuva, a Sua visita e me lembrou, subindo prosaicamente essas escadas, sem se fazer annunciar, Luiz Filipe com o seu guarda-chuva o unico guarda-chuva que entrou na historia da França, abrindo um precedente burocratico para esse outro do I Ministro de Sua Magestade Britannica.

Affavel para com os carregadores que Lhe levavam a bagagem e para com os engraxates que Lhe tratavam os sapatos, profundamente brasileiro, impenitentemente democrata...

Deus O tenha em sua gloria. E Petropolis, sua terra natal, berço predestinado, conserve a Sua memoria com carinho e com respeito, para que os nossos netos a divulguem em lendas amaveis, que se iniciem nos labios de todas as amas com as velhas palavras suggestivas de antigas historias: «Era uma vez um Principe...»

ALCINDO SODRE'

# PETROPOLIS NA SUA EXPRESSÃO GEOGRAPHICA E CLIMATERICA

*(These apresentada ao IX Congresso Brasileiro de Geographia, reunido na cidade de Florianopolis em Setembro de 1940)*

# PETROPOLIS NA SUA EXPRESSÃO GEOGRAPHICA E CLIMATERICA

Petropolis surgiu por um imperativo geographico e climaterico. Campo experimental de colonisação allemã, esta extinguiu-se politicamente antes de completar um seculo de existencia, deixando entretanto uma licção a seguir. Creada a Povoação e a Colonia, o pensamento da época e as medidas administrativas da Provincia e do Imperio trabalharam no sentido de estabelecer em Petropolis um centro especial de cultura agricola cujo fracasso obrigou o homem a respeitar as determinantes do meio physico, e assim, Petropolis desenvolveu-se como estancia de verão, cidade de meditação e recolhimento, propicia aos educandarios e conventos, e parque industrial por excellencia.

O imperativo que provocára o surgimento de Petropolis haveria assim de impor-se como condição para o rythmo de seu admiravel progresso. E por isso, Petropolis nas distancias e proporções de seu desenvolvimento, é hoje, como foi em seus primordios, uma pura expressão de suas possibilidades geographicas e climatericas.

.....

A primeira noticia que se tem sobre a região onde se assenta Petropolis data de 1531. O «Diario de Navegação» de Pero Lopes de Souza regista que da esquadra de Martim Affonso, ancorada no Rio de Janeiro, foram mandados 4 homens pela terra a dentro, onde gastaram dois mezes numa jornada de 115 leguas das quaes cêrca de metade «por montanhas mui grandes» e trazendo de volta comsigo «muito christal». Na

interpretação dessa remota Entrada dividem-se as opiniões. Para Orville Derby e Pandiá Calogeras, o caminho palmilhado por esses quatro Portuguezes foi pela «vertente onde hoje se ostenta Petropolis» (1). E o curioso é existir num dos valles de Petropolis, local denominado Pedra Branca, grande quantidade de bellissimos quartzos hyalinos, o que levou a Sociedade Agricola e Industrial (Der Deutsche Gewerbe und Landwirthschafttiche Verein in Petropolis) a «mandar fazer algumas experiencias da nossa pedra christal na fabrica de vidro da Gambôa» (2).

Installados os lusitanos na bahia de Guanabara e chegada a opportunidade de ser penetrado o sertão, rumo de Minas Geraes, os primeiros roteiros haveriam de evitar deliberadamente a transposição directa da Serra do Mar, pelo mysterioso temor que esta lhes infundia. A aventura dos quatro homens de Martim Affonso teria sido assim um feito phantasmagorico. Realmente, o depoimento do Padre Simão de Vasconcellos é expressivo: «Pelo terreno vae rodeando toda a bahia, e reconcavo do Rio de Janeiro, aquella espantosa serrania, que já por vezes temos ditto corre a costa toda: e como a parte della mais aspera, chamada a montanha dos Orgãos (porque á maneira daquelles instrumentos vão levantando em ordem desigual montes sobre montes, fazendo a altura immensa, que excede as nuvens e chega parece á segunda região do ar) representão aquelles grandes montes muralhas, ou torres formidaveis, postas entre nós, e os barbaros que habitão a outra parte: porque alli fulmina a naureza em tempos tormentosos taes raios, coriscos, e estrondos disformes de trovões, que assombrão a terra» (3). E Rocha Pitta confirmaria essa visão: «Pela parte da terra opposta á Ci-

(1) Pandiá Calogeras — As minas do Brasil e sua legislação, pg. 17.

(2) O Parahyba (jornal de Petropolis) edição de 16 de Dezembro de 1858.

(3) Simão de Vasconcellos, «Historia da Companhia de Jesus», pg. 57.

dade, vae acompanhando ao golfo uma disconforme muralha, composta pela natureza de asperos rochedos, mais e menos levantados, a que chamão Montes dos Orgãos, e vão formando nas differenças das suas perspectivas um Protheu inconstante de figuras varias e uma bem ordenada confusão de diversos objectos, espantosos aos olhos e difficeis á conquista» (1).

Dahi a explicação do primeiro caminho para as Minas ser feito pelo itinerario maritimo até Paraty, sendo então alcançado por terra o valle do Parahyba. Viriam depois os «caminhos de terra», fechando em arcos concentricos até chegar ao roteiro mais curto, passando por Petropolis. Effectivamente, do caminho que seguia mais ou menos o traçado da E. F. Central do Brasil, passou-se ao caminho atravez Couto e Sacra Familia, para terminar pelo «atalho do Caminho Novo» que «sem duvida alguma é o mais perto caminho que póde hauer», (2), aberto pelo sargento-mór Bernardo Soares de Proença no fim do primeiro quartel do seculo dezoito, e então sesmeiro da actual situação urbana de Petropolis.

A postura geographica de Petropolis serviu pois de inicio como mais facil passagem de tropas mercantis para Minas Geraes, por onde ia o sal e veiu bôa parte do ouro, e vereda servida por Tiradentes em sua ultima viagem libertadora. O poeta Gonzaga, deixaria uma menção a esse caminho, quando, já detido na Cadeia Velha, suspirava em seu dôce lyrismo :

Meu sonóro passarinho,
Se sabes do meu tormento
E buscas dar-me, cantando
Um dôce contentamento.

(1) Rocha Pitta, «Historia da America Portugueza», pg. 89.
(2) Basilio de Magalhães, «Expansão geographica do Brasil», pg. 373.

Ah ! não cantes mais, não cantes
Se me queres ser propicio
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio

Ergue o corpo, os ares rompe
Procura o Porto da Estrella
Sóbe a serra, e se cançares
Descança num tronco della

Toma de Minas a estrada
Na igreja nova que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme á Villa Rica».

Esse Porto da Estrella, termo e marco inicial do caminho que passava por Petropolis, espantaria a Saint-Hilaire no começo do seculo dezenove : «Depuis que je voyageais dans le Brésil, aucun lieu ne m'avait offert autant de vie et de mouvement que Porto da Estrella. Il est difficile de voir une route plus frequentée que celle de Porto da Estrella à Minas». (1)

O caminho seguia do Porto da Estrella para Inhomerim, Fragoso, Fazenda da Mandioca (depois Fabrica de Polvora) e dahi galgava a serra pelo lado direito do valle, attingindo o Corrego Secco continuava pela margem direita deste, atravessava o Quissamã para pegar a margem direita do Piabanha na Samambaia e seguir por Corrêas até Pedro do Rio, onde atravessava o Piabanha flectindo para o oeste deste curso por Sumidouro, Bôa Vista da Pampulha, Secretario, Fagundes e Cebolas, para desta altura dirigir-se a Entre-Rios. Era esse o caminho aberto por Soares de Proença em 1724. Do seu trajecto, foi refeito e muito melhorado o trecho da

(1) Saint-Hilaire «Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz».

serra, em 1801, por ordem do Principe Regente, e seu executor Aureliano de Oliveira, pae do futuro visconde de Sepetiba, passando a chamar-se o melhoramento «Estrada de lages soltas de Dom João». Da Baixada para a Serra existiram ainda duas variantes de pequena frequencia: os caminhos Taquara, Duas Pontes, Bingen, Fazenda do Inglez, e Xerém, Darmstadt, Woerstadt, Fazenda do Inglez, e deste ultimo ponto a alternativa: Santa Catharina, Paty do Alferes, e Maria Comprida, valle do Piabanha.

No relatorio de 1839, do presidente da Provincia visconde do Uruguay, verifica-se que transitaram pelo caminho principal durante um anno, 120.938 animaes de carga.

Em 11 de Janeiro de 1843 principiaram os trabalhos do novo traçado da Serra, pelo lado esquerdo do valle, e os melhoramentos em toda a extensão do caminho que passou a chamar-se Estrada Normal da Estrella.

A 12 de Abril de 1856 foi iniciada a abertura da «Estrada União e Industria», de Mariano Procopio, sahindo do centro da cidade e extendendo-se pela margem esquerda do Piabanha até Entre Rios, o que equivale dizer, um traçado inteiramente diverso do caminho de Bernardo de Proença, de vez que o trecho da Serra já era outro e de Petropolis para o interior passava-se da margem direita até Pedro do Rio, para a margem esquerda, em todo o percurso do Piabanha, no plano dessa estrada que ligaria Petropolis a Juiz de Fóra.

A Estrada Normal da Estrella e a União e Industria, duas denominações dessa nova ligação rodoviaria Porto da Estrella-Minas, foram dotadas de apreciaveis obras de arte, ainda hoje existentes, e mereceram por muito tempo o cognome de SIMPLON da America (1).

Em 1910, dava-se nas Duas Pontes o nome de Praça Sea-

(1) Elysée Reclus, «Estados Unidos do Brasil, Geographia, Ethnographia, Estatistica, traducção e breves notas de B. F. Ramiz Galvão, pg. 283.

bra ao local onde o ministro da Viação do Governo Marechal Hermes plantava, officialmente, em ceremonia solemne, o marco inicial dos trabalhos da nova estrada de rodagem que ligaria Petropolis ao Districto Federal por um traçado aproximado ao que então seria realizado em 1928 pelo Presidente Washington Luis, a magnifica actuai Estrada Rio-Petropolis.

E não seria uma idéa nova a execução desta obra: um chronista de 1859, escrevendo sobre «Passado, presente e futuro de Petropolis», registou o seguinte: «Terá tambem uma estrada imperial como a da companhia «União e Industria», que partirá de Petropolis passando pela Quitandinha para corresponder á da Pavuna, facultando a viagem do Rio a Petrotropolis em diligencia, conforme o que nos promettera ha tres annos o Sr. capitão José Maria Jacintho Rebello, e nós esperamos sempre» (1).

A 30 de Abril de 1854 inaugurava-se, com solemnes festividades, a Estrada de Ferro de Petropolis, iniciativa feliz com que o genio do futuro visconde de Mauá dotava o Brasil de sua primeira linha ferrea, e cuja ponta de trilhos, segundo o desejo do notavel realizador, deveria attingir a margem do Rio das Velhas...

A situação geohraphica do valle do Piabanha, proporcionou assim o estabelecimento das mais curtas vias de communicação com o interior central do paiz, passando por seu eixo, e vindo desde o caminho de 1724 até a Estrada Rio-Petropolis.

A localidade, cujo primeiro nome foi Corrego Secco ou Rio Secco, era habitada, segundo Ayres de Cazal, pelos indios Sacarús (2), e foi descripta em 1786 por Balthazar da Silva Lisbôa quando, por determinação do Governo de Portugal, percorreu a Serra dos Orgãos. Esta, a summaria descripção do autor: «Passada a Serra na estrada das Minas para Inhomerim, apparece o RIO SECCO, não porque o seja,

(1) O Parahyba, edição de 6 de Janeiro de 1859.
(2) Chorographia Brasilica, Tomo Segundo, 1833, pg. 41.

mas sim porque se vadêa de pé: elle rebenta da Serra de Inhomerim da parte do Norte, e entra no RIO PIABANHA, navegavel sómente no tempo das aguas. O RIO TAMARATY apparece meia legua ao Norte: recebeu da Serra dos Orgãos o nascimento, não é navegavel por causa das grandes penedias, que obstruem o seu leito: a Noroeste, na distancia de hum quarto de legua, corre o RIO PIABANHA, o qual tem sua origem na SERRA DA MANTIQUEIRA DO MAR, e se affoga no Parahyba. Em distancia de uma legua escaça, apparece o Rio que vem á Cidade, o qual nasce na Serra do Facão, e se abraça com o RIO PIABANHA; hé innavegavel, porém abundante de pescado. Depois de legua se descobre o RIO BÔA PASSAGEM, que traz o seu nascimento da SERRA DA MANGA LARGA, confunde-se com o Rio que tem o nome de RIO FAGUNDES, navegavel. Este RIO FAGUNDES, depois de escaça legua, mostra o seu curso, tendo o seu berço da SERRA DA VIUVA, no CAMINHO DO COUTO» (1).

A primeira noticia que se tem da vida politica desse local é a sua incorporação a Magé, quando foi creada esta villa em 12 de Junho de 1789, que «obteve por limites de sua jurisdicção toda a extensão da parte occidental pela costa do mar e rio Guapemirim desde a primeira e mais abundante corrente até a Foz, ficando Macacú com a parte Oriental, dividindo-se pela Foz acima e costa de oeste até a sua primeira cascata na Serra; e desta passando ao alto em rumo recto á vertente do Rio Secco, que desagua no Piabanha e por elle abaixo». Passou depois o Corrego Secco á jurisdicção de Cantagallo quando por alvará com força de lei de 9 de Março de 1824, foi creado esse municipio, «erigindo em Villa o Arraial e districto das Novas Minas de Cantagallo, com a denominação de Villa de S. Pedro de Cantagallo, tendo por limites todo o territorio que se comprehende desde o rio Pa-

(1) Annaes do Rio de Janeiro.

rahyba, no logar em que fôr levantada a Villa, correndo pelo alto da Serra dos Orgãos a partir com os termos das Villas de Magé, Macahé e Campos dos Goytacazes até fechar no mesmo rio Parahyba o qual servirá de diviza em toda a extensão da parte da Provincia de Minas Geraes».

Por decreto de 15 de Janeiro de 1833, foi creada a Villa de Parahyba do Sul, e a seu novo territorio foi icorporada a freguezia de S. José do Rio Preto e com ella o Corrego Secco, sua parte integrante, até que a lei 397 de 20 de Maio de 1846 creava a freguezia de São Pedro de Alcantara desmembrando o seu territorio da freguezia de São José, que passava a fazer parte do termo da Estrella então elevada a Villa. A 29 de Setembro de 1857 a lei 961 creava emfim o Municipio de Petropolis que, facto virgem no Brasil, passava a Cidade sem ter sido Villa, e ficando apenas com dois districtos até que o acto de 4 de Junho de 1892 lhe deu os cinco districtos, que são os actuaes de sua divisão administrativa.

O povoamento da região, começou com o seculo dezoito. Em 1703 era concedida uma sesmaria no actual 4º districto, a José Ferreira da Fonte, que foi mais tarde Secretario do Governo da Capitania do Rio de Janeiro e razão pela qual passou a ser conhecida a sua propriedade pelo nome de «SECRETARIO». No anno de 1711, Bernardo Soares de Proença, o homem que concluira a abertura do caminho novo para as Minas pelo valle do Piabanha, requeria «uma legua de terra em quadra, detraz da Serra do Frade, correndo o sertão da dita legua pelo mesmo rumo que correr o caminho geral que ha de abrir da Parahyba a vir buscar as sahidas das quebradas da dita Serra do Frade». A moradia do proprietario foi levantada no «ITAMARATY», divisa dos actuaes 1º e 2º districtos. Esse Bernardo de Proença, primeiro senhor de terras na area urbana da futura cidade, nasceu em Macacú, estudou em Portugal, e com seus paes mudou-se para Suruhy, casando-se com Isabel de Azevedo Coutinho. De Sargento-Mór

chegou a Mestre de Campo, tendo prestado serviços de nota quando se verificou o ataque de Duguay-Trouin em 1711, servindo então como coronel de um dos regimentos de infantaria auxiliar do Reconcavo e termo da cidade do Rio de Janeiro.

A maioria dos primeiros povoadores de «Serra Acima», como era chamada a situação, provinha das proximas localidades da Baixada, taes como Suruhy, Inhomerim, Fragoso. Da primeira viriam os Costa Bravo e Vieira Affonso, estes, os primitivos senhores da Fazenda do Rio Secco, depois da primeira metade do seculo dezoito. Antes disso, em 1747, já era senhor de sesmaria no Rio da Cidade, Manoel Antunes Goulão, que vindo a ser sogro de Manoel Corrêa da Silva, faria dessa propriedade o berço da illustre familia dos Corrêa, nas pessôas de seus netos, os irmãos Padre Antonio Thomaz de Aquino Corrêa Goulão, dr. Agostinho Corrêa da Silva Goulão, dr. Luiz Joakim Corrêa da Silva, Archangela Joaquina da Silva Goulão, e Maria Brigida da Assumpção Corrêa. Os dois letrados estudaram em Coimbra, e Luiz Joakim deixou-se ficar por lá, como professor da Universidade. O outro, voltando á Patria, seria eleito deputado á Constituinte Nacional de 1823 e exerceria actividade no magisterio, consagrando-se por fim á lavoura, em sua Fazenda de Santo Antonio, na hodierna estrada de Itaipava para Therezopolis, 3º districto do municipio. Nessa Fazenda ainda existe a capellinha com as suas primitivas imagens de madeira, entre ellas a padroeira, Nossa Senhora da Soledade, nome inicial da propriedade. No archivo do immovel esteve por muito tempo o original de uma missa de «requiem» de autoria do Padre José Mauricio e dedicada ao dr. Agostinho e ainda hoje pode-se apreciar as linhas geraes do velho solar reformado onde viveu esse culto agricultor epicurista, que hoje dorme nas terras onde nasceu e tanto prezou, na companhia do irmão Padre Thomaz e do sobrinho conego Luiz.

Archangela Goulão, casou-se com José da Cunha Bar-

bosa, tio do conego Januario, e Maria foi esposa de Pedro Gonçalves Dias, de cujo casal seria filho o dono da Fazenda da Samambaia e primeiro vigario de Petropolis, padre Luiz Gonçalves Dias Corrêa. O mais interessante delles, todavia, sob o ponto de vista petropolitano, seria o Padre Antonio Thomaz, senhor da localidade que ficou consagrada pelo nome de «CORRÊAS».

Ainda lá se encontra o velho casarão, monumento politico do paiz, devidamente registado no livro de tombamento do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional.

A Fazenda do Padre Corrêa, tornou-se famosa no primeiro quartel do seculo dezenove. Della foram hospedes todos os illustres viajantes estrangeiros que transitaram para Minas, logo após a licença concedida pelo Principe Regente, e a começar pelo inglez John Mawe, que diria em sua apreciada obra ter sido muito bem recebido pelo Padre, despertando pelo ruido de martelladas da forja onde, em grande estabelecimento trabalhavam muitos negros na fabricação de ferraduras. O chão estava orvalhado e o ar tão frio que o thermometro marcava 6°. Percorrera o jardim muito bem cuidado, com pecegueiros em flôr. Havia bôa plantação a algumas milhas de distancia, e quando seguiu viagem, pelas margens do Piabanha, percebeu algumas casas e plantações entre montanhas e valles. Seis annos depois de Mawe, em 1816, passaria por ali Saint-Hilaire, impressionando-se por haverem-lhe assegurado que o Padre Corrêa retirava muito dinheiro com os cravos remetidos para o mercado do Rio, e naquella quadra do anno o Padre mandava toda a semana, para o Porto da Estrella, uma tropa carregada de pecegos, negocio que rendia dez mil cruzados. O barão de Eschwege, em seu «Diario de uma viagem do Rio de Janeiro a Villa Rica na Capitania de Minas Geraes no anno de 1811» disse que «Plantações não se vêem em parte alguma da estrada, senão na fazenda do Padre Corrêa. Parece ser activo este homem e,

gostar da ordem. A bella varzea onde se acha sua casa, em bonita collocação, com muitas dependencias, é bem cultivada, sobretudo com fruteiras, taes como cerejeiras, macieiras, videiras, figueiras, etc., frutos bem nordicos que prosperam excellentemente nessa altitude». Mais ou menos identicas referencias, fizeram em suas obras os viajantes Walsh, Luccock, Suzannet, Henderson, Pohl. Um portuguez faria, porém observação especial: «Antes que deixemos a provincia do Rio de Janeiro, tratarei de um phenomeno vegetal, que talvez por bem poucos tenha dido observado. Existem no grande terreiro da fazenda do Padre Corrêa duas vistosas gamelleiras, cuja historia conserva a tradição, e eu a contarei a Vms. Tendo-se feito mister construir um curral de vaccas, ha já muitos annos, trouxeram para fazer uma cerca diversas estacas, entre as quaes existiam por accaso duas de gamelleira; fincadas todas, só duas rebentaram enraizando, e removendo-se tempos depois o curral, a mão do tempo foi lançando por terra todas as outras, ficando as duas com seus rebentões crescidos: até aqui nada ha de extraordinario, he a historia de muitas outras. Porém estas duas arvores irmãs, plantadas de estaca sem intenção a hum mesmo tempo, recebendo alimento de hum mesmo torrão, porque não ficam mui longe huma da outra, estas duas arvores tem Outonos differentes, e differentes Primaveras; isto he, quando as folhas amarellecidas e seccas de huma cahem por terra, inda que não se despojam completamente, cobre-se a outra de folhas novas, ostenta toda a fôrça da vegetação: acontece raras vezes, que ambas seccam e florescem ao mesmo tempo, porém isto he só hum anno; o seguinte desencontram-se, e continuam assim por muitos.

Vejam agora os sabios na escriptura
Que segredos são estes de natura» (1).

---

(1) V. P. de C. Guimarães, «O Romanceiro Brasilico», Rio, 1844.

A Fazenda do Padre Corrêa foi visitada algumas vezes, e com especial agrado, pelo sr. Dom Pedro I. E o nosso monarcha, gozando as delicias da bôa hospedagem, haveria mesmo de perpetrar uns versos, gabando o clima local:

«Da bella agua
E do bom ar
Eu me abstenho
De aqui falar.» (1)

O seu agrado por Corrêas, levando-o a transitar pelo Corrego Secco, despertou nelle o desejo de possuil-o por compra a Vieira Affonso, que se verificou em 1830, embora os acontecimentos da Abdicação tivessem de lhe impedir o gozo da nova propriedade. O Corrego Secco, que tão intimo contacto mereceu dos Imperadores do Brasil, parece tambem não ter passado desapercebido ao Principe Regente, máo grado a ausencia de dados positivos, quando se constata que, concedendo patente de capitão ao dono dessa Fazenda em 1809, Dom João dizia «attender ao serviço que fez na Guarda, que esteve á Minha Real Pessôa no Lugar da Serra, José Vieira Affonso» (2).

Herdando a propriedade de seu pae, Dom Pedro II funda Petropolis pelo decreto imperial de 16 de Março de 1843, determinando a creação de uma povoação e o levantamento de uma igreja sob a invocação de S. Pedro de Alcantara, em cujo centro deveria ser construido o seu Palacio de verão. Num sonho de mocidade, o Imperador, noivo, imagina construir em suas terras, entre valles de amenas montanhas, e proximo á sua Côrte, um refugio espiritual ás suas contingencias de Chefe do Estado, e um recanto tranquillo e saudavel onde pudesse viver um pouco para a familia que ia de prom-

(1) Antonio Augusto de Aguiar, «Vida do Marquez de Barbacena».
(2) Documento do Museu Imperial.

pto constituir. E elle seria ainda durante 46 annos o factor humano e politico de maior efficiencia no desenvolvimento de Petropolis.

A propriedade imperial, que constitue hoje a area urbana da cidade, foi então singular campo de experiencia para uma colonia allemã.

Com o Brasil-Reino, surgira a preoccupação governante de povoar o paiz e promover a substituição do escravo pelo braço livre. Pelo decreto de 25 de Novembro de 1808, do qual Eduardo Prado disse ser uma das mais sabias medidas e um dos primeiros esforços do Principe Regente a favor da colonisação estrangeira (1), foi estabelecido que: «Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem publico, augmentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado; e por outros motivos que me foram presentes: hei por bem, que aos estrangeiros residentes no Brasil se possam conceder datas de terras por sesmarias pela mesma fórma, com que segundo as minhas reaes ordens se concedem aos mesmos vassallos, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario». A 2 de Dezembro de 1825, Pedro I assigna um decreto, com as seguintes razões: «Querendo augmentar a povoação deste Imperio, como se faz necessario á grande extensão de seu territorio: Hei por bem crear uma Commissão para organisar, e propor-me um plano geral de colonisação, que sirva com uniformidade para todas as Provincias».

Em consequencia, Dom João VI funda a colonia suissa de Nova-Friburgo, e Pedro I cria São Leopoldo, em homenagem á esposa.

Em 12 de Agosto de 1834, o Acto Addicional entregou á discreção dos governos provinciaes «promover e estimular, em collaboração com o poder central, o estabelecimento de

(1) Santa-Anna Nery, «Le Brésil en 1889», pg. 479.

colonias (de linguas estrangeiras)». A provincia do Rio de Janeiro, pelo decreto 41 de 9 de Maio de 1836, autoriza o presidente a mandar engajar fóra da provincia e ainda mesmo fóra do Imperio, os operarios que forem mais necessarios para o bom desempenho das obras da provincia. No relatorio presidencial desse anno, o sr. visconde do Uruguay adiantou: «Aventurar-me-hia, Srs., se fosse para tal autorizado, a fazer vir da Europa alguns colonos, poucos a principio; e se me desse bem com a experiencia, substituiria de todo aos negros, braços livres, que sobre outra vantagem de grande peso, nos libertaria do mal que acabo de ponderar. E porque não ha ahi hoje quem desconheça os uteis da colonisação européa, e mais interessados do que ninguem somos nós em promovel-a, não seria talvez fóra de razão, que a Assembléa Legislativa autorizasse o Governo da Provincia para tomar um certo numero de acções da Companhia que ha pouco se organizára no Rio de Janeiro com fim tão patriotico e vantajoso».

O governo provincial, teve entretanto a sua grande lei de colonisação na de n. 56 de 10 de Maio de 1840: «O presidente é autorisado para contractar com empresarios ou companhias que se organisarem, o estabelecimento de colonias agricolas e industriaes na Provincia, segundo os planos que forem propostos pelos ditos empresarios ou companhias, e approvadas pelo presidente, tomando por bases essenciaes dos contractos as condições seguintes: a) que nestes terrenos só se admittam colonos que por documento authentico, dos agentes diplomaticos e consules brasileiros, provem ser agricultores ou industriosos e bem morigerados; b) que nas colonias não serão admittidos escravos, nem os colonos os possam ter por qualquer titulo que seja, sob pena de serem taes escravos considerados livres. O presidente da Provincia nomeará para velar no estabelecimento, direcção e prosperidade de cada colonia, um director ou administração de tres membros, fazendo recahir a nomeação em pessôas de re-

conhecido zelo e inteira probidade, dando-lhes os regulamentos e instrucções necessarias, e uma gratificação correspondente ao seu trabalho». A respeito dessa lei, Honorio Hermeto em seu relatorio presidencial de 1842, disse : «Achando em vigor a lei de 10 de Maio de 1840 e certo do desejo do Governo Imperial, de quem sou delegado, de promover por todos os meios ao seu alcance o augmento de nossa população livre e industriosa, julguei dever pôr toda a minha attenção sobre os meios de executar esta lei, promovendo o estabelecimento de Colonias agricolas e industriosas nesta Provincia, conforme as intenções da Assembléa que a decretou. A persuasão em que estou de que emprezas desta natureza para poderem ser effectuadas de maneira que se tornem verdadeiramente uteis á prosperidade do Paiz, exigem uma discreta escolha dos individuos, que hão de formar taes Colonias, tem feito com que até ao presente não haja acceitado nenhuma proposta de Emprezarios. Além disso, entendendo que o estabelecimento de Colonias póde ter alguma relação com a politica geral, julguei dever pedir ao Governo Imperial instrucções, que me pudessem guiar nessa escolha. S. M o Imperador acolhendo benignamente a minha supplica, houve por bem conceder para taes fins, por decreto datado de 21 de Janeiro do corrente anno, 12 leguas de terras em quadro, ou o seu equivalente, juntas ou separadas, nos lugares desta Provincia, em que as houvessem incultas. A Legislatura Provincial de 1840 reconheceu que uma das mais urgentes necessidades, a que tem de occorrer a publica Administração neste Imperio he a introducção de braços livres, que possão rotear o nosso immenso territorio, e contrabalançar de algum modo o peso da população não livre, de que infelizmente abundamos, e por isso providenciando convenientemente não duvidou fazer o sacrificio de autorisar um emprestimo para satisfazer-se a esta necessidade : eu conto, Srs., que esta Legislatura, composta pela maior parte dos

mesmos Membros da de 1840, e de outros não menos illustrados, patrioticos e zelosos da prosperidade desta Provincia, me coadjuvará efficazmente no empenho de executar esta lei, que julgo fazer honra á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro». E vale a pena saber-se que da Assembléa, nessa legislatura, faziam parte, entre outros: visconde de Itaborahy, Euzebio de Queiroz Mattoso Camara, visconde de Baependy, Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, José Clemente Pereira, marquez de Paraná, Frederico Carneiro de Campos, José de Saldanha da Gama, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho e João Caldas Vianna. Este ultimo, como presidente, conseguiu contractar, para os trabalhos da Estrada Normal da Estrella, em 1843, alguns colonos francezes e açorianos. Entretanto, a unica immigração possivel era a de raça germanica, de vez que os outros paizes europeus difficultavam a emigração. Basta lembrar-se que quando pelo fim de 1790 os constituintes francezes sentiram o perigo da emigração, perceberam tambem que elles tinham annullado em direito, e derogado de facto, todas as leis que permittiam não só impedil-a, como punil-a. O antigo regime offerecia uma lei terrivel e de implacaveis precedentes para a emigração. Esta lei era o edito de Luiz XIV; o castigo era o confisco, a perda da qualidade de Francez, e em certos casos, para os que tomavam serviço no estrangeiro, mesmo em tempo de paz, a morte. E essas leis eram as de todas as monarchias da Europa. Deve-se pois reconhecer, que ainda em 1845, era grandemente difficultada a emigração européa, e os primeiros paizes a consentil-a foram os de lingua allemã.

A Provincia do Rio de Janeiro sempre conseguiu installar em seu territorio, embora sem o exito desejado, as Colonias de Vallão dos Veados, Pedra Lisa, Santa Rosa, Independencia, Santa Justa e Corrêas. A colonia allemã que se estabeleceu em Petropolis, haveria porém de apresentar aspectos singulares. A começar, não obedeceu ás disposições das

leis provinciaes. Os primeiros allemães conduzidos para a localidade, não foram colonos, mas trabalhadores destinados aos serviços da Estrada Normal da Estrella, e ainda assim apanhados de surpresa, em 1837, de um navio arribado ao porto do Rio, como de surpresa chegariam em 1845, os seus patricios que viriam constituir a Colonia de Petropolis. Naquella data, achava-se dirigindo os serviços da Estrada, o engenheiro militar Julio Frederico Koeler, que lançando mão de 238 allemães de um navio que os conduzia para a Australia, e trazendo-os para os arredores do Corrego Secco, como seus auxiliares, poderia delles dizer, tres annos depois, em relatorio: «As obras permanentes da Estrada da Estrella continuárão a serem desempenhadas da maneira mais satisfatoria pelos Operarios Colonos Allemães. Durante o anno passado de 1839 estes Operarios estavão sujeitos a molestias que graças ao clima da Serra, desapparecêrão, e de mais ainda não se tinham habituado aos costumes deste paiz; motivo por que o resultado de seu serviço não podia ser tão vantajoso como hoje em dia. ¡As ferramentas dos Operarios Allemães não se achão á venda no Rio de Janeiro; motivo por que se tem toda ella, e tal qual o serviço e suas subdivisões o requerem, fabricado na Obra. Sem esta disposição nenhum fructo se tiraria da pratica de semelhantes Operarios. Era summamente desejavel que V. Ex. tomando em consideração os bons resultados obtidos com os Colonos Alemães actuaes e a conveniencia de introducção de braços livres nesta Provincia e no Imperio, se resolvesse mandar vir d'Alemanha por contracto huma porção maior de Colonos Operarios» (1).

Esse mesmo Koeler, em memorial por elle e outro apresentado ao Governo em 1847, propunha-se organisar companhia destinada a promover immigração allemã, dizendo ter

(1) Trechos do «Relatorio da 2a. secção das Obras Publicas da Provincia do Rio de Janeiro, apresentado á respectiva Directoria em Janeiro de 1840, pelo major Julio Frederico Koeler, chefe da mesma secção».

visitado todas as colonias já existentes no Imperio, taes como as de Pernambuco, Rio, S. Paulo, Santa Catharina e Rio Grande, e no qual combatia a colonisação espalhada e preconisava os nucleos com protecção do governo, tendo cura evangelico, escolas, botica, facilidades de naturalisação, casamento civil. E escreveu: «Se alguma colonia se instaurou no Brasil, se alguma prosperou, mais se deveu isso ao acaso e á bondade individual dos respectivos ministros ou presidente de provincia que a apadrinhou do que a medidas fixas, permanentes, governamentaes!» (1) Sobre esse mesmo assumpto, e no mesmo sentido, se manifestaria em carta de 13 de Outubro de 1858, um medico allemão: «Excellentissimo Senhor Ministro. V. Ex. em hum officio no principio deste anno deu-me a ordem de explicar-me sobre a emigração e colonisação em geral, devendo me reunir para este fim com os Srs. Aubé e Decosterd. Sendo para mim a emigração e colonisação Allemã a principal, para não dizer a unica, cujo desenvolvimento augmentará a força physica e moral da nação Brasileira e provocará huma lavoura livre em grande escala: durante minha viagem pelas provincias do Sul do Imperio, que acabo de fazer, tenho dirigido minha attenção minuciosa e meo exame especial sobre as colonias Allemãas existentes naquellas provincias. As observações, que colligi, emquanto teem respeito á colonisação, considerão: 1° a colonisação livre sobre terras da nação; 2° a colonisação de especulação particular; 3° o systema de parceria. A emigração Allemãa póde ser só aquella livre debaixo da protecção immediata do Governo. Se o Governo a quere sem reserva, sem especuladores, companhias, acções, sem associações Centraes, sem sociedades de União e Industria, sem estas

(1) «Memorial que a S. M. Imperial offerecem Luiz Frederico Kalkmann e Julio Frederico Koeler relativa a uma Companhia que pretendem organisar, que encaminhe a emigração allemãa para o Brazil. Rio de Janeiro, 1847».

mentiras, que mandárão imprimir na Europa estes inimigos do Brasil, sem estes engajadores astutos e seductores vis e infames, que vendem por 30 Milréis a cabeça, o Governo terá huma emigração laboriosa e abundante. Eis a minha convicção intima, que ganhei na Allemanha durante os annos de 1855 e 1856 e durante minha viagen pelas provincias do Sul do Imperio. De Vossa Excellencia, excellentissimo Ministro, o mais constante e respeitoso venerador e criado menor, R. A. Lallemant, Dr. med., rua da Lapa 42». (1)

Tendo fracassado o ajuste realisado pela presidencia da Provincia, em 26 de Outubro de 1843, com o francez Louis Joseph Bergasse, para o estabelecimento de 600 colonos brancos, foi lavrado um novo contracto a 17 de Junho de 1844 entre o governo fluminense e a firma Delrue & C., de Dunkerque, para a vinda de colonos allemães, de preferencia casados. Entre as condições, ficára estipulado o reembolso da passagem e a remuneração de 245 francos para cada adulto. Sem que o governo provincial fosse avisado, e somente a 13 de Junho de 1845, chegava ao Rio no brigue «Virginie» o primeiro contingente, composto de 161 pessoas, formando apenas 15 ou 16 familias, o que ainda constituiu um logro, de vez que o contractante Delrue, por occasião da factura do encargo, havia subrepticiamente trocado a palavra «mulheres e filhos» pela de «familia», o que permittiu trazer pae, avô, tio, cunhado, primo, velhos e creanças, arrebanhados na Rhenania allemã, entre elles «muitos cosinheiros, musicos, pasteleiros, confeiteiros, alfaiates, sapateiros, bordadores, dansadores de corda, etc.» quando o objectivo fôra trazer immigrantes para o trabalho das estradas provinciaes. De Junho a Novembro, em 13 navios foram transportados 2318 individuos. Logo após a chegada da primeira leva, não estando a Pro-

(1) «Memorial sobre a immigração e colonisação allemã no Brasil pelo dr. Robert Avé Lallemant.» Archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Collecção Marquez de Olinda.

vincia prevenida para localisar tanta gente, pediu os bons officios do Mordomo do Paço, conselheiro Paulo Barbosa, afim de alojal-a na Fazenda de Santa Cruz ou nas Imperiaes Quintas, e este personagem, tendo em vista o desejo do Imperador de fazer uma colonia sua, que servisse de modelo aos agricultores, mandou chamar o major Koeler e com elle combinou a remessa dos immigrantes para a propriedade imperial de Petropolis, o que se verificou a 29 de Junho, data da Colonia de Petropolis, estabelecida nos valles existentes em torno do Palacio e da Povoação.

E foi assim installada essa colonia allemã que seria singular no paiz. O Imperador mandou dar a cada casal 5000 braças de terras, a razão de 50 de frente por 100 de fundo, e mais a isenção por oito annos do respectivo fôro.

Essa colonia européa, louvavel medida no importante programma da substituição paulatina do braço escravo pelo trabalho livre, e iniciativa para dar rapido desenvolvimento á Povoação de Petropolis, que se formava em torno do Palacio Imperial, era um plano preconcebido, visando estabelecer um modelar centro agricola.

O major Koeler, cinco mezes antes da chegada dos colonos, já annunciava pelo «Jornal do Commercio»: «S. M. o Imperador, tem mostrado desejo de vêr collocada em Petropolis uma colonia agricola e industriosa allemã, e certamente que de semelhante estabelecimento mui grandes vantagens hão de resultar para a povoação e tambem para os habitantes da côrte, augmentando-lhes os gozos e pondo ao seu alcance por preços mui modicos, os melhores productos dos climas temperados do mundo». (1)

Ida Pfeiffer, escrevendo em 1850 diria que Petropolis «foi fundada, tendo por fim principal produzir para supprir a

(1) Edição de 17 de Fevereiro de 1845.

capital de differentes especies de fructas e legumes da Europa».

A palavra official, confirmava essa determinação e esperança administrativa, pelo relatorio do sr. Ministro do Imperio, de 1847, lido solennemente perante a Assembléa Geral: «Possue cada colono huma porção de terreno de 20.000 braças quadradas; e as terras, posto que menos proprias para as culturas já desenvolvidas no paiz, são comtudo optimas para outras que muito convem aclimatar, ou desenvolver; taes são, por exemplo, a luzerna, o feno, a alfafa, o trifolio, e outras especies de forragens; o canhamo, o linho, o fumo, o centeio, as batatas, e quasi todos os cereaes, e arvores fructiferas da Europa, bom como o chá da India, que dá-se excellentemente naquelles lugares. Ha entre os colonos muitos serralheiros, ferreiros, funileiros, marceneiros, cobridores de casa, e outros dados a differentes officios, os quaes trabalhão, ou em obras proprias, ou por conta de particulares. Existem já na colonia dous engenhos de serrar; huma fabrica de cerveja; trata-se de estabelecer outra de sabão; alguns colonos preparão a potassa; e hum allemão que se retirou do commercio da Côrte se dedica á criação do bixo da seda, e tem já uma plantação de amoreira, que ali crescem com rapidez. Todas estas circumstancias unidas á amenidade do clima, á bem escolhida situação da colonia, e ao caracter dos Allemães, em geral morigerados e laboriosos, são por certo quasi seguras garantias do seu rapido desenvolvimento, e não remota prosperidade. Observa porem o presidente da provincia, que a falta de leis ordinarias, que regulem e tornem effectivo o preceito constitucional que consagra a tolerancia religiosa, gera alguns embaraços de que se resente a colonia; e são sem duvida graves os que se manifestam por occasião das allianças de familia, ou sejam protestantes ambos os conjuges ou professe hum aquella religião, e outro a

catholica apostolica romana; pois que as leis em vigor no contrato do matrimonio só tiveram em vista os catholicos Romanos».

Nesse mesmo anno de 1847, Paulo Barbosa mandava da Europa mais de 8:000$000 em sementes para Petropolis, e «posto que essas sementes viessem destinadas aos colonos, enviou-me comtudo quasi um alqueire de trigo e a mesma porção de centeio, cevada e aveia» (1), disse Jean Baptiste Binot, um francez apaixonado amador de botanica, que em 1858, escrevia, com indisfarçavel fé e enthusiasmo: «Pouca gente conhece bem Petropolis, o que o interior de suas florestas encerra de bello, de rico, de pittoresco, e quanto o seu solo é fecundo em mineraes. Sou eu talvez a unica pessôa que conhece todas suas maravilhas, porquanto não ha montanha nem valle que não tenha explorado: mais tarde, e *não hade correr muito tempo*, os que pouco sabem de agricultura, reconhecerão o seu erro sobre a fertilidade do sólo de Petropolis» (2). Convem assignalar, que o sr. Binot recebeu medalha de ouro na Exposição de Antuerpia em 1885, e o 1º premio na de Paris, em 1889, respectivamente pelos exemplares de palmeiras e samambaias remettidas de suas chacaras petropolitanas, sendo que a do Retiro, em 1861, tinha plantado, em grande escala — beterrabas, aspargos, alcachofras, couveflôres, 2.000 videiras de Portugal, Hespanha e França, e arvores fructiferas da Europa, algumas já com fructos. Em 1858, organisou-se em Petropolis a Sociedade de Agricultura e Industria, que procurou manter contacto com uma congenere do Grão-ducado de Hesse, recebendo della jornaes e obras sobre agricultura e artes, além de sementes e plantas. Essa sociedade sustentou por algum tempo uma escola primaria e dispoz de pequena bibliotheca e mostruarios de mi-

(1) O Parahyba, de 27 de Janeiro de 1959.
(2) O Parahyba, de 30 de Dezembro de 1858.

neraes do local. Foi tambem seu objectivo o estabelecimento de uma escola pratica de cultura da terra, e as mostras annuaes de productos agricolas.

Esses propositos teriam no entanto de serem frustrados: Petropolis-cidade, antiga Fazenda do Corrego Secco, não era zona geographica para a pequena lavoura de productos alimenticios europeus ou nacionaes. E os desenganos viriam chegando com o tempo. Em 1863, a imprensa local, protestando contra a derrubada das mattas, dizia: «Petropolis não será nunca o celleiro do Rio de Janeiro. Suas terras são naturalmente fracas, quatro a seis annos são sufficientes para exgotarem-na do humus necessario. Depois desse curto prazo aquellas que receberam alguma cultura tornam-se rebeldes ao amanho em que se não despende em estrumes e suores quanto poderiam produzir em capim» (1). Aliás, vóz perdida quanto judiciosa fôra a do director da Colonia, major Sergio Marcondes de Andrade, quando em seu relatorio de 1858 declarava ao presidente da Provincia que «esta directoria continua a pensar que a colonia não tem as condições necessarias para ser sómente agricola, como por vezes tem ponderado ao Exmo. governo; e nem os colonos professam os conhecimentos exclusivos de agricultura; porém como colonia fabril acha muitos meios de engrandecer-se» (e este final tinha o valor de uma prophecia ..)

Um jornal do lugar, o *Mercantil*, lastimava-se em 1861: «Tratava-se de fundar aqui uma colonia agricola; porém bem depressa se desvaneceram todas essas esperanças. Ou seja que os taes colonos não entendessem absolutamente de lavoura, ou que o sólo fosse ingrato, certa penuria começou a minar a nascente colonia. Foi um grande desapontamento, tanto para seus fundadores como para S. M. o Imperador, que amava os colonos como a pupilla dos seus olhos. Pro-

(1) Mercantil.

curou-se comtudo logo remediar esse grande contratempo. Crearam-se mil trabalhos na colonia para se achar um pretexto de se dar pão a ganhar aos colonos, que na verdade seja dito, nem por isso eram muito laboriosos».

Em 1881, ainda se teimava nesse assumpto. O mesmo jornal, escrevia: «A horticultura em Petropolis poderia dar avultados resultados se os seus habitantes se compenetrassem das vantagens presentes e futuras de sua cultura. A mania céga da plantação exclusiva do capim, para a sustentação da raça cavallar e bovina, tem estragado todos os terrenos, que nos primitivos tempos se achavam cheios de humus e seiva para a cultura mais vantajosa de outras substancias mais lucrativas para o proprietario e de mais regalos para os consumidores.»

Elysée Reclus, em sua obra sobre o Brasil, dizia em 1900: «Petropolis acha-se na zona de atracção do Rio de Janeiro: é o seu Versalhes. Os dous mil bavaros e badenses, que o governo brasileiro ahi estabeleceu em 1845, perto da residencia imperial, tiveram o privilegio de habitar uma região muito salubre, e deveram além disso á proximidade do palacio de verão do imperador favores que não tiveram os colonos estabelecidos em outros lugares do paiz. Deram-lhes terras por preço minimo, ou com adeantamento de grandes sommas, e para facilitar o transporte das mercadorias construiu-se uma bella estrada de rodagem que por muito tempo foi cognominada o *Simplon* da America, e que em voltas pittorescas vae até Juiz de Fóra. A cidade mudou de aspecto; não é mais uma colonia agricola (Em verdade nunca o foi. Posto que o clima favorecesse variadas culturas, os allemães de Petropolis nunca se dedicaram a ellas, limitando-se quasi exclusivamente a vender capim e leite — disse em nota a essa edição o seu traductor Ramiz Galvão), mas um conjuncto de palacetes, casas de campo e habitações communs: têm ali residencia os negociantes ricos do Rio, os estrangeiros e

muitos diplomatas que julgam preencher as suas funcções juncto ao governo brasileiro, a coberto dos insultos da febre amarella.»

Em 1859, quando Petropolis constituiu-se como Municipio, e passou de Povoação a Cidade, verificou-se uma situação paradoxal. A sua imprensa, que reflectindo o sentir de alguns politicos, se batera pela emancipação de Petropolis, contra a opinião do governo provincial e do Imperador, logo que a mesma foi obtida passou a fazer os mais ardentes appellos á Provincia para que esta não retirasse da cidade a assistencia administrativa emprestada até ali. Vejamos sobre o assumpto alguns actos officiaes e trechos de jornal elucidantes do caso:

> «Não existindo nucleo colonial em Petropolis, segundo informaram as respectivas autoridades judiciarias e o capitão de engenheiros chefe do districto; e tornando-se por isso desnecessario haver ali uma dispendiosa directoria de colonia, o presidente da provincia delibera o seguinte:
>
> Artigo unico. Fica extincta a directoria da colonia de Petropolis. Palacio do governo da provincia do Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1860. — Ignacio Francisco Silveira da Motta.»

> «O presidente da provincia do Rio de Janeiro, tendo ouvido a Camara municipal, autoridades judiciarias de Petropolis e o director da colonia ahi fundada no anno de 1845 ácerca da conveniencia ou desvantagem de continuar em vigor o regulamento colonial de 26 de Maio de 1847, que tendo sido organisado para um regimen, hoje seria inexequivel e suscitaria conflictos com o elemento municipal e com a legislação civil e penal formulada segundo os preceitos constitucionaes; sendo evidente que as

attribuições que se achavam reunidas na directoria da referida colonia concernentes á administração da justiça, á policia, á instrucção, á caridade official e ás obras publicas devem passar ás autoridades e repartições competentes, continuando a população a auferir os mesmos e ainda maiores beneficios do que os até aqui concedidos á organisação colonial, delibera:

Art. 1º Fica revogado o regulamento de 26 de Maio de 1847.

Art. 2º As despezas com a policia, a instrucção publica, o culto, o hospital e as obras publicas do municipio de Petropolis serão dora em diante feitas pelos meios estabelecidos na legislação em vigor.

Palacio do governo da provincia, 5 de Janeiro de 1860. — Ignacio Francisco Silveira da Motta.»

O jornal «A Patria», de Nictheroy, commentando as reclamações que esses actos officiaes suscitaram na imprensa local, disse:

«Ha dias, ao concluirmos algumas ligeiras reflexões sobre as censuras injustas feitas pela illustre redacção do *Parahyba* ás medidas da presidencia da provincia entregando a colonia de Petropolis ao systema de administração geral e municipal, dissemos que voltariamos á materia, por nos restarem ainda algumas observações.

Muitas destas foram prevenidas pela illustrada redacção do *Mercantil*, que tambem em outras abundou no sentido em que escreveramos no dia antecedente. Essa illustrada redacção provou, com factos, que a colonia nada tinha absolutamente perdido no essencial á sua administração e desenvolvimento; que apenas havia cessado o regimen colonial, desde que os poderes legitimos julgaram que era mister substituir a colonia pelo mnnicipio. Por esse lado, pois, ainda toda

a censura á conducta presidencial cahe por terra. Mas ha uma outra observação de peso, que é mister não deixar escapar, e que demonstra quanto uma má causa compromette e embaraça o mais intelligente e habil advogado.

Entre as censuras feitas pela redacção do *Parahyba* á presidencia por ter nullificado a administração colonial de Petropolis, sobresahe a que tem por base o abandono em que deixou a prestdencia, muitas familias de proletarios, diz o *Parahyba*, compromettendo por outro lado os interesses de capitalistas e negociantes da Côrte que ali foram empregar capitaes no intento de recrearem-se e tomar ares. Esta censura, e sua base, contrariam ou contradizem manifestamente as proposições da redação do *Parahyba*, affirmando que Petropolis surgiu da matta virgem, e fez em quatorze annos, progressos que cidades do interior não tem feito !...

Realmente, se Petropolis é productiva, seu sólo fertil, se regorgita de riqueza e de productos estimaveis, como é que a sua população colonial vae ficar anniquillada e sujeita á miseria, por ser em sua maioria de colonos, gente proletaria ?

Pois a terra e o clima produziram, e a mão do homem que deu força ou alento a essa producção ficou esteril e inerte, sem retirar do seu trabalho cousa alguma para si, quando esse trabalho foi de valor tão subido ? ! Não ha nisso manifesta contradicção ?

Mas se essa população proletaria é toda composta de artistas, e se por isso os cofres publicos devem alimentar fontes de trabalhos publicos para occupação desses artistas, não resulta disso que essa colonia não é colonia agricola, e portanto dispensavel e incapaz de produzir compensação aos sacrificios feitos, sacrificios impostos ao suor do lavrador, que é quem paga as favas ?

E como iriam os cofres da provincia alimentar essas fontes de trabalho em bem unicamente de colonos, quando legiões de trabalhadores tão pobres ou mais pobres que es-

ses colonos, e filhos do paiz, não têm para protegel-os essas fontes de trabalho, nem se exige que em beneficio delles se criem ? Não é isto tornar mais precaria, menos commoda a situação do nacional proletario em relação aquella que seria a do proletario colono ? Não poderia por virtude da doutrina do *Parahyba*, as nossas cidades do interior e outras colonias mesmo reclamarem dos cofres publicos os mesmos favores, enormes auxilios, que se exigem para Petropolis, só porque Petropolis é creação imperial, é uma colonia-cidade onde a magestade real vae passar alguns mezes no verão ?...

Poderiamos estender-nos mais ; porém julgamos que o pouco que temos dito é de sobra para demonstrar a improcedencia das censuras feitas até aqui, e o acerto das medidas presidenciaes ; accrescendo que as censuras, e o appello que que faz á corôa, não podem deixar de offendel-a, ferindo o seu bom senso natural.» (1)

Todavia, apezar de tudo isso, o facto é que Petropolis, desfructando uma situação especial, continuou a receber auxilios extraordinarios da Provincia, até á proclamação da Republica. Certamente que a essa occurrencia não devia ter sido extranho o desejo do Imperador... A proposito, ainda confessava o Mercantil a 7 de Abril de 1880 : «A primeira consequencia da errada collocação destes colonos foi que muitos annos viveram elles á custa dos cofres da provincia, que lhes pagava salarios para cavarem estes canaes, construir estes muros de revestimento, estas bellas pontes, estas elegantes alamedas que adornam os arredores do palacio imperial. Não era já cortezanismo, se esta foi a idéa primitiva, era a necessidade de dar aos allemães o que comer. Fundada a cidade, estabelecidos os colonos, creados esses pequeninos recursos de que hoje vivem, continua a provincia do Rio de Janeiro a despender grande somma annualmente

(1) Edição de 11 de Janeiro de 1860.

com a conservação destas ruas, destes empedramentos, destas pontes, canaes e jardins. Não conheço o algarismo nem tenho á mão o meio de verificar, julgo pelo que estou observando ; mas consulte quem quizer o orçamento provincial do Rio de Janeiro e examine a verba — *Caminhos coloniaes*. Por que a provincia parece ter vergonha de gastar tanto só com Petropolis, e esconde o algarismo naquella verba fallaciosa — *Caminhos coloniaes !*

Mascarando assim a despeza que fazem com a imperial cidade, os poderes provinciaes parecem dar as costas ao cortezanismo e cortejar a colonisação agricola ; mas em verdade, como os remadores, vão sempre levando o barquinho para o ponto a que dão as costas».

O Imperador, por sua vez, acudia directa e constantemente aos colonos, que lhe chamavam «Unser Kaiser» e não lhe regateavam manifestações collectivas sempre que Sua Magestade chegava ou partia de Petropolis. O jornalista, já o dizia desde 1858 : «A colonia é que ha de ter quem a soccorra efficazmente, porque a não ser o bolsinho imperial que lhe está sempre aberto, mas que não póde nem deve onerar-se permanentemente com despezas avultadas da adminstração» (1).

Na verdade, Petropolis como colonia, estava fadada ao fracasso logo nos primeiros annos de sua existencia. De uma noticia de jornal da Côrte, em 1849, destacam-se os seguintes expressivos trechos : «Petropolis cresceu muito do anno passado para cá : as casas parecem surgir da terra como por encanto. S. M admirou sobretudo a bella rua do Imperador com o hotel de Bragança, o hotel Suisso que se achava muito augmentado, e as elegantes casas de sobrado em cuja frente correm as limpidas aguas do canal. O hotel particular, situado num lugar mais retirado, e os predios que

(1) O Parahyba, de 2 de Dezembro de 1858.

se lhe avizinhão, mereceram tambem a attenção de S. M. De facto, tudo quanto é obra dos particulares causa espanto em Petropolis, pela rapidez com que se edifica: seja mais

.....

E' na verdade para sentir que os melhoramentos coloniaes não acompanhem os dos particulares. As estradas, as pontes, os caminhos coloniaes, parecem em completo abandono. Dizem Praguentos que isto é devido ao frio de Petropolis, cuja intensidade é tão grande que alguns empregados não podem sahir da concha antes das 9 horas da manhã; que os pequenos seguem o exemplo dos graúdos, e que por isso pouco ou nada se faz.

Tudo porém vae mudar com a presença do Imperador. Já estão trabalhadores concluindo o canal das ruas de D. Maria e de D. Affonso, obras importantes e muito necessarias, pois que promoverão a edificação de novos predios, visto que muitos concessionarios, estão á espera da abertura dessas ruas para construirem nos prazos que lhes forem concedidos. Os caminhos coloniaes estam-se concertando. Em summa: tudo renasce sob a influencia vivificadora da presença de S. M., protector da colonia e o seu mais valioso arrimo» (1).

Desvanecida, como vimos a expectativa de organisar em Petropolis uma colonia agricola, foram os colonos amparados pelo Imperador e a Provincia, ajudando-os aquelle na acquisição definitiva de seus prazos de terra, onde muitos passaram a viver da pequena industria de leite, queijo, manteiga e pão allemão, e esta dando a outros serviço nas obras publicas. A maioria dos immigrantes tudescos permaneceu em Petropolis, levando existencia patriarchal, com próle numerosa, e cuja base de actividade eram os quarteirões situados nos valles, então baptisados por pittorescas denominações germanicas, segundo o local de origem dos respectivos colonos. E os seus descendentes, bons brasileiros, acham-se hoje

(1) Jornal do Commercio de 6 de Fevereiro de 1849.

em dia, na sua maior parte, attrahidos ao trabalho proletario das grandes industrias fabris da cidade. Entretanto, chega o momento de serem apreciadas as causas determinantes da efficaz nacionalisação desses elementos, dada a conhecida tenacidade com que os allemães resistem a adopção de uma nova patria, alimentados que são pelo velho espirito pangermanista.

A começar, os allemães de Petropolis não mantiveram com a patria de origem o contacto habitual por meio de agentes e propaganda impressa. Em grande parte, foi esse facto devido á acção do primeiro director da colonia, Julio Frederico Koeler, naturalisado brasileiro e major de engenheiros do nosso exercito, que com decidido espirito de brasilidade estabeleceu desde logo todas as medidas necessarias, chegando a empregar o drastico alvitre de censurar pessoalmente toda a correspondencia particular para a Europa. E essa attitude haveria de lhe custar os maiores apodos posthumos de um atrevido clerigo germanico, contractado para a curia local, e cuja maneira de proceder, no sentido de alimentar o sentimento allemão da colonia, crearia uma situação de tal modo irritante, que o governo imperial o expulsaria do paiz (1).

O factor mais intenso da rapida nacionalisação da colonia de Petropolis, seria porém o elemento racial portuguez. Por essa observação, deve-se constatar que o portuguez é o nosso verdadeiro especifico na importante e delicada obra de nacionalisação das levas immigratorias tudescas.

De facto, são ainda frequentes em Petropolis as narrativas acerca das difficuldades com que individuos de outras raças eram recebidos nos quarteirões da cidade, quando pretendiam a mão de moça germanica. Eram elles corridos a páo e a pedradas pelos rapazes do bairro, e o excesso desse

(1) Prof. Dr. Th. Wiedmann — Die deutsche Kolonie Petropolis, in der Provinz Rio de Janeiro, 1856 Freysing.

«ciume» chegou a apresentar casos de não ser tolerada siquer a pretensão de pessoa extranha ao valle, ainda que da mesma raça, como uma especie de orgulho regional entre os proprios povos allemães, de vez que de varias provincias germanicas provieram os colonos, e isso significa a denominação dos valles petropolitanos: Rhenania, Mosella, Bingen, Westphalia, Palatinado...

Entretanto, um elemento houve que, conseguindo romper desde logo essas «barreiras», foi praticando matrimonio por esses quarteirões. A tenacidade e a argucia do Portuguez, poude levar de vencida essa difficuldade. E hoje, a tradição continua na realidade, observando-se em grande numero, a cruza luso-germanica, dando-nos o aspecto actual de uma descendencia que, conservando pittorescos e uteis costumes de seus antepassados, é bem brasileira.

Compare-se esse episodio ethnologico com o que se observa em outras regiões do paiz onde vivem nucleos de origem allemã, e certamente teremos de aproveitar a licção de Petropolis. Se, innumeros aspectos das qualidades raciaes lusitanas, nos são caros ao coração e ao espirito, temos todavia necessidade de melhor conhecer o Portuguez no ponto de vista do nosso interesse ethnologico, de modo a ampliar a sua esphera de acção na importante obra de assimilação de outras raças e de seu integramento na communidade nacional. O Brasil já começou a estudar a expressão social e anthropologica dos varios elementos participantes de sua formação racial. São hoje em dia numerosos os trabalhos relativos á raça negra, e dois congressos afro-brasileiros foram realizados. Os estudos amerindios, que representam sem duvida a superficie do nosso interesse no magno assumpto, tambem vão merecendo, de longa data, tratos esparsos, sosobretudo de estrangeiros que nos visitam. Mas, ainda não chegou, entretanto, o momento do Portuguez. Este, elemento primordial na existencia brasileira, tem sido encarado sob

todos os prismas, menos pelo tom propriamente racial, que nos é da maior relevancia. Por certo que não pretendemos, nesta memoria, iniciar um ensaio sobre o caso. Nosso objectivo é, simplesmente apresentar a observação de Petropolis, e advertir os estudiosos para o exame da função nacionalisante do Portuguez no Brasil, e com isso indicar o caminho de feliz solução para um de nossos problemas, que é a localisação de elemento lusitano junto aos nucleos metécos existentes no paiz, e em consequencia, a breve mudança dos aspectos politico-sociaes desses mesmos nucleos.

A fauna de Petropolis, vista sob o aspecto geral com que se caracterisam as regiões brasileiras, offerece a condição de possuir abundancia e variedade de certos grupos e especies animaes, ao lado de numerosas ausencias de outros. Sua fauna, reveste-se assim das mesmas singularidades de sua topographia e de seu clima. Nas divisas de Petropolis com Therezopolis, a 2.400 metros de altitude, na Pedra Assú, uma das maiores elevações do paiz, é muito encontradiço o maior mamifero nacional. Das aves, predominam no proprio arvoredo ornamental da cidade, cuja maioria é a magnolia, o sabiá, o bem-te-vi, o tico-tico, a cambaxirra, o sanhaço, a sahira, o colleiro, o canario da terra, e sobretudo o beija-flôr. Dos reptis, o unico venenoso é a jararáca, cuja especie é a Lachesis Lanceolatus. O numero de sapos, que foi abundantissimo, é ainda notorio. Delles falaram varios publicistas. O visconde de Taunay, mencionou: «Dizia-se em 1862: «Petropolis é terra para creanças, flôres e sapos». Quanto aos bons batrachios, de todos os tamanhos, alguns enormes, tão abundantes outrora, que entravam sem ceremonia pelas casas a dentro ou se faziam pisar a cada momento, esses quasi radicalmente se sumiram» (1). Um estrangeiro, registou, por sua vez, em 1879: «Une si grande quantité deau ne peut ré-

(1) Philologia e Critica, S. Paulo, 1921, pgs. 172-73.

jouir que les crapauds, dont l'espèce est nombreuse et variée ; ils son gros comme les deux poings ; on les trouve partout, non seulement dans les rues, mais aussi dans les maisons. La nuit, quand tout est calme, ces hideuses bêtes se livrent à une musique tout à fait étrange ; de leurs gosiers puissants partent des sons divers, qui tantôt imitent des gèmissements lointains, tantôt ressemblent à des coups de marteau répétés ; cette lugubre symphonie ferait marveille, dans quelque repaire de sorcières» (1). Dos insectos, possue Petropolis mui rica diversidade e profusão, notadamente borboletas, que são o enlevo de colleccionadores alienigenas.

Quanto á flora de Petropolis, haveria muito que dizer. Todos os visitantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil em differentes épocas, e passaram por Petropolis, deixaram a impressão de sua agradavel surpresa pela flora e pela geologia locaes. Basta lembrar-se a impressão de um famoso naturalista : «As montanhas que circumdam a estrada (serra normal da Estrella), como todas as dos arredores do Rio, tem uma fórma bem particular ; ellas são escarpadas e conicas e fazem, á primeira vista, pensar em uma origem vulcanica. São linhas abruptas que dão á cadeia que temos aos olhos muita grandeza, embóra a altura media dos cumes não ultrapasse seiscentos a novecentos metros (dois a tres mil pés). Um exame mais attento de sua estructura faz ver que essas fórmas selvagens, fantasticas, resultam de uma lenta decomposição da rocha e não foram produzidas por qualquer convulsão subita. De facto, o caracter exterior das rochas é de tal modo differente do que se conhece no hemispherio norte, que o geologo europeu se detem logo desorientado deante dellas, e acredita ter de recomeçar o estudo de toda sua vida. E' necessario um certo tempo para que elle descubra a chave dos factos e os ponha em harmonia com os

(1) Charles D'Ursel, Sud-Amérique' 1879.

seus conhecimentos». E referindo-se á flora disse: «A nossos pés se estende o valle; deante de nós a cadeia costeira, e ao longe a bahia acha-se como que docemente fundida sob o sol. Para completar esse quadro lançae sobre todo o terreno um manto de palmeiras, acacias e fétos arborescentes, caprichosamente bordado de parasitas e vestido em profusão de flores purpureas de quaresma, bigonias amarellas e azues, ou thumbergias segurando suas pequenas folhas amarello-palha a todas as pedras e a todos os regatos. A cada instante nós nos surprehendiamos com a enorme variedade de palmeiras. Uma arvore dessa especie é de uma raridade tão grande em nossas serras que nós não desconfiamos como essas plantas são numerosas e diversas em suas florestas nataes» (1).

O nosso abalisado botanico, José de Saldanha da Gama, em 1875 e 1876, realisou observações locaes com que escreveria os seus «Elementos para o estudo da flora da Serra da Estrella e de Petropolis». Nesse ensaio, são descriptas as principaes especies encontradas, muitas dellas quando se achava na companhia de outro erudito conhecedor de nossas plantas, o francez Glaziou.

Das innumeras especies vistas por Saldanha, mencionaremos apenas as que foram por elle referidas com a denominação popular: Calças de Velha, Grão de gallo, Veronica peregrina, Cipó camarão, Velludo, Páo cachimbo, Páo tambor, Unha de boi, Espinheiro, Cassias, Salgueiro do matto, Cedro branco, Casca de anta, Cambotá, Canella santa.

Não escapou aos viajantes estrangeiros a observação do clima de Petropolis. O barão de Eschwege, em 1811, faz allusão ao que leu em seus apparelhos portateis nas comparações feitas entre as temperaturas do Rio e da Serra. Freire Allemão e Capanema, concluindo mais tarde os mesmos estu-

(1) Mme. et M. Louis Agassiz, Voyage au Brésil, Paris 1869, pgs. 76 e 79.

dos, diriam que «o clima de Petropolis ganha o da cidade em frescura de oito gráos do centigrado, calculado o termo médio». São frequentes as chuvas nos mezes de verão, como aliás acontece em toda a faixa littoranea do Espirito Santo a São Paulo. Nas elevações da Serra do Mar, como Petropolis, o gráo hydrometrico do ar é maior. Conta-nos o visconde de Taunay que um dia, Eusebio de Queiroz, retido em casa 25 dias seguidos devido ao máo tempo, exclamára: «Mas isto não é Petropolis, é Chuvopolis!» E accrescentou «costumar tambem o illustre ministro francez Auguste Gérard, tão amigo deste lugar, que delle se retirou realmente commovido, dizer: «C'est un des endroits les plus séduisants du monde, quand il fait beau; mais il y pleut trop!»

Já não são copiosas e assiduas como foram, essas chuvas estivaes, cuja diminuição corre por conta das grandes derrubadas de vegetação pelo desenvolvimento da cidade.

E' peculiar em Petropolis, por certas épocas do verão, o apparecimento subito de densa neblina, penetrando em columnas ligeiras pelas aberturas dos valles e attingindo os niveis mais baixos da cidade, de modo mesmo a não permittir visibilidade em distancia maior de quatro a cinco metros. Essa neblina, cuja permanencia no espaço é movediça e pouco duradoura, é o popular ruço de Petropolis. Faz parte da physionomia urbana e longe de ser molesto é querido dos habitantes, dá graça ao ambiente, estabelecendo contraste de luzes e côres na paysagem, e nada tem de prejudicial á saúde.

O clima de Petropolis é excellente, e disso dão conta os seus indices demographo-sanitarios. A 15 minutos do centro urbano, em Corrêas, tem sido achado pontos ideaes para grandes sanatorios de molestias pulmonares. Se, durante o verão, Petropolis constitue enorme refrigerio aos que fogem da canicula carioca, o inverno é delicioso pela continuidade de dias de céo limpido e sol de ouro claro, sob a acção esti-

mulante de secco frio. A longa estadia da febre amarella no Rio, foi um dos factores para o desenvolvimento de Petropolis. Desde logo observou-se que essa molestia não existia na Serra, e as pessoas que exerciam actividade diaria na Côrte, mas vinham pernoitar em Petropolis, permaneciam immunes ao mal. Desconhecido ainda o agente transmissor da doença, mosquito que como o seu companheiro do impaludismo, não consegue sobreviver em certas altitudes, a verificação empirica do phenomeno, transformou logo Petropolis em verdadeira «montanha da saúde», para onde fugiam os abastados. Paraiso das creanças, cujas faces adquirem de prompto as rosadas côres só vistas nos povos europeus, Petropolis conserva, atravez dos tempos, os seus fóros privilegiados de clima e salubridade.

A agua, leve, agradavel, abundante, e naturalmente fria, exprime um de seus encantos. E' bem verdade que existem duas qualidades de agua: a do estabelecimento publico, e a de mina. A primeira, proveniente do rio Caxambú, é batida, oxygenada, com todos os caracteristicos potaveis, além de suas qualidades proprias de frescura, leveza e paladar. A outra, geralmente usada nos quarteirões, é bociogenica. Encontra-se ali o bocio endemico das montanhas, existente nos Alpes francezes, na Suissa, Estados Unidos, India, etc. A sciencia discute as hypotheses da causa chimica da agua, ou da infecção que esta seja o vector. O facto é que o bocio, constatado em especial nas classes pobres de origem germanica, habitantes dos quarteirões, acha-se em declinio, notadamente após o desuso da agua de mina, ou o seu consumo atravez filtragem.

A longevidade encontra guarida em Petropolis. Uma molestia que é synonimo de velhice, a arterio-esclerose, acompanha-se commumente de hypertensão arterial. A maioria dos grandes clinicos do Rio, costuma prohibir aos hypertensos a vida nas montanhas. E' que a literatura medica eu-

ropéa, estabelece essa proscripção para a existencia em grandes altitudes. No entanto, a medicina é uma sciencia de observação, por excellencia. E a observação clinica em Petropolis, desmente categoricamente esse reparo. Procure-se a explicação em qualquer phenomeno de ordem climatica ou tellurica. O facto é que os hypertensos se adaptam perfeitamente em Petropolis e não são raros os que experimentam melhoras.

O nucleo urbano de Petropolis nasceu pela influencia do Imperador. Não se cançavam os jornaes do lugar de accusar o caso por muito tempo, cujo exemplo é o seguinte topico: «E' em pleno verão, janeiro ou fevereiro, que Petropolis ostenta todo o seu esplendor: mas o que assignala a estação não é a folhinha, não é o calor, não é o gyro do sól ou da terra; é a vinda da familia imperial. Para os cortezãos, para os ricos ociosos, para o que se chama o *bom tom*, o imperador é o thermometro, Emquanto se conserva em S. Christovão, ninguem das classes mencionadas sente necessidade de emigrar: mas logo que sua magestade imperial sóbe, *o calor lá em baixo se torna insupportavel*, e as andorinhas desprendem o vôo.»

Esse nucleo urbano, inicialmente de cortezãos, foi logo se dilatando pela accurrencia de todas as classes de população nacional e estrangeira, e dentro de trinta annos não existiria mais a situação estanque entre a cidade e a colonia estabelecida nos arredores, verificando se propriedades e actividades de um sector em outro. Petropolis daria o primeiro pretexto para a instituição do casamento civil, de vez que a exigencia dessa medida começou a ser discutida em face da condição de seus colonos protestantes. O problema da escravatura teve ali solução precoce, pela actuação directa da Familia Imperial.

Petropolis, que foi a primeira cidade do Brasil com suffixo grego em sua denominação, conforme lembrou Affonso

de Taunay, teve como base de sua fundação a residencia de Pedro II. E com a construcção do palacio, teria inicio a tradição de ser a residencia estival do Chefe de Estado nacional· Ganhou assim o titulo honorario de Capital do Brasil nos mezes de verão, tendo sido espuriamente Capital do Estado.

Seu primeiro orçamento, quando se tornou municipio, em 1859, teve uma receita de 8:000$000. Hoje sua arrecadação municipal ultrapassa 5.000:000$000. A população da communa aproxima-se de 100.000 habitantes, sendo que a da cidade é de 50.000, accrescida de 30.000 no verão. Possue dez estabelecimentos de ensino secundario, cerca de cem escolas primarias municipaes e estadoaes e um grande museu nacional. Numerosos são os conventos e dos seus templos destaca-se a matriz, em estylo gothico, onde repousam, em mausoléo especial, os restos mortaes dos ultimos imperadores. Desse aspecto foi escripto: «Cidade em que os conventos, as igrejas, os seminarios, as procissões e até as arvores — com o manto roxo das «quaresmas» — falam de Deus e communicam aos corações um sentido religioso da vida! Cidade em que o habito dos franciscanos pelas ruas, é como que a assignatura da paisagem e um evocação irresistivel dos valles e das collinas da Umbria e do «poverello» de Assis! Cidade azul e branca, em que o «mez de Maria» tem tanto encanto, que Nossa Senhora parece passear pelas ruas nas tardes frias do mez de maio!» (1)

O parque industrial é importantissimo, contando-se grandes fabricas de tecidos de algodão, seda, lã, linha, rendas, velludo, papel, cerveja, chocolate, bebidas, balas, fermentos, sabão, vime, brinquedos, massas alimenticias, biscoitos, artefactos de bronze, ceramica, moveis de luxo, além do fabrico especial de frios, queijo e manteiga, e o seu apreciavel commercio de flôres.

---

(1) Tristão de Athayde, O Jornal, «A lição de Petropolis».

A assistencia social dispõe de dois hospitaes, orphanatos e asylos para velhos e creanças, e innumeras sociedades beneficentes. Quatro institutos bancarios e uma filial da Caixa Economica movimentam a praça. O commercio é bom, embora se ressinta das facilidades que tem os consumidores de adquirir no Rio. A estrada de rodagem, a melhor do paiz, e a estrada de ferro, ligando-a á Capital Federal, facilitam a sua grandeza e o movimento dos turistas. Varios hoteis e tres cassinos funccionam.

De tudo isso, bem se verifica que o destino das cidades está sempre na funcção da sua postura geographica. Inuteis teriam sido todos os factores que promoveram a creação e o progresso de Petropolis, se a razão maxima de sua existencia não fosse o seu valor chorographico, a doçura do seu clima, a belleza de sua paisagem.

Para os homens de sensibilidade espiritual, Petropolis é um jardim. E foi assim que a sentiu um desses homens: «Lá dentro, desses jardins, os geranios transbordam das jardineiras, em cachos rubros, que, se diria, erraram a conta de rouge. Os hibiscos ladeiam os muros e grades, com as borlas de suas graxas sanguinolentas. Ao vento, oscillam as flammulas dos brazões, as poincetias. As bugainvilleas, de trepadeiras, se fazem arvores, exaltadas num perenne roxo ecclesiastico, a fazer inveja ás quaresmas ephemeras. Rosa e neve, vestem-se de uma tunica talar as albespinas. O amarello dos fedegosos daria ouro para encher uma caixa de conversão. E lilazes, e rosas, e cravos, e hortencias e jasmins... Se estes jardins guardam zelosamente suas flôres dentro de suas grades, ha jasmineiros que se debruçam para fóra, como se nos olhassem, aos transeuntes, a nos darem com o branco sorriso de suas flôres o segredo perfumado das suas almas... Um poeta meu amigo resumiu noutra imagem a impressão de seu jasmineiro de Petropolis, como num haikai japonez:

O meu jasmineiro
Estrellas que desmaiaram
Sobre folhas verdes...

Desmaiados e depois caidos jasmins, esses de Petropolis, que não murcham e não seccam nos pés, mas fingem sobre o chão uma neve odorante. Rescendem a noite toda e, pela manhã, o céo limpo, as estrellinhas pallidas jazem por terra... Se os jasmins se debruçam das grades e põem pó de arroz na calçada, as paineiras do lado de fóra, como as acacias, cada uma a sua hora, não são arvores, porém bouquets de rosa e de ouro, plantados na rua. Aquelle meu amigo, vendo uma destas arvores na serra de Petropolis, um ipê em flôr, fez delle capitulo de sua arte poetica, a «arte de resumir» :

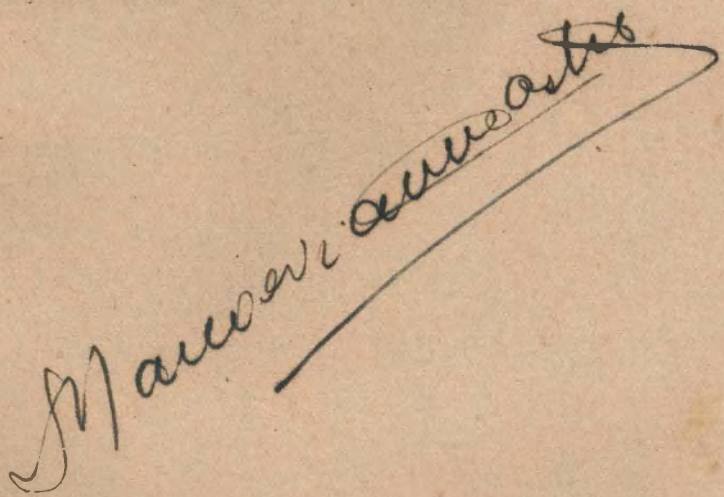
O ipê florido,
Perdendo todas as folhas
Fez-se uma flôr só...» (1)

Petropolis, cidade das flôres, cidade dos conventos, cidade industrial, cidade dos educandarios, cidade dos diplomatas, cidade-capital, cidade de verão, cidade turistica, é uma perfeita expressão de suas possibilidades geographicas e climatericas.

(1) Afranio Peixoto, Hymno a Petropolis, Espelho, Junho, 1935.

MANOEL VIANNA DE CASTRO

# PETROPOLIS EM 1874 NA VISÃO DO CONDE D'URSEL



# PETROPOLIS EM 1874 NA VISÃO DO CONDE D'URSEL

Por um periodo de tres annos exerceu o conde Charles D'Ursel o cargo de Secretario da legação da Belgica em nosso paiz. Ainda no serviço diplomatico de sua patria, esteve a seguir na Argentina, no Chile, no Perú e na Bolivia.

Espirito curioso e observador, gostando de registrar as impressões colhidas, escreveu um memorial de viagem que fez publicar, no seu regresso á Europa, sob o titulo de «Sud Amérique».

Narra elle ter sido apresentado, logo nos primeiros dias de sua estada no Rio, ao nosso grande Monarcha que, diz elle — «dignou-se falar-me, da maneira a mais gentil, dem eu paiz natal e de minha familia. Sua memoria é verdadeiramente surprehendente ; elle se recorda de todos os nomes, e revive factos de que os proprios participantes talvez já tenham perdido a lembrança».

«Ao sahir da audiencia do Imperador fomos conduzidos (elle e o ministro da Belgica) á presença da Imperatriz ; é impossivel esquecer o acolhimento cheio de graciosa bondade que Sua Magestade faz aos que têm a honra de se lhe approximar.»

«Essa boa recepção feita ao recem-vindo é uma das primeiras e melhores impressões que me tem sido dado colher nesse bello paiz que é o Brasil.»

Antes de ser recebido pelos soberanos, tivera D'Ursel opportunidade de assistir uma audiencia publica de Pedro 2º

no Paço de São Christovão. Do seu relato que vamos reproduzir, surge a figura serena e veneranda do Imperador, na attitude que mais vive talvez em nossa evocação — a de pae do povo.

Com uma comprehensão filha da sabedoria humana que possuia em alto gráo e era uma de suas grandes virtudes, elle procurava auscultar o sentir de cada um para resolver os problemas de todos, do seu povo, cujo sangue não quiz que vertesse em defesa do throno — por tanto amal-o.

Mas deixemos discorrer o subdito de Leopoldo 2º: «Era um sabbado, dia de audiencia por assim dizer publica, porque todo mundo é admittido a falar a D. Pedro 2º. Na extremidade de uma extensa galeria, distingui o imperador, de trajo preto, a se deter junto de cada pessoa, estendendo por vezes a mão, e ouvindo sempre com visivel attenção o seu interlocutor. Nada de mais admiravel que o espectaculo ao mesmo tempo tão simples e commovedor que eu tinha deante dos olhos: vi lá homens de condição modesta e vestidos pobremente aguardando a sua vez de submetter, sem intermediario, sua supplica ao soberano. O imperador com tanta benevolencia como dignidade, deixa assim vir a si todos os que, dentre os seus subditos, têm uma reclamação a fazer ou um favor a solicitar. Diz-se pela cidade que esse excellente habito é, ás vezes, um freio salutar ao funccionario que se sentisse tentado a tomar uma medida arbitraria.»

Era amigo de excursões o diplomata belga e durante a sua permanencia entre nós, procurou conhecer varias regiões do paiz. Assim é que viajou por Minas Geraes, São Paulo, Santa Catharina e Rio de Janeiro.

Na velha provincia excursionou bastante, de tudo o que viu dando conta e fazendo commentarios nem sempre justos e felizes, porém geralmente sinceros e interessantes.

Jornadeou por Macahé, Campos e São Fidelis, na comi-

tiva de Pedro 2º, quando os nossos Imperantes foram inaugurar a estrada de ferro Macahé a Campos, em 1875.

Na antiga villa de Morro Queimado foi hospede de Bernardo Clemente Pinto, ao tempo em que o futuro conde de Nova Friburgo, então barão do mesmo titulo, com clarividencia, espirito de iniciativa e energia invulgar, forjava o progresso daquella região, concluindo e ampliando a obra começada pelo seu progenitor.

Poude assim apreciar de perto como se multiplicava a acção verdadeiramente dynamica (tal se diria hoje) do conde e nol-a descreve — «Hoje quasi toda a região pertence a esse proprietario e sua fortuna é intelligentemente empregada em introduzir, em suas vastas emprezas, todos os modernos recursos que a sciencia e a industria proporcionam á agricultura. Construiu uma linha ferrea ligando os seus dominios á capital e transporta assim, n'um percurso de mais de 30 leguas, os productos de suas fazendas. Essa estrada de ferro é de uma construcção notavel: ella sobe cerca de mil metros de altitude por meio de um systema de rodas dentadas que se encaixam em um trilho de cremalheira (semelhante ao do Monte Cenis), sobre rampas de uma inclinação media de 8 por 100».

«De sua elegante residencia onde reuniu todos os requintes de luxo o mais apurado, o Conde superintende a administração de suas terras, os numerosos trabalhos que emprehende por toda parte, a construcção de suas linhas ferreas, e o cultivo de suas magnificas lavouras.»

«Uma pequena rede telegraphica, liga o seu escriptorio a suas fazendas e lhe permitte dess'arte communicar-se, frequentemente, com o numeroso corpo de engenheiros e administradores que mantem a seu serviço.»

Como todo o corpo diplomatico estrangeiro, veraneiou D'Ursel em Petropolis e no seu diario está assignalada com a

data de 15 de Janeiro de 1874, a noticia que a respeito dá — e vae mais adeante transcripta.

A franqueza do acolhimento que lhe foi feito em toda a parte inspirou-lhe referencias sobremodo honrosas para os nossos fazendeiros de então: «a hospitalidade brasileira n'uma fazenda é offerecida com largueza e simplicidade, e quando o fazendeiro diz ao seu hospede — está em sua casa, é ao pé da letra que elle deve acceitar o convite; pois os escravos ali estão para servil-o; os cavallos para conduzil-o onde bem lhe aprouver — a liberdade acima de tudo».

A cerimonia do baptismo do principe do Grão Pará na capella imperial, realizada com imponencia e grandiosidade, da-lhe ensejo para focalisar um dos traços mais sympaticos e caracteristicos da familia imperial brasileira; «Essa pompa que a côrte do Brasil ostenta em tal circumstancia, talvez surprehenda na Europa muita gente que suppõe não existir nenhum ceremonial no Palacio do Rio, pelo facto de comprazer ao Imperador viajar como um particular. Entretanto, isso não impede a nobre simplicidade de que Suas Magestades querem dar exemplo se acommode perfeitamente, quando é necessario, ás mais minuciosas regras de etiqueta da casa de Bragança».

Apezar das cousas que o atormentaram em Petropolis e em outras plagas nacionaes, a poeira e o calor indizivel do norte fluminense, os tremendos rojões que o regosijo popular em Campos fez estrugir em homenagem aos Monarchas, parece que D'Ursel ficou devéras amigo do Brasil, a ser sincero o que exarou no seu memorial ao deixar o nosso paiz — «Chegou ao seu termo a minha permanencia no Brasil e me preparo para embarcar no primeiro paquete para Magalhães. Levo desse bello paiz, onde me foi dado passar tres annos, milhares de bôas recordações; e não encontro para formular um adeus, sinão um vocabulo frequentemente usado no Brasil, mas quasi intraduzivel: para exprimir pezar, anhe-

los de regresso, gratidão, votos de felicidade e prosperidade, diz-se somente uma palavra que tudo encerra — Saudades !»

E a bordo do vapor que o devia conduzir ao estreito de Magalhães, lançava no seu memorial, em 8 de Agosto de 1876, as suas derradeiras expressões sobre o Brasil — : «Aos 22 de Julho, pela manhã, deixava no «Iberia» da Companhia do Pacifico, a barra do Rio de Janeiro. Não foi sem emoção, confesso, que vi apagar-se, pouco a pouco, ao longe, o panorama que para mim resumia o Brasil e me recordava tantas horas encantadoras».

Petropolis, 15 de Janeiro de 1874.

«Petropolis é o retiro habitual da Côrte durante o verão, que no hemispherio Sul começa no mez de Dezembro. E' tambem para essas alturas que se transportam o corpo diplomatico e o mundo elegante da capital, fugindo aos calores da costa e aos riscos da febre amarella.

Chega-se lá, navegando primeiramente, durante hora e meia, n'um pequeno barco a vapor que atravessa a bahia e costeia ilhas pittorescas de que está ella semeada. No desembarcadouro de Mauá situado ao Norte, o viajante encontra uma estrada de ferro que, n'um percurso de 20 minutos, o conduz ao sopé da montanha, e o faz atravessar um baixada ora pantanosa, ora coberta de campos de canna d'assucar. Na estação, carruagens puxadas a quatro mulas, o recebem e partem a grande trote. Sobe-se a uma altitude de tres mil pés, por um caminho assás bom e que permitte descortinar, a cada curva, esplendidos panoramas. Ao cabo de duas horas de ascensão chega-se a Petropolis. Apezar da altura já consideravel em que se acha situada essa povoação, ella é muito apertada entre as montanhas ; em derredor a natureza

tem um aspecto selvagem e as collinas circumdantes são cobertas de mattas. A rua principal é dividida em sua extensão por um curso d'agua convenientemente canalisado e guarnecido de arvores; as casas são bastante simples, construidas em geral n'um estylo de «chalet» ou de casa de campo e algumas n'uma encantadora situação.

«Ha grande differença de temperatura entre Petropolis e o Rio de Janeiro; aqui estamos sob um clima temperado: si bem que ainda seja o sol muito quente ao meio dia, as manhãs são deliciosas; mas desde o pôr do sol a humidade é tal que é quasi impossivel sahir-se de casa. Ai de mim! parece-nos que a chuva deve ter aqui grande parte em nossa existencia, porque cahe quasi incessantemente, durante dias inteiros, com uma violencia toda tropical. A humidade resultante é tão grande que tudo penetra: as vestes, os livros, as provisões de toda a especie se impregnam della de maneira desoladora; ao cabo de 24 horas, estão os sapatos cobertos de uma verdadeira camada de môfo. Tão grande quantidade de agua não póde senão alegrar os sapos, cuja especie é numerosa e variada; são do tamanho de dois punhos; encontram-se por toda parte, quer nas ruas quer nas casas. A' noite, quando tudo é calmo, esses horriveis animaes fazem uma musica inteiramente estranha; de suas guelas possantes sahem sons diversos, que tanto imitam gemidos longinquos, como parecem golpes de malho repetidos; essa lugubre symphonia faria maravilha num antro de bruxas.

«Nas primeiras noites, ao deitar-me sentia certo máo estar em vêr correr em torno de mim grandes baratas de antenas desmedidas ou alguma grande aranha brincalhona a passear calmamente pelo meu mosquiteiro; mas habitua-se bem depressa a esses hospedes mais repugnantes do que incommodos.

«A distração principal de nossa vilegiatura de verão consiste em fazer excursões pelos arredores. Poucos lugares se

prestam tanto aos passeios a cavallo ; quer pela variedade dos sitios como pelo imprevisto e o pittoresco que se encontram a cada passo nos mil recantos dessa encantadora região.

Tão cedo não esquecerei a admiração profunda que experimentei ao penetrar nessa matta virgem pela primeira vez. Seguimos por uma picada, pessima vereda aberta pela passagem das mulas que trazem a Petropolis os productos de algumas fazendas afastadas ; e caminhando ao acaso, penetramos de repente em plena mata.

Impressiona mais, de inicio, o imprevisto e a originalidade desse conjuncto de flôres vistosas do que propriamente a belleza ou a grandeza das arvores. O mato bravo é de tal forma espesso que nada se vê alem de 20 passos. E' difficil de imaginar-se, quando ainda não se vio, esse zimborio de verdura, a exuberancia dessa vegetação e o effeito gracioso desses cipós colleantes de uma arvore a outra, envolvendo em seus grossos aneis algum enorme tronco coberto de musgo, para tombar em seguida do mais alto ramo, perpendicularmente, delgado e flexivel, até a terra.

«Alguns desses cipós, suspensos pelo caminho, pendem em suas extremidades de moitas de orchidéas cujas flores multicores se grupam caprichosamente e formam admiraveis ramalhetes. Vê-se arvores tão completamente envolvidas pelas plantas parasytas que parecem verdes ainda e perfeitamente vivazes, si bem que ha já longo tempo sua seiva tenha deixado de correr. Especies innumeraveis e variadas de fétos arborescentes, plantas de folhas enormes, surgem do solo e se agarram por toda a parte ao flanco negro das rochas, ás arvores, ás pedras soltas que transformam os riachos em cascatas.

«Encantados pelo pittoresco do nosso passeio, amarravamos ás arvores os nossos cavallos, cujos cascos não se firmavam bem sobre as pedras humidas, e proseguiamos nossa jornada a pé. De repente, a vereda contornando em cornija

o flanco da montanha, nos permittia distinguir n'uma admiravel confusão verde um oceano de flores vermelhas, amarellas, roxas, ao passo que uma ligeira brisa agitava as folhas de certas arvores e as fazia mudar alternativamente do branco prateado ao verde esmeralda. Ao longe divisavamos a bahia do Rio, as ilhas, e, no fundo, a cidade e a barra, onde os navios ancorados se assignalavam por grandes pontos negros; no horizonte, o mar e as silhuetas singulares do Corcovado e do Pão de Assucar.

«Nossa excursão, algo aventurosa, nos havia conduzido a uma verdadeira mata virgem, mas devo dizer, a esse respeito, que em minha qualidade de recem chegado, e na minha impaciencia de ver o mato virgem, cujo nome abre a imaginação a toda especie de mysterios, que eu cheguei a ver muitas vezes cousas que não existiam.

E' preciso ao que me parece, para ser considerada virgem, que a mata não tenha soffrido a acção do fogo nem do machado. As propriedades são tão vastas nesse paiz que não ha o cuidado de poupar o terreno. Quando um lavrador quer preparar o campo, elle toca fogo ao mato; as proprias cinzas das arvores que a cobriam tornam essa terra excellente; ella produz superabundantemente, mas acaba por exgottar-se. Então o proprietario a abandona e a força da vegetação é tal que ao cabo de 30 annos uma nova mata cobre esses terrenos outrora cultivados. A' primeira vista, essa mata parece inteiramente virgem; uma cousa porém marca a differença entre a antiga mata e a nova. Quando se lhe põe fogo pela primeira vez, commumente as maiores arvores resistem á violencia do incendio: ellas são despojadas de suas folhas, mortas e meio carbonizadas; mas ficam de pé, e o lavrador tem pezar de abater essas gigantescas carcassas que não vedam nem o ar nem a luz.

«Quando a mata torna a brotar pela segunda vez, esses anciãos da primeira vegetação sobrepujam do alto de seu

cimo secular as maiores arvores da geração nova e é curioso ver esses gigantes descarnados ou cobertos de cipós dominarem os campos e os bosques, ao passo que os seus ramos resequidos servem de poleiro a todas as aves de rapina da região.

«Ao voltar nesse dia de nossa excursão, detivemo-nos na orla da mata, deante de uma choupana onde um honrado colono nos indicou o caminho a seguir, após nos ter offerecido gentilmente «etwas milch», para nos reconfortar. Não ha razão para estranhar ouvir falar allemão nessa região, porque sendo Petropolis uma colonia quasi que inteiramente povoada por filhos da Germania, é preciso usar a sua lingua tanto quanto a do paiz.

«E' interessante rever tão longe a Allemanha com seus typos, seus usos, e mesmo seus nomes: com effeito, os differentes lugares da montanha ou do valle arroteados pelos colonos se denominam — Palatinado, Bingen, Westphalia, etc... Os recem-chegados foram dando á sua nova installação o nome da patria ausente, e essas designações permanecem.

«Aos domingos os colonos vão á igreja assistir os officios e cantam em côro, como é uso em sua patria distante. Em os vendo com as vestes proprias dos dias de festa antes da emigração, as velhas com o vestuario severo, as moças com longas tranças louras, crê-se transportado para alguma aldêa ás margens do Rheno. Eu os vi no dia de Natal, assistirem devotamente á missa da meia noite, e se reunirem em seguida, em suas modestas habitações onde não haviam esquecido a alegre arvore cheia de pequenas luzes; mas a tantos gráos acima de zero, sentiamo-nos bem longe da tradicional lenha do Natal.»

MANOEL VIANNA DE CASTRO

# EM TORNO DE UMA MENTIRA HISTORICA

## A FUNDAÇÃO DE PETROPOLIS

*(Publicado no «Correio da Manhã» de 30 de Outubro de 1932)*

# EM TORNO DE UMA MENTIRA HISTORICA

O sr. Paulo Monte, autor de obras didacticas e literarias de boa acceitação, editou ha tempos uma «Chorographia do Municipio de Petropolis» destinada, como diz no respectivo prefacio, «aos estudantes que se iniciam no estudo desta disciplina».

Essa obra, tendo em vista o fim para que foi escripta, e tratando-se de um trabalho de caracter regional, deveria, e o poderia com relativa facilidade, ter sido feita com o mais absoluto escrupulo e perfeita segurança em todos os seus capitulos.

Tal, porém, não succedeu, pois na parte historica o sr. Monte dá curso a uma versão inexacta sobre a fundação da bella cidade serrana.

Para maior clareza, vamos reproduzir o que lá se contem: «Em Dezembro de 1829, um anno e quatro mezes antes de deixar para sempre o Brasil, D. Pedro 1º abalou-se da Côrte afim de acompanhar, juntamente com a Imperatriz, sua filha a princeza D. Paula, numa viagem com destino ao logar da provincia do Rio de Janeiro, denominado «Corrêas».

«Ali havia uma fazenda pertencente a um padre Corrêa, que herdara de seus antepassados, tambem Corrêas. D'ahi o nome que conserva até hoje.»

«A princeza encontrava-se fraca, e os medicos imperiaes aconselharam-na a que procurasse ares mais puros.»

«A comitiva imperial era enorme, e a viagem foi feita em liteiras e cavallos, por uma estrada estreita e barrenta, que era a unica que havia.»

«A meio caminho, justamente nas margens do rio co-

nhecido hoje pelo nome de Palatino, e que naquelle tempo se chamava Corrego Secco, D. Pedro 1º e a Imperatriz, extasiados pela belleza da floresta magestosa, e influenciados pela temperatura amena que se gosava ali, naquelle rincão, distante poucos passos da Côrte, tomaram a resolução de adquirir aquelle tracto de terra.»

«A fazenda imperial entabolou negociações com o sargento-mór José Vieira Affonso, adquirindo a propriedade que lhe pertencia pela importancia de 50.000 cruzados, ou sejam Rs. 20:000$000 na moeda actual.»

«O monarcha, entretanto, nada fez em prol da nova propriedade.»

«Os acontecimentos absorveram as attenções, tornando a sua vida muito agitada, deixando-lhe pouco tempo para cuidar de seus negocios particulares.»

«Sómente no governo de seu filho D. Pedro 2º é que a propriedade imperial começou de ser aproveitada.»

«O governo provincial contratára com a casa Charles Delrue & Cia., de Dunkerque, a introducção de colonos allemães, cuja primeira leva chegou mais ou menos inesperadamente a bordo do brigue «Virginie».

«Annunciada a chegada proxima de muitos outros navios, o Governo vio-se embaraçado para installal-os.»

«Nesta altura, o Imperador offereceu os terrenos da sua fazenda Corrego Secco para collocal-os, sendo essa offerta feita por intermedio de seu mordomo, o Conselheiro Paulo Barbosa, ao presidente Aureliano.»

«Acceita a offerta, os colonos foram transportados para a referida fazenda, chegando ao Alto da Serra, onde ficaram alojados, a 29 de Junho de 1845, considerada, por isso, essa a data da fundação de Petropolis.»

etc...

Pelo que se conclue da narração do sr. Monte, antes de 29 de Junho de 1845, data da chegada dos colonos allemães ao

Alto da Serra, nos terrenos da fazenda do Corrego Secco, nada se fizera ou resolvera relativamente á fundação de Petrópolis, que, dess'arte, teria sido obra de mero acaso.

Ora, isso é uma authentica mentira historica, que vamos destruir.

Podemos affirmar com toda a segurança e baseados em documentos officiaes, que a idéa de fundar uma povoação no Alto da Serra dos Orgãos, com a denominação de Petropolis, nasceu no decorrer do anno de 1843, e se concretizou em varias providencias administrativas tomadas pelo governo da provincia, então exercido pelo dr. João Caldas Vianna.

Tendo Pedro 2º arrendado ao major Julio Koeler a fazenda do Corrego Secco, no respectivo decreto de arrendamento, de 16 de março de 1843, estipulou que «reservasse um terreno sufficiente para nelle ser edificado um Palacio para elle (Imperador), com suas dependencias e jardins; outro, para uma povoação, que deveria ser aforado a particulares» assim como «cem braças de um e de outro lado da estrada geral, que cortava aquella fazenda, as quaes deveriam tambem ser aforadas a particulares, em datas e prazos de cinco braças indivisiveis, pelo preço que se convencionasse, nunca menos de mil réis por braça».

Em consequencia disso, Caldas Vianna deliberou fundar uma colonia de immigrantes europeus, nas immediações do Palacio Imperial, e que se denominaria Petropolis, em honra ao magnanimo doador das terras.

E, para que os estudantes não estudem errado, passamos a transcrever, não só as portarias e deliberaãões, como officios e outros despachos, bem como trechos de relatorios, do governo da Provincia, em que se comprova cabalmente o que vimos de affirmar.

Portaria de 8 de julho de 1843 — «Ao sr. Carlos Riviere, chefe da segunda secção das obras publicas: Em addita-

mento á minha portaria de 5 do corrente mez, ordeno-lhe que faça construir duas cruzes de madeira de lei, numa das quaes fará entalhar esta incripção — Cruz de S. Pedro de Alcantara em Petropolis; e na outra — Cruz da Capella dos Finados em Petropolis, das dimensões convenientes, sendo a primeira maior e a segunda menor; e fará collocar no logar do antigo Corrego Secco um poste alto e elegante, em que se leia em letras grandes — Petropolis — para indicar a futura povoação que nesse logar se forma sob os auspicios do Senhor D. Pedro 2.»

Deliberação de 29 de março de 1844: «O presidente da provincia do Rio de Janeiro, de conformidade com o artigo 7; do regulamento geral n. 120, de 31 de Janeiro de 1842, e a lei provincial n. 121, de 30 de Abril de 1839, tem deliberado o seguinte: — Art. 1.º — Fica creada na freguezia de S. José do Rio Preto, do termo da Parahyba do Sul, mais uma subdelegacia de policia, que se denominrá do 2º districto, ou de Petropolis, com as divisões que se seguem: correrá a linha das divisões pelo cume da serra geral dos Orgãos ou da Estrella, desde o March, nas cabeceiras do rio Paquequer pequeno até á do Piabanha; e por este abaixo até encontrar com a rocha que na margem delle forma ramal da serra da Manga Larga, vulgarmente dita — Alto do Pegado — e topar com o morro do Taquaril; pelo cume da serra deste nome até ir ter ao territorio do ribeirão de Santa Rita que verte no Paquequer pequeno, comprehendendo-se na subdelegacia toda bacia deste rio e do ribeirão desde a sua barra cima até a serra geral. Art. 2.º — O restante da freguezia formará a subdelegacia do 1.º districto. Art. 3º — Haverá igualmente neste 2.º districto um juizo de paz; o do 1º districto terá os mesmos limites da subdelegacia».

No relatorio com que se apresentou á Assembléa Legislativa Provincial, em 1.º de março de 1844, Caldas Vianna, no

capitulo «Colonisação» — depois de ferir as instrucções que dera para que se fizessem explorações e indagações minuciosas sobre terrenos devolutos em outros pontos do territorio fluminense, que pudessem servir para colonisação agglomerada ou dispersa, a extensão e fertilidade dos mesmos, a que especie de cultura fossem mais prestaveis, sua riqueza em mattas, etc... — diz textualmente: «Tambem expedi ordem ao chefe da segunda secção para averiguações semelhantes no alto da Serra da Estrella, onde S. Magestade o Imperador mandou edificar um Palacio para sua residencia na futura povoação denominada Petropolis, a qual, logo que a estrada normal da Estrella tenha chegado a esse ponto, deve ter incremento rapido poderosamente coadjuvado pela colonisação, que se estabelecerá vantajosamente nas circumvizinhanças. Taes informações ainda não me foram presentes.»

Menciona a seguir a proposta de Charles Delrue & Cia. de Dunkerque, de pôr á disposição do governo da provincia as 18 embarcações que possuia em sua casa commercial para o transporte de quaesquer colonos que a provincia quizesse introduzir.

Ainda no mesmo citado relatorio, sob a rubrica «Rendas Publicas», depois de expender varias considerações sobre as provaveis fontes de receita com que poderia contar o governo da Provincia para fazer face ao pagamento do emprestimo contrahido para o serviço da estrada normal da Estrella, diz: «tendo a taxa de ser duplicada, e de consideravel incremento logo que a estrada der transito para carros e seges até ao alto da serra onde ha de fundar-se necessariamente a povoação de Petropolis, creada pelo Imperador, a qual já começa, e attrahirá forçosamente grande concurrencia».

Cremos que, depois do exposto, não poderá restar duvida sobre si Petropolis nasceu de improviso por obra de cir-

cumstancias fortuitas, ou si foi consequencia de uma resolução previamente firmada.

Ao terminar a sua «Chorographia», o sr. Monte traça as biographias do Visconde de Sepetiba, de Paulo Barbosa, e Julio Koeler, «os tres grandes vultos a quem Petropolis, além de Pedro 2º, deve a sua fundação».

Justo é que se lhes accrescente o nome de Caldas Vianna, com igual ou maior direito que os demais, a ser considerado como um dos fundadores da encantadora cidade fluminense ; e assim se restabelecerá uma verdade historica e se fará uma devida justiça.

O sr. Monte errou, aliás, em boa companhia. Além de ser geralmente acceita, como verdadeira, a versão apresentada por elle em sua obra, eruditos como Teixeira de Mello dizem, a esse respeito, coisas destituidas de exactidão.

O mavioso poeta de «Myosotis», em suas «Ephemerides Nacionaes», assegura o seguinte : «Edificada em terrenos foreiros á fazenda denominada do Corrego Secco, deve a cidade de Petropolis a sua existencia á iniciativa do imperador actual. Tendo o dr. João Caldas Vianna, quando presidente da provincia do Rio de Janeiro, mandado contractar em 1844, com a casa Carlos Delrue & Cia., negociantes de Dunkerque, 600 casaes de colonos allemães, a 9 de junho do anno seguinte, chegaram 2.303 delles por força desse contracto. Vendo-se o presidente embaraçado para accomodal-os, Sua Magestade mandou por seu mordomo, o Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, offerecer-lhe aquellas terras. Já a esse tempo estava na presidencia da provincia o Visconde de Sepetiba, que com effeito para ali os enviou, dando-lhes por director o major de engenheiros Julio Frederico Koeler».

Não é exacto que Caldas Vianna tenha contractado com Carlos Delrue & Cia. a vinda de 600 casaes de colonos allemães. Elle, no seu já mencionado relatorio, de 1º de março

de 1844] limitou-se a levar ao conhecimento da Assembléa Provincial a proposta dos alludidos commerciantes, com quem foi realisado o contracto pelo Visconde de Sepetiba, seu successor no governo da provincia. Naturalmente não chegou a entrar em definitivo entendimento para acceitação da proposta, por ter deixado a presidencia da Provincia, em 12 de Abril de 1844, com a queda da situação conservadora, que o forçou a exonerar-se do alto cargo.

Tratára sim, em 26 de Outubro de 1843, com o francez Louis Joseph Marie Bergasse, a introducção de 600 colonos brancos, que nunca aportaram ao Brasil, visto que, já na presidencia Sepetiba sobrevieram divergencias que não foram resolvidas a contento do empresario. E', porém, provavel que tivesse em mente destinar esses colonos ao povoamento de Petropolis.

Não é tambem admissivel que o presidente Sepetiba tivesse ficado embaraçado para alojar os colonos por elle proprio contractados, ademais que os mesmos se destinavam aos trabalhos da estrada normal da Estrella, em franco andamento, e á colonisação de Petropolis, cuja creação, aliás, já havia sido officialmente deliberada pelo governo da provincia.

E' bem verdade que o pomposo cabide de titulos e crachás que foi o aulico Visconde de Sepetiba, apezar de ser liberal ou talvez por isso mesmo, realizou na provincia um governo reaccionario, caracterizado por toda a sorte de violencias e perseguições contra os seus adversarios politicos, tendo procurado por todos os meios desmerecer o valor pessoal e a acção administrativa de seus antecessores, o marquez de Paraná e Caldas Vianna, ambos conservadores, fazendo olvidar os grandes serviços por elles prestados á terra fluminense.

Convem notar que Caldas Vianna nascera em Campos, na fazenda dos Airizes, hoje propriedade do dr. Alberto La-

mego, que tem illustrado as columnas do «Correio da Manhã» com artigos de sua lavra.

O conhecido escriptor transformou o antigo «solar» dos Viannas em um templo de cultura historica, que encerra a bibliotheca particular mais rica, presentemente, em obras sobre o Brasil.

---

NOTA DA COMMISSÃO — O presente artigo, publicado no «Correio da Manhã» de 30 de Outubro de 1932, foi transcripto na obra do sr. Moacir Silva intitulada «Kilometro Zero — Caminhos antigos e estradas modernas», editada em 1934. E' interessante e util reproduzil-o, para que se veja achar-se o sr. Vianna de Castro entre os pioneiros que, alguns annos antes da deliberação official da Camara e dos Prefeitos de Petropolis, batiam-se pela verdadeira e legitima data historica da fundação de Petropolis.

# INDICE


Commissão do Centenario de Petropolis ..... V

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

Petropolis em 1883 ..... 1

LOURENÇO L. LACOMBE

*Ruas de Corrêas e outras chronicas :*

Ruas de Corrêas ..... 21
O segundo districto de Petropolis por volta de 1843 ..... 39
Monsenhor Pizarro ..... 43
Cunha Mattos em Corrêas ..... 45

JOÃO DUARTE SILVEIRA

Revivendo o passado ..... 51
Annuncios pittorescos ..... 55
As festas de Anno Bom ..... 59

ALCINDO SODRE'

*Chronicas Petropolitanas :*

Chegada do Imperador em 1849 ..... 65
Collegio de Petropolis ..... 69
Uma visita no anno de 1852 ..... 79
Os irmãss Rocha Fragozo ..... 81
Hotel de Bragança ..... 85
A Matriz ..... 89
Palacio da Princeza ..... 93
O Imperador na Escola do Amparo ..... 95
Paço Municipal ..... 99
A bicycleta em Petropolis ..... 103

MARIO ALOYSIO CARDOSO DE MIRANDA

A elevação de Petropolis á categoria de cidade ..... 107

DUAS CHRONICAS DE FRANÇA JUNIOR

Em Petropolis ..... 123

QUATRO CHRONICAS DE LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Em Petropolis ..... 135

JOÃO DUARTE SILVEIRA

Os primeiros foreiros de Petropolis ..... 171

PAULO DE MATTOS RUDGE

O casamento das princezas e sua repercussão em Petropolis ..... 183

H. C. LEÃO TEIXEIRA FILHO

Dom Pedro de Orleans e Bragança, Principe do Grão-Pará ..... 197

MARIO ALOYSIO CARDOSO DE MIRANDA

O elogio do Principe ..... 203

ALCINDO SODRE'

Petropolis na sua expressão geographica e climaterica ..... 209

MANOEL VIANNA DE CASTRO

Petropolis em 1874 na visão do Conde D'Ursel ..... 253
A Fundação de Petropolis — Em torno de uma mentira historica. .. 265

MUSEU IMPERIAL - Biblioteca -

*Este livro foi composto e impresso nas officinas da Typographia Ypiranga, de Armando Martins, no anno de 1940.*

C0476879600671
Centenário de Petrópolis
981.532 P497c v.3

